



PAOLO GIORDANO

TASMÂNIA



tradução de **Vasco Gato**




D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



PAOLO GIORDANO



à
TASMANIA



traduzione di Franco Batti



Paolo Giordano
e
TESMENTA

Autore

Traduzione
Vasco Gatti



Ficha Técnica

Título: Tasmânia

Título original: Tasmania

Autor: Paolo Giordano

Edição: Cecília Andrade

Tradução: Vasco Gato

Revisão: Clara Joana Vitorino

Capa: adaptação da capa da edição italiana/design © Giulio Einaudi editore

Ilustração da capa: © LRNZ (Lorenzo Ceccotti)

ISBN: 9789722078986

Publicações Dom Quixote

Uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Paolo Giordano – Giulio Einaudi editore, 2022

Publicado por especial acordo com Paolo Giordano, em conjunto com os seus agentes devidamente nomeados, MalaTesta Literary Agency e The Ella Sher Literary Agency

© Publicações Dom Quixote, 2023

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Questo libro è stato tradotto grazie ad un contributo alla traduzione assegnato dal Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale Italiano.

Este livro foi traduzido com um apoio à tradução atribuído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional Italiano.

Ficha Técnica

Primeira parte EM CASO DE APOCALIPSE

Segunda parte AS NUVENS

Terceira parte AS RADIAÇÕES

AGRADECIMENTOS

Would you agree times have changed?

Bright Eyes, *Clairaudients* (*Kill or Be Killed*)

Primeira parte

EM CASO DE APOCALIPSE



Em novembro de 2015, dei por mim em Paris para assistir à conferência das Nações Unidas sobre a emergência climática. Digo que dei por mim não porque não tivesse sido eu a procurar aquela situação: pelo contrário, a questão ambiental consumia-me o pensamento e as leituras havia algum tempo. Porém, se não estivesse prevista uma conferência sobre o clima, é provável que tivesse inventado uma outra desculpa para partir, um conflito armado, uma crise humanitária, uma preocupação diferente e maior do que as minhas, pela qual me deixasse absorver. Talvez não seja mais do que isso a fixação de alguns de nós com os desastres iminentes, essa inclinação para as tragédias que tomamos como nobre, e que constituirá, julgo, o centro desta história: na necessidade de encontrar a cada passo complicadíssimo da nossa vida algo ainda mais complicado, mais urgente e ameaçador no qual diluir o sofrimento pessoal. E talvez a nobreza não tenha de todo algo a ver com isto.

Era um período estranho. Eu e a minha mulher tentáramos por diversas vezes ter um filho, insistíramos ao longo de cerca de três anos, submetendo-nos a procedimentos médicos cada vez mais humilhantes. Embora eu devesse dizer, mais precisamente, submetendo-se sobretudo ela a esses procedimentos, pois no meu caso, a partir de um certo ponto, tratara-se na maioria das vezes de desempenhar o papel do espectador aflito. Apesar da nossa determinação cega e de uma razoável quantidade de dinheiro investida, o plano não funcionara. Nem as injeções de gonadotropinas, nem os processos *in vitro* e nem sequer três viagens desesperantes ao estrangeiro das quais não faláramos a ninguém. A mensagem divina contida nesses fracassos repetidos era clara: isto não faz parte do vosso destino. Dado que eu me recusava a admiti-lo, Lorenza decidira também na minha vez. Uma noite, com as lágrimas já enxutas ou sem de facto chorar (nunca saberei), comunicara-me que já não fazia tenções de. Usara essa expressão suspensa, já não faço tenções de, eu rodara o corpo, virando-lhe por meu turno as costas, e acolhera a raiva que estava a crescer por uma escolha que me parecia injusta e unilateral.

Nesses tempos, eu levava a minha pequena catástrofe pessoal mais a peito do que a planetária, do que a acumulação dos gases com efeito de estufa na atmosfera, do que a diminuição dos glaciares e do que a subida das águas

dos oceanos. Mais para desaparecer do que qualquer outra coisa, solicitei ao *Corriere della Sera* que me creditasse para a conferência sobre o clima de Paris, embora já tivesse expirado o prazo para apresentação de pedidos. Tive de lhes suplicar, aliás, como se para mim se tratasse de um encontro irrenunciável. Só teriam de me pagar o voo e as peças que escrevesse. Em relação à dormida, safar-me-ia em casa de um amigo.

Giulio arrendava um T1 sombrio no décimo quarto, Rue de la Gaîté. Rua da alegria?, disse-lhe ao entrar. Não casa lá muito bem contigo.

Sem dúvida. Se fosse a ti, não acalentaria grandes ilusões.

Partilháramos um apartamento em Turim anos antes, Giulio enquanto estudante deslocado, eu enquanto privilegiado que desejava ter a primeira experiência fora de casa, embora com os pais a meia hora de autocarro. Ao contrário de mim, após a licenciatura, Giulio mantivera-se na Física. Mudara inúmeras vezes de posto, sem sair da Europa, pois nutria uma aversão política invencível pelos Estados Unidos. Entretanto, casara e separara-se, tivera um filho e fixara-se finalmente em França, com uma bolsa de investigação da École Polytechnique, onde se dedicava a modelos do caos aplicados à finança.

Jantáramos duas doses de massa como uns miúdos de vinte anos, sem pôr a mesa, e eu falei-lhe do motivo pelo qual estava em Paris, do motivo oficial. Giulio procurou um livro na prateleira. Já leste este?

Respondi que não, fazendo o rebordo das páginas desfilas sob o polegar. *Colapso*, murmurei, parece-me perfeito.

Tem um ponto de vista interessante sobre a extinção. Guarda-o.

Fiquei algum tempo com a palavra «extinção» às voltas na cabeça, como a etiqueta de um destino pessoal. Levantei os pratos enquanto Giulio me punha rapidamente a par de Adriano, que já fizera quatro anos. Assaltara-me uma certa sonolência devida aos hidratos de carbono, mas, tendo terminado o vinho, saímos de casa para continuar a beber.

Lá fora, Paris estava militarizada, tétrica. Dias antes, um grupo levava a cabo um atentado entrando numa sala de concertos, durante a atuação dos Eagles of Death Metal, e disparando durante vários minutos sobre a multidão compacta. Outros terroristas tinham atacado alguns bistrôs e dois deles tinham-se feito explodir às portas do Stade de France. Nessa noite, eu e Lorenza convidáramos um casal de amigos para jantar e tinha sido a sua mãe a avisar-nos. Lorenza não atendera o primeiro telefonema, nem o segundo, mas aquela insistência era suspeita e ela acabaria por se render. A mãe dissera acendam a televisão, só isso, ao mesmo tempo que as mensagens iam chegando em catadupa aos telemóveis de todos nós. Durante mais de uma hora, acompanháramos as atualizações em direto, calados, até que os amigos se foram embora, instigados pela necessidade inteiramente irracional de ver se o filho estava bem em casa. Eu e Lorenza mantivéramos a televisão ligada

ainda durante algum tempo, com a faixa vermelha das notícias de última hora a desfilir em baixo, ininterruptamente, embora as legendas já se tivessem tornado cíclicas. Os pratos estavam na mesa, frios, enquanto uma outra coisa se juntava ao nosso pavor: um terror privado, uma sensação de luto sem perda que pesava sobre o apartamento havia já alguns dias, precisamente desde a noite em que ela dissera já não faço tenções de e eu me virara para o lado oposto.

Eu e Giulio fomos andando durante algum tempo, passando pelos centros de massagens com os vidros escurecidos, pelas lojas de *sex toys* e pelas gastronomias asiáticas. Depois, sentámo-nos num estabelecimento ao acaso, com as cadeiras viradas para a rua, e pedimos duas cervejas. Ele começou a falar dos livros que lera: manuais sobre a vigilância digital, sobre as primaveras árabes e os novos populismos. Giulio lia uma infinidade de livros. Tinha uma visão da realidade muito mais complexa do que a minha, muito mais comprometida, e assim era desde que o conhecera. Na universidade, coordenara dois anos seguidos a associação da sala B1, na cave, onde havia cartazes No Nuke pendurados e uma fotografia de Oriana Fallaci com o nome deturpado para ORINA, ao passo que eu só descia à B1 no intervalo do almoço e só para estar com ele, como se estar perto dele bastasse para fazer com que eu me tornasse um pouco mais consciente, um pouco mais ético.

Ali, na Rue de la Gaîté, fiquei a ouvi-lo a falar, bebericando a minha cerveja. Deixei que me lavassem o espírito a sua competência infalível, o barulho dos carros e o movimento browniano das pessoas. Nas curtas pausas da conversa, ambos passávamos os olhos por outras bandas e parecia-me que, nesses instantes, víamos acontecer à nossa frente a mesma cena: um fantasma negro a surgir do meio da multidão e a erguer os braços para o céu antes de varrer o estabelecimento a rajadas de metralhadora. Pela forma como eu me sentia no meu âmago – estéril, desprovido de futuro –, parte de mim desejava que isso acontecesse realmente. Era um devaneio idiota e culpado, repleto de autocomiseração, mas dei-me espaço para o ter, mesmo que não o tivesse dito a Giulio. Nunca lhe falara da questão dos filhos. Sempre tivéramos uma amizade em que se discutia o mundo exterior, evitando-nos a nós mesmos o mais possível, e talvez por isso tivesse durado tanto tempo.

Na manhã seguinte, apanhei a RER B e depois um autocarro para ir até Le Bourget, onde estava a decorrer a COP21. As verificações à entrada eram enervantes, mas uma vez lá dentro havia liberdade de movimentos. Pavilhões, salas pequenas ou médias, sessões plenárias e paralelas divididas por cores. Uma hospedeira mostrou-me a sala de imprensa com um espaço exclusivo, ligação por cabo e tudo o que era necessário. Aparentei uma familiaridade que não possuía.

Após alguns dias de participação em painéis de todo o tipo, escolhidos um pouco ao acaso no programa, tive de admitir que não havia muito que contar. Nas assembleias, discutiam-se alíneas e parágrafos específicos,

inclusivamente termos particulares que acabariam por figurar no tratado, as intervenções eram rígidas ou excessivamente genéricas. O ambiente era um assunto aborrecido. Lento, desprovido de ação e de tragédia, a não ser as potenciais. Sobrecarregado, em compensação, de boas intenções. Eis o problema oculto da emergência climática: o tédio atroz. Assistir à elaboração de um acordo internacional chegava a ser soporífero. Deveria testemunhar cada avanço milimétrico apresentando-o como uma revolução, mas quem haveria de se interessar por aquilo? Quem, se era eu o primeiro a passar pelas brasas nas saletas penumbrosas, entorpecido pelas sanduíches que comia de enfiada, embalado pelas intervenções monocórdicas dos delegados senegaleses, cubanos, ou que apareciam em túnicas tradicionais do Tibete?

Ao cabo de cinco dias, eu não produzira um artigo sequer. Começaram a perguntar-me do jornal quais seriam as minhas intenções. Estou a pensar no assunto, garanti, estou quase lá.

Ao jantar, abordei a questão com Giulio. O mais interessante que encontrei é uma instalação, uma Torre Eiffel em miniatura, construída com cadeiras encaixadas umas nas outras. Mas não me parece suficiente para um artigo.

Como assim, em miniatura?

É assim desta altura.

Não, então não é suficiente.

Eu preparara bifés para ambos, comprados em vácuo num supermercado bio. Pretendia ser um gesto de agradecimento. Ao cozinhá-los, tinham deitado imenso fumo, mas Giulio, ao entrar, não dissera nada.

Sim, o clima é uma verdadeira chatice, admitiu.

Julguei que a conversa teria terminado ali. Ao invés, após um instante de reflexão, ele disse: Podias ir ter com o Novelli. Talvez ele te conte algo diferente.

E quem é esse?

Um físico, como nós.

Idade?

Menos de cinquenta. Fazia exercícios de métodos em Roma. Todo simpático durante o curso e depois um ignóbil na oral. Nesse tempo era um furioso anticapitalista.

Como tu?

Giulio sorriu: Pior. Reencontrei-o aqui em Paris. Dedicar-se agora a modelos climáticos, algo relacionado com as nuvens. Se quiseres, ponho-vos em contacto.

Terei encolhido os ombros, fingindo que estava a ponderar, embora já me tivesse agarrado àquela possibilidade. Tudo para evitar mais um dia a vaguear entre os pavilhões ecoantes de Le Bourget, com frases feitas sobre o mal-estar do planeta a rodopiar na cabeça.

O que não esperava era que Novelli me convocasse nessa mesma noite para uma cervejaria na Rue Monge. Fui lá ter a pé, embora fossem quase três

quilómetros. Durante o percurso inteiro, não arredei os olhos do telemóvel, recolhendo o maior número de informações possível sobre Jacopo Novelli, PhD. Não que houvesse muita coisa na Internet, ainda não era suficientemente conhecido naquela altura (nem suficientemente famigerado) para ter uma página na Wikipedia, embora tivesse uma própria, um pouco tosca, ao jeito de autodidata do WordPress. Listava os *papers* mais recentes e fornecia indicações relacionadas com o seu curso de sistemas complexos. Havia também uma galeria onde surgiam fotografias de céus nublados, acompanhadas de breves legendas que classificavam o tipo de formação gasosa: alto-estratos, cirros, cúmulo-nimbos, a nomenclatura que eu me recusara a aprender para o exame de Meteorologia, que só valia três créditos.

Não esperei por si para pedir, disse-me Novelli, sem o menor ar de culpa. Tinha calculado que demoraria menos tempo.

Vim a pé.

Do décimo quarto?

Parecia perplexo, mas não acrescentou nada. Seguiu antes o meu olhar até ao seu prato, até à montanha de comida que lá estava.

Admirável, há? Venho cá de propósito. Embora não devêssemos comer hambúrgueres com estas dimensões. Devido às emissões de CO₂, obviamente. Mas sobretudo por causa das artérias. Só que estes são verdadeiramente irrisistíveis. Está a ver?

Ergueu a sanduíche para me mostrar a secção lateral. Todas as camadas estão bem separadas. Alface, queijo, carne, cebola. Não é como aquelas mixórdias que costumam trazer-nos. Peça um.

Já comi, obrigado.

Pior para si.

Deu uma dentada na sanduíche, enquanto eu me demorava a estudá-lo. Tinha o aspeto um pouco aprumado de certos cientistas no auge da carreira. Se tinha sido desleixado a vestir-se em miúdo, como muitos estudantes de Física (eu incluído), levaria agora o assunto muito a peito.

Conhece a síndrome de Kessler?, perguntou-me. Abanei a cabeça.

O Giulio disse-me que gostaria de falar sobre o fim do mundo. Tal como toda a gente hoje em dia, de resto. Embora conviesse apercebermo-nos antes de mais de que não estamos a falar do fim do mundo, mas do fim da civilização humana, o que é muito diferente. E, de certa forma, enquanto estava aqui à sua espera, veio-me à cabeça a síndrome de Kessler.

Chupou a maionese do indicador antes de pegar no telefone para procurar uma imagem. O que vê aqui?

Ovnis?, arrisquei, mais em jeito de brincadeira.

Ovnis, exato, é o que todos dizem. É uma pena que os ovnis não existam e esta seja uma fotografia verdadeira. São satélites lançados sequencialmente por uma dessas novas empresas de Internet chinesas. Não imagina a quantidade de metal que está a girar sobre as nossas cabeças, já saturámos as órbitas baixas, basicamente.

Rodou o hambúrguer, atacando-o novamente na beira. Talvez quisesse deixar a parte central, mais suculenta, para o fim.

Imagine que um parafuso se solta de um desses satélites. Deve acontecer a toda a hora, não é? Os parafusos soltam-se. Bom, esse parafuso viaja a cerca de trinta mil quilômetros por hora, é um projétil. A essa velocidade, pode furar como se nada fosse uma espessura de aço. Imagine agora que o parafuso embate noutro satélite, que esse se estilhaça e dispara em volta uma quantidade de outros projéteis metálicos, que vão embater noutros satélites.

Uma reação em cadeia.

Justamente, uma reação em cadeia. No fim, o que será de todo esse material turbilhonante? Ninguém faz ideia. Mas uma parte poderá até precipitar-se para a Terra, como uma espécie de chuva de asteroides. Chama-se síndrome de Kessler, e sabe que mais? É uma ameaça *real*. As pessoas não pensam no assunto porque não sabem. Quem sabe são as mesmas pessoas que disparam os satélites para o ar, e com o dinheiro que ganham constroem refúgios antiatômicos. Mas as pessoas sentadas a estas mesas não. Agora anda tudo com o Estado Islâmico e o aquecimento global na cabeça, mas a verdade é que há uma infinidade de ameaças mais originais. A seca, o envenenamento das reservas hídricas, as pandemias – eu bem disse, fartei-me de o dizer! –, a revolta das inteligências artificiais. Além, obviamente, das que já nos parecem fora de moda. Como o velho inverno nuclear.

Por instantes, ao ouvi-lo, pensei no meu pai. Quando andava atrás da minha mãe por casa ao domingo, perseguindo-a como um *drone*: na lavandaria, na varanda, na cozinha, falando sem parar da crise do petróleo, da poluição atmosférica e da luminosa. Uma catástrofe por mês. Interroguei-me se Novelli não seria também um marido assim. Se, ao fim e ao cabo, não seria também eu um marido assim.

E as nuvens?, perguntei-lhe.

Novelli fez um esgar. As nuvens são complicadas. As altas retêm a humidade, contribuindo assim para sobreaquecer o planeta. As baixas refletem a luz solar, arrefecendo-o. Fazem tanto bem como mal, é uma trapalhada, no fundo. Há quem ache que as alterações climáticas nos trarão um mundo sem nuvens. Céu limpo de dia e de noite, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Suponho que seria do agrado de alguns. Do meu, não.

Vi que reúne fotografias no seu sítio.

É uma competição para os estudantes. Fotografar a nuvem mais interessante. Mas também está aberta a outros. Pode participar, se quiser.

Eu não fotografo.

Como queira.

Não sei reconstituir o que mais dissemos um ao outro nessa noite, até porque ficámos juntos bastante tempo, inicialmente na esplanada da cervejaria, sob o calor excessivo dos cogumelos a gás, depois na rua, rente ao Jardin des Plantes. Falámos com certeza da conferência das Nações Unidas, a respeito da qual Novelli nutria uma esperança morna, e falámos das saudades

que ambos sentíamos de uma certa física desligada do mundo. E com certeza que, passado algum tempo, ele me terá perguntado se por acaso não estaria a entrevistá-lo.

Julgo que não, não propriamente.

Pode entrevistar-me se quiser, disse ele e eu tomei nota daquele momento de vaidade no meio de toda aquela conversa sobre o fim do mundo.

A dada altura do passeio, ele perguntou-me se tinha filhos. Devolvi-lhe de imediato a pergunta: ele? Dois. O segundo viera um pouco distante da primeira, que já tinha sete anos. Comentei que talvez fosse uma contradição quando se via pela frente um futuro tal como o que ele via. Sem que o quisesse, eu endurecera um pouco. Novelli disse: Como é que se pode pensar em sobreviver a tudo, senão confiando nos filhos?

Quando chegámos à porta do seu prédio, a conversa extinguiu-se, limitáramo-nos a andar e mais nada nos últimos dez minutos. Já não havia ninguém na rua. Com o silêncio, voltara a ter a sugestão dos atentados e pensei que evitaria o metro no regresso, mesmo que não fizesse grande sentido. Os atentados *kamikazes* pressupunham uma multidão, uma certa espetacularidade.

Mas então a que é que se dedica ao certo?, perguntou-me Novelli, como se tivesse passado a noite inteira com essa dúvida a rondar-lhe os pensamentos.

Sou escritor.

O Giulio disse-me que trabalha para um jornal.

Trabalho para um jornal, mas sou escritor.

Por algum motivo, fiquei desagradado. Como se tivesse falhado o sentido da noite e Novelli me tivesse dispensado um tratamento típico, da síndrome de Kessler em diante, noções apelativas que proporia de igual modo a um aluno seu.

Atrapalhou-se com as chaves, abriu a porta. Bem. Então boa sorte com o seu artigo. Tem o meu número se se lembrar de mais alguma coisa.



Lorenza amadurecera a ideia das férias na ilha enquanto eu estava em Paris, como uma forma deveras contemporânea de terapia de casal. Não havia dor, para a sabedoria ocidental, que uma semana de trópicos não fosse capaz de resolver. Após uma cimeira sobre as alterações climáticas, apanhar um avião para as Caraíbas em pleno inverno talvez não fosse o mais coerente dos gestos: estimando um milhar de quilogramas de dióxido de carbono por cabeça e por percurso, emitiríamos para a atmosfera um total de mais ou menos quatro toneladas de CO₂ para superar a tristeza que se aninhara no nosso casamento. Valia a pena. Quanto à minha consciência ecológica, tinha de ser posta de lado só por um instante.

Diz-se que Guadalupe tem a forma de uma borboleta. A ser verdade, o nosso *resort* situava-se na asa direita, ao centro de uma pequena enseada. À chegada, entregaram-nos duas toalhas enroladas, impregnadas de água aromatizada para limpar o rosto. Os grandes aquários no chão do átrio estavam povoados de lagostas que iam mexendo indolentemente as antenas. Instalados nos sofás brancos, ainda atordoados da viagem, ouvimos as inúmeras opções de *relax* à nossa disposição e as respetivas modalidades de pagamento. Dado que desembolsáramos o suplemento, tínhamos direito a um *ocean room*, iria com certeza ser do nosso agrado, sem dúvida que sim.

Depois de termos esvaziado as malas, fomos até à praia para aproveitar o resto de claridade. Lorenza tinha um roupão de praia novo, com uma fantasia geométrica, deixou-o em cima de um tronco que parecia demasiado ajustado ao contexto para ter sido abandonado ali pela corrente. Entrámos na água e uma raia passou-nos a um par de metros das pernas, como um presságio feliz. As ondas eram suaves, mal se esboçavam. Lorenza agarrou-se com as pernas à minha cintura e eu fui avançando aos saltinhos pela água baixa, transportando-a. Não era mau voltar a ser simplesmente um casal, disse-me ela ao ouvido. Em casa, éramos permanentemente interrompidos: interrompidos pelo trabalho, interrompidos por Eugenio, interrompidos pelos telefonemas. Apertou-me com a máxima força que tinha nos quadríceps, pareceu-me mais jovem e, pela primeira vez em semanas, vacilei no meu desgosto, no ressentimento abafado que andava a alimentar em relação a ela.

Lorenza passou-me uma mão húmida pelo rosto, como que para pôr fim ao meu monólogo interior, fosse qual fosse. Beijámo-nos e depois separámo-nos, mas continuámos ainda assim a repetir, uma vez cada um, que sítio magnífico era a ilha em forma de borboleta e como gostaríamos de nunca mais nos irmos embora.

Essa perfeição só durou até à noite, quando me pus a persegui-la pela sala do *buffet*, praguejando contra o absurdo de haver três ementas diferentes, incluindo uma de carne japonesa. E seriam mesmo precisos morangos frescos nos trópicos?, água San Pellegrino em plástico? Será que não existiriam águas não digo a zero quilómetros, mas pelo menos não a seis mil quilómetros? De repente, Lorenza virou-se com o prato na mão e, como que indecisa sobre se o deixar cair ao chão ou mo espetar na cara, disse: Tu és contra o desperdício, percebo e respeito. Mas eu sou contra a infelicidade. Portanto.

Portanto, *relax*: a palavra de ordem do hotel. *Relax relax relax relax*.

O tratamento à base de banhos com água morna e *piña colada* às quatro da tarde funcionou. O sexo reatou-se entre nós, que era afinal a verdadeira razão pela qual chegáramos àquele ponto. A seguir, Lorenza punha-se a ler de barriga para baixo na cama, ainda sem cuecas, e parecia tranquila. Eu tinha liberdade para me aproximar de novo ou ficar ali ao lado a sublinhar os passos mais convincentes do livro que Giulio me emprestara, protelando o desejo. Eis como a vida conjugal deveria ser, pensava eu, como deveria ser sempre: repleta desta sensualidade. Talvez Lorenza tivesse razão, as minhas expectativas em relação a ser pai eram excessivas, tornara-me vítima de uma idealização. Havia uma infinidade de casais que viviam sem filhos e nada levava a crer que fossem menos realizados do que outros, ou menos felizes. No entanto, mesmo no *ocean room*, persistia entre nós uma sensação de esgotamento, sobretudo nas conversas, como se já se tivesse aberto uma fissura no centro do gozo também. O nosso buraco do ozono privado.

Em *Colapso*, Diamond ilustrava uma espécie de paradoxo. Explicava como as civilizações, que todos nós partimos do princípio de que avançam para o bem-estar, se desenvolvem por vezes em sentido contrário, fabricando inconscientemente as condições para o seu próprio fim. O exemplo mais retumbante era o da ilha de Páscoa: pensara-se durante muito tempo que os nativos da ilha tivessem sido dizimados por epidemias levadas pelos europeus, sobretudo a sífilis e a varíola, mas uma teoria mais recente sugeria que o seu decréscimo estaria associado à presença das estátuas gigantes que tinham deixado como herança, aqueles bustos quadrados e enigmáticos que viravam costas ao mar. Para transportar os monólitos, os nativos tinham efetivamente de os fazer deslizar sobre troncos e, para conseguir os troncos, tinham desflorestado a ilha. Privado das árvores, o ecossistema ficara destrambelhado, dando azo a desabamentos, carestias e guerras civis. Na fase final, os habitantes da ilha tinham recorrido ao canibalismo. Ao canibalismo, já viste?, disse eu a Lorenza.

Ela tocou-me ao de leve na coxa com um indicador sem tirar os olhos do

seu livro. Movendo as pernas dobradas no ar, em tesoura, de um modo extraordinariamente semelhante ao das lagostas no átrio, disse: Não trouxeste outra coisa para ler?

Por volta de meio da semana, inscrevemo-nos numa excursão para ir visitar o interior. Embora não nos apetecesse propriamente, era uma forma de aliviar o sentimento de culpa por quase não termos largado a praia do hotel.

Arrancámos às nove da manhã numa carrinha, juntamente com um casal de holandeses. Seguimos por um caminho apazível, com subidas e descidas, no interior de uma floresta tropical, rodeados pelos gorjeios das aves. Naquelas latitudes, tudo se apresentava mais viçoso, mais húmido, mais excitante. Depois dos dias ao sol, a sombra transmitiu-me um inesperado consolo.

Apaixonei-me pela explicação do guia sobre uma árvore nativa da África Ocidental que estava a substituir rapidamente a vegetação autóctone. *Dichrostachys cinerea* era o nome científico, embora em África lhe chamassem «árvore de Natal». Em abril, dava umas bonitas flores amarelas e roxas, que faziam esquecer por instantes como era maléfica. Terei exagerado nas perguntas, pois os holandeses começaram a dar sinais de impaciência e Lorenza suspirou como fazia por vezes quando eu me comportava como o melhor da turma.

Voltámos para a costa. O almoço estava a postos numa zona de sombra entre os mangues. Estavam a convergir para lá outros grupos também, de vários hotéis e operadores turísticos, tendo esse ajuntamento estragado a atmosfera de exclusividade que nos tinha sido prometida, de resto, na fase da reserva. Ocupámos com os holandeses uma das mesas de madeira, distribuindo-nos mais afastados entre nós do que seria necessário para que ninguém tivesse a ideia de se juntar.

Entabulei uma conversa com Otto, sobre a qualidade do *resort* e sobre como viajar se tornara ainda mais enervante após os atentados de Paris. Ele era engenheiro, trabalhava no ramo automóvel, embora se dedicasse sobretudo ao *marketing*. O tema da sustentabilidade era-lhe caro. Bebemos um *ti' punch* cada um, depois um segundo e um terceiro. Obviamente, também falámos da comida crioula e de que ao fim de um tempo se tornava repetitiva.

No regresso, adormeci na carrinha, tão profundamente que nem sequer me apercebi da última paragem. Quando voltaram a bordo, os outros pareciam eufóricos, incluindo Lorenza. Juraram que era uma pena que eu tivesse perdido a casa colonial, pois valia de facto a pena.

No penúltimo dia, alugámos um carro para ir visitar uma praia indicada

pelos holandeses: a vida nos *resorts* é só indicar praias. Quando desembocámos do caminho que atravessava o mato, apercebemo-nos de que se tratava de um oásis naturista. O que fazemos?, perguntei. Lorenza encolheu os ombros: Já que estamos aqui.

Despimo-nos, pusemos os fatos de banho nos sacos e estendemos as toalhas no chão, mas, como era um pouco estranho ficarmos assim deitados, fomos dar um mergulho. Era tudo bastante divertido. Enquanto flutuávamos a uns trinta metros da beira-mar, o casal de holandeses aproximou-se. Não nos tinham avisado de que iriam lá ou teria sido provável que mudássemos de destino. É maravilhoso, não é?, disse Otto.

Lorenza começou a falar com a mulher, que tinha um escaldão na pele, às manchas vermelhas, e a marca em negativo do biquíni. As suas pernas tornavam-se mais volumosas debaixo de água por causa da refração dos raios.

Na tentativa de superar o embaraço com Otto, atamanquei um comentário sobre como o vira nadar bem naquele breve trecho até nós. Falou-me de um diploma que todas as crianças tinham de tirar na Holanda, dividido em três níveis: no exame, era preciso nadar com os sapatos e a roupa postos e atravessar um túnel em apneia.

É por causa do risco de que a Holanda venha a ser alagada pela subida do nível do mar, calculo eu.

Otto olhou para mim, perplexo: A subida do nível do mar? Nada disso. É porque não queremos que ninguém se afogue nos canais de Amesterdão.

A conversa ia-se desenrolando com nós os quatro nus e eu não conseguia propriamente desembaraçar-me dessa noção. Viste-os lá ao fundo?, perguntou-me por fim Otto, apontando para a praia. Distingui os vultos escuros dos rapazes no meio da vegetação, acorados na penumbra. Estavam a esfregar-se ritmicamente entre as pernas, como num exercício de meditação, embora a distância me impedisse de ver claramente se estavam com calções de banho ou não. O que é que estão a fazer?, perguntei ingenuamente e Otto sorriu-me, como se fosse mais uma alusão do que uma pergunta.

Mais tarde, aceitámos o convite deles para jantar. Estupidamente, vestimo-nos melhor do que o habitual, eu calcei até um par de sapatos fechados, ainda que se tratasse de descer como sempre até ao piso zero, de aceder à esplanada do restaurante, aproximar-nos à vez do *buffet* que já conhecíamos de cor e pedir o mesmo vinho tinto chileno com a tampa de desenroscar, que haveria de ser contabilizado entre os extras.

Só que fizemos tudo isto à mesa de Otto e Maaïke, os nossos amigos improvisados, que moravam em Haia, não, não em Amesterdão, em Haia, aliás a uns vinte quilómetros da cidade, numa daquelas casas típicas em que se pensa quando pensamos na Holanda, essas mesmo, sim... como assim se já lá tínhamos ido, mais do que uma vez, à Mauritshuis também, ah não se pronuncia assim?, e claro, também nós ficámos encantados com a *Vista de Delft*, com aquela luz que não parece incidir no quadro, mas emanar da própria tela...

Não se chamavam Otto e Maaïke. Não faço ideia de como se chamariam, não havia nenhuma razão para que devesse memorizar os seus nomes. Dei a mão a Lorenza por baixo da mesa e ela acariciou-me ao centro com o polegar, delicadamente, dando-me o seu consentimento.

Quando acordei, horas mais tarde, os holandeses já se tinham ido embora do quarto. Lorenza estava a dormir, deitada numa diagonal da cama que dava testemunho da estranheza da noite. Tapei-lhe as pernas com um canto do lençol e levantei-me. A janela estava escancarada e saí para o terraço. Uma risca finíssima cor-de-rosa corria paralela ao horizonte. Mais acima, o céu ia variando entre o celeste e o azul carregado. Um dia, pensei, aquela ilha deixaria de existir, o terraço deixaria de existir, e também nós deixaríamos de existir. Eu e Lorenza não deixaríamos vestígios, como atóis submersos.

Pousara no mar uma nuvem circular, densa, imóvel, extraordinariamente alisada. Um disco voador gasoso que se estreitava um pouco para baixo, como se seguisse uma espiral. Regressei ao quarto para ir buscar o telefone. Fotografei a nuvem e enviei a imagem a Novelli, com uma legenda mínima: Guadalupe.

Respondeu-me de imediato: Uma nuvem lenticular. O fluxo de ar embate num obstáculo e deixa-se modelar. Não é assim tão rara, embora seja difícil de ver naquelas latitudes. Posso incluí-la no sítio?

Instantes depois apareceu uma segunda mensagem: Se reparar bem nas beiras, poderá notar a iridescência. São as gotículas a difratar a luz. Vemo-nos um dia se passar por Paris.



Em julho, saiu na *Nature* um artigo sobre a ligação entre as nuvens e as alterações climáticas. Estudando imagens de satélite, os autores tinham reparado que as nuvens estavam a deslocar-se gradualmente para os polos por causa do aquecimento. A cobertura de nuvens ia migrando de onde era mais útil para filtrar os raios solares – o equador, os trópicos – para as zonas árticas, onde era muito menos necessária. Algo que, com o tempo, iria gerar um chamado «*feedback* positivo», que, contudo, de positivo não tinha nada, era positivo num sentido estritamente matemático, ou seja, agia com um sinal +: quanto mais calor houvesse, mais calor faria.

Em Trieste, inaugurei o meu curso lendo o artigo de Norris *et al.* Organizava um ciclo de aulas sobre jornalismo científico no seio de um mestrado em comunicação e decidi dedicar inteiramente esse ano ao *climate change*. A migração das nuvens parecia um bom ponto de partida, tão aterrorizadora e poética. O curso durava um total de quatro semanas. Arranjei um Airbnb em Cavana. Se fosse por mim, não teria escolhido uma zona tão animada, ter-me-ia contentado com um dos hotéis acordados com a escola e cómodos para a 38, mas Lorenza convenceu-me a tratar melhor de mim. Já que vais para o exílio, disse, fá-lo ao menos num lugar agradável: até prova em contrário, não tens nenhuma culpa a expiar. Mas seria verdade? As coisas entre nós tinham-se degradado bastante, na primavera e depois sem dúvida no verão, que passáramos maioritariamente separados. Telefonávamos pouco um ao outro. Termos admitido desconhecidos na nossa cama acabara por se revelar um risco.

Em Trieste, delineei uma rotina nova. Se não tivesse aulas, levantava-me tarde, embora não deixasse de pôr um despertador para as sete de maneira a ativar o telefone e mostrar ao mundo, através do último acesso ao WhatsApp, que não era um mandrião. Dado que, tirando a correção dos trabalhos, não tinha muito que fazer, ia andar. O passeio até Miramare ocupava-me boa parte do dia, embora também houvesse o caminho de Rilke e o Carso, com a sua soturnidade despida. Dizia a mim mesmo que todos aqueles quilómetros eram necessários para encontrar uma boa ideia para o livro que iria escrever, dizia a Lorenza o mesmo e ela acreditava ou fingia acreditar, embora durante a maior

parte do tempo me limitasse a andar, com a cabeça vazia. Andava sempre de auriculares, como um adolescente. Da memória guardada nas *playlists* do Spotify resulta que o tema mais ouvido nesse ano é uma canção dos Majical Cloudz, um título com ponto de interrogação no fim: *Are You Alone?*

Os alunos do curso eram na sua maioria pós-doutorandos em ciências duras: físicos, matemáticos, biotecnólogos. Só raramente aparecia uma linguista ou um historiador, e sentiam-se estranhos. Todos estavam lá porque a dada altura tinham ficado desiludidos com o percurso académico ou simplesmente porque estavam cansados. Tinham estudado demasiado e durante demasiado tempo matérias difíceis, contavam agora repousar um pouco no terreno mais brando da comunicação. O meu esforço inicial dirigia-se por inteiro a desmontar esse preconceito: se achavam que tinham explorado o máximo da complexidade dedicando-se às ciências, iriam encontrar no meu curso uma complexidade diferente, que os envolveria por completo. Sugestioná-los era fácil, estavam sem escrever havia pelo menos uma dezena de anos, inibidos após terem convivido apenas com *papers* e manuais especializados, fórmulas e gráficos cartesianos. A página em branco deixava-os desconfortáveis.

Entre os alunos desse ano estava um astrofísico, Christian. Sentava-se a meio da sala, chegado à parede da esquerda, como se dentro e fora de cena. Tinha um sotaque indecifrável e talvez tivesse sido isso o que me deixou curioso. Ou então foi a maneira como me fixava enquanto eu falava do desaparecimento das nuvens, com olhos que pareciam mais arregalados do que o normal.

Quando chegou a sua vez na ronda de apresentações, disse que se debruçava havia muito tempo sobre ondas gravitacionais e buracos negros. Mas aquele tipo de estudo, disse apoquentando a poupa, não lhe fazia bem. A meio de um projeto, com um artigo na reta da meta, decidira largar a astrofísica e voltar à Terra. Foi mesmo essa a expressão que usou, «voltar à Terra». Perguntei-lhe em que sentido debruçar-se sobre buracos negros não lhe fazia bem e ele, ao responder, evitou cuidadosamente cruzar os olhos com os meus: Na sua opinião, profe, é possível que uma matéria de estudo leve a melhor sobre nós?

Na cantina, fui ter com Marina, que coordenava o curso. Perguntei-lhe o que achava de Christian e ela percebeu logo. É muito sensível, disse, convém ir com calma.

Tive a impressão de que estaria a guardar para si alguma informação relevante. Os dossiês dos estudantes e os pormenores sensíveis das entrevistas de admissão não eram divulgados entre nós, docentes convidados.

Parece-me que tem talento, disse eu.

Ah, sim? E como é que percebeste isso? Estiveste com eles duas horas.

Instinto.

Instinto, repetiu ela. Depois, tirou os olhos do tabuleiro, dirigindo-me um sorriso amarelo.

Nas avaliações de fim de curso do ano anterior, alguns estudantes tinham-se queixado da minha «parcialidade». Certos trabalhos, a seu ver, tinham sido examinados com uma atenção especial, ao passo que o tempo dedicado a outros tinha sido pouco. Defendiam que eram sempre os mesmos a intervir na aula, sobretudo do sexo masculino. Marina fizera-me chegar os resultados do questionário num *e-mail* perfeitamente neutral: Segue anexa uma cópia de. Eu mostrara a Lorenza a nota final (não os comentários individuais) e ela hesitara antes de dizer que sete e meio não lhe parecia assim tão mau. Mas eu não queria um sete e meio, queria nove ou dez, queria as menções honrosas e os elogios do conselho. Buscara consolo junto de Giulio: Parece-te normal que sejam agora os estudantes a dar as notas aos professores? Estudantes-clientes, corrigira-me ele, não há nada a fazer, é a nova tendência do ensino. Refreei-me a custo para não lhe perguntar qual teria sido a sua última pontuação como docente.

E, todavia, não me enganara em relação a Christian. Fazia intervenções brilhantes nas aulas, era sempre participativo, apaixonado até. Numa manhã, li um passo de *Colapso* e no dia seguinte estava um exemplar do livro pousado na sua carteira.

Quando chegou o momento de apresentar o seu projeto de reportagem, levantou-se e posicionou-se diante da turma. Falou de forma atabalhoada, sem parar de apoquentar a poupa, e o que expôs não podia ser definido como uma ideia, não estritamente, antes um fluxo de pensamentos aos quais estava subjacente uma preocupação. Falou do ponto de não retorno, noção que lhe era familiar após anos a estudar os buracos negros. Quando um corpo ultrapassa o horizonte dos acontecimentos, esse corpo desaparece, não se sabe mais nada a seu respeito, sendo um mistério inacessível tudo o que lhe aconteça em seguida. Esse corpo poderá ficar deformado ou desmembrado para lá do horizonte, ou transformado noutra coisa qualquer, quicá em pura luz. Christian interrogava-se se não existiria também um momento semelhante para o nosso planeta, um limite para lá do qual nos precipitaremos e mais nada. Se houvesse, a que distância estaria daquela manhã, daquele preciso instante em que ele estava a falar? Talvez, disse, já o tenhamos superado, sem sequer nos apercebermos disso. E talvez, nesse caso... Porém, interrompeu-se a si mesmo bruscamente nessa altura: É sobre isto que pretendo escrever.

Parecia esgotado, como se estivesse a tremer em cada célula. Notou-se uma certa perturbação na sala. Interpelei os seus colegas para que comentassem a proposta, eles murmuraram algumas apreciações, mas estavam perplexos. Assim sendo, retomei a palavra. Disse a Christian que o tema era sem dúvida fascinante, mas que também me parecia muito vago. Corria o risco de se perder. Devias concentrar-te em algo mais específico, onde já se possa ver essa transformação.

Não sei em quê, replicou, sem deixar de olhar para mim, com severidade.

Por exemplo, a alteração dos ecossistemas.

Falei-lhe da *Dichrostachys cinerea*, a planta africana que estava a ameaçar o ecossistema de Guadalupe. Embora devesse encontrar uma situação próxima, disse eu, que possas observar diretamente, pois o que fazemos aqui é isso, olhamos para a realidade, escrevemos reportagens.

Aproximara-me dele sem me aperceber disso, tanto que o ouvia respirar no meio do silêncio. Eu era bom professor, não para sete e meio. Sabia motivar, orientar, tinha imaginação, era generoso.

Christian não disse nem que sim nem que não, nem mesmo que iria refletir sobre o assunto. Estava a fixar um ponto para lá das janelas, como se não pudesse tirar os olhos de algo, um horizonte dos acontecimentos contra o qual todos estávamos a ir, mas que só ele era capaz de ver. Pediu-me licença para regressar ao seu lugar.

Entre as reportagens que recordei desse ano: uma espécie particular de rã-verde em risco de extinção, o impacto da indústria de carne enlatada no aquecimento global, a exploração de uma gruta eslovena que em rigor deveria estar protegida das alterações climáticas, mas que estava a transformar-se de formas dramáticas e irreversíveis.

Christian acabou por seguir o meu conselho e escolheu como objeto de investigação o ailanto, um arbusto de origem asiática que estava a impor-se com uma rapidez desconcertante na nossa vegetação. Na abertura que leu em voz alta, contou uma viagem de comboio para casa, durante a qual se apercebera de que o ailanto estivera presente durante todo o percurso, camuflado entre as plantas que bordejavam a via-férrea. O texto estava repleto de imagens. As ramagens, por exemplo, ondulavam *na tentativa de comunicar com ele*, e a dada altura o ailanto era descrito como um único e imenso organismo vegetal, um rizoma que se estendia logo abaixo da superfície, pelo planeta inteiro.

Quando terminou de ler, esbaforido, os colegas aplaudiram. Perguntei-me se o considerariam «parcial», mas acabei por também eu me juntar. Logo a seguir, para contrabalançar esse excesso, analisei a abertura com mais rigor. Quando entraria especificamente nas informações relevantes? Onde estavam os dados, para lá dos subjetivos, sensoriais? Além disso, o uso da segunda pessoa do singular deixava-me perplexo, e a pontuação parecia atamancada, pelo menos a avaliar pela forma como ele lera.

Christian foi mudando de expressão enquanto eu falava. A turma inteira deixou-se levar pelo nervosismo e uma rapariga, Greta, descarregou a tensão dizendo: Eu gostei tal como está. Não foi o professor que nos recomendou que fôssemos pessoais?

Na semana seguinte, Christian não compareceu às aulas. Perguntei aos colegas se saberiam o motivo. Alguns viraram-se para olhar para Greta, ou se calhar não, se calhar é uma ação que lhes atribuo com a consciência posterior. É possível que ninguém se tenha virado para olhar para ela e que me tenham simplesmente dito que não (mentindo). Porém, no fim da aula, um estudante intercetou-me no corredor: Há uma coisa, profe. Mas não sei se é importante, nem se lhe deveria contar a si.

O que foi?

À noite, o Christian está sempre num sítio que se chama Mirò, uma cervejaria que

Eu sei onde fica o Mirò.

Okay, achava que não.

E vai lá fazer o quê?

Ele encolheu os ombros. Se calhar não vai lá sempre mesmo, disse, mas dois de nós viram-no em momentos diferentes.

E não falaram?

Ele inclinou a cabeça com um ar culpado. Falar com o Christian não é lá muito fácil. Não sei se já reparou, mas é um bocadinho estranho.

Garanti-lhe que não reparara em nada do género, dando-lhe a entender que a estranheza residiria por completo na sua desconfiança.

Nessa noite, fui ao Mirò. Havia um ambiente de festa universitária. Eu esperava não encontrar ninguém do mestrado, pois ter-me-iam achado sinistro a beber sozinho numa mesinha. Foi também por isso que escolhi uma discreta, ao lado da mesa de mistura. À uma da madrugada, estava ligeiramente bêbedo e prestes a ir-me embora, não sei bem se desiludido ou aliviado, quando o vi entrar, Christian, de pijama e chinelos.

Trazia o portátil debaixo do braço. Sentou-se ao balcão e a empregada debruçou-se para o beijar nas faces. Senti uma familiaridade entre os dois, como se a cena se repetisse tal qual todas as noites. A empregada serviu-lhe uma cerveja enquanto Christian abria o ecrã e se punha a digitar qualquer coisa. O sítio não era muito grande, eu estava a menos de cinco metros em linha reta das suas costas viradas, via assim os seus calcanhares nus e via a faixa de pele ao fundo das costas, onde a camisola do pijama se erguia por causa da posição. O ecrã do computador estava a meu favor e, mesmo sem distinguir as palavras, era evidente que ele tinha diante de si uma página de Word.

Quando o DJ mudou a seleção, passando de repente para um *revival* reconfortante dos anos noventa, a pista encheu-se. Por essa altura, só distinguia os calcanhares azulados de Christian a baterem o compasso contra o estribo do banco. Ganhei coragem e aproximei-me. Levou alguns segundos a aperceber-se da minha presença e depois a confirmá-la, dizendo profe sem o

menor laivo de pasmo.

O que é que estás a escrever?

Christian aquiesceu na direção do ecrã: A reportagem.

É um sítio estranho para se ter concentração.

Encolheu os ombros, pareceu-me que o perdera, pelo que corrigi: Na realidade, eu também gosto de trabalhar no meio do barulho. Acalma-me os pensamentos.

O meu quarto fica aqui em cima. Não me avisaram antes de assinar o contrato. São sobretudo as frequências baixas, abanam a cama, fazem com que ela literalmente se mexa. Eu e a Ramona chegámos a um acordo. Ela deixa-me trabalhar aqui e dá-me de beber de graça. Eu, em troca, paro de me queixar.

Fez um sorriso à empregada, que lhe mostrou a língua. Ramona serviu-me uma cerveja também e ficámos algum tempo a beber em silêncio. Eu sentia que o trabalho estava a chamar por Christian, mas ele não ousava pôr-se a escrever comigo ali ao lado.

Não vieste às aulas, disse-lhe a dada altura.

Estou atrasado.

Estás atrasado com quê?

Com a reportagem, profe.

Ainda tens tempo, não é preciso angustiares-te. Além de que já ias bem lançado.

Eram demasiadas coisas, como o professor disse.

Por instantes, pareceu-me absolutamente indefeso, metido no seu pijama de algodão com desenhos de naves espaciais, dentro de uma cervejaria em que as pessoas nos tocavam ao de leve com os cotovelos. Perguntei-me quantas noites levaria ele sem dormir. Ficámos outra vez em silêncio, até que ele disse: Estou com fome, profe.

E sabes onde encontrar algo para comer a esta hora?

Mas antes tenho de trocar de roupa.

Saímos do estabelecimento e voltámos a entrar na porta ao lado. Senti em mim os olhares dos outros alunos ao desaparecer para lá da porta com um rapaz mais novo de pijama. Mas aquela noite estava infestada de matemáticos e físicos, gente habituada a todo o nível de extravagância.

No primeiro piso, os graves da música explodiam como pequenos estrondos. A cama estava desfeita sabia-se lá havia quanto tempo. Um quarto normal de estudante universitário: o mesmo tipo de desordem, sem tirar nem pôr, ainda que eu tivesse reparado numa energia inquietante na disposição dos objetos. Mas é possível que também isso seja uma deturpação das lembranças. É possível que, pelo contrário, eu não tenha reparado em nada de nada. Christian enfiou umas calças de ganga e uma camisola de felpa por cima da do pijama. Num impulso paterno completamente desfasado, recomendei-lhe que se agasalhasse bem, pois levantara-se o vento.

Ele conhecia um quiosque aberto perto da estação, comprámos cervejas

de sessenta e seis e ele comeu em poucas dentadas uma sanduíche industrial com péssimo aspeto. Depois, fomos andando.

Entre os temas abordados nessa noite: a idiotice de chamar «partícula de Deus» ao bosão de Higgs / ambos termos lido às escondidas *O Drama da Criança Bem Dotada e a Procura do Verdadeiro Eu*, na esperança de que falasse de nós / o último mapeamento de satélite sobre a radiação de fundo / termo-nos sentido uns falhados crónicos no liceu e termos sofrido muito tempo com isso, até que de repente tudo deixou de nos importar / a cromodinâmica quântica / a ejaculação precoce.

Christian não tinha opiniões feitas acerca de nada, tal como eu aos vinte e cinco anos tentava não as ter, mas, se no meu caso a não banalidade exigia um esforço de aplicação constante, no seu parecia assemelhar-se mais a um traço de carácter. Pensei que talvez, terminado o curso, terminada aquela assimetria a que os nossos papéis nos obrigavam, nos tornássemos amigos. Eu andava permanentemente à procura de amigos.

Chegámos ao extremo do molhe e mijámos um ao lado do outro. A cidade iluminada repousava por inteiro atrás de nós, a plataforma estava suspensa sobre o mar negro como sobre um vazio escuro e interestelar. Íamos oscilando suavemente na beira, podres de bêbedos, quando Christian disse: Já quase acabei a reportagem, profe. Prometo que assim que a acabar regresso às aulas.

Um segundo depois, acrescentou: Estou a gostar muito, profe.

Fui buscá-lo quatro dias depois, na noite de sábado para domingo. Foi a empregada do bar, Ramona, quem lançou um olhar para a luz acesa no quarto de Christian, como fazia sempre que terminava o turno, quem ouviu gritos que definiria como estranhos e quem reparou nas riscas escuras no vidro.

Utilizara um garfo para descarnar os braços, pormenor que durante muito tempo haveria de me perseguir. Porém, tinha sido isso a impedir que as feridas fossem demasiado profundas. Com uma faca, ter-se-ia esvaído com certeza em sangue, disse Marina durante uma reunião de docentes convocada de urgência para a manhã de segunda-feira. Ainda estava tudo por confirmar, mas parecia que Christian estivera várias noites sem dormir. Em muitas delas, tinham-no visto a vaguear pela rua a horas improváveis e uma colega, Greta, referira que ele rondara muitas vezes a sua casa. Ela ficava a espiá-lo da janela e descera uma vez à rua para o confrontar. Christian não se mostrara hostil, apenas desvairado. Dissera que estava ali para a proteger. Greta perguntara-lhe de quê e ele mencionara os ramos.

Quais ramos?, perguntou um dos professores, mas Marina ignorou-o. Christian, prosseguiu, parara de tomar os remédios sem avisar ninguém. Tinha sido muito convincente com os pais, que também não se tinham apercebido. Após o internamento de urgência, tinha sido transferido para um centro onde

já estivera uma vez. Obviamente, não iria concluir o curso.

Era um dia de novembro luminoso, a baía cintilava para lá das janelas da sala onde nos reuníramos. Pesava no ar dourado da manhã a desconfiança relativa a uma falha qualquer da nossa parte. Mas em que é que falháramos ao certo? Atenção? Cuidado? Intuição?

Foram proferidas algumas palavras, entre as quais paranoia, esquizofrenia e internamento compulsivo. Nico, o professor de Comunicação Social, comentou de forma genérica que os alunos lhe pareciam mais frágeis de ano para ano.

Eu não disse que tinha ido ao Mirò à procura de Christian poucas noites antes, que caminhara com ele durante boa parte da noite, nem que eu, só eu naquele corpo docente, conhecia o aspeto dos ramos de que ele falara a Greta: *Ailanthus altissima*, ordem Sapindales, família Simaroubaceae. Introduzida em Itália para a produção de seda em meados do século xix. Uma espécie invasora entre as piores em circulação. É possível, profe, que uma matéria de estudo leve a melhor sobre nós?

Vi na transparência do vidro o quarto de Christian, vi as raízes do ailanto a insinuarem-se de debaixo do chão, a partirem os mosaicos com os seus nós em vários pontos; vi os rebentos a nascerem e a prolongarem-se, a tornarem-se juncos elásticos, a furarem o colchão e a endurecerem cada vez mais, enquanto a cama se enchia de folhas. A vegetação cobria agora as paredes e o teto também, o quarto era já uma floresta, as ramagens iam abanando ritmicamente com a música que vinha do Mirò, e Christian estava lá no meio, aprisionado pelos ramos, pelas espécies invasoras, pelos pensamentos invasores. Já não havia maneira de cortar as ervas, só dava para desenraizar. Vi-o a agarrar no primeiro objeto que tinha à mão, um garfo que ficara ali ao lado, e a defender-se com ele.

É possível, profe?

Christian desprende os ramos, arranca-os, aliás, mas estão enrolados nos seus pulsos, nos tornozelos, no pescoço, e multiplicam-se. Manuseia ao acaso o garfo, freneticamente. Os ramos de ailanto entram-lhe pelas narinas, entre os tendões dos dedos, no esterno e no ânus, produzem mais folhas e ele tem de as procurar na carne com a ponta.

Marina perguntou se tínhamos perguntas. Nenhuma? Podíamos então passar às propostas sobre como abordar o sucedido com a turma. Havia um gabinete de psicologia, era preciso incentivar a rapaziada a utilizá-lo. Nem mesmo então intervim. Não disse nada do que acabara de ver na transparência da janela, dentro do quarto de Christian. Éramos todos cientistas ali, cientistas ou pelo menos ex, e nada do que eu imaginara era objetivo ou verificável. Fiquei em silêncio. Ouvi as propostas.



Terminado o curso, regressei a Roma. Agora que metera na cabeça as espécies invasoras, também a cidade parecia diferente, infestada de rincospermos que em maio inundariam o ar com um cheiro adocicado (proveniência: China), de periquitos que apinhavam as palmeiras da Via Nazionale (Índia), das próprias palmeiras (Canárias) e do parasita que estava a matá-las (China). Era algo que tentava não dizer a Lorenza sempre que saíamos de casa, pois era exatamente aquilo que o meu pai faria.

A 19 de dezembro, fiz trinta e quatro anos, embora não me lembre de nada desse dia. No telefone só há duas fotografias correspondentes à data, duas naturezas-mortas culinárias: uma travessa de vegetais crus, cortados longitudinalmente, com uma tigela de maionese ao centro, e um primeiro plano da minha mão a apertar um frasco de conserva, com o que me parece ser uma pose desafiante, como que a dizer a alguém: Estou nos preparativos. Julgo que teremos convidado amigos para jantar, não faço ideia de quantos nem de quem, mas os vegetais no prato são suficientes.

Acima de tudo, não tenho nenhuma recordação de ter interrompido a festa pouco depois das oito, quando um camião Scania guinou para um mercadinho de Natal, em Berlim, atropelando dezenas de pessoas. Na verdade, nem sei já como tomei consciência dessa notícia, nem se acendi a televisão para saber mais a esse respeito, ainda que terá com certeza acontecido. Tal como terei acompanhado, nos dias seguintes, a caça ao suspeito, Anis Amri, e o tiroteio em Sesto San Giovanni em que foi morto, a indignação pela forma como o terrorista mais procurado da Europa transitara serenamente da Alemanha para França e por fim para Itália.

Também terei sabido, a dada altura, que talvez o camião assassino tivesse partido dias antes da minha cidade, Turim, e que tivessem sido carregadas justamente aí as vinte e cinco toneladas de aço que transportava. Havia uma contiguidade inédita entre as nossas vidas e uma nova forma de mal absoluto – a expressão é batida, mas não saberia como defini-lo de outro modo –, um mal que brotava aqui e ali no continente como uma flor apodrecida. No entanto, eu e Lorenza continuávamos a fazer tudo o que sempre fizéramos, incluindo as festas de aniversário.

Nesse período, Giulio confessou-me que via os vídeos das decapitações. Encontrava-os em versão integral no Tor. São um gênero de direito próprio, dizia-me, com uma estética definida. Repara nas cores: o preto dos carrascos e a cor de laranja luzidia das fardas dos prisioneiros. Se prestares atenção, estão sempre limpas e engomadas, como se as tivessem retirado do celofane um segundo antes.

Os condenados à morte eram equânimes, não berravam, não procuravam sabotar a encenação, era como se não quisessem estragar a qualidade do plano. Presta atenção às mudanças de enquadramento, escrevia-me Giulio, presta atenção à montagem. Não são vídeos feitos para serem vistos, são feitos para serem apreciados. Lustrosos como as séries televisivas.

Comecei por escolher a decapitação de um jornalista japonês com o olhar vítreo. Depois, a de um trabalhador humanitário inglês, e por fim o vídeo dos vinte e um egípcios levados em fila, devagar, ao longo de uma praia, executados em uníssono numa disposição geométrica perfeita.

La vendo os vídeos e trocando *e-mails* com Giulio para os comentar. Havia vários aspetos que importava esclarecer, por exemplo, como seria difícil chegar a um gesto impecável como aquele que os carrascos publicavam *online*. Será que treinavam para o conseguir? Quanto e de que forma o faziam? Teriam manequins ou experimentavam em animais, quiçá em cadáveres? E havia a questão fascinante dos sete segundos. Alguns especialistas em neurobiologia sugeriam que a consciência poderia durar no máximo sete segundos após o corte da cabeça. O que tornava a degolação uma morte espetacular, mas também particularmente misericordiosa. Mas quem poderia ter a certeza? Sete segundos: o tempo de evaporação do eu. Mais um mistério que a ciência jamais resolveria.

Apercebo-me hoje, ao percorrer à distância de apenas cinco anos os meses entre 2016 e 2017, da dificuldade que é determinar as relações de causalidade entre os acontecimentos. Via os vídeos das decapitações do ISIS porque queria convencer-me de que o presente era demasiado inóspito para trazer filhos ao mundo, ou seria o contrário? Todavia, talvez as duas coisas não estivessem minimamente relacionadas. Se calhar estava só cativado por aquele horror novo, como tantos estavam. Fosse qual fosse o caso, ao compilar esta crónica de um tempo recente que parece tão distante já, é como se devesse cingir-me a compaginar os factos sem forçar nenhuma ligação entre eles, aceitando que poderão existir correspondências quando muito. E sem sequer tentar retirar daí uma conclusão moral.

Existe um estudo, publicado na *American Psychologist* e realizado sobre uma amostra de três mil norte-americanos, que investigou quais seriam as motivações que levavam pessoas como eu e Giulio e outros milhões a ver as decapitações. Nesse período, segundo a investigação, vinte por cento dos

entrevistados fizeram-no parcialmente e cinco por cento integralmente. Tratava-se na sua maioria de homens cristãos e todos tinham começado mais ou menos como nós, com as melhores das intenções, por assim dizer. O estudo evidencia uma forte correlação com estar desempregado ou ter sofrido violências no passado: não era o nosso caso, nem o meu nem o de Giulio, pelo menos que eu soubesse. Mas é possível que a estatística não seja suficientemente lata para detetar a incidência das paternidades falhadas ou daquelas que, como no caso de Giulio, se revelavam exceccionalmente dolorosas com os anos.

Nesses meses, convivemos mais do que o habitual graças ao seu processo de responsabilidade parental. Estávamos em Roma da primeira vez que ele me falou do assunto. Foi por alturas do Dia de Reis, sou capaz de o reconstituir com precisão porque a cidade tinha sido acometida por uma vaga de frio anómala, temperaturas inferiores a zero e um vento tenso. Nunca vira a fonte da Via dei Serpenti congelada e foi aí que parámos certa manhã. Adriano estava a soltar com as mãozinhas nuas as estalactites de gelo que se tinham formado na beira e acabou por não resistir ao instinto de lamber uma, enquanto Giulio me perguntava se lhe daria uma ajuda testemunhando perante o juiz.

Testemunhar o quê?

Sobre mim e o Adriano. Como estamos juntos. Ou seja, que não há maus-tratos nem nada desse género.

Alguém acha que há?

Giulio encolheu os ombros: Se te apetecer, terias de passar algum tempo connosco.

Não que nunca o tenha feito.

Sim, mas o testemunho tem de ser pormenorizado.

Ou seja, seria para estar com vocês como uma espécie de inspetor?

Giulio soltou também uma pequena estalactite e ficou a rodá-la entre as mãos. Detesto ser observado, disse. Mas acho que conseguiria suportar ser observado por ti.

Era de longe a coisa mais íntima que alguma vez disséramos um ao outro, pelo que houve um momento de silêncio, até que Giulio recomeçou: Os meus pais também vão testemunhar. Mas a voz deles é considerada menos atendível, por razões óbvias. No teu caso, também por aquilo que fazes, o depoimento teria um outro peso.

Claro, disse eu.

Se não te apetecer, eu percebo. É uma chatice enorme e

Já disse que o faço.

Como não dava para aguentar estar ao relento, enfiámo-nos num *fast food* na Piazza della Repubblica. Adriano queria um cachorro-quente. Giulio opôs-se porque da última vez tinha ficado com cólicas, mas Adriano desatou a sacudir-lhe o joelho com um ímpeto tal que ele acabaria por ceder.

Está cada vez mais mimado, disse-me, como se tivesse de se desculpar

comigo. Depois, corrigiu-se: Estamos a mimá-lo cada vez mais.

Eu já olhava para eles de outra forma, como se os avaliasse. Levantámos o tabuleiro e sentámo-nos a uma mesa junto da janela. Adriano devorou o seu cachorro-quente desafiando por diversas vezes o pai com um ar triunfante. Talvez nem sequer lhe apetecesse, só lhe interessava levar a melhor sobre o pai.

Eu sabia e não sabia como é que as coisas entre Giulio e Cobalt se tinham degradado àquele ponto. A sua discrição só me concedera alguns indícios avulsos. Quanto a Cobalt, procurara-me ao início, procurara Lorenza, melhor dizendo, para longos telefonemas de desabafo, mas tinham deixado de falar uma com a outra. A parcialidade é quase inevitável quando se assiste a uma separação.

Estive presente aquando do seu primeiro encontro. Eu e Giulio estávamos no último ano, o segundo do mestrado, e inscrevêmo-nos numa escola de verão de Física das Altas Energias no CERN, onde estavam previstas aulas dadas por personalidades do calibre de Yuval Grossman e Edward Witten. Havia uma centena de jovens físicos provenientes das universidades de meia Europa, tínhamos *badges* com o nome impresso e, durante os *coffee breaks*, aventurávamo-nos em discussões sobre temas que só compreendíamos em parte.

Cobalt era uma das alunas com camisola de felpa e cabelo preso. Sentara-se perto de nós na cantina e pusera-se a falar de variedades diferenciáveis, assim do nada, como que para nos incluir nos seus pensamentos do intervalo para o almoço. Eu e Giulio ficámos em silêncio, um pouco atemorizados. Mas vocês não são teóricos?, perguntara ela, apercebendo-se da nossa titubeação. Teoricamente, sim, respondera-lhe Giulio, o que a fizera rir. Teóricos teóricos, repetira, como se fosse a piada mais inteligente que calhara ouvir nos últimos tempos. Apresentara-se. O pai, químico, pusera-lhe aquele nome extravagante, mas a coisa correria pior ao seu irmão, chamaram-lhe Tellure, e não, não estava de todo a brincar. Giulio reparara na sua pulseira e adivinhara-lhe a proveniência, pelo que desataram a falar de viagens um com o outro.

Eram um casal promissor. Era o que dizíamos muitas vezes, eu e Lorenza, no breve período em que nos demos os quatro: São o casal mais promissor que conhecemos. E contudo.

Se Adriano não estivesse connosco, no *fast food* da Piazza della Repubblica, eu e Giulio teríamos voltado a falar das decapitações. Ao invés, a dada altura e como que por obrigação, pediu-me informações acerca do meu projeto. Talvez pretendesse equilibrar a atenção até então dedicada a si e ao miúdo. Perguntei-lhe a que projeto se referia. A bomba, certo?, respondeu.

Ah, esse. Não avancei. Ou seja, abandonei-o.

Agradava-me como ideia.

É físico, é óbvio que iria agradecer-te. Mas garanto-te que lá fora ninguém está à espera de outro livro sobre a bomba atómica.

O que sabes tu do que estão à espera lá fora?

Para não ficarmos de mãos a abanar, pedíramos uma dose de batatas fritas para os dois que íamos mergulhando à vez nos molhos. Giulio pediu-me licença para os misturar.

Sabes o que sempre me espantou?, disse. Que nunca se tenha falado do assunto na universidade. Quantos exames de física nuclear tivemos? Estudámos a fissão, a reacção em cadeia, sabíamos repetir todas as contas, mas nunca ninguém citou a bomba. Nem sequer o Ferrone. E sabemos perfeitamente o que se dizia sobre o Ferrone.

Sobre Ferrone dizia-se que nos anos do pós-doutoramento em Moscovo conhecera nada mais nada menos do que Lev Landau, e que se tornara espião nuclear. Do seu passado no Leste, na verdade, só restavam como vestígios os telefonemas à namorada russa, desmedidamente mais nova, com os quais interrompia todas as aulas gritando *privet golubka!*, bom dia, pombinha!

Se calhar achavam que era coisa de engenheiros, atirei.

Julgo que era outra coisa. Julgo que todos os físicos desenvolvem um certo desinteresse instintivo por essa história. Como se não lhes dissesse respeito. No entanto, se aprofundares um pouco a história desses anos, no Projeto Manhattan e nos dos outros países, vais lá encontrar todos os nomes dos teoremas que estudámos. Fermi, Heisenberg, Oppenheimer, Wigner. Todos estavam envolvidos, bons e maus, todos concordavam que se devia avançar. Mais tarde, justificaram-se dizendo que não havia alternativas à construção da bomba, nem à proliferação dos armamentos. Mas, na minha opinião, é muito pior do que isso: estavam entusiasmados, ou pelo menos estiveram-no durante uns tempos. Só quando começaram a perceber que as coisas eram de facto a sério, quando se aperceberam de que estavam a fabricar um potencial fim do mundo no laboratório, é que alguns recuaram.

E aonde nos levará esta tua consideração?, disse eu.

Não sei. Talvez à ideia de que na realidade as pessoas mais inteligentes do planeta, pois não há dúvida de que aqueles físicos o eram, também não percebem nada do presente. Como se, pelo presente, apenas fosse possível sermos... arrastados.

Giulio cedeu o telefone a Adriano para que pudéssemos prosseguir a conversa em paz, embora não tenhamos avançado muito. Eu ficara um pouco triste: por mim, pois parecia-me havia algum tempo que não fazia outra coisa senão abandonar projetos, ou outra vez por ele, pois tinha a impressão de que dera uma volta tortuosa para tornar a falar de si, de Adriano e de Cobalt, do seu presente, embora eu não fosse capaz de decifrar como.

A caminho de casa, fiz um desvio pela Via Panisperna. Parei na praceta onde outrora ficava o instituto de física. Lá dentro, Enrico Fermi percebera que bombardeando certos núcleos com neutrões lentos era possível obter

novos elementos. A bomba não começara assim, embora também tivesse começado assim. Havia gabinetes ministeriais no local do instituto e o acesso não era permitido, algo que eu sabia desde o período em que fizera as primeiras investigações. Projetara-me por várias vezes através da imaginação para o interior daquelas salas, vira Fermi a correr de uma sala para a outra levando as fontes radioativas encostadas à barriga, provocando as mutações que acabariam por lhe causar um cancro no estômago.

Em casa, encontrei Lorenza a falar ao telefone, fui andando à sua volta até que ela desligasse. Falei-lhe de Giulio e do favor que me pedira: teria de ir a Paris algumas vezes por causa dele. Lorenza disse que não lhe parecia caso para alguém se deixar envolver assim.

Deixar-me envolver seria a base do meu ofício.

E, de todo o modo, Giulio estava disposto a pagar-me os bilhetes de avião, se a sua preocupação fosse essa. Ela olhou-me com estranheza.

Não, claro que não iria de facto pedir que mos pagasse! Era só para dizer que havia essa possibilidade.

Vai lá a Paris, disse ela. Depois, pôs-se outra vez a tamborilar no telefone, impaciente para retomar o que eu interrompera.

Fui à casa de banho. Fiquei lá alguns minutos, até que voltei à sala e lhe anunciei que percebera finalmente aquilo que pretendia escrever. Iria recuperar a ideia da bomba, desta vez estava decidido, tinha a chave de acesso. Aliás, se me desculpasse, iria começar de imediato.



Muitos dos sobreviventes das bombas de Hiroxima e Nagasáqui descrevem a explosão atômica como um acontecimento silencioso. O termo japonês para se referir a ele é *pikadon*, a junção de *pika*, luz, e *don*, estrondo. No entanto, como escreve John Hersey, quase nenhum dos sobreviventes se lembra de ter ouvido o barulho do rebentamento. Todos se lembram, pelo contrário, do clarão de luz.

O *flash* antecedeu a onda de choque um tempo suficiente para que as pessoas pudessem contemplá-lo. Por instantes, a paisagem transformou-se com cores nunca vistas, muitos falam em branco, embora outros falem em vermelho, amarelo, cor de laranja, azul. Efetivamente, nas gravações de ensaios atômicos, o *flash* assume diferentes tonalidades umas a seguir às outras, como se a película estivesse danificada. Quando a onda de choque colidiu finalmente com Hiroxima e Nagasáqui, foi tão potente que já não deu tempo para que as pessoas se apercebessem do que quer que fosse.

«Às 8:15 [de 6 de agosto de 1945], vi o *flash* branco-azulado da janela», disse Setsuko Thurlow no discurso de atribuição do Prémio Nobel da Paz. «Lembro-me de ter tido a sensação de flutuar no ar.» A sua lembrança faz sentido do ponto de vista físico: a derrocada do prédio sob os seus pés terá sido tão instantânea que a deixou por momentos suspensa, pela inércia, antes de também ela se precipitar.

Também Hiroshi Sawachika, que tinha vinte e oito anos, escreveu que após o *flash* se sentiu repentinamente «no vazio». E Shuntaro Hida, nas suas memórias, fala de uma experiência de voo. No dia 6 de agosto de 1945, estava fora da cidade para visitar uma menina na aldeia de Hesaka, a cerca de seis quilómetros do *ground zero*. Estava prestes a administrar-lhe uma injeção quando o *flash* o encandeou. Bebera bastante na noite anterior, pelo que é possível que inicialmente tenha atribuído esse estranho fenómeno a uma alucinação. Ao contrário de Setsuko Thurlow, Shuntaro Hida também refere a vaga de calor que o assaltou. Viu o telhado da escola a erguer-se no céu e, um segundo depois, também ele estava suspenso no ar, impelido pela força do choque ao longo de duas salas e contra um pequeno altar budista. Para o resto da vida, subsistir-lhe-ia a dúvida se teria ou não administrado a injeção à

menina.

Enrico Fermi vira o *flash* antes deles, mais precisamente vinte dias antes, durante o Trinity Test: para todos os efeitos, a primeira explosão atômica da história. Nessa altura, tinha quase quarenta e quatro anos, vencera já o Nobel e fugira para os Estados Unidos após a introdução em Itália de leis raciais que incidiriam sobre a mulher, Laura. Dera por si a prosseguir lá os seus estudos sobre o urânio, sobre os neutrões lentos e os decaimentos radioativos, mas agora com vista à construção da arma mais potente alguma vez imaginada. A 16 de julho de 1945, no deserto do Novo México sinistramente chamado Jornada del Muerto, o projeto era levado a cabo.

Na realidade, Fermi viu a explosão sem a ver, pois nesse instante preferiu arredar o olhar do vidro escurecido que o separava do deserto. «Tive a impressão de que, de repente, o campo estava mais iluminado do que em pleno dia», escreveria. É uma pena que o Sol não tivesse nascido ainda, eram apenas cinco e meia da manhã.

O que Fermi fez em vez de olhar é suficientemente conhecido: preferiu medir. Rasgou uma folha de papel em pedaços, deixando-os cair ao chão à chegada da onda de choque e medindo então a que distância da sua mão o vento da bomba os teria levado. Com um cálculo vetorial do primeiro ano da universidade, estimou que a explosão de *The Gadget*, a bomba usada no teste, corresponderia a cerca de dez mil toneladas de trotil. Como era frequente acontecer-lhe, não falhara por muito.

Quando voltou a olhar para o vidro escurecido, a explosão nuclear era já a que conhecemos: uma nuvem cinzenta a fugir velocíssima para o céu, alargando-se, perseguida por uma coluna ascensional de areia e pó. No deserto de Jornada del Muerto, a cabeça e o pé do cogumelo atômico atingiam o máximo da espetacularidade, pois os raios gama faziam com que a areia borbotasse do solo, aumentando o pó. É o que os cientistas designam por «efeito pipoca».

Depois do Trinity, vários físicos do Projeto Manhattan achavam que as bombas não viriam realmente a ser utilizadas, não de todo em alvos civis. Tratava-se de armas demasiado destrutivas para não servirem apenas para fins demonstrativos. Robert Oppenheimer, responsável pela secção científica de Los Alamos, estimava que, largadas sobre uma cidade, causariam cada uma cerca de vinte mil mortos. O seu cálculo era daqueles a que os cientistas chamam *back-of-the-envelope*, ou seja, feitos em cima do joelho e rabiscados em folhas improvisadas. Ao contrário de Fermi, Oppenheimer estava enganado: só em Hiroxima, os mortos diretos seriam mais de cem mil. Porém, se alguém tivesse mencionado um valor do género então, a ele ou a qualquer

dos seus colegas físicos, ninguém teria acreditado.

A incredulidade surge como uma constante quando percorremos a história da bomba. Muitos dos cientistas mais respeitados no mundo, entre os quais Albert Einstein e Niels Bohr, eram céticos quanto à possibilidade de que a bomba atômica pudesse de facto ser concretizada, não de qualquer forma até ao fim da guerra. Todavia, no verão de 1945, as bombas prontas até eram duas, com materiais físséis diferentes e tecnologias especiais.

E o que os cientistas pensavam ou deixavam de pensar já não tinha nenhuma importância. Pelos relatos que nos chegaram, parece que os procedimentos em Los Alamos se desenrolariam nessa altura de uma forma muito burocrática, expedita, tipicamente militar. Tinha sido posto em marcha um projeto, o projeto tinha como fim concretizar a bomba atômica e, uma vez concretizada, a bomba deveria ser largada algures. Sabemos hoje que a hipótese demonstrativa nunca foi seriamente tida em conta. Pelo contrário, após todo o esforço económico e intelectual, as primeiras explosões deveriam causar o máximo de destruição possível, assombrar o mundo.

Para que a destruição fosse realmente aparatosa, era necessário um alvo incólume. Um comité de cientistas e militares compilou uma *shortlist* das cidades japonesas a avaliar como objetivos. Hiroxima estava inicialmente no segundo lugar. Os bombardeamentos dos B-29 tinham-na deixado intacta até à data, ao contrário de Tóquio, que seria uma escolha mais óbvia, mas já estava em ruínas.

Quioto, a antiga capital imperial, parecia a mais promissora, pelo valor cultural, simbólico e pela quantidade de casas e templos de madeira que arderiam otimamente e de forma espetacular. Porém, Henry Stimson, secretário para a guerra que participava nas reuniões do comité, estivera de lua de mel em Quioto cerca de vinte anos antes e guardava uma bela lembrança dessa viagem. Insistiu para que ela fosse poupada.

Hiroxima passou do segundo lugar para primeiro. A seguir vinham Kokura, Niigata e Nagasáqui. Para escolher qual atacar, só restava confiar nas previsões meteorológicas e não deixar escapar o primeiro dia de sol.

A 6 de agosto de 1945, às 8:15, a *Little Boy* foi largada sobre Hiroxima por um B-29.

Três dias depois, a 9 de agosto, às 11:02, a *Fat Man* explodiu na zona ocidental de Nagasáqui.

Após o *flash*, Setsuko Thurlow acordou debaixo dos escombros. Ouvia à sua volta as vozes das outras raparigas, vozes suplicantes ainda que abafadas, e depois a de um homem que lhe dizia para seguir um raio de luz e continuar a fazer força para se libertar.

Safou-se, ao contrário das suas colegas de escola, mais de trezentas, que foram queimadas vivas ao cabo de poucos minutos. No exterior do edifício, na cidade inexistente, Setsuko Thurlow viu sobreviventes com a pele a pender-lhes dos ossos. Uma pessoa a segurar os globos oculares na mão.

A pele a pender dos corpos é um dos pormenores visuais recorrentes nos testemunhos de sobreviventes. No regresso a casa, na noite de 6 de agosto, Hiroshi Sawachika deparou-se com uma coluna de feridos que seguiam pelos carris da via-férrea. «Olhei atentamente e percebi que o que pareciam tiras de tecido era na realidade abas de pele soltas dos braços devido às queimaduras.» Era um médico de vinte e sete anos, recém-casado, de serviço no hospital militar de Ujinacho. Após ter recuperado os sentidos, dedicara-se imediatamente a tratar de uma pessoa ferida, mas muitas outras não tardaram a brotar na sala devastada do hospital. Hiroshi Sawachika descreve-as como espectros: emitiam sons estranhos, gemiam e choravam, embora se tivessem posto ordeiramente em fila a aguardar a sua vez. A dada altura irrompeu uma mulher com um menino nos braços. A explosão cegara-a, pelo que não conseguia ver que o menino estava morto. Misericordiosamente, o médico recebeu-o sem lhe revelar nada, e ela teve tempo de parecer «aliviada» antes de cair ao chão, inanimada.

Os médicos e os enfermeiros tinham sofrido a explosão à semelhança dos restantes. Noventa e um por cento dos presentes na cidade, segundo cálculos posteriores, tinham sido expostos. Tratava-se, portanto, de feridos e moribundos que procuravam tratar de outros feridos e moribundos, na rua ou dentro de hospitais meio desmoronados, sem medicamentos nem apetrechos de nenhuma espécie. Na maioria dos casos, pincelavam mercurocromo em rasgões horripilantes.

Entre eles estava também Yutaka Tani, que tinha trinta e um anos e era otorrinolaringologista. Lembra-se de que os feridos mais graves foram agrupados no átrio do hospital da Cruz Vermelha, estendidos em tatamis, «distribuídos como atum no mercado do peixe». Sob as ligaduras, as feridas pululavam de larvas de moscas, era impossível removê-las todas, pelo que havia enxames de insetos a voar no ar.

Mas tudo isso – ou seja, as queimaduras, os cortes supurados, a cegueira repentina, as faces cravejadas de vidros, os crânios expostos, as moscas até –, tudo isso, por mais aterrador que fosse, pelo menos era compreensível para os médicos que sobreviveram a Hiroxima. Era-o muito menos o facto de que as queimaduras tivessem uma cor diferente do normal, brancas em vez de vermelhas, e eram-no ainda menos os sintomas que começaram a manifestar-se nas horas seguintes ou ao cabo de dias: as manchas na pele, o vómito incessante, a disenteria que atingia imensa gente e que inicialmente foi confundida com um foco epidémico. Sintomas mais graves ainda em quem tivesse sido exposto à chuva negra.

Efetivamente, após o cogumelo atómico se ter elevado no céu, tiveram lugar fenómenos atmosféricos anómalos. O mais aterrador de todos: o céu

cobrira-se de nuvens escuríssimas, em cujo interior havia detritos de todo o tipo, muitos deles radioativos, que tinham permitido que o vapor de água se tivesse condensado. Começara a cair uma chuva escura e espessa.

Porém, uma vez que nunca tinha sido largada uma bomba atômica, a não ser três semanas antes num deserto do Novo México e longe dos olhares de toda a gente, uma vez que as bombas atômicas não existiam realmente, ninguém sabia o que explodira no céu de Hiroxima e ninguém sabia o que quer que fosse das radiações, da chuva negra, da contaminação e do *fall-out*.

Aliás, só havia uma pessoa que sabia. A 8 de agosto, dois dias após a explosão, o físico japonês Yoshio Nishina tinha sido levado a Hiroxima e confirmara junto do governo que se tratara de um ataque nuclear. Como poderia falar com tanta certeza? Também ele passara anos a dedicar-se à construção de uma bomba atômica para o seu país, o Japão, mas percebia agora que tinha sido demasiado lento.

Semanas após o rebentamento das bombas, para finais de agosto, os sobreviventes começaram a perder o cabelo. A perder peso. Muitos vomitavam sangue, o que levou a que inicialmente se pensasse em tuberculose.

Depois, em outubro, recuperaram. O que quer que fosse a estranha doença da bomba, parecia passageira.

No fim do ano, contudo, surgiram os queloides, cicatrizes salientes já de si bastante comuns, mas que assumiam proporções inéditas e desfigurantes nos sobreviventes. Ao cabo de três anos, tornaram-se evidentes as anemias, as leucemias e uma forma particular de catarata precoce. Mas estávamos já nos anos do pós-guerra, da corrida ao nuclear, não convinha a ninguém que os estudos sobre os efeitos a longo prazo da bomba A circulassem demasiado. Os sobreviventes eram em geral escondidos, as suas doenças ignoradas.

Hagie Ota atribuíra à sua doença a designação de síndrome *itai-itai*, que seria algo como síndrome ai-ai, ou síndrome dói-dói. Viveu o resto da vida num sofrimento imenso e constante. Durante um encontro comemorativo, em 1978, disse: «Sinto um cansaço generalizado. O meu corpo pesa-me, como se envergasse uma armadura.»

A 6 de agosto de 1945, salvou-se porque desobedecera. Transgredindo as diretivas que recomendavam roupas pretas para que se tornassem menos visíveis em caso de ataques aéreos, Hagie Ota vestira-se de branco. O branco, que reflete a radiação eletromagnética em vez de a absorver, poupava-lhe parcialmente as queimaduras, ainda que ela só viesse a percebê-lo muito tempo depois. Tal como haveria de perceber muito depois que atravessar todos os dias o *ground zero* para ir buscar objetos de que precisava, e sobretudo beber lá água, não tinha sido de todo prudente.

Entretanto, as radiações também tinham provocado uma chacina diferida

entre os cientistas. Num dos laboratórios de Los Alamos, em 1946, Louis Slotin estava a trabalhar com uma massa subcrítica de plutónio, rodeada por duas semiesferas de berílio: uma tecnologia amistosamente designada como «núcleo do demónio». Em vez de utilizar os separadores para distanciar as semiesferas, tal como previsto no protocolo, Slotin decidiu fazê-lo mais desenvoltamente com uma chave de parafusos, que um dia, como é próprio das chaves de parafusos, lhe saltou da mão. As massas de berílio entraram em contacto deixando de imediato o plutónio em condições de supercriticalidade e emitindo um *flash* azul, um borbotão intenso de raios gama e neutrões. Minutos depois, Slotin estava a vomitar e morreria nove dias mais tarde.

Devido à promiscuidade com as radiações, morreriam Irène Curie e o seu marido Frédéric Joliot, e o próprio Enrico Fermi. Tinham passado nove anos desde Hiroxima e o mundo munira-se já de cerca de duas mil e quinhentas ogivas nucleares.

Quanto a quem descobrira as radiações, Marie Curie Skłodowska, não tivera tempo de assistir a nada disto. Nos seus últimos dias de vida, tinha as mãos completamente queimadas por seres fosforescentes, mas recusava-se a aceitar que a causa fossem as fontes de rádio e polónio que manuseara sem proteções ao longo de anos. Tinham já sido publicados estudos sobre a interação entre radiações ionizantes e tecidos biológicos, mas Marie Curie Skłodowska, duas vezes Prémio Nobel, morreu como negacionista. Com a reconfortante convicção de que as radiações que descobrira não trariam à humanidade nada senão coisas positivas.



No fim da guerra, perturbados com as consequências do seu trabalho (isto é, com a chacina de centenas de milhares de pessoas e com a eliminação de duas cidades), alguns físicos do Projeto Manhattan formaram uma associação sem fins lucrativos chamada *Bulletin of the Atomic Scientists*. Atribuíram-se a missão de monitorizar o andamento do risco nuclear e, para tal, inventaram um modo sintético: o *Doomsday Clock*, o Relógio do Apocalipse. No Relógio, a chegada à meia-noite coincide simbolicamente com o fim do mundo.

Segundo os cientistas do *Bulletin*, as coisas não estavam a correr muito bem no início de 2017. No relatório desse ano lê-se: o comité «decidiu deslocar o ponteiro dos minutos do Relógio do Apocalipse trinta segundos para mais perto da catástrofe. Faltam agora dois minutos e meio para a meia-noite».

As razões eram várias: os Estados Unidos e a Rússia estavam a provocar-se em várias frentes, em particular na Síria e na Ucrânia, ao mesmo tempo que levavam a cabo a sofisticação dos seus arsenais, e a Coreia do Norte prosseguia com os ensaios atômicos. Se já não se falava de ameaça nuclear, não era porque ela já se tivesse esgotado, mas apenas porque saíra do radar do interesse público. Em jeito de comparação: em 1990, o Relógio estava a dez minutos do Apocalipse.

Apesar do *Bulletin*, eu não me sentia lá muito mal no início de 2017, e de todo o modo não pelas razões enumeradas no relatório. Após o dia do meu anúncio um pouco crasso a Lorenza, trabalhara com uma constância invulgar no livro sobre a bomba, pondo por escrito cerca de setenta páginas. De manhã, realizava longos percursos a pé por Roma, bordejando a margem do Tibre, da Ponte Cestio até Castel Sant'Angelo, enquanto planeava mentalmente a escrita da tarde. Procurava imaginar o que se teria passado nas mentes dos físicos que tinham trabalhado na bomba, como se misturariam dentro de si o furor da descoberta e o desassossego com as consequências mais extremas, onde estariam a miopia, a vontade explícita de não ver, e em que proporções. Tentava adivinhar como me comportaria eu no seu lugar: se teria avançado, se teria abandonado, se teria sido capaz de ver o futuro e se me teria mostrado

então à altura dessa visão.

Nas pausas do livro, brincava com o Nukemap, um simulador *online* que permitia detonar ogivas nucleares em qualquer parte do mundo, alterando a sua potência para quantificar a área de destruição, o número de vítimas e a extensão do *fall-out*. Fazia rebentar a *Little Boy*, depois passava à *Fat Man*, ativava-a primeiro no chão, depois a quinhentos metros de altitude: dessa forma, as vítimas duplicavam.

Experimentava uma bomba a seguir à outra, até à mais potente de todas, a Bomba Tsar de cinquenta megatoneladas. Como alvo, escolhi quase sempre o telhado da nossa casa. Segundo a simulação do Nukemap, a Tsar deixaria uma cratera com quatrocentos metros de profundidade no centro de Roma, a onda de choque estilhaçaria as janelas em Anzio e Civitavecchia e o cogumelo atômico prolongar-se-ia no céu até a uma altitude de quarenta e cinco quilómetros.

Não era o único a entreter-me assim: o sítio registava o número total de detonações por parte dos utilizadores, que já ultrapassara os dois milhões. Havia por aí milhares de aspirantes a destruidores de mundos. O fim da espécie humana era um novo passatempo.

Quanto a mim, pensava muito na bomba e já não nos filhos que eu e Lorenza não haveríamos de ter. Tinha lucidez suficiente para me aperceber de que se tratava de uma troca desfavorável, mas o que poderia eu fazer?

Saiu nesse período a notícia de uma extravagante proposta de lei, apresentada por um político sueco chamado Per-Erik Muskos. Muskos pretendia conceder aos funcionários públicos uma hora extra por semana de intervalo para o almoço para que pudessem dedicar-se especificamente ao sexo. A norma, além de aumentar o bem-estar psicofísico dos empregados, teria como efeito encorajar a procriação, num país com uma taxa de natalidade a cair a pique. Era o tipo de notícia sugestiva que permitia que os locutores radiofónicos se safassem durante pelo menos um quarto de hora e, efetivamente, eu ouvira-a na rádio, para depois dar por mim a refletir sobre o que eu e Lorenza faríamos com essa hora extra de liberdade. Duvidava que a utilizássemos para o sexo. Faria isso de nós um casal anómalo? E anómalo significava falhado? Fosse qual fosse a resposta, eu esperava que tal lei nunca viesse a ser aprovada em Itália.

Anos antes, no curso pré-matrimonial, Karol propusera-nos um exercício: seleccionar qual dos cinco sentidos conservar se tivéssemos de repente de perder todos os outros. Como era previsível, a quase totalidade do grupo decidira salvar a visão, à exceção de uma tipa que escolhera o olfato e outros três, entre os quais eu, que tinham preferido a audição. Após a partilha, cada casal tinha sido convidado a discutir o tema em privado e eu descobrira que Lorenza ficara ofendida, que levava a minha escolha a peito, como se não me interessasse muito contemplá-la. Karol sentara-se a falar connosco sobre o assunto e conseguira que ela deitasse tudo cá para fora, depois abraçara-nos, gesto que me pareceu ostensível e, na verdade, demasiado íntimo. No carro,

Lorenza dissera mas aonde é que ele foi buscar aquilo? No entanto, fizemos amor nessa noite com uma alegria insólita e eu sabia que de alguma forma misteriosa o mérito era seu.

Voltava por vezes a pensar no assunto, sobretudo após a minha vida sexual com Lorenza se ter tornado fragmentária e penosa. Interrogava-me qual seria o elemento que descerrara naquele dia uma inesperada cumplicidade entre nós: a sequência de afastamento-esclarecimento?, as gargalhadas no carro?, ou o abraço de Karol? Se fosse capaz de descobrir a sua origem, poderia, porventura, aplicar o mesmo esquema repetidas vezes.

Escolhêramos o curso pré-matrimonial com base num critério simples: deveria ser administrado por um pároco progressista, e Karol, pelas referências que nos tinham dado, era esse tipo de sacerdote. Após o casamento, que ele próprio celebrara, mantivêramos o contacto e, durante um período, frequentáramos juntos um curso de boxe amador, em San Lorenzo.

Era agora o único a saber dos holandeses. Eu hesitara antes de lho contar, receava que me interpretasse mal ou, pior do que isso, que interpretasse mal Lorenza, pela qual tinha uma veneração. Oficialmente, Karol era especialista em uniões conjugais, mas aquela em que nos metêramos parecia uma circunstância excecional, muito mais difícil de compreender, um ângulo cego em que várias emoções contrárias entravam em derrocada, perdendo cada uma delas a sua forma, deixando de ser nomeável.

Estava enganado. Quando lhe falei do assunto, Karol permitira que as frases rúissem dentro de um dos seus grandes silêncios isentos de censura. Depois, perguntara-me se me sentia mais ou menos feliz em relação àquela noite e eu respondera-lhe com sinceridade que não sabia, mas que estava sem dúvida mais dormente.

Em fevereiro, convidou-me para ir nadar à praia. Um dos paroquianos oferecera-lhe um fato de inverno e ele queria experimentá-lo. Não me apetecia muito interromper a rotina da escrita, mas lá acabei por ceder. O saldo de atenção recíproca estava sempre tão desequilibrado a seu favor que não permitia que eu me furtasse aos seus convites. Às sete da manhã fui buscá-lo à porta da igreja, estava à minha espera atabafado com luvas e chapéu. Não havia necessidade de arrancarmos assim tão cedo, ainda às escuras, mas os dias de Karol eram mais cadenciados do que os meus, repartidos por compromissos comunitários, e começavam muito antes.

No carro, ofereceu-me um pouco da torta que guardara num guardanapo de papel. Por essa altura, já eu superara o sono e estava estranhamente agradecido por ele me ter obrigado a levantar-me. Nunca via aquela hora da manhã e estava a achá-la fortificante, limpa. Foi isso mesmo que lhe disse e ele, olhando para lá da janela, respondeu num tom chato: Eu vejo-a sempre.

Na praia, pusemos a custo os fatos, deveríamos parecer inexperientes e

desajeitados, mas não havia ninguém a observar-nos.

Karol estava inquieto com as ondas, eram mais altas do que o boletim dos ventos lhe prometera. A mim não me pareciam nada de especial. Passou-me as instruções sobre como fazer deslizar o fato pela pele. O meu era emprestado, pela mesma pessoa que lhe oferecera o seu, embora ele me tivesse garantido que tinha sido cuidadosamente lavado.

Ao primeiro impacto com a água, não senti nada, a não ser nos pés nus, mas assim que mergulhei um regato gélido enfiou-se-me entre as omoplatas e desceu até ao fundo das costas.

Nadámos perpendicularmente à praia, para nos afastarmos, e depois na horizontal. Percebi porque é que as ondas estavam a desassossegá-lo tanto. Avançar contra a corrente era muito mais cansativo do que o previsto, mas pior ainda era deslocar-nos paralelamente à frente de onda, que nos obrigava a corrigir permanentemente a trajetória. Além disso, a água estava turva, a visibilidade era praticamente nula, e Karol nadava a um ritmo mais veloz do que o meu, de maneira que eu tinha de erguer continuamente a cabeça para o procurar.

Quando parámos para recuperar o fôlego, espantei-me com a distância a que estávamos da costa. Devemos ter feito quanto?, perguntei-lhe.

Cerca de um quilómetro e meio.

Eu mais do que isso. Andei aos ziguezagues para me manter atrás de ti.

Ficámos estendidos durante algum tempo, o fato eliminava quase todo o esforço da flutuação. Eu observava o abdómen de Karol, coberto pelo neopreno, a aflorar como o dorso de um mamífero marinho. Sabe bem, não sabe?, perguntou-me. Sabe bem, sabe. Depois disse: Tenho uma pergunta para te fazer, embora possa parecer-te um pouco original.

Vamos lá ver se será mesmo.

Queria perguntar-te como é a vida de casal.

Atirei-lhe água para a cara e ele endireitou-se, piscando os olhos.

Não era preciso termos vindo até aqui, disse-lhe. Podes descansar a Lorenza de uma vez por todas que eu estou bem. Se lhe pareço ausente é porque estou concentrado no trabalho.

Sobre aquela história da bomba.

Sobre aquela história da bomba, exato.

Karol deu uma volta em meu redor. Enchia a boca de água salgada e depois cuspi-a. Terá ponderado a escapatória que inconscientemente eu lhe concedera, mas às tantas parou com a cara virada para o sol, ainda baixo sobre os edifícios rasteiros do litoral romano. Abraçou a boia insuflável que prendera à cintura e, sem olhar de novo para mim, disse: Na realidade, a Lorenza não tem nada que ver com isto. Estava a perguntar-te por mim.

Fiz um esforço para me manter impassível enquanto procurava a pergunta mais apropriada para lhe dirigir. Por fim, decidi que era esta: Homem ou mulher?

Uma rapariga.

Karol deixou passar bastante tempo antes de acrescentar: Mais nova do que eu.

Quão mais nova?

Tem vinte e dois anos.

Uma onda afastou-nos um do outro. Embora estivesse a sentir de novo frio nos pés, não podia ser eu a interromper aquele momento. Pus-me a fletir e a distender as pontas para evitar as câibras.

Só trocamos mensagens, disse Karol. Falamos de filmes ou de livros de que gostámos. É uma pessoa muito sensível. Com uma maturidade superior à idade que tem.

Eu nada sabia do seu desejo. Nem se ainda seria virgem. Entrara para o seminário aos vinte e um anos, pelo que tivera todo o tempo para fazer as suas experiências antes, mas quem poderia dizer? Agarrei-me à boia insuflável. Dessa forma estávamos, num certo sentido, ligados.

Não dizes nada, riu ele à socapa. Tirei-te o pio.

Não. Não, não. Nada disso.

Mas não fui capaz de acrescentar nada. Karol propôs que voltássemos a nadar.

Avançava agora mais despachado. Eu sentia os braços entorpecidos, já não conseguia sincronizar a respiração com as braçadas e tinha a impressão de que estávamos a afastar-nos demasiado da costa.

De repente, algo apareceu nas margens do meu campo visual. Acelerei para o evitar. Era uma grande medusa branca, com um bordo violeta ao longo da campânula. Afastei-me tanto quanto possível e pus-me a chamar por Karol. Quando ele finalmente se virou para vir ter comigo, fiz-lhe sinal de que queria sair imediatamente da água.

Atravessámos a praia com os fatos gotejantes. Tirámo-los perto do carro, secámo-nos o melhor que pudemos, sacudidos por arrepios, e voltámos a vestir-nos de costas viradas um para o outro. Entrevi por um instante apenas o seu corpo claríssimo, quase glabro, e pareceu-me indefeso apesar da musculatura perfeita.

Depois, sentámo-nos num murete a beber café do termos. Karol irradiava de novo a sua calma. Portanto, levava-me ali naquela manhã com uma intenção precisa, tinha sido tudo premeditado. Precisava de se ver longe de terra firme comigo, no silêncio absoluto do mar, para me confessar algo que ninguém deveria ouvir. Longe o suficiente, pensei eu, para que nem mesmo Deus pudesse ouvir aquelas palavras.

Se fosse a ti, avançaria com cuidado, disse-lhe, sem saber porque é que aquela frase me saía da boca. Logo vêes como a coisa vai. Não tomes nenhuma decisão.

Karol continuou a sorver o café fixando o mar, sem o mais pequeno sinal de resposta. Era provável que eu tivesse sido dececionante relativamente às suas expectativas. Porém, era provável que as suas expectativas em relação a mim fossem excessivas.

Chama-se Elisa, disse.

Durante todo o regresso de carro, não parou de torcer o guardanapo onde antes estivera o bolo. Os fragmentos minúsculos de papel foram-se depositando no assento, interroguei-me se o aspirador da lavagem automática os retiraria.

Karol apontou para uma praceta e pediu-me que o deixasse lá.

Mas ainda faltam dois quilómetros.

Prefiro ir a pé. Ainda tenho tempo.

Encostei, mas ele não saiu logo. Fez um trejeito com os lábios, como que a analisar algo, até que disse: Preciso de um empréstimo. Pequeno. Julgo que és o único a quem posso pedi-lo.

Talvez eu tenha hesitado um instante a mais. Sentia que não só cada palavra minha como também cada pausa era sondada. Claro, era o que mais faltava. Quanto?

Ele sorriu pela primeira vez, encolhendo os ombros. Não sei. Quanto é que custa um hotel decente? Deu-lhe para rir com os nervos. Um hotel e um jantar, talvez.

Cruzou o olhar com o meu e, nesse instante fulminante, pareceu-me muito mais novo.

Bom, tu estás mesmo enferrujado, rapaz. Deves safar-te com uns duzentos. Faço-te uma transferência se me deres os dados.

É melhor não.

Pois, tens razão.

Peguei na carteira e olhei lá para dentro, era uma cena realmente estranhíssima. Só que não sei se, disse eu. Aqui tenho cento e vinte. Podemos procurar uma caixa automática.

Está bem assim. Há de chegar.

Arrancou-me as notas dos dedos e enrolou-as antes de as fazer desaparecer no casacão. Devolvo-tos daqui a um mês no máximo.

Destrancou a porta, mas não se mexeu. Desculpa, disse baixinho.

São cento e vinte euros, não valem um pedido de desculpas.

Não. Desculpa ter-te desiludido. Como sacerdote.

Aos dez anos, o confidente secreto da minha mãe era eu. Julgo que também consigo superar isto.

Mas, desta vez, Karol ficou sério: Um guia espiritual não deveria comprometer-se. E não deveria de todo pedir empréstimos.

Parecia tão só. Eu deveria tocá-lo de alguma forma, pousar-lhe uma mão na coxa para atestar que estava ali completamente com ele, mas não era um género de contacto plausível entre nós.

É muito arrogante da tua parte sentires-te o meu guia espiritual, sabias?

No fim é quase sempre a ironia a salvar as amizades masculinas. Karol respirou fundo e foi o suficiente para que mudasse de expressão, como se a par do ar tivesse expulsado todos os pensamentos de um segundo antes. Abriu a porta e com um pé já no chão acrescentou: É inútil vincar-te que seria

melhor manter sigilo sobre isto.

É completamente inútil.

Até porque tudo isto poderá não ser nada. Aliás, de certeza que não é nada. Só mais uma prova a superar.

Vi-o a ficar mais pequeno no espelho retrovisor. Antes de desaparecer para lá da curva, saquei o telefone do casacão. Era evidente que me mentira ao dizer que pretendia ir a pé até à igreja. Queria apenas ter tempo para lhe telefonar. Interroguei-me se lhe falaria logo de mim, do dinheiro que finalmente arranjava para a sua escapadela amorosa. Tudo tinha contornos antigos e dava até uma certa vontade de rir. Mas, por trás desses sentimentos óbvios, surpreendi-me a sentir um laivo de inveja. Intuí-a as descargas de adrenalina, de serotonina e de todas as outras substâncias eletroquímicas envolvidas no bem-estar psíquico que estavam a derramar-se no cérebro de Karol enquanto procurava o número da rapariga na agenda, enquanto esperava que ela atendesse, enquanto ouvia a sua voz ainda pastosa do sono e ia entretanto andando na berma da estrada, fendendo o nevoeiro à altura da barriga das pernas que não se dissipara ainda e que ao longe dava a sensação de que ele estaria a andar numa nuvem baixa. Guardara-se ao longo de vinte anos e podia agora desfrutar daquela euforia com retroativos, como o rapaz que não tinha sido. A expectativa da noite a dois, o frémito da transgressão: tudo coisas que já me pareciam vedadas para sempre.

Eu falara-lhe da ilha, embora sem lhe contar tudo. Pois acontecera por lá algo difícil de exprimir e a mera tentativa de o fazer significaria sancionar a sua verdade. Não era possível, a menos que se tivesse uma coragem de leão ou uma coragem de suicida, e eu não tinha nem uma nem outra. Se o faço agora, quase seis anos mais tarde, precisamente a 3 de novembro de 2021, é porque só estamos aqui eu e o ecrã, um ecrã que, à medida que avanço neste relato, se parece cada vez mais com um espelho. Chegado ao final, poderei simplesmente decidir apagar tudo.

De qualquer forma, não me lembro de muitos pormenores. Até porque bebera bastante ao jantar com os dois holandeses, com Otto e Maaïke ou como raio se chamassem. Estavam sentados diante de mim e de Lorenza, tinham os lábios manchados com o roxo do vinho chileno, como era provável que também os nossos estivessem manchados, ainda que eu só me lembre dos seus. Os lábios escuros conferiam-lhes um ar esfomeado, embora talvez não estivessem esfomeados, estavam só tristes e à procura de amizade, tal como nós. Tinham uma filha com uma doença rara, dessas que são estudadas num par de laboratórios em todo o mundo e para as quais nunca se achará uma cura. Otto e Maaïke só conseguiam tirar uma semana por ano para si, quando a filha ficava aos cuidados de uma associação de voluntários, e a semana era aquela, pelo que faziam tenções de a aproveitar em pleno.

Soubéramos tudo isto no decurso do jantar e mais tarde, ao passarmos para os sofás do terraço, do qual se via o fundo marinho entre as tábuas do pavimento, pois o terraço era uma palafita e o fundo estava iluminado com pequenos focos rasantes. Havia caranguejos e peixes coloridos e de vez em quando um pequeno tubarão sinuoso. O pessoal garantia-nos que não eram perigosos. No terraço, Otto enumerara os destinos dos seus últimos anos, preferiam as ilhas tropicais porque já apanhavam frio suficiente em Haia. Além de que se encontravam sempre pacotes *all-in* convenientes para as ilhas. Eu e Lorenza ouvíamos sem desvendar grande coisa a nosso respeito. Bebêramos, já o disse, e tornava-se cada vez mais claro que os principiantes naquele tipo de experiência éramos nós. Puséramo-nos a falar do hotel, qualidades e defeitos, Otto e Maaïke ficaram invejosos do nosso *ocean room*. Tinham-no ponderado, claro, mas o acréscimo de preço desencorajara-os, embora gostassem muito de ver um quarto assim, sabia-se lá se também seriam muito diferentes na decoração.

Parecera natural propor que fôssemos lá de imediato, e quem proferiu o convite foi Lorenza, não eu, tenho quase a certeza, tal como tenho quase a certeza de que o terá dito a olhar não para eles, mas para mim, o que em princípio não fazia sentido, senão pelo facto de que estava assim a concretizar aquela que até então tinha sido, quando muito, uma tentação, uma possibilidade vaga a pairar no ar.

Percorremos os quatro o molhe longuíssimo que ia dar ao nosso quarto e eu pensava nos tubarões lá em baixo e nas estacas de madeira cravadas na areia que deveriam estar cobertas de conchas cortantes. No quarto, fingimos efetivamente que se tratava de uma visita guiada: aqui fica o minibar, aqui é onde vimos ver o Sol a despontar, se acordarmos a tempo, naturalmente, também tem um pequeno pátio, sim, é o máximo atirarmo-nos à água assim que acordamos. Dei por mim diante da janela escancarada a dizer estas banalidades a Maaïke, que se pusera a fitar-me com uma intensidade estranha, e foi o seu olhar que me sugeriu que me virasse. Atrás de nós, Otto tinha o rosto afundado no pescoço da minha mulher, ia-lhe chupando a pele e Lorenza estava de olhos arregalados, ligeiramente tristes apenas, enquanto olhava ainda para mim. Não senti nada ao certo. Melhor dizendo: nada de catalogável de uma forma precisa, que pudesse levar-me a uma reação mais do que a outra. Era espanto e excitação e medo misturados, algo que se aproximava em intensidade de certas emoções descontroladas que podemos sentir por volta dos treze anos e depois nunca mais.

Maaïke estava agora junto de mim, acariciava-me o braço educadamente, como que para me tranquilizar, enquanto observava a mesma cena. Lorenza continuava a não fazer nada, o que fazia consistia, pensei eu, em não opor resistência. Deixou que Otto a empurrasse para a cama e a despi-se, sem que parasse de a beijar de um modo que me parecia furioso. Depois, Maaïke soltou-me para ir ajudar o marido. Lorenza ergueu uma mão e, sem sorrir, disse-me vem cá.

Deitei-me ao seu lado e, durante imenso tempo, ficámos ambos inertes, deixámos a ação para os holandeses, pois tinham a experiência necessária, sabiam tudo, ao passo que nós nada sabíamos, nós só estávamos unidos no seio de uma melancolia que nunca nos parecera imensa, sem fundo, como naquele momento. Tratava-se apenas de nos deixarmos acariciar e beijar, e havia uma certa doçura no modo como eles o faziam, uma doçura eivada de brutalidade.

Eu e Lorenza trocámos algumas breves frases em italiano, baixinho. O facto de que os holandeses não conseguissem compreendê-las tornou-as extraordinariamente íntimas. Dissemos um ao outro tens a certeza e amo-te, até que eu lhe disse que lamentava e Lorenza disse não te preocupes. Tinha a esperança de que não houvesse um verdadeiro amplexo no final, não pelo menos entre ela e Otto, mas se acontecesse eu não o impediria.

Maaïke dedicava-se agora aos meus genitais, explorava-os a toda a volta e por trás, com uma abnegação especial. A dada altura, foi como se tivesse pensado muito bem, este é o momento em que vais render-te, este é o momento em que já não podes controlar nada, mas foi só *como se* tivesse tido esse pensamento, pois na realidade eu já descera a um lugar onde já não se pensava em nada, onde só existiam o corpo e as suas ações e um instinto cego. Lorenza estava muito distante. Foram essa distância e esse instinto cego, julgo, que me fizeram inclinar-me para Otto. Rebolara de lado e debrucei-me sobre ele. Mantive os olhos fechados enquanto o fazia, mas reparei na sua surpresa e reparei, mais remotamente, na surpresa de Maaïke e na de Lorenza. O quarto parou por instantes, talvez porque eu violara a geometria preestabelecida, até que a mão de Otto (se é que foi a sua, acredito que tenha sido a sua) pousou na minha nuca, sem nenhuma pressão, sem querer encorajar nem desencorajar o que quer que fosse, apenas, pensei eu daquele recanto solitário da alma ao qual tinha ido parar, a perdoar-me de tudo.

De manhã, eu e Lorenza não falámos sobre o assunto. Não falámos sobre o assunto à tarde nem na noite seguinte. Fomos do hotel para a praia em separado. Foi um dia longuíssimo, em que dedicámos mais tempo do que seria necessário a refazer as malas. Ao jantar, cumprimentámos os holandeses ao longe, era a última noite de todos, sendo normal que não nos sentássemos outra vez à sua mesa. Lorenza roubou um abacate e uma manga do *buffet* para os meter na mala. Disse-lhe que apanhariam frio no porão do avião e que se estragariam, e que talvez fosse considerado ilegal transportar fruta em voos intercontinentais, mas ela não me deu ouvidos. Não me lembro, já de regresso a Roma, se terei comido o abacate ou a manga. Talvez ela tenha acabado por os guardar só para si.



Em março, superei a zona de abandono do livro. Decidi dar um prêmio a mim mesmo indo ter com Giulio a Paris, até porque se aproximava a data do testemunho.

Evitei por poucas horas um atentado em Orly, um episódio menor do qual ninguém hoje se lembra: um terrorista solitário roubara um Citroën e usara-o para chegar ao aeroporto; aí, agredira uma soldada, conseguindo retirar-lhe a espingarda de assalto, mas tinha sido morto antes de aprontar o que quer que fosse. Ataques assim quase não eram notícia, embora aparecer à hora errada implicasse ficar no aeroporto paralisado, ou pior ainda, ter o voo cancelado.

Giulio veio buscar-me à paragem do autocarro de Denfert e seguimos então juntos a pé para a Rue de la Gaîté. Ia caindo um chuvisco, na diagonal, que lhe borrifou as lentes dos óculos, embora ele não parecesse ter reparado. Perguntou-me se alguma vez visitara as catacumbas, disse-lhe que não, pelo que combinámos fazê-lo em conjunto, mais tarde ou mais cedo, embora não certamente nesse fim de semana, pois ele estaria com Adriano. Afinal, era essa a razão pela qual eu ali estava.

Quando é que o vamos buscar?, perguntei-lhe. Apercebi-me da inadequação do uso do plural, mas Giulio deixou passar: Amanhã de manhã.

Adriano não pernoitaria. Cobalt preferia que ele não dormisse fora, pois segundo dizia ele ficava desorientado durante alguns dias. Fora quer dizer em tua casa?

Precisamente.

Se quisesse, Giulio poderia opor-se àquele tipo de decisões em sede judicial, rebater ponto por ponto e não ceder um milímetro, mas, conforme me disse, numa separação como a deles era necessário selecionar as batalhas. É preciso evitar uma escalada, disse. Devias ser agora um especialista no tema.

Ignorei a referência ao livro, até porque soara mais como troça. Giulio tinha muitas vezes uma forma indecifrável de se referir ao meu trabalho, como se não acreditasse propriamente nele, como se ao fim e ao cabo considerasse acidental que eu tivesse acabado a fazer o que fazia. Perguntei-

lhe qual era a batalha que escolhera para aquele momento.

Inscriver o Adriano numa escola italiana.

A Cobalt não está de acordo?

Gostaria que fosse uma parisiense. Para o integrar melhor no contexto, é a versão oficial. Mas eu acho que é sobretudo para que ele possa integrar-se melhor com o seu novo padrasto.

Ela está com alguém?

Com o Luc. Há pelo menos dois anos. Um tipo bastante de direita. E definitivamente rico.

A preocupação de Giulio, na eventualidade de Adriano frequentar uma escola francesa, era não ser capaz de o ajudar com os trabalhos de casa, ser excluído também do seu percurso académico, depois de o ter sido de grande parte do seu quotidiano. O seu francês estava ainda num nível de sobrevivência, trabalhava na universidade com italianos, russos e alemães, falavam inglês o tempo todo, e fora daí a sua vida reduzia-se ao mínimo.

Enfim, tudo isto para dizer que amanhã à noite estamos livres. E que fomos convidados para uma festa.

Cosa de *nerds*?

Não muito, espero. Em casa do Novelli.

Passara mais de um ano desde que me encontrara com Novelli. À exceção do intercâmbio surreal em Guadalupe, trocáramos no máximo uma dezena de mensagens, quase todas de cortesia. Votos de boas festas, coisas assim. Enviara-me certa vez o *link* para uma publicação sua, mas a mensagem era um reencaminhamento, pelo que partira do princípio de que boa parte da sua agenda a tivesse recebido.

Tornou-se uma espécie de estrela, disse Giulio. Convidaram-no um par de vezes para a France Inter, para falar do clima, e parece que descobriu um talento insuspeito. Foram várias as pessoas que escreveram para a emissora a pedir para o ouvirem de novo. Ou pelo menos é o que ele conta. Enfim, terá caído no goto. Juntemos a isso o sotaque italiano, que por uma estranha perversão os franceses adoram. A verdade é que se tornou um convidado fixo e comenta agora um pouco de tudo. Para ser sincero, só ouvi metade de uma intervenção dele num *podcast*. Mas disse-lhe que estarias por cá e ficou contente que fosses ao aniversário. Se não tiveres outros programas, obviamente.

Temos de lhe arranjar uma prenda.

Giulio lançou-me uma olhadela. Não tinha pensado nisso. Temo que o meu grau de inaptidão social seja já irrecuperável.

Bilhetes para um espetáculo?, propus. Vinho?

Queijo, muito cremoso. Pela-se por isso.

Chegados à praça, fizemos um desvio para o supermercado. Levar como presente um queijo industrial não me parecia muito requintado, pensei naquilo que Lorenza diria a esse propósito, mas não deixava de ser verdade que entre os físicos vigorava uma etiqueta diferente da do resto do mundo, consagrada à

sobriedade extrema e da qual eu me desabituara.

Aproveitámos para comprar vinho para nós, um pouco de chocolate e dois pacotes de batatas fritas. Apresentámo-nos na caixa com aquelas compras de solteiros e o simples facto de as ver amontoadas no tapete deu-me uma descarga de vitalidade, como se tivesse de repente rejuvenescido. Insisti em pagar, dado que era o convidado, mas Giulio não quis saber. Estás cá para me ajudar, disse num tom subitamente duro, e eu aquiesci para que ele não se sentisse em falta.

Mais tarde, no quarto de banho de casa, reparei nuns riscos no puxador da porta. Quando lhe perguntei o que eram, Giulio continuou a atarefar-se com as almofadas do sofá que estava a transformar na minha cama improvisada.

Já têm umas semanas, disse após uma pausa. O Adriano ficou fechado lá dentro.

Caraças.

Para sermos mais precisos, fechou-se à chave lá dentro. Estava danado comigo, não sei bem porquê. As histórias de sempre com o iPad, suponho. Disse que só sairia quando eu chamasse a mãe. Ao início, não lhe dei ouvidos. Mas passaram duas horas, depois três, e ele continuava lá metido.

Três horas?

Deixou até de me responder. Se aproximasse o ouvido, só ouvia um arranhar, depois nem mesmo isso. Não sei porquê, mas comecei a ficar preocupado.

Eu disse que me parecia bastante óbvio o porquê e Giulio, como de costume, minimizou: Não podia acontecer-lhe nada, já viste como é que aquilo é, só tem a sanita. Mas a dada altura entrei mesmo em pânico, desatei a abanar a porta, só que não conseguia abri-la. Arrombá-la não era possível porque ia acertar-lhe na cara. Chamava e chamava por ele e não me respondia. Além de que estava quase na hora em que deveria levá-lo de volta à Cobalt. Se não comparecesse pontualmente, teria tido início uma série de histórias infinitas.

Estávamos ambos de pé. Giulio à janela, de esguelha, parecia dirigir-se à almofada que atirara para o chão.

Acabei por ir a casa do vizinho de baixo, pedi-lhe uma caixa de ferramentas e desmantei a fechadura. Quando abri, dei com ele adormecido. Sentado no tampo da sanita. Não sei há quanto tempo estaria a dormir. Mas sem dúvida que primeiro se tinha dedicado a arranhar o puxador com um prego. Não me perguntes o que fazia ele com um prego no bolso, porque não faço a mínima ideia.

Atirou um lençol para cima do sofá, sem o entalar.

Enfim, nesta fase ele anda calmo. Vamos comer?

Fomos ao libanês e embebedámo-nos. Naquela atmosfera mais conciliadora, permiti que ele voltasse a interessar-se pelo livro. Já não notava a ponta de escárnio ou não me importava. Como era previsível, embora eu andasse a trabalhar a tempo inteiro no projeto havia já dois meses, Giulio conhecia uma quantidade de informações que eu ignorava por completo. Durante uma das suas viagens solitárias estivera em Karabash, uma cidadezinha dos Urais perto de Tcheliabinsk, onde a Rússia levava a cabo em segredo, durante décadas, o seu programa atômico. Em teoria, era proibido entrar na cidade, toda essa zona era patrulhada, mas Giulio chegara lá sem grandes dificuldades, através de um tipo que encontrara na Internet e que organizava visitas de horror. Levava consigo um contador de Geiger e, nas imediações do chamado lago da morte, a escala passara dos micro para os milisievert. Era um lugar bastante, sei lá, atraente, disse ele.

Atraente?

Dava para perceber uma espécie de potência obscura. Não propriamente maligna. Vinha das radiações ou da história. Seja como for, não fiquei lá muito tempo, pelo menos é a ideia que tenho. Espero que não o suficiente para arranjar qualquer mutação esquisita. Riu-se. Ainda não tinha o Adriano e não fazia de todo planos de ter filhos. Espero não o ter danificado sem querer.

De manhã, fiquei à espera em casa enquanto ele descia ao pátio do prédio para ir buscar Adriano. Estava a chover mais do que no dia anterior e receei que o dia viesse a ser longuíssimo. Abeirei-me da janela para assistir à troca. Tinha uma certa experiência indireta da questão, do período em que Lorenza fazia a mesma coisa com Eugenio. Dei por mim mais do que uma vez no carro, escondido atrás da esquina de uma rua, à espera de que os dois aparecessem. Quando entravam no carro, havia sempre um intervalo bastante longo de silêncio, em que eu e Lorenza dávamos tempo a Eugenio para se ambientar à outra metade da sua vida.

O apartamento de Giulio situava-se no segundo andar, estando assim bastante perto do pátio em linha reta. Vi Adriano a lançar-se para o pai e a abraçar-lhe as pernas, enquanto Cobalt se escondia sob um guarda-chuva vermelho. Estendeu um saco a Giulio, que o recebeu mantendo-se à distância. Depois, Giulio terá dito qualquer coisa que enfureceu Cobalt, mas só ouvi a resposta dela, pois falava num volume mais alto: Já comprámos os comboios!

Abri com cuidado a janela, uma fresta apenas para deixar passar o som.

Sempre que é preciso decidir as férias, ia dizendo Cobalt, arranja sempre maneira de me estorvar.

Ouvia-o agora a ele também: Estorvar-te. Escolhes sempre termos interessantes. Estorvar-te.

Cobalt perdeu então a calma: Vamos ter aulas de italiano, Giulio? Hoje também? Vamos a isso, estou pronta!

Disse a Adriano para se abrigar debaixo do guarda-chuva, mas ele afastou-se alguns passos, pôs-se a arranhar com um raminho a beira da grade. Parecia absorto ao fazê-lo, ainda que fosse evidente que os seus sentidos estavam todos virados para a conversa dos pais. Giulio propôs-lhe que subisse, ele apareceria daí a nada, mas Adriano tornou a não obedecer.

Voltou então a dirigir-se a Cobalt: Lembro-te que as férias da primavera são minhas.

Achei que ele teria mudado de ideias e que considerava agora vantajoso que o menino ouvisse. Demonstrava uma grande frieza, ao passo que por essa altura o nervosismo de Cobalt era evidente. Ah, sim?, disse ela. Ah, sim?

O acordo que assinámos prevê a divisão a meias dos períodos de férias. Não te lembras? Ora, tendo em conta que

Vai-te foder, Giulio!

Nesse momento, Adriano ergueu a cabeça na direção da mãe. Eu calculava que ele tivesse uma certa familiaridade com aquele tipo de tensão, mas não fazia ideia se a familiaridade também incluiria os insultos diretos.

Giulio disse: Mas que bem, naquele seu tom escarninho muito típico. Depois, puxou Adriano para junto de si, e enfiaram-se pela porta de mão dada. Cobalt despediu-se do filho chamando-lhe *chouchou*. Depois, não se mexeu logo. Ficou imóvel no pátio, fitando porventura a porta fechada, foi pelo menos o que imaginei porque o guarda-chuva aberto continuava a escondê-la. Acendeu um cigarro e, passados alguns segundos, terá reparado na pressão do meu olhar lá do alto, ou contava encontrar Adriano à janela, a verdade é que ergueu a cabeça e nesse momento olhámos um para o outro. Cobalt não se mostrou surpreendida, não sorriu, não me fez nenhum gesto de cumprimento com a mão. Tomou simplesmente nota da minha presença. Por fim, virou-se e abandonou o pátio.

Durante muitos anos, a vida nómada como investigadores parecera perfeita para Giulio e Cobalt. As cidades eram sempre demasiado caras para os seus salários, mas não pareciam sofrer com isso. Viviam em apartamentos despojados, que não se davam sequer ao trabalho de decorar, pois deixá-los iam no espaço de dois anos. Comiam o mais possível na cantina e poupavam tudo para as viagens. Assim que tinham a oportunidade, compravam bilhetes para algum sítio absurdo de África, ou para a Papua-Nova Guiné. Uma vez, fui ter com eles a Copenhaga e não estarei a exagerar se disser que na entrada, atiradas a esmo juntamente com as chaves, estavam duas embalagens de Malarone.

Quando Cobalt percebeu que estava grávida, Giulio já comprara voos para o Camboja. Tinham partido quando ela estava a meio do sétimo mês. Os pais de ambos tinham ficado furibundos, mas eles não eram o tipo de casal que desse importância aos pais (não pelo menos naquela altura, as coisas

haveriam de mudar e cada um deles como que recuaria, deixando-se reabsorver pelo núcleo de origem).

Em Phnom Penh, alugaram um carro e dormiram em pensões e estruturas improvisadas, por vezes na casa de algum habitante local. Não concebiam outra forma de viajar. Cobalt só tinha atenção para que os legumes que comia fossem cozinhados. Apesar disso, apanhara um verme. Nessa altura, já tinham estado em Angkor Wat e tinham decidido seguir para norte, para o Laos, para zonas de floresta menos batidas. Uma manhã, Cobalt acordou com uma febre alta e vomitou repetidamente. Talvez também por causa do nervosismo, perderam-se à procura de um hospital, foram dar a um caminho de terra batida no meio da vegetação, um caminho que parecia infinito e que ia mergulhando cada vez mais no nada. Nas aldeolas que iam encontrando, que nem sequer eram aldeolas, mas grupos de choças de lama e chapa rente a um troço de caminho, ninguém era capaz de fornecer indicações, diziam só para continuarem, continuarem. Escureceu. Após dez horas a conduzir, chegaram a uma pequena cidade onde encontraram um posto médico e uma farmácia. Cobalt estava por essa altura a delirar.

Tinham-nos falado do Camboja após o parto, em Roma, quando eu e Lorenza fomos visitá-los com flores e uma toalha de esponja para o enxoval. Não pareciam nada angustiados ao falarem do assunto, brincavam aliás, com o subtexto de que aquela aventura no útero tornaria o seu Adriano um explorador do mundo.

Giulio tinha um programa pormenorizado para o fim de semana. Eu reparara noutras vezes na sua obsessão em planear o tempo com Adriano, como se receasse ver-se de repente no vazio com ele, sem nada para fazer ou para dizer, e como se desse vazio pudesse brotar um desfalecimento invencível para ambos. Interroguei-me se também não pesaria o facto de se ver sob o meu escrutínio, aquela configuração a três inteiramente masculina, tão pouco natural. Ao redigir o meu testemunho, talvez devesse assinalar a sua ansiedade de desempenho, ou se calhar uma anotação desse género só se viraria contra ele.

Eu levava uma prenda para Adriano, aquele jogo de tabuleiro em que é preciso desenfiar, um de cada vez, os paralelepípedos de madeira de uma torre sem a derrubar. Parecia um jogo suficientemente ecológico para obter a aprovação de Giulio, mas era-o ao ponto de Adriano já o ter, na outra casa. Giulio repreendeu-o por esse comentário, embora se tratasse de um comentário inocente. Adriano ficou aflito e, nas primeiras partidas, jogou cheio de agressividade. Eu receava que de um momento para o outro mandasse abaixo a torre com um safanão. Giulio não parava de se desculpar comigo, mas, após três ou quatro partidas seguidas em que fizemos questão de o deixar vencer, Adriano esqueceu-se do mau humor.

Comemos um crepe na Rue d'Odessa, um estabelecimento decorado em estilo bretão, com madeira escura em todo o lado, onde eu e Giulio dedicámos a totalidade da nossa atenção às suas cenas descabidas. Eu já estava a começar

a ficar cansado. Se fosse meu filho, dizia a mim mesmo, refreá-lo-ia mais.

Da parte da tarde, Giulio previra uma exposição na Fondation Cartier, intitulada *A grande orquestra dos animais*. O artista, Bernie Krause, correra o mundo a gravar sons de vários ecossistemas: no Zimbabué, no Canadá, no coração da Amazónia. «Biofonia» era o termo com que descrevia essa sua experiência. Era evidente no projeto uma crítica à ação do homem, que entre outras infinitas formas estava também a destruir a natureza acusticamente. Krause regressara aos mesmos lugares ao fim de uns anos e apercebera-se do desaparecimento nas suas fitas dos ruídos de dezenas de insetos, répteis, anfíbios.

Andei algum tempo a par de Giulio e Adriano, mas a sua presença distraía-me, pelo que deixei que avançassem sozinhos. Enviei uma mensagem de voz a Lorenza com os sons do Sequoia National Park. Estivéramos lá os dois alguns anos antes e não havia nada de extraordinário para recordar desse passeio além do facto de que ao fim da tarde, ao regressarmos ao carro alugado, descobrimos que a bateria se descarregara porque eu deixara os faróis acesos. O estacionamento esvaziou-se num instante e demos por nós sozinhos no meio daquela paisagem inquietante, até ser noite funda, com um guarda asiático que ia e vinha, para depois desaparecer por completo. Quando nos rendêramos à ideia de passar uma noite assustadora dentro do carro desligado, surgira do nada um camião gigantesco, crivado de luzes vermelhas, que transportava na parte traseira, suspenso na diagonal, um carro reluzente igual ao nosso. Apesar do cansaço, conduzi até de madrugada rumo à costa, com Lorenza a dormir no assento do lado e o Sol a nascer no espelho retrovisor, deixando-me dominar pelo alívio de ainda estarmos vivos, pelo silêncio e pela perfeição daquele instante.

Lorenza respondeu à mensagem com um ponto de interrogação. Tinha razão: não podia recuar àquela lembrança em comum através dos chilreios das aves e dos rangidos dos troncos de Bernie Krause. Porém, foi algo que não deixou de me entristecer, como se ela quisesse mostrar-se insensível de propósito. Não me lembrava de outro período em que tivéssemos estado tão distantes, não só fisicamente, como também no fluxo quotidiano dos pensamentos.

Desci à cave, onde Krause dedicara uma sala ao oceano Pacífico. O espaço estava às escuras como um abismo marinho. Giulio estava sentado na alcatifa com as pernas esticadas e tinha Adriano com a cabeça apoiada nas coxas. Adormeceu, disse-me em voz baixa, não costuma acontecer-lhe.

Ajoelhei-me junto deles e ficámos sentados diante do ecrã larguíssimo e escuro no qual se iam formando e dissipando linhas brancas, o eletrocardiograma do mar. Ficámos pelo menos meia hora a ouvir o marulhar da água, as gaivotas, os leões-marinhos e por fim a língua secreta dos cetáceos, com as suas frequências altíssimas, até ela se ter tornado tão familiar que quase me pareceu entendê-la.



O apartamento de Novelli ficava no último andar de um edifício haussmanniano. Ele estava à nossa espera no limiar da porta, vi a sua figura a aparecer de forma gradual, dos pés à cabeça, através dos vidros do elevador. Quando as portas se abriram, ouvi-o a dizer: Coragem, despachem-se, vá, vá.

Apertando-me a mão, anunciou que lera, entretanto, algumas coisas minhas, incluindo aquela reportagem a partir de Sylt, sobre a qual tinha pelo menos um par de objeções a fazer. Quanto tempo vai ficar em Paris?, perguntou-me. Volto amanhã para Itália. Que pena, podíamos ir almoçar juntos.

Se tivéssemos percebido que se tratava de um jantar sentado, eu e Giulio não teríamos ido nas calmas. Os nossos lugares eram os únicos vazios ainda, juntamente com um terceiro. Notei a impaciência no ar, ainda que todos se tivessem apresentado de forma cordial. Seríamos aí uma dúzia.

A conversa fragmentou-se quase de imediato em diversos diálogos forçados entre vizinhos: de onde vens, o que fazes, a comida italiana e a francesa, temas de jantaras internacionais, onde nunca se sabe bem que língua falar. Só a mulher de Novelli, Carolina, parecia estar-se nas tintas, dirigia-se em italiano a toda a gente. Quanto a ele, estava sorridente, repartia a sua consideração em partes iguais, ainda que o gesto de ajeitar continuamente o colarinho da camisa denunciasse um certo desassossego. O que fazemos, disse passado algum tempo, esperamos um pouco mais por ele ou abrimos o champanhe?

A mesa votou por unanimidade a favor de desrolhar e eu olhei para Giulio, que me devolveu uma expressão como que a dizer não faço ideia de quem está a falar. Novelli serviu champanhe a todos, se bem que com um pouco de cautela a mais.

Pus-me em amena cavaqueira com o meu vizinho da esquerda, um professor finlandês da Diderot. Uma conversa não propriamente entusiasmante. Genericamente, a noite estava a ter dificuldades em engrenar, conhecíamos-nos todos demasiado mal e pairava a dúvida de que a disposição dos comensais não tivesse sido a melhor. Por vezes, de forma completamente involuntária, calávamo-nos no mesmo instante e, durante alguns segundos, só

se ouviam os tinidos dos talheres. Novelli trouxera para a mesa o nosso queijo sem o embratar e mantivera-o junto de si. Tirou um grumo com os dedos e, mastigando, disse: Ora bem, passemos às adivinhas.

Desafiou-nos a enumerar-lhe as sete ilhas-estado independentes do oceano Índico e a atmosfera aqueceu, até porque por essa altura já todos bebêramos o suficiente. Maldivas, Madagáscar, Seicheles, Maurícia, Sri Lanka: as primeiras saltaram logo, mas quando as ideias se esgotaram fui eu quem acertou nas Comores. Ainda faltava a sétima.

Obviamente, a pergunta continha uma ratoeira. Depois de toda a gente se ter posto a suplicar-lhe, Novelli anunciou que a última ilha-estado era o Bahrein, pois o golfo Pérsico fazia parte geograficamente do oceano Índico. Seguiu-se um clamor de protestos. Alguém aproveitou para pôr a música mais alta, um grupinho começou a dançar e afastámo-nos todos da mesa, como que libertos. A filha de Novelli irrompeu na sala de pijama e obrigou o pai a fazer umas quantas piruetas com ela. Eis uma casa repleta de vida, pensei.

O lugar vago, entretanto, assim permanecera. Quando tocaram à campainha, Novelli deixou escapar um «finalmente». Carolina acompanhou-o até à entrada para receberem o convidado, mas ao abrirem a porta depararam-se com o vizinho enfurecido pelo barulho. Carolina enfrentou-o em italiano, com veemência, enquanto Novelli, virando-se para nós, ia fazendo uma imitação muda e irresistível do homem. Todavia, após ter fechado a porta, abeirou-se da aparelhagem para baixar o volume.

Cravei um cigarro e saí para a varanda apertadíssima. Via-se ao longe tanto a haste da Torre Eiffel como o arranha-céus de Montparnasse, com as luzes de sinalização no topo. Uma das convidadas, com a qual eu não trocara uma palavra à mesa porque ela se encontrava no extremo oposto, tinha as costas apoiadas na parede de ardósia e ia observando com indiferença o panorama. Foi ela quem me dirigiu inicialmente a palavra, dizendo que tinha sido formidável ao acertar nas Comores.

Atirei ao calhas, na verdade.

Não acredito. Aposto que és um dos que aprendiam de cor as capitais e depois suplicavam aos crescidos que os interrogassem.

Parece-me o género humano predominante da noite, observei.

E pensar que até estive nas Comores. Cheias de jihadistas.

Deu-me lume e acendeu também ela um outro cigarro, ainda que tivesse acabado de apagar o primeiro. Não era amiga de Novelli nem da mulher, conhecera-os naquela noite. Tal como eu, tinha sido arrastada para ali por uma amiga. Perguntei-lhe o que fazia em Paris e ela respondeu: Uma etapa do Kamikaze Tour.

Enumerou as cidades onde estivera nos últimos meses, entre as quais Tunes, Bruxelas, Berlim e Moscovo. Acompanhava casos de terrorismo como enviada de uma agência noticiosa, embora o seu *core business*, como o definiu, fossem os campos de refugiados. Pensa num lugar de merda e de certeza que o tenho no passaporte.

Ela disse-me o seu nome e, embora eu tivesse dado o meu melhor para disfarçar, terá ficado claro que não me dizia nada. Curzia sacudiu os ombros: A minha amiga é correspondente, ela é que é mesmo boa. Além disso, ganha o triplo de mim e pagam-lhe uma casa fabulosa no Marais.

De certeza que também és boa no que fazes.

Mas que parvoíce!

Mandam-te para fora. Se não fosses capaz, não o fariam.

Mandam-me para fora porque estou disposta a ir. E custo pouco.

Ambos acabáramos de fumar, mas nenhum dos dois se arriscava a abandonar a varanda. Curzia sacou da erva. Enquanto preparava o charro, perguntei-lhe como a arranjava, ela acabara de me dizer que chegara a Paris poucas horas antes. Tu não fazes a menor ideia das pessoas com as quais me dou, respondeu.

Por instantes, imaginei as periferias apinhadas de imigrantes árabes, com os grandes prédios e as vigias no topo e tudo o mais, aquelas zonas ameaçadoras que entrevemos quando viajamos na RER e que eu só conhecia dos filmes. Conte-i-lhe que uma vez no secundário, juntamente com colegas de turma, fizemos dez quilómetros a pé de uma povoação da Ligúria a outra, à procura de alguém que nos vendesse chamom, e regressámos ao parque de campismo de mãos a abanar, completamente desalentados. Cheira-me que sou um pouco demasiado burguês, disse eu.

Curzia lançou uma olhadela circunspecta para o interior: O tal que não apareceu é da televisão francesa. Segundo a minha amiga, o Novelli quer dar o salto. Mas esta noite saiu-lhe furada. Segue-lo no Twitter? Também faz esta treta das adivinhas por lá. É bastante divertido.

Vou segui-lo, nesse caso.

Não precisas de seguir.

Disse aquilo de forma brusca, como que mudando repentinamente de humor. Após um instante de embaraço, voltámos a falar dela. Perguntei-lhe qual seria a história mais assustadora que acompanhara enquanto enviada e ela foi buscar uma horripilante de mutilações à catanada. Ia para lhe falar dos vídeos das decapitações, mas por algum motivo pareceu-me infantil e contive-me. Curzia disse que se tornara especialista em armas a contragosto. Tinha quase a certeza de que, se desse por si dentro de uma garagem com tudo o que era necessário, seria capaz de montar uma geringonça de média potência e de a pôr a funcionar. Não sou propriamente o tipo de rapariga que queiras engatar numa festa, rematou.

Aquela alusão deu azo a um momento de embaraço, pelo menos da minha parte. Também para o ultrapassar, perguntei-lhe se já pensara no que aconteceria se um grupo terrorista se apoderasse de armas de destruição maciça.

Qual grupo terrorista?, disse com impaciência.

Sei lá, a al-Qaeda ou o ISIS.

A al-Qaeda e o ISIS não têm nada a ver. Tal como o al-Shabaab, o Boko

Haram.

Tudo bem, disse eu, retraindo-me.

E que armas: tipo bacteriológicas?

Tipo ogivas nucleares.

Curzia deu um bafo ávido no charro, cerrando os olhos e adotando com esse gesto o ar de quem conhece o tema a fundo.

Se alguma organização realmente as quisesse, arranjà-las-ia. O Paquistão tem um programa nuclear há pelo menos dez anos. E não são propriamente todos moderados por lá. Mas a bomba atômica é acima de tudo uma chatice. Se a tivermos e não a usarmos, arriscamo-nos a perder credibilidade. E, se a usarmos, enfim... temos de estar dispostos a sofrer as consequências. Porque é que isso te interessa tanto?

Por nada. É uma coisa que ando a escrever.

Mas que mistério.

Ofereceu-me de novo o charro, segurando-o na vertical, mas já não me apetecia, pelo que ela o atirou para o vazio. A previsibilidade absoluta da festa e da nossa conversa na varanda parecia tê-la cansado de repente. Olhando para a linha do horizonte, disse: Que cidade de merda, e passou-me ao lado, espalmado-se contra a ombreira, e pedindo-me licença para reentrar.

Carolina apagou as luzes e apareceu o bolo. Novelli proferiu algumas palavras de agradecimento em francês. Também ele estava com um grão na asa.

Curzia, que envergava um roupão de felpa muito comprido, era difícil de perder de vista. Por entre a cintilação das estrelinhas do bolo, reparei que ela estava a dizer algo ao ouvido da amiga. Supus que se tratasse de um comentário sobre Novelli, que estava de facto engraçado a posar com a mulher para as fotografias dos telemóveis. Abriu caminho por entre as pessoas, na minha direção, e disse ao passar-me ao lado: Eu vou-me embora, vens? Resmunguei qualquer coisa relacionada com Giulio, algo que ela interrompeu friamente: Então adeus, burguês.

No regresso a casa, cerca de uma hora mais tarde, sentia-me culpado em relação a algo indefinido. Em relação ao deus das oportunidades a não perder, quicá, um deus que eu era particularmente competente a desiludir. E sabia que a erva misturada com o álcool me deixaria com sequelas, não só de mal-estar físico, de mau humor também, no dia seguinte estaria em péssimo estado, quando tinha ido para ali com uma missão precisa, para ajudar Giulio com o menino. Essa contrição a seu respeito era deveras paradoxal, dado que tinha sido ele a levar-me para a festa e estávamos a regressar agora juntos, embora Giulio se tivesse mantido sóbrio.

De manhã, efetivamente, não me levantei aquando da chegada de Adriano. Ouvi-os do sofá a circularem pela casa fazendo pouco barulho. De

vez em quando, Adriano dizia algo em voz alta, com a intenção clara de me acordar, mas Giulio calava-o logo, e recomeçavam a cochichar. Ficaram em casa o mínimo tempo indispensável, após o que ouvi a porta a abrir-se e a fechar-se de novo. Nessa altura, estava acordado, mas ainda demorei a levantar-me, a tomar um duche e a comer qualquer coisa.

Quando fui ter com eles ao parque, era quase meio-dia. Giulio saiu do perímetro vedado da zona de brincar e perguntou-me se estava tudo bem. Espero que não te tenhamos acordado, fizemos o mínimo de barulho possível.

Não me acordaram.

Tens a certeza?

O seu desvelo excessivo irritava-me. Apeteceu-me sacudi-lo, gritar-lhe mas porque caralho és assim tão submisso?, não tens vontade de parar de te desculpar por tudo a toda a hora?, não percebes que assim ela te vai esfolar vivo?

Não te preocupes, disse eu.

Três raparigas estavam a desafiar-se num jogo de destreza. Punham-se com os pés em cima de uma cadeira à vez, depois tentavam deslizar com suavidade para o chão metendo o pé no encosto e derrubando-a. Todas tropeçaram, não paravam de rir. Desejei ardentemente a sua despreocupação, embora não fosse de todo claro o que estaria a impedir-ma. Não tinha responsabilidades, ninguém a quem dar o exemplo, a vida estava a proporcionar-me ser um adolescente perpétuo, não me deixava alternativa, aliás, a esse respeito. Se me pusesse a brincar com as cadeiras juntamente com aquelas raparigas, não teria de recear a censura de ninguém. Porquê então toda aquela compostura? Porque é que era tão parecido com Giulio, que cravara ambos os pés nas confusões? E que sentido fazia desejar tornar-me adulto de uma vez por todas e ao mesmo tempo não parar de invejar a juventude?

Aos quinze anos, eu conhecera uma rapariga numas férias da escola. Era mais velha e, ao fim de um par de semanas em Inglaterra, fizera de mim, da criança que era, um adolescente. Fizera-o, ao que parecia, mudando simplesmente a música nos meus auscultadores, do *heavy metal* embaraçoso, para certas *playlists* mais atuais e obscuras. No fim do verão, tinha ido ter com ela a La Spezia. Sobre esses dois dias acumulei vinte anos de sonhos, que com toda a probabilidade alteraram a real medida dos acontecimentos. Seja como for, C. levava-me de sua casa para Lerici numa acelera. Eu nunca antes andara de acelera, pelo que ela tivera de me explicar tudo: como montar, como manter-me agarrado, como não me desequilibrar nas curvas; e nunca estivera em Lerici, tinham sido pouquíssimos até àquela idade os meus banhos de mar, por estranho que possa parecer.

Descêramos dos rochedos para a água azul-escura, ficámos a boiar um ao lado do outro e eu haveria de escrever um poema curtíssimo sobre esse momento, o único da minha vida, com o título em jeito de legenda *Lerici, 29 de agosto*. Estava aterrorizado de apanhar um escaldão, porque não pusera creme protetor e porque nesses anos achava sempre que ia apanhar um

escaldão, mas a mãe de C. primeiro e depois ela tinham brincado comigo: ninguém apanhava um escaldão na Ligúria no fim de agosto.

Regressáramos a casa dela e, depois do almoço, eu deitara-me na sua cama, na diagonal, enquanto C. me fazia uma cópia de uma cassete. Eu ia dormitando atento, entrava a *Witches' Rave* e eu sentia-me acalorado e já não tinha a certeza de não ter apanhado um escaldão nas costas, pois estavam a emanar calor. A dois passos de mim, C. afadigava-se com o leitor de cassetes, ter-me-ia bastado estender o braço para lá da cama para conseguir aflorar-lhe os cabelos, para fazer com que pelo menos se voltasse e pusesse a hipótese de largar as cassetes e vir para perto de mim, quiçá até deitar-se naquela que não deixara de ser a sua cama. Eu não parava de imaginar que o fazia, via o braço a esticar-se e tudo o mais, mas deixara-me afundar naquela doçura secreta, sem ousar nada. Antes do fim da canção, tive uma poluição, a única da minha vida em pleno dia.



A medusa rente à qual passei com Karol, descobri na Internet, é conhecida pelo nome comum de pulmão do mar; o científico, mais complicado, é *Rhizostoma pulmo*. Pode atingir dimensões imponentes, comparáveis com as de uma pessoa, mas quando muito provoca irritações passageiras ao contacto. Nos mares que rodeiam a Europa, o pulmão do mar é abundante, e talvez venha a sê-lo cada vez mais no futuro. As evidências não são sólidas devido à carência de dados históricos, mas muitos biólogos marinhos concordam com a hipótese de que as alterações climáticas também terão entre os seus efeitos a sobreprodução de medusas.

O pulmão do mar regressa-me ao pensamento, por pura analogia, ao tentar reconstituir a minha condição na primavera e depois no verão de 2017. Algo que tem que ver com a passividade, com a forma que as medusas têm de se deixar transportar pela corrente, opondo uma resistência mínima.

Por exemplo, é possível que, se não tivesse havido um atentado dias antes do meu regresso a Roma, e se não tivesse passado apenas uma mão-cheia de horas do encontro com Curzia na varanda, não me tivesse vindo a ideia de a procurar no Twitter para ver se teria ido para Londres. Depois de o ter verificado, não teria decidido segui-la e, por consequência, ela não teria retribuído, em menos de um minuto, o *follow*. Depois, não me teria passado pela cabeça escrever-lhe em DM a saber se estava tudo bem, não me teria trancado à chave na casa de banho para prosseguir aquela troca de mensagens sobre um assunto que não tinha nada de íntimo e que, contudo, o era, pois partilhar a urgência de um acontecimento tão aterrador deixa um travo excitante e exclusivo. Por último, não me teria preocupado com eliminar umas a seguir às outras as mensagens antes de voltar a sair da casa de banho.

Khalid Masood, de cinquenta e dois anos, guinara bruscamente da faixa de rodagem para o passeio, na Ponte de Westminster, ao volante de um automóvel japonês alugado horas antes na Enterprise. As perícias apurariam que o carro seguia a cerca de cento e vinte quilómetros por hora, atirando pessoas ao ar, fazendo cair uma mulher do parapeito para o Tamisa gelido, antes de se estampar contra os portões do Parlamento. Masood deveria estar por essa altura altamente excitado, pois terminada a corrida de carro encetara

a fuga a pé e esfaqueara mortalmente um polícia desarmado, antes de por sua vez ser morto. O ataque durara ao todo oitenta e dois segundos.

Nos dias seguintes, Curzia escrevia-me a respeito dele. Seguiu-lhe o rasto ao circular por Inglaterra, embora ao cabo dessa averiguação tivessem ficado por conhecer as motivações profundas de Masood, se é que as havia. Não tinham vindo a lume ligações evidentes aos principais grupos terroristas nem ao Estado Islâmico. Masood dava aulas de Inglês na Arábia Saudita e crescera com um padrasto cujo apelido usava de vez em quando e de vez em quando não: em que recanto da sua biografia se aninharia a pulsão para o assassinio indiscriminado era algo impossível de saber.

Estocolmo, São Petersburgo, outra vez Paris, outra vez Londres: a abundância de ataques terroristas desse ano foi consolidando a correspondência com Curzia, embora hoje tenha a impressão de que teria continuado de qualquer forma. As nossas trocas rapidamente começaram a versar sobre outros âmbitos, tendo migrado para o WhatsApp. Os *chats* nunca apareciam na lista, pois eu apagava-os de imediato. Nas mensagens, Curzia possuía a mesma capacidade de ser acutilante que me parecera clara durante a nossa única conversa ao vivo, na varanda de Novelli, qualidade que por algum motivo perdia nos artigos, onde se mostrava quase sempre impessoal. Falávamos muito sobre como um certo tipo de jornalismo, o seu, feito de saltos constantes entre uma cidade e outra, poupando nas refeições para guardar pelo menos uma margem das ajudas de custo, já não fazia grande sentido na época das redes sociais. Já não fará sentido para ti que és um burguês endinheirado, escrevia-me Curzia, garanto-te que faz para mim que me esfalfei para aqui chegar e que tenho na mesma de pagar a renda de uma casa onde nunca vivo. Escrevia-me «jornalista de sofá» quando estava com bom feitio, «usurpador» quando estava maldisposta. Eu tentava retorquir no mesmo tom, chamando-lhe «gabinete de imprensa do ISIS» e «promissora trabalhadora independente à peça». Ela mandava-me foder, depois desejava-me boas-noites.

Horas depois, ao acordar, tinha no telefone a fotografia de um pormenor extravagante do quarto de hotel a que ela tinha ido parar: o chuveiro da sanita, uma mancha preocupante na alcatifa, um preservativo ressequido que alguém abandonara debaixo da cama. Curzia nunca se apanhava a si mesma no enquadramento, mas arranjava maneira de que uma parte de si aparecesse sempre, como que por engano: o dedo grande envernizado do pé, dois dedos a apertar qualquer coisa.

Ambos achávamos, nessa fase, que estávamos anestesiados em relação ao terror, e não éramos os únicos. O *hashtag* #PrayFor estava cada vez mais a perder força. Os últimos dois anos tinham sido um contínuo #PrayForAlgo, esse era agora o mundo em que vivíamos, pouco havia a fazer, era só preciso aceitá-lo.

Mas o atentado de maio na Manchester Arena foi diferente. Uma bomba num concerto de raparigas e rapazes, muitos tão novos que estavam

acompanhados das mães. Um banho de sangue ao ritmo da *pop*.

Curzia ficara quase uma semana em Manchester. Na noite do terceiro dia, sofreu um colapso nervoso. Deu por si paralisada diante do ecrã do computador, incapaz de escrever, durante horas a fio. Passara a tarde em torno da Arena, depois à porta dos hospitais, na tentativa de interceder os parentes das vítimas, fazendo-lhes perguntas que – explicou-me numa furiosa troca de mensagens – lhe pareciam desprovidas de qualquer sentido, insultuosas até. O que haveriam eles de dizer, hã? Que caralho há para dizer?

Da redação pretendiam que ela perguntasse aos parentes das vítimas pelas orelhas de coelho, as orelhas de coelho engastadas na máscara de cena de Ariana Grande, e que agora, usadas em sinal de luto, se tinham tornado o símbolo do massacre nas redes sociais. As pessoas são mortas e nós a falarmos de orelhas de coelho, já reparaste?

Perdera qualquer réstia de ironia. Assaltara-a uma náusea fortíssima, mas não conseguira vomitar. Às nove, começaram a chover-lhe mensagens da redação. Mentiu jurando que estava quase a acabar, embora não tivesse anotado uma frase sequer. Despachou três doses individuais de destilados do minibar para descontrair os nervos, mas continuava sem conseguir arrumar as ideias. Nesse estado de confusão, telefonou-me e refugiei-me no quarto para atender. Estava dominada pelo pânico. Nunca mais me vão pedir que escreva, repetia.

Sugeri-lhe que ligasse ao chefe de redação e lhe explicasse a situação com sinceridade, que naquele dia não conseguiria entregar nada, talvez tivesse estado sob demasiada pressão, podia acontecer a qualquer um.

Mas achas que ele se vai importar com isso? Para ele não passo de um espaço numa página!

Fiquei a ouvir a sua respiração ofegante, interrompida de vez em quando por palavras: Faço o quê, hã? Faço o quê? Eu olhava para a porta fechada do meu quarto, como se de um momento para o outro algo fosse surgir de lá. Por uma cautela estúpida, não acendera as luzes.

Pedi a Curzia que me contasse onde estivera ao longo do dia, que me enumerasse os lugares e as pessoas com quem falara. Ela relatou-me tudo confusamente, mas lá conseguimos selecionar dois ou três momentos significativos. Disse-lhe para os transcrever tal qual mos contara e para enviar a peça. Mas ela queria que eu a lesse primeiro, já não tinha certeza de nada, nem mesmo da ortografia. De maneira que aguardei mais uns vinte minutos no quarto, naquela penumbra culpada, com a preocupação crescente de como haveria de justificar aquele comportamento perante Lorenza.

Curzia enviou-me a peça e eu li-a com atenção. Escreveu-me que já se sentia melhor, que iria sair para comer qualquer coisa, não sabia sequer quando comeria pela última vez, acrescentando então que eu acabara de lhe salvar a vida. Apaguei as mensagens antes de voltar.

Aí vem ele, disse Eugenio ao ver-me, vamos lá perguntar-lhe a ele.

Estavam sentados ao computador, Lorenza ligeiramente curvada para a frente, como se procurasse atentamente algo no ecrã. Não se virou, não disse nada. Aproximei-me e Eugenio indicou-me a linha de um impresso: Temos de carregar este documento, mas não está a aceitar.

Duvido que o computador tenha apetites, disse eu.

Para atenuar a acidez, pousei-lhe uma mão no ombro. Eugenio não se desviou, exercendo aliás uma leve pressão contrária. Lorenza andava havia semanas a debater-se com os trâmites para o enviar para os Estados Unidos a fim de frequentar o décimo primeiro ano. A burocracia exasperava-a em geral, só que esta era de uma complexidade inaudita. Consistia maioritariamente em impressos que eximiam a organização responsável de qualquer responsabilidade, embora também fossem necessárias cartas de apresentação em inglês, regulamentos, apólices de seguro, pautas de notas, formulários longuíssimos sobre as preferências alimentares, desportivas, culturais e sociais de Eugenio, sobre as suas capacidades linguísticas e interpessoais. Cada página tinha de ser descarregada, preenchida, assinada, digitalizada e, por fim, novamente carregada no portal, que previa dez passos consecutivos, cada vez mais difíceis, como os níveis de um videojogo.

Ultimamente era assim que decorriam as noites, com eles os dois à secretária, nervosos e aliados contra o computador, enquanto eu me mantinha à distância. Mas, nessa noite, Eugenio disse: Mãe, vá lá, deixa-o experimentar, pelo que Lorenza se levantou e eu sentei-me no seu lugar.

Estar perto de Eugenio tornara-se estranho. Já tinha um corpo adulto e um cheiro específico, que eu não tinha a certeza de que se assemelhasse ao seu de criança. Percebi que estivera a fumar e que mastigara um rebuçado. Era o que fazia todas as noites, depois do jantar, no varandim do seu quarto, uma espécie de ritual pessoal que nós fingíamos não perceber. Muitas das nossas cedências partiam do facto de que Eugenio não deixava de ser filho de pais separados, pelo que tinha direito a um extra de tolerância. Contudo, naquele momento, deu-me para lhe recordar que assinara um contrato com a organização, um contrato em que se comprometia a não fumar durante a sua permanência nos Estados Unidos.

Senão mandam-me para trás, já sei, disse ele com voz monótona.

Eu não conseguia decifrar os seus sentimentos em relação ao ano no exterior, mas diria que nem aversão nem entusiasmo, antes uma forma dócil de submissão a um desejo que era mais de Lorenza do que seu.

O contrato também diz que é proibido fornicar, disse eu para criar um pouco de cumplicidade masculina. Tens à tua espera um ano extenuante de marmelada.

Ele esboçou um sorriso na direção do ecrã. Ficava atrapalhado quando eu lhe falava de sexo, sobretudo se o fizesse de uma forma assim tão rude. A sua vida afetiva estava envolta em mistério. Parecia não sentir nenhuma necessidade de a partilhar, nem sequer comigo, que não deixava de ser uma

figura intermédia entre um progenitor, um irmão mais velho e um colega de casa accidental.

É preciso converter o ficheiro primeiro, disse eu.

E porquê?

Repara na lista de extensões. Aquele que vocês querem carregar está num formato diferente.

Concluímos esse passo e abriu-se o seguinte. Eugenio atirou-se contra o encosto. Porra, mais um formulário!

Se quiseses, podemos fazê-lo juntos, propus-lhe. Sabia que a minha disponibilidade era só uma forma de ressarcimento retorcido por aquilo que fizera no quarto até pouco antes, mas Eugenio não sabia e mostrou-se aliviado.

Descreve-te a ti mesmo com três adjetivos positivos e três negativos.

Odeio estas perguntas.

Tens razão. Força, três adjetivos.

Solitário. Obsessivo.

O terceiro?

Hesitou, até que acrescentou: Snobe.

Boa. Os negativos já estão.

Na verdade, eram os bons.

Olhei para ele e percebi que estava a falar a sério. Nesse caso, deixa-me ser eu a propor-tos: imaginativo, irónico. O terceiro não me vinha, continuava a pensar em teimoso, mas não tinha a certeza de que pudesse colocá-lo entre as qualidades. Então?, instou-me Eugenio.

Perspícaz.

Qual perspícaz, qual carapuça! Achas que eu sou perspícaz?

Para mim, és.

Encolheu ligeiramente os ombros, como que a conceder-me aquela opinião a seu respeito que não aprovava. Senti a presença de Lorenza, muito discreta, atrás de nós e era onde ela de facto estava, com um prato na mão.

Então vou pôr perspícaz. Se depois te lembrares de algo melhor, voltamos atrás para corrigir.

Porém, Eugenio como que se ausentara, ia olhando com indiferença para o monitor. Achas que na família americana, disse, me vão mesmo fixar um limite para o tráfego da Internet?



Na biologia, a prática de educar a prole alheia é conhecida como «aloparentalidade». O que faria de mim, ao fim de uns anos, uma espécie de «alopai» de Eugenio, que como definição não é grande coisa, mas pelo menos é neutra, não contém o desprezo implícito em «padrasto». Segundo os etólogos, os cuidados alopARENTAIS não têm grande difusão entre os animais porque não proporcionam nenhuma conveniência do ponto de vista evolutivo. Só são observados entre as leoas, nalgumas espécies de chimpanzés e nos golfinhos-piloto, que por vezes carregam no dorso as crias alheias e as levam a passear pelos oceanos. Em geral, os animais preferem despedaçar as crias alheias.

No início da minha história com Lorenza, eu não sabia da existência de Eugenio. Por estranho que possa parecer, ela não o mencionara ainda na noite em que se apresentou em minha casa com uma refeição completa fechada em Tupperwares, pois *tinha vontade de cozinhar para mim*. E também não o fizera mais tarde, nessa mesma noite, para justificar que se tivesse levantado tão à pressa da cama, se tivesse vestido e saído, em vez de ficar para dormir como parecia natural. Interroguei-me várias vezes se a sua omissão nessa altura significa que, na origem da nossa história, houve um engano. Mas sei que da parte de Lorenza não se tratava de uma estratégia consciente. Nesse período, ela existia em dois estados: aquele em que era a mãe de Eugenio e aquele em que saía comigo, e não havia ligações possíveis entre os dois estados, pois um extravasamento qualquer significaria perder qualquer esperança na nossa relação, já de si em risco.

Por outro lado, também eu me desdobrai. Gerir a nossa diferença etária exigia-me um grande esforço. Tinha vinte e seis anos, Lorenza ia a meio dos trinta, e ao falar sobre ela com os meus amigos da altura, incluindo Giulio, reparava na estranheza das suas reações e sentia-me estranho também eu. Dava por mim a fazer muitas contas: quando tiver trinta anos, ela terá quase quarenta, quando tiver quarenta e cinco ela terá cinquenta e quatro, e por aí fora. Depois, observava os homens de quarenta e cinco e as mulheres de cinquenta e quatro e dizia a mim mesmo que não tinha como funcionar. Mesmo que fôssemos capazes de manter aquele nosso entendimento

excecional, os corpos não nos teriam poupado. Em adultos, seríamos grotescos. Era como se, encontrando Lorenza, tivesse embatido contra o mais severo dos mandamentos para um homem jovem: não amarás uma mulher mais velha do que tu.

Já nos dávamos havia pelo menos um mês quando me escreveu uma SMS a pedir-me que nos encontrássemos num café. Queria apresentar-me uma pessoa importante. Bastara esse adjetivo, importante, para que a minha mente juntasse os indícios dispersos nas semanas anteriores e os conjugasse num sentido. Portanto, no dia seguinte, ao aproximar-me da mesa onde ela e Eugenio já estavam sentados, não ia de todo surpreendido.

Eugenio estava a reorganizar a coleção de cartas de um jogo chamado Magic e, quando eu me sentei, prosseguiu imperturbável. Não olhou para mim, embora eu notasse que ele estava alerta. Apontou-me uma das criaturas monstruosas das cartas e explicou-me de que poderes era dotada, os pontos vitais, as técnicas de defesa e de ataque. Depois, esclareceu-me uma segunda carta, e uma terceira e uma quarta. Se Lorenza tentasse interrompê-lo, levantava um pouco a voz sem parar. Eu fingi-me apaixonado pelos monstros, embora fosse apontando para eles de forma aleatória para desbaratar o seu esquema. Eugenio não se deixava distrair. Olhava para as cartas de esquelha e depois dizia-me espera, ainda não chegámos aí. Quando lhe pedi que me oferecesse uma, hesitou, antes de rodar a cabeça de um lado para o outro: não. Nessa altura, Lorenza intrometeu-se bruscamente. Durante o resto do encontro, Eugenio não soltara uma palavra. Mantinha os olhos fixos no arquivo, como se o tivéssemos estragado. Como se nós, adultos, lhe tivéssemos devastado também aquele mundo de fantasia.

A partir desse dia, fui aceite em casa deles, ainda que com muitas cautelas. Se a intenção fosse passar lá a noite também, eu e Lorenza montávamos um teatrinho: no fim do jantar ou no fim do filme, despedia-me deles e saía de casa. Vagueava durante meia hora pelo bairro residencial, dando várias voltas ao mesmo quarteirão, à espera de luz verde para voltar a subir. De manhã ficava quieto na cama, com a porta do quarto fechada, ouvindo os barulhos do pequeno-almoço, da água a correr no lavatório da casa de banho, todos os preparativos para a escola. Por vezes, Eugenio falava sobre mim com a mãe e eu sentia-me imaterial, como um espectro enredado entre as paredes da casa. Não tínhamos um plano preciso para quando chegasse o momento de lhe contar a verdade, provavelmente não queríamos contá-la, preferiríamos que se fosse infiltrando nele através do hábito. Parecia-nos que lhe custaria menos. Ou que nos custaria menos a nós.

Porém, numa noite, abri os olhos e deparei-me na escuridão do quarto com Eugenio à minha frente. Estava com a respiração ofegante, quiçá devido a um pesadelo. Sossegámo-lo e pusemo-lo de novo a dormir, e de manhã fiquei escondido no quarto como sempre. Não fazia ideia de como funcionaria a sua memória de curto prazo, se Eugenio pudesse de facto pensar que encontrar-me na cama da sua mãe tivesse feito parte do sonho. Seja como for,

ele não falou do assunto.

Meses após essa espécie de incidente, eu estava de partida para uma viagem. Entrei no quarto dele para me despedir. Eugenio deu-me um dos seus beijinhos a contragosto na face, antes de voltar para as cartas de Magic. Nessa altura, todavia, tirou uma do chão, como se tivesse tomado a decisão nesse instante, e disse-me toma. Era a carta do Gigante dos Feijões, um humanoide peludo com pés anormais. A legenda era críptica: «A força e a constituição do Gigante dos Feijões são iguais ao número de terras que controlares.» Perguntei-lhe se o Gigante era forte e ele respondeu-me bastante. Quando lhe agradei, fez questão de especificar que a carta era uma réplica.

Guardei o Gigante dos Feijões comigo durante dez anos, num compartimento interior da carteira, até que, num restaurante do Esquilino, um carteirista de acelera me sacou de debaixo do nariz a carteira e o telefone. Eu pousara-os na beira da mesa, descuidadamente. Depois de ter conseguido bloquear o cartão de débito e ativar um novo, depois de ter arranjado um cartão SIM com o mesmo número de antes e restaurado penosamente todos os geradores de *one-time-codes* no novo telemóvel, apercebi-me de que o Gigante dos Feijões tinha sido a única perda irreversível. Se tivesse podido pedir um favor ao ladrão, teria sido devolver-me a carta. Estive por várias vezes prestes a contar o episódio a Eugenio, mas ele não sabia sequer que eu ainda a tinha. Provavelmente não se lembrava da existência do Gigante. Ter-me-ia achado patético.

Para festejar a sua partida para os Estados Unidos, ofereci-lhe o concerto dos Radiohead em Florença, com um bilhete extra para quem quisesse. Começava a aperceber-me de que os Radiohead eram uma homenagem aos meus dezassete anos mais do que aos seus, mas Eugenio ouvira-os bastantes vezes, contra a sua vontade, e havia a questão sempre atual de consolidar aquela relação que nenhum dos dois escolhera, de a consolidar fazendo coisas juntos. Além de que não encontrara ninguém com quem ir.

Ele acabou por convidar uma colega da escola, Sara. No carro, mal interagiram. Pensei que no seu lugar, ou seja, se aos dezassete anos me apanhasse no carro com o meu padrasto e uma amiga, me sentiria responsável por ela e passaria o tempo todo em pulgas. Pelo contrário, Eugenio e Sara não pareciam sofrer nenhuma pressão comportamental, dirigiam a palavra um ao outro de forma intermitente e isolavam-se à vez com os auriculares.

Como estava um pouco destreinado dos festivais, quis arrancar com grande antecedência, o que fez com que dêssemos por nós quase em primeiro lugar, sob o sol a pino da uma, a percorrer os corredores formados pelas vedações. O calor era insuportável. Eugenio e Sara estenderam-se na relva amarelecida, seráficos. Eu sentia a apreensão a aumentar pelas horas que teríamos de esperar ali e ponderei sair, ir visitar com eles o centro de

Florença, Santa Croce e o batistério, pelo menos. Porém, a caminhada desde o estacionamento e a passagem pelos controlos de segurança tinham sido extenuantes, desisti.

Eugenio e Sara afastaram-se em direção às bancas de comida. Imperava no interior da arena um sistema económico circular, baseado na aquisição de *tokens*. Só depois de converter o dinheiro em *tokens* é que se podia comprar comida, bebidas, *merchandise*. Eu ignorava qual seria a razão, se se trataria de uma das ideias geniais dos Radiohead ou se os *tokens* seriam apenas um expediente para que as pessoas gastassem mais, mas por excesso de zelo em relação a Eugenio e à sua amiga comprei uma quantidade despropositada, de tal forma que ao fim de anos ainda me acontece encontrar alguns no carro, debaixo dos tapetes, encaixados ao lado dos assentos. Moedas de plástico antigas e sem préstimo, achados que testemunham uma época recente, mas terminada.

Quando o público começou a afluir, levantámo-nos. As pessoas acumulavam-se sobretudo à frente. Constatei com uma certa satisfação que Eugenio estava contente. Mais do que isso: estava entusiasmado, tal como Sara. Nunca tinham estado num concerto tão grande.

A banda de apoio ainda não começara quando me voltei para trás, para a extensão a perder de vista que antes estava vazia. Agora, nas nossas costas, havia um tapete de cabeças. Mais do que imaginá-la, vi uma bomba a explodir. Apercebi-me de que, onde nos encontrávamos, não teríamos salvação. Ficaríamos bloqueados, seríamos atropelados pela multidão, esmagados contra as vedações. Disse a Eugenio que era melhor recuar, mudarmo-nos para perto da mesa de som, afastarmo-nos de alguma forma da turba e ele fez uma cara incrédula: Esperámos estas horas todas de propósito! Propôs-me que me afastasse eu, se quisesse, reencontrar-nos-íamos no final.

James Blake, entretanto, subira ao palco e o público apertara-se ainda mais. Não podia ir-me embora, não podia abandoná-los. A música começou e os corpos em volta começaram a mexer-se, a oscilar. Dei por mim a absorver aqueles empurrões, repentinamente rígido, sem distinguir a canção, concentrado num outro barulho, um ronco que parecia manar dos meus órgãos internos e que eu diria ser o próprio som da angústia. Estava rodeado pela euforia do concerto e, ao mesmo tempo, pelo panorama de silêncio e devastação em que o concerto poderia transformar-se num ápice, como se a fronteira entre a realidade atual e uma outra possível se tivesse tornado finíssima.

A sensação de alheamento durou no máximo alguns minutos, talvez menos, uma mão-cheia de segundos, até que desapareceu. Mas estivera lá, e um vestígio seu permaneceu durante todo o concerto e depois também, no carro ao longo da autoestrada escura, com Eugenio e Sara adormecidos lá atrás como crianças. Era de facto tristíssimo o que estava a acontecer no mundo por causa do terror.



«Era de facto tristíssimo o que estava a acontecer no mundo por causa do terror»: a frase não é minha. Tinha sido Donald Trump a dizê-la no início desse mesmo mês. Horas antes do seu discurso, um homem entrara num casino de Manila, com uma espingarda de assalto e uma garrafa de gasolina. Desatara a disparar até não poder mais, borrifando então de gasolina as mesas de jogo, as cadeiras das *slot machines* e a alcatifa, e pegara fogo a tudo. A devastação era tal que nas horas conturbadas após o atentado se dizia que tinham sido vários os homens a irromper pelo Resorts World Manila adentro, mas não, era só um: Jessie Javier Carlos. O balanço final seria de trinta e oito mortos, sobretudo devido à debandada e à intoxicação, entre os quais o próprio Carlos. Na sua última imagem ainda com vida, vemo-lo de rosto destapado, sentado nas escadinhas do edifício que está a arder no piso de baixo. Está com um gorro preto e uma expressão azamboada, como se estivesse a descansar.

O atentado teve lugar a 2 de junho, só que nos Estados Unidos era ainda o dia anterior, quando Donald Trump mencionou o ataque em Manila, na abertura da conferência de imprensa no Rose Garden. Comparando as datas, fica-se assim com a impressão de uma estranha inversão temporal, como se Trump estivesse a falar de algo que ainda estava para acontecer. Na realidade, trata-se de uma banal diferença de fuso horário entre Manila e Washington. De forma solene, embora a despachar, Trump confessou-se muito triste com aquilo que estava a acontecer no mundo com o terror. Depois, passou ao assunto seguinte.

Por outro lado, ele não estava ali para falar de atentados e das Filipinas, mas para anunciar a decisão de retirar os Estados Unidos dos acordos para o clima da COP21 de Paris, assinados pelo seu antecessor Barack Obama. A antipatia de Trump pelas políticas ambientais não era uma surpresa, mas aquele anúncio surgiu como um choque. Trump pôs uma ênfase particular na palavra *withdraw*, retirar-se: Os Estados Unidos irão retirar-se do acordo de Paris sobre *climate change*, arrancando de imediato um aplauso por parte do auditório. O presidente acrescentou algumas frases vagas sobre a possibilidade de negociar um novo tratado, para então dizer pausadamente,

ainda que de um modo mais brutal: *So we're getting out*, vamos sair, portanto.

Ligaram-me do jornal a pedir-me um comentário, dado que estivera como enviado na COP21. Eu sabia que, se escrevesse um artigo, me deixaria dominar pelo pessimismo. Sem os Estados Unidos, não havia hipóteses na luta contra o aquecimento global. Não só porque eram responsáveis por um quinto das emissões totais, mas porque o discurso de Trump revelava algo que quem quer que se dedicasse à crise climática, mesmo ciente disso, mantinha calcado no fundo do coração: o grande esforço coletivo de reduzir o nosso impacto sobre o planeta era uma empresa desesperada. O compromisso de cada país podia ser revogado a qualquer instante, acabara de acontecer, aliás.

Mas não era motivo para incluir essas fantasias de fracasso num artigo. Propus à vice-diretora do *Corriere* uma entrevista. Conhecia uma pessoa, um climatólogo italiano bastante célebre em França, que teria sem dúvida uma perspetiva mais interessante do que a minha.

A entrevista a Novelli saiu no jornal na manhã seguinte e começava com uma citação lapidar: «Os dados não mentem. As pessoas, por vezes, sim. Mas os dados não, são simplesmente o que são. Forneçam-me medições precisas e saberei dizer-vos a verdade sobre o mundo.»

A acusação de mentira referia-se obviamente a Donald Trump e aos que o tivessem aplaudido na conferência de imprensa, mas era claro que Novelli pretendia incluir entre os mentirosos um grupo muito mais amplo, aliás, uma fatia inteira da humanidade. No decurso da nossa conversa, fez por várias vezes referência às correntes populistas, com as suas teses anticientíficas, que estavam havia anos a ganhar crédito na Europa, e especificamente em Itália. Foi tão explícito que, na fase de revisão, dei por mim perante a necessidade de atenuar alguns tons e de omitir por inteiro algumas frases. Mas também é verdade que só tinha cinquenta linhas à disposição, quando a nossa conversa pelo Skype durara mais de uma hora.

Eu estudo as nuvens, disse-me Novelli, o modo como se formam, como migram e como incidem no clima. Enfim, sabe que em Itália tivemos catorze interpelações parlamentares sobre os rastos químicos? Catorze. Significa que, por catorze vezes, um deputado nosso se levantou na sala para discutir a hipótese de que os aviões comerciais libertem na atmosfera umas quantas substâncias misteriosas, que servirão para assumir o controlo da nossa mente.

E então?

E então o quê?

O que são aquelas riscas no céu que vemos à passagem dos aviões?

Condensação. Ar quente que arrefece rapidamente. Não é propriamente um mistério. [E não me faça perguntas para as quais já sabe as respostas.]

A frase entre parêntesis conta-se entre as que não referi, embora surja na transcrição que guardo.

Não sei se leu um artigo na *Esquire*, disse Novelli, um estudo sobre o estado psicológico dos especialistas no clima. Como eu próprio. Na prática, ressalta que estamos entre as categorias de cientistas mais expostas à

depressão e diversas perturbações do humor. Mas que novidade. Síndrome de *stress* pré-traumático, é assim que os psicólogos a designam. Ou síndrome de Cassandra. É a que sentimos sempre que nos aparece um gráfico no monitor, e vemos nesse gráfico o futuro. E é o que nos acontece quando tentamos transmitir essas informações ao mundo exterior, aos cidadãos, à imprensa, aos *decision makers*. Se quiser da minha parte uma definição precisa da época em que vivemos, é esta: um tempo pré-traumático.

E como se sente hoje?

Hoje é um mau dia. Dos que são para assinalar no calendário com uma bolinha escura. Mas não preta. Há dias mais negros do que hoje. Pois hoje pelo menos há um pesar geral que mitiga a solidão.

Novelli esclareceu-me os dados do ano anterior, os tais dados que na sua opinião não mentiam. Os mais inquietantes diziam respeito aos mares, ainda que nunca ninguém pensasse nos mares. No entanto, era aí que se via de forma mais clamorosa a *climate change*. As águas do golfo do Alasca tinham aquecido a tal ponto que desenvolveram um florescimento excecional de algas tóxicas. Terá por acaso ouvido falar disso? Não, justamente.

Entretanto, a Califórnia registara um total de mais de sete mil incêndios, com a perda de vinte e seis milhões de árvores e um custo estimado de quinhentos milhões de dólares. Na China, na região de Wuhan, caíra uma quantidade de chuva absolutamente desmesurada, mesmo tendo em conta as flutuações por causa da corrente de El Niño (no fim da entrevista, procurei a localização exata de Wuhan no Maps e assegurei-me de que escrevera bem o nome, embora pareça ridículo agora).

Os dados estão aí, disse Novelli. Depois há as pessoas, com todas as suas mentiras.

Eu entrevia atrás de si o apartamento onde estivera. Perguntei-lhe a que tipo de mundo deveríamos habituar-nos e ele respondeu-me com uma certa impaciência: Um mundo como aquele que acabei de lhe descrever. Onde por um lado se morre de sede e por outro se afoga. Está familiarizado com o conceito de gradualismo?

Não muito, infelizmente.

Todos nós temos uma mente gradualista: se as coisas sempre foram de uma certa maneira, por que haveríamos de mudar logo agora? A humanidade habita o mesmo planeta há duzentos mil anos, será possível que tudo tenha de vir abaixo logo quando eu estou vivo? Parece improvável, de facto. Os cientistas também tendem a pensar assim, até porque as grandes catástrofes, como a extinção dos dinossauros, sempre tiveram dificuldades em ser levadas a sério. E, no entanto, ressalta que estamos justamente na época em que tudo está a mudar. Drasticamente. É algo que está mesmo a acontecer-nos a nós. Os fenómenos aos quais assistiremos nos próximos anos serão cada vez mais extremos. Quanto mais cedo o aceitarmos, melhor será para todos.

Elon Musk, disse eu, desistiu de uma série de iniciativas das quais fazia parte, num protesto contra a decisão de Trump. Novelli fez um esgar para a

webcam. Deixe lá o Elon Musk em paz. Os Elon Musk não contam. Não sofrerão a sério. Já estão a preparar-se para quando a catástrofe chegar. Estão a preparar *bunkers* e naves espaciais, estão a armar-se e a comprar terrenos para se mudarem para lá e viverem em segurança.

Onde é que compraria um terreno? Para se salvar, quero eu dizer.

Eu jamais faria algo desse género.

Mas se tivesse mesmo de o fazer. Em caso de Apocalipse.

Novelli ficou uns segundos a refletir, até que disse: Na Tasmânia. Fica suficientemente a sul para se furtar às temperaturas excessivas. Tem boas reservas de água doce, situa-se num estado democrático e não alberga predadores do homem. Não é muito pequena, embora não deixe de ser uma ilha, logo mais fácil de defender. Porque vai ser preciso defendermo-nos, acredite em mim.

Sim, acrescentou com maior convicção, se fosse obrigado a salvar-me, escolheria a Tasmânia.

No dia seguinte, ligou-me para se queixar do título: *A América de Trump está a condenar-nos*. Na sua perspetiva, era derrotista e conferia demasiado destaque aos Estados Unidos. Recusava-se a acreditar que eu não tivesse responsabilidades no assunto. De forma um pouco contraditória, lançou uma alusão ao facto de que eu tivesse suavizado certas afirmações suas. Mas, após esse breve desabafo, que me pareceu acima de tudo uma desculpa para comentarmos em conjunto o resultado, tranquilizou-se e concedeu-me inclusivamente que, contas feitas, a entrevista não estava má. O seu retrato, que ocupava uma boa porção de página, satisfizera-o particularmente.

Foi no decurso desse telefonema que finalmente passámos do você ao tu. E foi a partir desse dia que o nosso convívio à distância se intensificou, até se ter tornado cerradíssimo. *E-mails*, mensagens e não raras vezes telefonemas, pois Novelli gostava de falar ao telefone. Ligava-me às horas mais estranhas e sem motivo aparente, sem sequer fingir que haveria, declarando aliás abertamente que tinha vontade de trocar dois dedos de conversa.

Julgo que terei desejado desde o início ser seu amigo, após o nosso primeiro encontro na Rue Monge. E julgo que também Novelli, por trás da atitude distante, andaria à procura de companhia. Não se explicaria de outro modo o avanço rapidíssimo da nossa relação.

Atraía-me nele a inteligência em sentido lato, ou melhor, o modo severo como aplicava a inteligência. Porém, não era só isso. Gostava dele por uma razão qualquer que ia além do intercâmbio de ideias, além das raízes comuns na física e da preocupação partilhada com o sobreaquecimento do planeta. Tinha muito que ver com a sua fisicalidade. A componente corpórea é em geral subvalorizada nas amizades masculinas, embora tenha desempenhado um papel central em muitas das minhas. Novelli não era exceção: o rosto

redondo, os olhos escuros e brilhantes, o tronco não propriamente gordo, mas cheio, também devido às camisas aderentes que teimava em envergar. Dedicava-se às nuvens, mas parecia ter os pés muito mais assentes na terra do que eu, o que me transmitia uma sensação de solidez num momento em que, à luz de todas as evidências, eu deveria estar a precisar.

Porém, a nossa aproximação também foi incentivada por diversas circunstâncias: nessa mesma primavera, eu e Lorenza acháramo-nos repentinamente sozinhos. Alma e Fabrizio, os únicos amigos em comum que resistiam aos anos – era com eles que estávamos na noite do Bataclan e era com eles que estávamos numa infinidade de outras noites que na memória se sobrepõem –, tinham desaparecido subitamente das nossas vidas, deixando atrás de si uma sensação de incredulidade e desânimo.

Posso tentar, com a máxima secura, resumir como terá acontecido, ciente todavia de que se trata de uma aproximação, pois essa rutura deu azo a inúmeras conjecturas e a conversas extenuantes entre mim e Lorenza, muitas das quais a altas horas da noite e todas caídas em saco roto, conversas que sem dúvida alteraram a verdade dos factos.

Um par de anos antes, Lorenza recebera uma herança da sua madrinha de batismo. Não era um valor estonteante, mas o suficiente ainda assim para alguém se perguntar como seria mais sensato utilizá-lo. Acabara por confiar o dinheiro a Fabrizio, que trabalhava numa instituição de crédito. Como decisão, era completamente natural, de tal forma que na noite em que ela me aludira a tal eu não encontrara nada a objetar. Na verdade, mal me debruçara sobre o prospeto do plano de investimento que ele lhe enviara, pois não via o que poderia eu acrescentar.

O dinheiro ficara parado durante alguns meses, oficialmente a acumular juros, e, se houve extratos a chegar pelo correio, eu nunca reparei neles, mas creio que não terão chegado. Num certo sentido, Lorenza desinteressara-se do assunto, até que os preparativos para o ano de Eugenio no estrangeiro tornaram necessário ir buscar uma parte. Pedira então a Alma para mencionar o desinvestimento a Fabrizio.

Depois de lhe ter garantido que falaria com ele, Alma deixara de responder. Nunca acontecera em tantos anos. Enviava mensagens lacónicas de desculpa a Lorenza, aparentemente andava muito atarefada, até que as interrompera também. Lorenza procurava-a várias vezes ao dia, cada vez mais confusa, até que me pediu para escrever a Fabrizio para saber se teria acontecido alguma coisa. Ele respondera-me que, na realidade, sim, tratava-se da saúde de Alma: mesmo que não tivesse proferido a palavra cancro, não me deixara muitas dúvidas.

Revejo Lorenza como se fosse agora, sentada na cozinha, chocada com o facto de que Alma tivesse sido tão reticente consigo, pelo menos tanto quanto com a novidade em si. Nem sequer lhe passara pela cabeça voltar à questão do dinheiro investido. Por ora, pediria um empréstimo ao seu pai, mesmo sendo a última coisa que lhe apetecia fazer.

Eu partiria dias depois, não me lembro para onde. Enquanto estava fora, Alma publicou uma fotografia no Facebook, foto que Lorenza interceptara, na qual estava a jantar fora e parecia em ótima forma. Lorenza procurou-a para lhe pedir explicações, mas Alma recusara-se de novo. Aliás, Lorenza já não conseguia sequer escrever-lhe pelo WhatsApp ou contactá-la através das redes sociais, como se Alma a tivesse bloqueado (e bloqueara de facto).

Concretizara-se finalmente a suspeita que se mantivera subliminar em ambos. Numa manhã, Lorenza foi pessoalmente ao banco. Teve de esperar imenso tempo até que Fabrizio a recebesse. Contou-me a seguir que o via no seu cubículo, ocupadíssimo com sabe-se lá o quê, embora o bastante para a ignorar ao fim de meia hora, ao fim de uma hora, ao fim de uma hora e meia. Durante todo esse tempo, dirigira-lhe apenas um sorriso embaraçado. Quando Lorenza finalmente se sentou à sua frente, só estava à espera da confirmação daquilo que já sabia, e de se inteirar da dimensão. O diálogo foi curtíssimo. Fabrizio imprimira-lhe um gráfico em que se via o comportamento do fundo nos últimos meses, com o saldo, no final, praticamente a zeros. Quando o analisámos em conjunto, mais tarde, veríamos a quantidade de operações nunca discutidas e absolutamente irrazoáveis que Fabrizio realizara, a cavalo na procuração que lhe tinha sido passada.

Lorenza transferira os poucos milhares de euros restantes para o cartão pré-pago de Eugenio, como se não quisesse ter o dinheiro parado naquela conta nem mais um minuto. Depois, dedicara-se a procurar Alma. Pusera-se de atalaia, certa tarde, à porta de sua casa. Nunca me contou o que quer que fosse do que aconteceu durante o encontro, mas nos dias seguintes estava calada como nunca, não parava de perder objetos e feria-se de formas estúpidas.

Um dos corolários do desaparecimento de Alma e Fabrizio foi vermos de novo sem planos para o verão. De contrário, é provável que não tivéssemos tomado em consideração passar as férias com Novelli e a sua família, que Lorenza não conhecia de todo. Mas veio a saber-se que alugavam um *time sharing* na Sardenha, que a vivenda tinha acesso direto à praia e um quarto de casal a mais. E porque não?, escreveu-me Novelli. Sim, porque não?, propus eu a Lorenza. Nem sequer queriam que contribuíssemos para as despesas. Ela anuiu quase de imediato. Quando realcei que tinha sido demasiado fácil convencê-la, respondeu-me assim: Sejamos sinceros, neste momento não temos muita vontade de ficarmos a sós, eu e tu.

A vivenda na Sardenha fazia parte de um complexo residencial ao qual se acedia por uma estrada privada, inclusivamente com um guarda que nos perscrutava atentamente de cada vez, antes de levantar a cancela. Remontava, segundo Novelli, à época dourada da construção clandestina, quando Itália não tinha freio e era permitido fazer praticamente tudo, incluindo construir

mamarrachos em cima da praia. Melhor para nós, concluía ele, olhando com satisfação para a risca de mar, de braços cruzados atrás das costas e os polegares entalados no elástico dos calções.

A casa não era nada de especial, tinha caixilharia de alumínio e uma decoração sem valor. Também faltava o ar condicionado, segundo diziam os proprietários para respeitar a estrutura original, segundo dizia Novelli por pura sovinice. Mas o exterior era uma maravilha e durante a maior parte do tempo era aí que se estava. Um carreiro de cascalho desdobrava-se pelo meio de um jardim de plantas grandes, dominado por um agave enorme e carnudo que já disparara para o céu a sua flor altíssima. Seguindo o percurso, ia-se dar a uma pequena baía. Alcançá-la passando pela costa era pouco conveniente, só lá ia dar um ou outro casal jovem e intrépido, pelo que ficava só para nós na maior parte do tempo. No fundo, que naqueles dias sondei metro a metro com uma máscara, guiado por Novelli, havia tocas de polvos, anémonas e ouriços, e até estruturas intactas, com uma altura de pelo menos dois palmos, de corais arroxeados.

Era o primeiro a levantar-me de manhã. Descia sozinho à praia. O mar era liso e eu fazia tenções de ir a nadar até alto mar, embora em geral ficasse a boiar. Quando voltava para casa, os filhos de Novelli andavam por ali um pouco desorientados, à procura de comida, surripiando pacotes de bolachas da despensa e deixando-os em locais improváveis. Às vezes regressava à cama para junto de Lorenza, que por essa altura estava acordada, embora parecesse hesitante em abandonar o quarto. Em cima dos lençóis havia sempre uma salpicadura de areia, sobretudo na zona dos pés, e ambos nos sentíamos aliviados de ser impossível fazer amor com os restantes quartos tão colados ao nosso.

Não estás a divertir-te?, perguntava-lhe eu obsessivamente.

É um sítio bonito.

Não estás a divertir-te. Mas passámos anos a fazer férias com a Alma e o Fabrizio.

E o que é que isso quer dizer?

Nada. Mas poderias esforçar-te um pouco mais.

Tu esforçavas-te com a Alma e o Fabrizio?

Eram mais teus do que meus amigos.

Não sabia que pensavas assim. Devias ter-me dito.

Todos os dias, eu e Novelli telefonávamos para denunciar os iates demasiado próximos do litoral, embora a guarda costeira nunca aparecesse. Ao fim da manhã, íamos os dois fazer compras a San Teodoro, trazíamos legumes e doces locais à base de requeijão que, no fim, ninguém comia. Depois, fazíamos fila na peixaria. Sendo da Ligúria, Novelli tinha uma sólida cultura de peixe, discutia, negociava por vezes com uma insistência excessiva, como que para me instruir, a mim que tinha um *imprinting* de banca de supermercado. Quando saíamos de lá, repetia: Estás a ver? É uma coisa que em França esquecemos.

Tinha uma atitude ambivalente em relação a Itália. Alternava um sentimento de superioridade, a ostentação de viver numa cidade resplandecente e cosmopolita como Paris, com manifestações de uma saudade quase infantil. Carolina, ao invés, era bastante explícita na sua falta de paciência para França. Fazia imitações cáusticas dos parisienses, com todos os seus *oh-lá-lá* e *ah-bon* e *voilà* e *hop!*, descrevia-os sumariamente como classistas e mandriões. Numa das noites, enquanto jantávamos no terraço, Lorenza perdeu a calma. Parecem-me meros estereótipos, disse. Garanto-te que é assim que são, retorquiu Carolina. E eu garanto-te que não é verdade.

A troca foi avançando neste tom e degeneraria, se Novelli não tivesse feito um dos seus jogos de palavras e mudado de assunto mesmo a tempo.

Ele e eu desenvolvemos o hábito de dar um último mergulho noturno, quando já todos estavam a dormir. Comparando com o ar fresco, a água parecia morna e dava para aguentar muito tempo de molho. Naquela calma, tivemos algumas das nossas conversas mais absorventes. Em boa verdade, eu limitava-me a ouvi-lo durante a maior parte do tempo: Novelli era mais um tipo de respostas do que de perguntas, e eu o contrário. Na noite em que salváramos a discussão, havia um incêndio a sul da baía que desenhava uma ferida vermelha na silhueta escura do promontório.

Acho que a Carolina chegou ao fim da linha com Paris, disse Novelli um pouco entristecido. Embora se arrelie muito com os franceses, a verdade é que não arranjou nada para fazer lá. Agora anda obcecada.

Obcecada com quê?

Passou as mãos molhadas pela cabeça para acachapar o cabelo. Com a ideia de trabalhar. Nós não precisamos do salário dela. Não estamos propriamente a nadar em ouro, mas safamo-nos.

Tu sentir-te-ias realizado sem trabalhar?

O que é que isso tem que ver? Não é simétrico. Além de que sempre funcionou bem assim. A Carolina nunca teve uma vocação, digamos, particularmente forte.

Afirmou aquilo com uma dureza que naquele momento me surpreendeu. Depois, acrescentou: Seja como for, vamos voltar para Itália no próximo inverno. Já está decidido.

Haveria um concurso para professor efetivo, em Génova, a sua cidade de origem. Destinava-se a candidatos externos, mas na prática tinha sido aberto para ele. E estou para ver, acrescentou, com o *grant* que lhe trago.

Ficámos algum tempo a observar os clarões do incêndio na costa. Os Canadair iam e vinham sem parar, derramando bâtegas de água salgada. Não pareciam muito eficazes.

Se não fosse um drama, disse Novelli, haveria que reconhecer que é um espetáculo incrível.

Na segunda semana, já Lorenza fazia a sua vida sozinha. Ficava várias horas a ler na praia, num canto afastado, ou permanecia no quarto. Durante as refeições, quando era inevitável que estivéssemos todos juntos, quase não falava. Os elementos de incompatibilidade entre ela e Carolina tinham-se acentuado. Apercebi-me de que não era natural para mim tomar o seu partido, ainda que ela tivesse muita razão. Era verdade, por exemplo, que a impetuosidade de Carolina era incomodativa, e era verdade que Novelli monopolizava quase sempre as conversas: se não tinha grande interesse no que eu tinha para lhe dizer, era completamente indiferente às opiniões de Lorenza. Não era, todavia, caso para reagir assim.

Estou a portar-me bem, disse-me uma noite no quarto, quando tentei abordar de novo o problema. Fiz-lhe sinal para que baixasse a voz e ela repetiu mais discretamente: Estou a portar-me bem, como que a vincar que não tinha de facto nada a acrescentar a esse respeito.

Porém, no penúltimo dia, alugámos um barco a motor no qual íamos bastante confortáveis mesmo sendo seis e que Novelli podia pilotar uma vez que tinha carta de marinheiro. Circum-navegámos Tavolara e parámos durante algumas horas numa enseada onde a água era de um azul caribenho. Novelli pescou ostras com uma pequena faca, embora fosse proibido. Temperou uma com limão para Lorenza, que a chupou da sua mão. O seu humor mudara.

Comemos camarão cru e bebemos vinho branco, no barco a motor, enquanto as crianças iam nadando ali à volta com as máscaras. Quando regressámos, era quase de noite e estávamos eufóricos. Abrimos mais um vinho e ficámos no terraço até tarde, às escuras, pois ninguém tinha forças para se levantar dos cadeirões e ir até ao interruptor. Propus que descêssemos à praia, era a última noite e não corria um fio de vento. Lorenza estava indecisa, mas tudo estava a correr tão bem que não queria estragar o ambiente logo naquela altura. Disse-me vou pôr o fato de banho, mas travámo-la: iríamos perder o balanço.

Pusemo-nos a caminho, cambaleantes, iluminando o percurso entre as pedras com as lanternas dos telemóveis. Julgo que não haveria luar ou então lembro-me de uma escuridão completa, pois quando rodei o feixe para o mar a partir da praia, só por um instante, desvendou-se a figura de Carolina nua, de pé na água que lhe dava pelos joelhos. Lorenza também a terá visto, terá visto o triângulo um pouco mais escuro da púbis, e talvez tenha sentido também o que eu sentira, ou seja, que Carolina estava à nossa espera. Não sei se terá sido isso a travá-la, a verdade é que disse: Eu não vou entrar.

Novelli estava já a encaminhar-se para a mulher, eu ouvia o chapinhar dos passos e entrevi as suas nádegas brancas como balões suspensos. Por favor, disse. Vai tu, respondeu Lorenza com um cansaço súbito na voz. Peço-te, sussurrei-lhe aproximando-me, e foi nesse momento que ela proferiu a

frase em que eu haveria de pensar várias vezes posteriormente: Tenho imensa pena por ti.

Imensa pena de quê?

Tenho pena por ti, repetiu. Mas ainda vais a tempo. Podes ir. Aliás, é melhor ires. Aproveita.

Não fui capaz de lhe dizer que não, que não pretendia fazer nada desse género. Novelli e Carolina estavam à nossa espera e é provável que eu estivesse mais preocupado com isso. Dá-me o telemóvel, disse Lorenza, que eu guardo-o. Apontou a lanterna para um ponto lateral da praia, onde não iluminava ninguém, só uma saliência inanimada de rocha.

Despi-me. Carolina gritou que nos despachássemos, ter-se-ia metido um pouco mais mar adentro. Dei umas quantas braçadas para os alcançar.

E a Lorenza?, perguntou-me Novelli na água.

Está com frio.

Que pena! Porém, não parecia importar-se muito com isso. Carolina disse: Olhem lá para cima, que loucura! Só que eu rodei a cabeça para a beira-mar, onde só era possível intuir a figura de Lorenza, pois ela apagara a luz entretanto. Ou então, pensei, já lá não estava, pusera-se a caminho sozinha pelo carreiro, subindo até casa.



Tenho no telefone as fotografias dos dias na Sardenha: nós os quatro juntos no terraço / Carolina a rir de qualquer coisa, a perna dobrada na cadeira e o cigarro entre os dedos / Novelli a afastar-se com Lorenza na canoa para dois (uma pontada de ciúmes inteiramente irracionais quando desapareceram para lá dos rochedos e não voltaram na meia hora seguinte) / as crianças a empunhar as espingardas de água / Lorenza outra vez, deitada na proa do barco a motor. Nos instantâneos, tudo parece mais feliz do que a recordação que guardo.

Posso fazer deslizar o verão de 2017 assim, em menos de um minuto, movendo apenas o polegar e sem perceber nada: o *screenshot* de um horóscopo *online* que alertava os sagitários como eu para uma semana em que nos faltaria «desenvoltura intelectual» / o vídeo de um homem de costas, de pé sobre um estrado de *bungee jumping*: já está amarrado, diz *okay* a quem está a filmá-lo, depois atira-se para o vazio com um grito. Após alguns solavancos do enquadramento, aparece a pendular vários metros mais abaixo, por cima de uma ribeira. Tinha sido Karol a enviar-mo e quem se atirara era ele próprio / uma panorâmica de artigos sobre o atentado de Barcelona de 17 de agosto / a fotografia de uma luz de teto de que Lorenza ou eu gostávamos e que não compraríamos / um homem adormecido que não faço ideia de quem seja / um outro homem adormecido (quem é que me enviava aquelas imagens, e porquê?, seria possível que fosse eu a enviá-las a alguém? A galeria não fornece nenhum contexto, apenas as datas) / os pratos de um restaurante na Apúlia / um outro *screenshot* de notícias, onde surgem de seguida a morte de um casal do Véneto que cozinhará um *risotto* com flores venenosas e uma análise de fundo sobre certos tumores da boca, quicá associados ao sexo oral.

Há uma montagem, com música de acompanhamento, a documentar a partida de Eugenio para os Estados Unidos. O iPhone volta periodicamente a propô-la, preferiria que não o fizesse, que usasse de mais cautela com a minha memória, mas acabo sempre a vê-la. Numa fotografia, Eugenio tem a mala ao lado e está a fazer o sinal de vitória com os dedos, embora se intua que está confuso. Numa outra, abraça Lorenza que está a chorar. E numa outra seguinte está já de costas, para lá dos controlos de segurança. O iPhone

escolheu como banda sonora *Born to Be Wild*, que aparece ajustada às imagens, embora também mostre que o algoritmo nada percebeu dessa manhã em Fiumicino, nada percebeu do embarço quando nos encontrámos os quatro no átrio, eu, Lorenza, o pai de Eugenio e a sua companheira; nada percebeu de mim que reparo na ordem pela qual Eugenio se despede de nós, nem da tristeza que se abate sobre mim ao vê-lo por fim desaparecer na fila dos controlos, uma tristeza com a qual não contara e que não sabia sequer se seria por ele ou por mim.

Mais à frente, setembro: um *resort* de Ko Lanta ao qual eu e Lorenza ponderámos ir apenas / a filha de Novelli a ler *Wonder* no metro / Eugenio na sua nova vida americana / uma ilustração satírica com Donald Trump e Kim Jong-un, depois de a Coreia do Norte ter detonado uma bomba H de cem quilotoneladas. Tenho a certeza de que discuti o assunto com Curzia, interrogando-nos se a possibilidade de uma escalada seria real, e de que acabei por concluir que esse receio era sobretudo meu, pois ficara obcecado com a bomba atómica.

Um bilhete do Centre Pompidou e o cartaz francês de um filme assinalam que em outubro voltei a Paris. Chegara o momento de entregar o meu depoimento sobre Giulio e Adriano. Nos meses anteriores, tirara vários apontamentos sobre eles, entre os quais uma lista de termos, palavras abstratas como desvelo, diversão, entendimento. Mas não queria que o resultado fosse uma coleção de frases de circunstância, queria que se revelasse incisivo, pelo que acabara por decidir concentrar-me num episódio em particular.

Um dia, na zona das galerias de Saint-Germain, parámos à porta de uma loja de máscaras africanas e Giulio descreveu a Adriano a origem e as propriedades mágicas de cada uma, com uma competência tal que até o vendedor a percebera através da montra. Convidou-nos a entrar e continuou ele a dar-nos informações. As máscaras tinham preços exorbitantes, eram na realidade adornos de luxo para as casas dos parisienses com o mito da África primitiva, mas para nós o importante não era isso. O importante era que Adriano tivesse permanecido calmo durante todo aquele tempo, concentrado, sem as habituais manifestações de impaciência nem os ataques que já tinham levado os professores do jardim de infância a chamar Giulio pouco antes e a evocar um transtorno de défice de atenção e hiperatividade. Na loja, Giulio dirigiu-me um olhar de fugida, ainda que eloquente, como que a dizer estás a ver, estás a ver como ele é de facto? Mas então porque é que estão a fazer-me isto? Efetivamente, Adriano esteve tão atento que no final o vendedor lhe ofereceu um pedaço de madeira trabalhado. Provavelmente não valia nada, mas ele cerrara-o no punho nas horas seguintes como o objeto mais precioso que já tivera na sua posse.

Fiz chegar o texto à advogada de Giulio, desculpando-me desde logo

pela fraca tradução. Eles seriam com certeza capazes de a afinar. Se o sentido fosse mantido, não tinha nada em contrário.

Muito tocante, disse ela depois de o ter lido. Mas, para dizer a verdade, ela tinha preparado um esboço do meu depoimento. Na realidade, não havia necessidade de que me desse ao trabalho de ir até Paris, poderia perfeitamente enviar-lhe uma digitalização da página assinada por *e-mail*. Mas já que ali estava.

Chamou a assistente através da linha interna e pediu-lhe o favor de imprimir a declaração. Nos minutos em que ficámos à espera, Giulio e a advogada foram falando entre si. Tinham uma familiaridade que eu não esperava, e era evidente que Giulio confiava bastante nela.

O novo texto era essencial. Em suma, eu garantia, após ter convivido com ele durante vários anos, que Giulio era uma pessoa de valor e que as atitudes para com o seu filho às quais eu assistira sempre tinham sido corretas. Assinei, perguntando-me como se poderia escolher um adjetivo como aquele, «corretas», para relatar a relação entre um pai e um filho.

Saindo do escritório, eu e Giulio fomos andando, mas estava uma atmosfera estranha. Após termos levado a bom porto a missão que nos unira nos últimos meses, parecia que não nos restava muito a dizer. Eu estava também um pouco desiludido. Imaginara que iria ser mais decisivo naquela história, um protagonista numa vida que não tinha nada a ver com a minha.

Giulio pôs-me a par das novidades sobre o processo, um pouco a custo, como se se sentisse na obrigação de o fazer só porque eu apanhara o enésimo avião e ainda por cima em vão. Perdera a batalha relacionada com a escola. Adriano começara a frequentar a primária francesa, no sétimo. Não havia nada que lhe agradasse nessa solução: nem o método, nem as professoras, nem o ambiente social tão elitista.

A sério que não percebo o que a mãe encasquetou na cabeça, disse. Não seriam capazes de garantir a Adriano um estilo de vida nem mesmo comparável ao dos seus colegas. A menos que recorressem a Luc, obviamente.

No entanto, o raciocínio de Cobalt tinha sido convincente para o juiz: vindo dessa escola, Adriano teria acesso a alguns dos melhores liceus de Paris, e garantiria a partir daí uma via preferencial para as Grandes Écoles e um futuro de prosperidade.

Uma estratégia precisa das classes dominantes, disse Giulio. O elevador social vê-se encravado à partida, quando se tem seis anos. Com uma tramitação escolar rígida, ninguém consegue intrometer-se. Fica garantida a cristalização dos privilégios.

Será inútil dizer que ele se documentara. Lera manuais, generalizara a sua situação em certos mecanismos económicos abstratos. A política voltava a entrar na sua vida de uma forma inteiramente inesperada, mas, se aos vinte anos tinha sido a política ativa, agora era quase só sofrida. E, se aos vinte anos se traduzia na organização de manifestações, num excesso de relações

humanas, agora tornara-se a atividade mais solitária do mundo.

Enquanto Giulio estudava as novas formas de injustiça social, Cobalt produziu um volume surpreendente de material contra ele. A partir de um relatório das educadoras do jardim de infância, que tinham relatado a atitude hostil, quase nada construtiva do pai de Adriano para com elas. Viera ainda a lume uma perícia solicitada por uma das partes, redigida por um psicoterapeuta infantil, segundo a qual a criança, após os períodos mais longos passados com ele, demonstraria manifestações somáticas de mal-estar: erupções cutâneas, obstipação. Que ele sempre teve, esclareceu-me Giulio.

Entre outras coisas, ele não dera nenhuma autorização para que o menino fosse submetido a uma consulta daquele género. A sua advogada apresentara queixa e o juiz deferira-a. Talvez a iniciativa de Cobalt acabasse por se virar contra si mesma.

Desculpa se te fiz vir cá para nada, disse ele.

Estávamos na ponte, diante do Instituto do Mundo Árabe, e demoraríamos mais dez minutos até nos separarmos. Não faz mal.

Não, lamento mesmo.

Como ele não acrescentava mais nada, limitei-me a dizer: Tudo bem. Depois, despedimo-nos. Talvez nos víssemos ainda antes da minha partida, embora nenhum dos dois estivesse muito convicto disso.

Eu decidira ficar em casa de Novelli. A motivação oficial era que ele tinha um quarto livre, mais confortável do que o sofá e no qual poderia concentrar-me para trabalhar. Na realidade, como era evidente para Giulio também, o meu afeto inclinava-se agora para aquele lado, sobretudo após as férias passadas em conjunto. Giulio recebera a novidade mantendo-se imperturbável. Não havia espaço para o ciúme entre homens adultos como nós. Porém, encontrarmo-nos com aquela nova configuração tinha sido diferente, de certa forma embaraçoso, como se na base de tudo estivesse uma traição. Antes de entrarmos no escritório da advogada, ele perguntara-me num tom descontraído que insinuava tudo menos isso: Então, está-se melhor lá?

Sim, estava-se melhor. Pelo menos estava-se no interior de um calor familiar: se tivesse sido sincero, era assim que lhe teria respondido. E teria acrescentado que não era razão para se escandalizar nem para o levar demasiado a peito. A minha busca desse calor era uma fraqueza que eu conhecia, vinda de longe, embora eu não soubesse a sua origem. Já na primária passava o máximo de tempo possível em casa da minha vizinha vietnamita, cujo nome traduzido era Nuvem Que Se Mexe Devagar. A sua mãe fazia *puzzles* com milhares de peças que ocupavam o chão inteiro e à noite comíamos líchias em conserva na cozinha.

Horas depois de nos termos separado, Giulio reencaminhou-me um *e-mail*, que era por sua vez um reencaminhamento da advogada. Pelo assunto,

percebi que se tratava de um documento relativo ao processo de responsabilidade parental, mas não me apetecia lê-lo. Estava em casa de Novelli e tínhamos ido buscar pizzas a um restaurante italiano: Italiano mesmo, repetiam as crianças, por isso é que a massa era tão boa. A mim não me parecia nada de especial, embora isso não fosse relevante. Bastavam-me a luz ténue da casa no último piso, os restos de piza nas caixas e as crianças com os pés descalços no forro dos sofás ou no ar. No dia seguinte voltaria para Roma e queria desfrutar daquela paz sem interferências.

No entanto, assim não foi. Enquanto Carolina adormecia o pequenote no outro quarto, pusemos um filme e eu já estava a cabecear quando ouvimos explosões. Carolina voltou à sala, estava de repente muito pálida. Eu e Novelli agarrámos nos telefones, enquanto no Twitter apareciam as primeiras indicações. Ao que parecia, os rebentamentos tinham sido para as bandas da Torre Eiffel, portanto bastante distantes. Fomos ainda assim à varanda e ficámos lá de orelhas arrebitadas. A rua mais abaixo estava desolada.

Passado algum tempo, juntou-se a nós a filha. Ouvira uma espécie de rajada. São tiros ou bombas?, perguntou. Parecia uma metralhadora, respondeu-lhe Novelli.

Ela contou-me que faziam exercícios na escola com uma periodicidade mensal. O diretor fazia soar o alarme soprando numa corneta (uma corneta como na Idade Média, sabe-se lá porquê), a professora fechava as janelas, corria os cortinados e apagava as luzes. Entretanto, alguns alunos bloqueavam a porta da sala empurrando cadeiras contra a mesma. Tinham de se agachar debaixo das carteiras, desligar os telefones, não bastava tirar o som, desligá-los mesmo, pois no Bataclan, quando todos se fingiam já mortos, os assassinos tinham disparado do balcão para a plateia, apontando aos corpos estendidos onde quer que se iluminasse um telefone. Depois, é preciso ficar em silêncio e à espera, disse a filha de Novelli. À espera de quê? De que alguém armado com uma Kalashnikov irrompa na sala, pensei eu. De que a corneta soe uma segunda vez, disse ela. Contou-me que durante os primeiros exercícios os seus colegas choravam, ela incluída, mas já se tinham habituado e no último até adormecera.

Escrevi a Curzia a perguntar-lhe se sabia algo do ataque, descobrindo assim que ela estava em França, coincidência que achei ameaçadora. Porém, não em Paris, acabara de chegar a Calais para uma reportagem sobre a chamada selva dos migrantes, a um ano do despejo. Não sabia nada do atentado, também estava a tentar perceber mais através do Twitter. Senti o olhar de Novelli nos dedos e, antes que ele dissesse algo, justifiquei-me: Estou a perguntar-lhe por causa do jornal. Se calhar é motivo para ir até ao sítio.

Acabámos por voltar para dentro e recomeçámos a ver o filme. Horas depois, descobriu-se que não houvera atentado nenhum. Era fogo de artifício, ainda por cima autorizado: o *set* de uma série das irmãs Wachowski produzida pela Netflix.

No dia seguinte houve uma certa polémica. As autoridades tinham avisado os moradores do bairro através do sistema de mensagens, mas o fogo de artifício ouvira-se muito mais longe, quiçá devido às condições atmosféricas.

No seu contacto radiofónico, Novelli usou do sarcasmo. Depois, falou mais a sério sobre como realidade e sugestão se misturavam agora nas nossas vidas em formas verdadeiramente estranhas. Eu estava a tomar o pequeno-almoço, ouvindo-o, vendo-o andar com o telemóvel no ouvido e a gesticular com a mão livre, e fiquei surpreendido por mais de uma vez com o seu talento expressivo.

Após a minha entrevista, o seu raio de ação começara a alargar-se timidamente a Itália, tinha sido incluído na lista de especialistas a contactar em caso de terremotos, desabamentos, tempestades excecionais ou erupções vulcânicas. Contribuía sem dúvida para isso o facto de ter sido apresentado no subtítulo como vencedor do Nobel, que embora fosse um exagero não era falso. Dez anos antes, quando o IPCC recebera o prémio a par de Al Gore, Novelli era um dos poucos italianos na comissão. Que dela fizessem parte dezenas de outros cientistas, era no fim de contas um pormenor.

Tinha de regressar a Roma. Novelli acompanhou-me à paragem do autocarro. O céu estava coberto por uma nuvem única, branca e compacta: alto-estrato, tal como eu aprendera no convívio com ele. Era o tipo de céu que exasperava a minha catarata do olho esquerdo. Pus-me a fazer as experiências do costume, piscando os olhos alternadamente, tique que Eugenio adotara.

Novelli falou-me das obras para remodelar a casa de família em Génova. Pretendia iniciá-las o mais cedo possível. Carolina atingira já níveis de paranoia em Paris, também eu me apercebera disso. Já não andava de metro. Não queria ir ao cinema, ao restaurante, nada. E começava a transferir essa ansiedade para as crianças. Obrigava-as a renunciar às festas de anos só porque eram ao ar livre. Não havia como chamá-la à razão.

Quando já estávamos na paragem, acrescentou: Ah, ia-me esquecendo. Parece que vamos ser colegas.

A forma como o disse fez-me perceber que não se esquecera de todo, pelo contrário, andara com aquele anúncio na cabeça o tempo todo.

Pediram-me que escrevesse para o ***. Uma crónica sobre ambiente. Uma loucura, hã? Não que eu tenha muito tempo, sinceramente, entre investigação e aulas. Mas não me parecia justo esquivar-me. Senão, deixamos campo aberto a todos esses divulgadores improvisados. E ao negacionismo, claro. Se há coisa de que o país precisa é de um mínimo de rigor científico.

Fiz-lhe notar que, como jornal, o *** me parecia um pouco demasiado tendencioso, e não propriamente alinhado com as suas convicções.

Todos os jornais são tendenciosos, respondeu-me. Porquê, aquele onde escreves não é? Além de que, digamo-lo claramente, já não existem verdadeiras diferenças políticas. Só existe o ser-se a favor ou contra a verdade.

O autocarro, entretanto, encostara ao passeio. Percebi que Novelli queria agora discutir mais demoradamente, mas calculara mal os tempos, esperando até à última para maximizar o efeito surpresa.

Pode ser que venhas a dar-me algum conselho de escrita, disse ele, embora eu soubesse que não mos pediria. Roçámos as faces uma na outra e subi a bordo.

Quando o autocarro se afastou, virei-me para o fitar pela janela. Ainda estava onde eu o deixara, absorto, com as mãos nos bolsos. Eu esforçara-me por permanecer impassível um segundo antes, mas uma ligeira fricção, feita de nada, terá sido notada por ambos, pois minutos depois apareceu-me uma mensagem sua em que se despedia de novo e desejava que eu voltasse em breve. Não era necessária e esse tipo de exteriorização não era nada nosso. Respondi que também tinha essa esperança e acrescentei os parabéns pelo seu novo trabalho.

Mais tarde, enquanto esperava no *gate* do aeroporto, abri o *e-mail* de Giulio. Não havia linhas de introdução, apenas o rasto dos reencaminhamentos seguidos e um anexo em PDF. Tratava-se de uma memória que Cobalt transmitira ao seu representante. O texto estava em francês, mas eu conseguia ainda assim intuir pela sintaxe que tinha sido escrito originalmente na primeira pessoa, logo pela própria Cobalt, e modificado então para uma terceira pessoa mais neutral, onde ela surgia indicada como Mme V.

Cobalt falava do período em que morara com Giulio em Genebra, juntamente com o recém-nascido Adriano. Tinham-se mudado para lá porque ela obtivera uma bolsa no CERN. O salário era elevado, mas não chegava para o custo de vida na Suíça e Giulio não encontrara um cargo para si. Todavia, não parecia disposto a abdicar de nenhum dos seus hábitos de anteriormente, em particular das viagens. A dada altura, aparecia definido como *irréaliste* em relação à condição financeira de ambos nessa época.

Fui passando as páginas até à última e um termo em itálico atraiu a minha atenção: *gaslighting*. Procurei o significado. Na psicologia, consiste em confundir as lembranças da vítima através de um processo de manipulação programática, até fazer com que ela duvide da sua própria memória. É uma técnica que se observa em várias situações de violência, frequentemente aplicada por sujeitos sociopatas e utilizada por certos regimes repressivos. Por vezes é tão penetrante, baralha de tal forma a mente da pessoa que a sofre, que a impele para o suicídio.

Parei de ler. Dera-me uma certa náusea. Os passageiros do voo já estavam enfileirados, eu deveria juntar-me no final, mas fiquei sentado. Tiveram início os procedimentos de embarque, a fila foi avançando metro a metro à minha frente.

O último a passar foi um rapaz que viajava sozinho, com um casaco acolchoado demasiado pesado para Roma. Chamaram pelo meu nome uma, duas, três vezes. Para lá das vidraças, vi a aeronave a separar-se da manga e a

deslocar-se para a pista de descolagem. Só me levantei nessa altura. Refiz o percurso pelos controlos de segurança e saí do terminal.

Segunda parte

AS NUVENS



A 9 de agosto de 1945, o caça-bombardeiro Bockscar descolou em plena noite de uma ilha minúscula no arquipélago das Marianas, Tinian, conquistada pelo exército americano apenas um ano antes. O destino do B-29, ou seja, o objetivo sobre o qual iria largar a bomba atômica contida no seu porão, era a cidade de Kokura, onde se encontrava um arsenal militar.

Após ter sobrevoado um troço longo do Pacífico, inicialmente preto, depois iluminado pela aurora, e após ter sido atrasado inutilmente para aguardar por um outro caça-bombardeiro que deveria fotografar a missão, Bockscar chegou a Kokura, precisamente às 10:44 da manhã, mas encontrou a cidade coberta por uma nuvem. Tratava-se de uma nuvem estranha, muito escura, quiçá de origem natural ou porventura resultante da fumaça dos bombardeamentos que, entretanto, o vento arrastara para ali. A verdade é que cobria antipaticamente o alvo à vista do major Charles Sweeney.

O B-29 continuou durante algum tempo a circular em vazio, à espera de que o céu clareasse, mas a nuvem não fazia menção de se dissipar. Para não arriscar tornar-se por sua vez um alvo, e logo no dia em que trazia consigo uma bomba atômica, a tripulação decidiu por fim desistir de Kokura. Por volta das onze, o Bockscar desviou para sul, rumo a uma outra cidade da ilha de Kyushu, a que vinha imediatamente a seguir na lista dos objetivos, cujo nome era a junção de dois termos e descrevia a sua estrutura morfológica: *naga*, longo, e *saki*, promontório. O longo promontório: Nagasáqui.

Terumi Tanaka viria a descobrir tudo isto vários anos depois. No verão de 1945, só tinha treze anos e andava no sexto ano (no Japão, as aulas começam em abril). Ao passo que os alunos mais velhos trabalhavam constantemente na produção de armas, Terumi e os seus colegas contribuíam para a empresa bélica em dias alternados: uma manhã escola, uma manhã trabalho. O trabalho consistia em fabricar lanças a partir de canas de bambu, em escavar buracos na praia onde fazer cair os carros de combate inimigos, e em apanhar *kuzu*, uma erva selvagem cujo amido servia de combustível alternativo à gasolina.

Se no início os bombardeamentos americanos se concentraram exclusivamente sobre objetivos estratégicos, os civis também já eram

considerados combatentes, logo alvos. Nos primeiros dias de agosto, Nagasáqui era uma das cidades ainda inteiras, a par de Hiroxima, Kokura e poucas outras, embora o alarme antiaéreo também costumasse soar por lá. Em caso disso, Terumi refugiava-se na floresta. A sua vida nesse verão ia decorrendo assim num raio reduzido: casa, escola, praia, floresta.

Em boa verdade, acontecera já um ou outro bombardeamento, justamente poucos dias antes, a 29 de julho e a 1 de agosto. Setenta e dois aviões ao todo tinham alvejado a cidade, em grupos de seis, de cada vez ao longo de três horas seguidas. Mas a zona atingida tinha sido sobretudo a parte industrial, a ocidente, ao passo que Terumi vivia em Nakagawamachi, no vale central. Um dia, durante as aulas, o alarme começara a soar. Terumi e os seus colegas tinham corrido para a floresta na colina e, lá do alto, tinham visto os aviões a visarem claramente as fábricas. Sossegaram-se e observaram o bombardeamento até ao fim. «Havia uma paz estranha», disse-me Terumi Tanaka, quase oitenta anos depois desse verão, quando o entrevistei.

Até que viera o dia 6 de agosto. *Little Boy*, a primeira bomba atômica, tinha sido largada sobre Hiroxima. Terumi ficara a saber no dia seguinte, pela rádio ou talvez pelo jornal, embora não soubesse obviamente de bomba atômica nenhuma, pois armas desse género simplesmente não existiam. Falava-se, mais genericamente, de uma bomba «nova», cujos danos estavam em vias de avaliação, circulando o boato para as pessoas se vestirem de branco, não por causa das radiações (as radiações também não existiam), mas porque a bomba nova «emitia muito calor».

Assim, a vida de Terumi em Nagasáqui entre 6 e 9 de agosto correria normalmente: casa, escola, praia, floresta. A alternância fazia com que o dia 9 fosse um dia de escola. Mas, por volta das oito, o alarme soara. Havia-os de dois tipos: um que assinalava um perigo grave, o *kūshū-keihō* (nesse caso, a indicação era para ninguém se mexer), e um outro, chamado *keikai-keihō*, que só convidava à cautela. Nessa manhã, o *kūshū* durara pouco, mas o *keikai* não parava. Terumi pensou que haveria de terminar em breve, de qualquer forma, pelo que tinha de sair de casa e encaminhar-se para a escola. «Mas estava muito calor e eu despira-me. Fiquei ainda um bocadinho de cuecas no tatami, a ler.»

Enquanto ali estava, preguiçoso, apercebeu-se do ruído do avião. Já tinha o ouvido treinado, sabia reconhecer um B-29, pois o B-29 tinha quatro motores e um ronco mais intenso. Terumi aproximou-se da janela e procurou o caça-bombardeiro no céu. Nesse dia, também havia nuvens em Nagasáqui, não um estrato compacto como em Kokura, nuvens espalhadas por aqui e ali: o B-29 deveria estar escondido atrás de uma delas.

Terumi virou-se para voltar para o local onde estivera deitado um segundo antes. A divisão era pequena, seis tatamis ao todo, dera um par de passos. Foi nessa altura que se deu o *flash*. «Alguns descrevem-no como um clarão vindo de uma direção específica, mas para mim foi diferente.» A luz não vinha de nenhuma direção em particular: «Estava instantaneamente em

toda a parte.» Um tipo de luz «diferente de qualquer outro» envolveu Terumi em brancura.

O seu quarto situava-se no primeiro andar da casa, o *flash* assustara-o, pelo que Terumi desceu a correr as escadas. Ao descer, viu a luz a mudar por várias vezes: do branco para o azul, depois para o amarelo, para o vermelho, finalmente para um vermelho muito intenso. A sequência poderá ter sido diferente, embora ele ainda se lembre das cores com precisão. No rés do chão havia outros tatamis e Terumi deitou-se de barriga para baixo, tapando as orelhas e os olhos com as mãos, como lhe tinham ensinado nos exercícios da escola. A partir dessa posição, antes que a onda de choque o abalroasse, um segundo antes de desmaiar, teve tempo para pensar no significado daquele vermelho tão intenso: algo muito grande e muito perto de si estava a arder.

Em casa também estavam a mãe e duas irmãs mais novas, de seis e dez anos. Terumi não as vira. A casa onde moravam era uma das tradicionais de Nagasáqui, com um *engawa*, ou seja, um pátio levantado, uma espécie de palafita, e elas tinham-se atirado de lá, instintivamente na direção oposta à do epicentro.

Quando Terumi recuperou os sentidos, a mãe estava a chamá-lo. Ele não a via e ela não o via a ele, pois a explosão atirara-lhe uma porta para cima, composta por um caixilho de madeira sobre a qual estavam montados seis vidros opacos. «Os vidros não se partiram por milagre. Muitos dos nossos vizinhos foram feridos justamente pelos estilhaços de vidro e de madeira.»

Libertou-se. A casa estava virada do avesso, embora ainda de pé. Os quatro estavam vivos. A mãe decidiu levar os filhos para o *bunker*, que ficava a uma centena de metros. Ao sair, Terumi viu pela primeira vez a devastação. «Todas as famílias achavam que a sua casa tinha sido atingida em cheio pela bomba. Mas não, estavam todas assim.»

O *bunker* encheu-se rapidamente de pessoas. «Antes, cada um tinha o seu, mas não eram seguros, daí que o bairro tivesse construído um no interior da colina, nas traseiras do templo xintoísta. Eu lembrava-me dele enorme, mas quando voltei lá, há dez anos, percebi que não podia ser assim tão grande.» Era apenas um buraco escavado horizontalmente na terra, onde a água se infiltrava por todo o lado.

«Convém perceber como é Nagasáqui – disse-me Tanaka-san. – A cidade desenvolve-se ao redor de um golfo e está dividida em três vales. O ocidental é a parte industrial. No central era onde eu morava, e é uma zona residencial, tal como o vale oriental. Na junção dos três situam-se a prefeitura e os edifícios da representação. O B-29 era para ter largado aí a bomba, na área mais importante e mais povoada. Mas havia uma nuvem por cima.»

Como tal, o major Sweeney optara pela parte ocidental, já anteriormente bombardeada. O que lá havia eram fábricas, maioritariamente, embora também lá vivesse a comunidade cristã de Nagasáqui, além de duas tias de Terumi: Rui, a irmã da mãe, e Koto, a do pai.

Após a explosão, durante um período bastante longo, quem se

encontrava no vale central não teve noção do nível de destruição para lá da colina. Nem o imaginou, dado que não havia precedentes. Pela cor do céu, todavia, intuía-se que tudo estava a arder para aquelas bandas. «O sol era vermelho no meio do negrume.» Apesar da insistência do filho, a mãe de Terumi considerava demasiado perigoso ir lá.

Por volta das quatro da tarde, o edifício da prefeitura pegou fogo. Terumi aproximou-se, receando que o incêndio pudesse chegar ao seu bairro, mas o vento mudou de direção a tempo. Ao voltar para trás, passou diante da sua antiga escola primária, a escola que frequentara até poucos meses antes. Quando se abeirou, viu o salão nobre cheio de feridos. «Seria pelo menos uma centena. Teriam sido levados para lá de carro.» Não havia médicos nem enfermeiros, só três senhoras que cuidavam de todos como podiam. «Muitos tinham queimaduras, embora tremessem de frio. Estavam a morrer enquanto eu olhava para eles.» Nessa altura, pegavam neles pelos tornozelos e pelos pulsos, transportando-os para o pátio. Tinha sido escavada uma vala para os cremar.

Em casa, Terumi pôs-se a arrumar algumas coisas, mas voltou com a família ao *bunker* para dormir. Sentiam-se mais seguros. Durante a noite, uma das raparigas desaparecidas regressou, a filha dos proprietários que arrendavam casa à família Tanaka. Era estudante e nessa manhã estava a trabalhar numa das fábricas. No *bunker*, todos ficaram felicíssimos, também porque a rapariga não tinha nenhuma ferida evidente. «Morreria antes do fim da guerra por causa das radiações, após dias de febre altíssima.»

A 12 de agosto, três dias após a explosão, a mãe de Terumi acedeu finalmente a ir com ele à zona ocidental, para procurar a irmã e a cunhada. Decidiram atalhar pela floresta, escalando a colina: o carreiro tinha um comprimento de mais ou menos quatro quilómetros. Quando chegaram ao desfiladeiro, o vale ocidental abriu-se à sua frente: calcinado, arrasado. «Não havia nada.» Só tinham resistido as estruturas esqueléticas de ferro das fábricas.

A tia materna, Rui, morava numa casa um pouco isolada. Terumi pensou que talvez o fogo não se tivesse propagado até lá, mas não viu nada ao olhar nessa direção.

Ao descerem pela encosta da colina, encontraram pessoas mortas ou agonizantes, abandonadas sem socorro dias a fio. «Assustámo-nos com a visão dos primeiros cadáveres, mas eram tantos que a partir de certa altura deixámos de sentir o que quer que fosse. Já não falávamos.»

Não falaram nem mesmo quando chegaram a casa da tia Rui. Não estava queimada: «Tinha sido esmagada.» O corpo de Rui estava lá, e estava prestes a ser cremado. Mas o seu pai ainda estava vivo, «tão queimado que dava para ver os ossos do braço».

Ao dizer isto, Tanaka-san fez o primeiro movimento visível através da *webcam*, percorrendo o antebraço com a outra mão, a todo o comprimento do osso exposto do avô. Depois, o seu braço voltou a desaparecer abaixo do enquadramento.

O avô estava ainda suficientemente desperto para se aperceber da sua presença. Implorava água. Terumi molhou um lenço de tecido e aproximou-o dos seus lábios. «Mas os seus lábios estavam quase derretidos.»

Outros familiares tinham chegado antes deles. Haviam preparado uma cremação improvisada, pondo lenha a arder sobre uma chapa. Terumi queria ver, mas a mãe opôs-se. Enquanto o resto da família depunha o cadáver de Rui, continuaram à procura da tia Koto.

O rosto de Tanaka-san imobilizou-se no monitor. Após alguns instantes, a ligação perdeu-se. Eu e Ryosuke aguardámos uma dezena de minutos, até que Ryosuke experimentou telefonar e escreveu um *e-mail*, sem que obtivéssemos resposta. Devia estar cansado, disse. De facto, Tanaka-san estivera quase três horas a falar, sem nunca se levantar, sem pedir uma pausa, dando apenas pequenos goles de uma chávena, de vez em quando. Com quase noventa anos.

Respondeu-nos no dia seguinte, pedindo desculpa: a ligação *wi-fi* deixara de funcionar. Combinou comigo um outro encontro dali a um par de semanas. Quando voltámos a ligar-nos os três, estava pronto para recomeçar do ponto exato em que deixara o relato. Só que eu não estava pronto, quicá. Parecia-me estar a arrancar algo a frio, pelo que lhe perguntei pelo objeto pendurado na parede atrás de si: uma espécie de manto de várias cores, todas muito garridas, roxo, verde, azul-escuro. Tanaka-san aproximou da *webcam* uma das pontas e mostrou-me que cada pedaço era o origami de um passarinho estilizado, mais precisamente de um grou. Ao todo eram mil, todos presos a um fio. Segundo a crença popular, quem concluísse um *senbazuru*, um manto de mil origamis de grou, tinha direito a um desejo realizado. Não ousei perguntar-lhe qual teria sido o seu.

O corpo da tia Rui demorou quase duas horas a arder. Terumi e a mãe, entretanto, tinham chegado a casa da tia Koto. Ficava apenas a seiscentos metros, costumavam levar quinze minutos entre uma e outra, mas demoraram pelo menos uma hora, pois os prédios estavam queimados, desabados, arrasados, era preciso avançar entre os escombros e os alicerces de pedra das casas de madeira desaparecidas, contornando-os ou galgando-os.

A casa da tia Koto distava apenas quatrocentos metros do *ground zero*, ficando assim no interior do raio de destruição total de *Fat Man*. Dentro desse raio, até os cadáveres ficam indistinguíveis, de tal forma carbonizados que não

se consegue sequer intuir o seu gênero. Mas nesse dia a expressão «*ground zero*» não tinha nenhum significado para Terumi, tal como não o tinham «raio de destruição total» ou *Fat Man*, pois nenhuma dessas coisas existia ainda.

Terumi e a mãe analisaram os cadáveres um de cada vez. Chegaram por fim aos restos de uma casa que parecia ser a da tia: verificaram os corpos ali à volta também. Muitas vezes, ao rodarem-nos, «estragavam-nos», isto é, desfaziam-se-lhes entre as mãos. Mas lá acabaram por conseguir encontrar a tia Koto e o seu neto, Makoto: reconheceram em duas abas de tecido, ao fundo das pernas, o motivo de um quimono da tia. Não se tratava propriamente de tecido (o incêndio queimara-o), mas da impressão do desenho na carne. Quanto a Makoto, o seu cadáver era reconhecível graças à altura acima da média.

Makoto chegara a Nagasáqui uma semana antes para umas férias alimentares. Estudava matemática na Universidade de Tóquio, tendo assim evitado o recrutamento. Mas a comida escasseava nas grandes cidades de tal forma que, de vez em quando, os estudantes eram enviados para junto das famílias para recobram as forças. Makoto deveria partir para Tóquio no dia 9 de agosto, ou seja, nessa mesma manhã.

Terumi e a mãe sabiam que não conseguiriam transportar os corpos sozinhos, pelo que decidiram voltar a casa de Rui, a casa dos outros familiares. Embora esmagada, era uma das estruturas mais preservadas, pelo que muitos queimados se tinham reunido ali. As suas feridas estavam completamente pretas. «Pretas de moscas.» Já tinham passado três dias desde a explosão e, com o calor de agosto, o cheiro da supuração atraía-as. «Quando nos aproximávamos, as moscas dispersavam, e percebíamos então que os lanhos por baixo estavam cheios de larvas.» Como não havia nenhum médico, os familiares usavam os pauzinhos de refeição para as extrair da carne.

Normalmente, no Japão, os restos humanos são recolhidos num *kotsutsubo*, uma urna funerária, mas para a tia Rui foi utilizado um simples vaso de cozinha ainda inteiro. No fim da cremação, Terumi viu os ossos da tia a desenharem ainda a sua figura sobre a chapa, e desatou a chorar. Foi a primeira e única vez. Quando passaram à fase seguinte do rito, que para cada um dos presentes consistia em encher o vaso com os restos da defunta utilizando os pauzinhos, estava de novo calmo e silencioso.

Decidiram regressar a casa antes que escurecesse, por um outro caminho, já não galgando o monte, mas contornando-o por sul. Na rua central, que descia para o porto, tinha sido escavada uma passagem entre os escombros, correspondendo aos carris do elétrico. Foi por aí que Terumi e a mãe seguiram. Depois, durante um bocadinho, bordejaram o rio. Debaixo de uma ponte, num pequeno lago artificial, Terumi viu uns trinta cadáveres a boiar. «Estavam inchadíssimos e tinham as bocas escancaradas.»

Porém, o que o espantou ainda mais foi a visão de um menino, ou talvez de uma menina. Havia junto do rio um espaço deixado por uma casa ardida, e atrás desse espaço um muro diagonal de pedras: o menino, ou a menina, ficara

lá «colado», de braços e pernas abertas, como se tivesse sido espalmado pela onda de pressão. Terumi e a mãe continuaram ao longo de mais quatro quilômetros, pelo meio dos escombros, rodeados por um cheiro estranhíssimo e em silêncio, até Nakagawamachi.

Procurei Nakagawamachi no Maps e partilhei o ecrã. Ao surgir o mapa, Tanaka-san debruçou-se para diante, para o seu monitor. Fica ali, disse, é aquele. Guiou-me até à localização exata do templo xintoísta. Atrás há uma pequena colina, e o *bunker* estava escavado nessa pequena colina.

Reconstituímos no ecrã o percurso que ele tinha feito com a mãe, a ida e o regresso, e atribuímos os nomes exatos às paragens. O monte chamava-se Konpira, o rio era o Urakami, o bairro da tia Koto era Okamachi, não sendo aí que a bomba deveria ter explodido, mas mais a sul, em Hamamachi.

Se não tivessem sido as nuvens, Terumi e a sua mãe e os seus colegas de turma teriam ficado a um mero quilómetro do *ground zero*, dentro do raio de radiação, onde as hipóteses de sobrevivência são mínimas. Tudo teria então mudado: Terumi não estaria à minha frente a contar a sua história, e a sua mãe, Tanaka Moto, não teria vivido até aos cento e dois anos, curando-se com medicina tradicional, ameixas salgadas e saquê.

Sem as nuvens, a história teria sido ao contrário: após a explosão, teriam sido as tias Rui e Koto a galgar o monte Konpira para os procurar, a revolver os cadáveres um a um à cata de um pedaço de roupa tatuado na pele, e a reconhecê-los por fim, mãe e filho, organizando as suas piras com recursos improvisados, rodeadas pela pior devastação que a humanidade alguma vez conheceria.



Costumava falar com Novelli da importância das nuvens na história da bomba, tal como falávamos da importância das nuvens para ele, e da importância das nuvens em geral. Lembro-me de uma vez em particular: era noite funda e continuáramos a beber depois de Carolina e as crianças terem ido dormir. Estávamos esparramados, um em cada sofá, e Novelli parecia estranhamente vulnerável. Habitualmente, representava o papel do desencantado: jurava que tudo o que ainda tinha importância para si na ciência eram as diuturnidades e evitar dar aulas aos cursos do primeiro ano. Mas eu sabia que lá no fundo não era assim, que como todos os cientistas mantinha uma atitude romântica em relação ao seu ofício e que também ele desejaria, um dia, atribuir o seu nome a algo, a uma equação ou porventura a uma constante da natureza. Se pudesses escolher, perguntei-lhe nessa noite, o que gostarias de batizar?

Nada de nada.

Mas só na brincadeira, insisti. O que seria?

Novelli soltou um suspiro, confessando-me então que na realidade havia uma coisa, mas não uma equação nem uma constante. Então o quê?

Se pudesse escolher, preferia uma coisa mais... impermanente.

Como uma nuvem?

Como uma nuvem, precisamente. Afinal, existiam as nuvens de Kelvin-Helmholtz, espetaculares e raras, que desenhavam vagalhões de vapor aguçados no céu. Porque não as «nuvens de Novelli»? A competição na qual os seus alunos participavam também era para isso. Talvez, mais tarde ou mais cedo, alguém fotografasse uma formação realmente especial, ele estudar-lhe-ia a origem e atribuir-lhe-ia o seu nome.

Nessa altura, deslizara para fora do sofá, ajoelhando-se sobre o tapete. Espetou-me o ecrã do telefone a um palmo do nariz: Olha aqui, olha.

Foi passando uma galeria de nuvens, umas tão estranhas que pareciam efeitos de gráficos de computador. As *mammatus*, as prateleiras: não eram incríveis? A humanidade olhava para o mesmo céu há milhares de anos, mas ainda eram descobertas e classificadas novas configurações. A World Meteorological Organization acabara de introduzir uma no atlas: Estas,

chamam-se *asperitas*.

Eu sentia o seu hálito quente a vodka diretamente nas narinas, mas não me incomodava.

Sabes qual é a coisa mais extraordinária? Que também as *asperitas* sejam feitas de vapor de água. Todas as nuvens não são mais do que vapor de água. Mudam as condições em redor, a pressão, a temperatura, as correntes de ar. Mas as combinações são tantas que criam uma variedade potencialmente infinita.

Abri o *browser* e digitei algo. Arrancou uma gravação em *timelapse* onde uma frente gasosa, azulada e compacta, avançava sobre a superfície de um lago. A nuvem era semelhante a um tubo e suspendia-se no meio do céu de uma forma pouco natural, de tal forma que lhe perguntei se não se trataria de uma montagem fotográfica. Novelli abanou a cabeça: É uma *roll cloud*. Quando uma massa de ar quente desliza velozmente sobre outra compacta de ar frio é possível que na zona de intersecção as nuvens se enrolem literalmente. Imitou o processo fazendo correr os dedos pela palma plana da outra mão. Podem estender-se por centenas de quilómetros. Avançam sem perder a forma. Esta foi filmada sobre o lago Michigan, mas são muito raras. Imprevisíveis.

Vimos mais uma vez a nuvem a deslocar-se no céu e eu reparei que tinha um aspeto tormentoso, mas Novelli assegurou-me que não, as *roll* eram em geral inócuas. Deveria inspirar-te, disse ele.

Inspirar-me a quê?

Podias escrever um livro sobre o assunto, eu podia ajudar-te.

E se calhar querias ser o protagonista.

Isso cabe-te a ti decidir.

Nesse caso, podíamos intitulá-lo *O Homem das Nuvens*.

Gosto, disse Novelli. *O Homem das Nuvens*: soa bem.

Estávamos, sem o saber, no auge da nossa amizade e víamos juntos imagens de nuvens no telemóvel. Durante algumas horas, eu ponderaria a sério a sua proposta: um livro sobre nuvens, escrito a quatro mãos. Teria sido agradável, para variar, ter um projeto em comum com alguém. Ter um projeto em comum com ele.

Semanas depois, *O Homem das Nuvens* tornou-se o título da sua crónica, no suplemento semanal do ***. Novelli não me pedira autorização para usar a expressão e eu fingi que não fazia mal. Não tinha a certeza, por outro lado, de que uma conversa entre bêbedos a altas horas da noite me garantisse algum direito de autor.



Em novembro de 2017, regressei a Trieste por causa do curso. Após meses de leituras monotemáticas sobre a bomba, tinha a cabeça cheia de biografias de físicos nucleares, pelo que decidi concentrar as aulas sobre esse tipo de relato. No arranque, confessei aos alunos uma fraqueza adolescente, quando no próprio dia da estreia de *A Beautiful Mind* fui sozinho ao cinema, para o ver com a máxima concentração. Conteí que, a seguir, me demorei a imaginar que também eu haveria de encher vidros com fórmulas insensatas, tal como John Nash. Comecei a falar mais em geral dos *biopics* científicos: havia sempre um momento em que o protagonista, após ter lutado contra o ceticismo geral, era abalroado por uma chuva de aplausos. Já tinham reparado? Alan Turing, Thomas Edison, Stephen Hawking: o aplauso libertador surgira para todos eles, pelo menos na versão cinematográfica das suas vidas.

Nessa altura, uma aluna ergueu a mão e perguntou-me se já teria pensado em incluir no meu panteão uma cientista qualquer também.

Um frémito de satisfação serpenteou pela turma, como se muitos tivessem formulado em silêncio uma pergunta semelhante.

Não tinha considerado a questão nesses termos, admiti.

Ela inclinou a cabeça e sorriu, denunciando a minha ingenuidade: A sério, profe?

Mas é claro que admiro as cientistas de um modo inteiramente equivalente.

Inteiramente equivalente.

É óbvio.

E quem é que admira, por exemplo?

Passei mentalmente em revista os nomes, não muitos na verdade, até que disse: Desde logo, a Marie Curie.

A rapariga tocou na testa, gesto que conferiu às suas palavras subseqüentes uma ideia de extenuação: Maria Skłodowska, diga antes. Hoje podemos ao menos ter a decência de a tratar pelo seu nome de solteira.

Maria Skłodowska, como preferir.

Não sou eu que prefiro, professor. É uma simples questão de justiça.

Tinha um rosto muito magro e cabelo escuro à pajem, com uma franjinha curta e direita, daqueles que se viam nos últimos anos. Era sem dúvida de física. Posso perguntar-lhe como se chama?, perguntei.

Fernanda Rucco.

Fernanda. Muito prazer.

Eu ia passeando para trás e para a frente, como sempre, e terei ficado muito tempo em silêncio. Não estava a engendrar nenhuma estratégia em particular. Era mais como se estivesse a medir dentro de mim aquele mal-estar inédito, perguntando-me se haveria algo que eu realmente merecesse. Ressoava-me nos ouvidos o «a sério, profe?» de pouco antes. A turma estava atentíssima.

Fernanda, agrada-me a sua verve polémica, disse. É exatamente o tipo de confronto que gostaria de instaurar aqui. Por isso, recebo a sua provocação de braços abertos e juro que irei refletir sobre a mesma. Além de que há consabidamente uma subrepresentação das mulheres na história da ciência. Bastaria contar os Nobel femininos na

Contam-se em pouco tempo, interrompeu-me ela. Na física, venceram-nos três mulheres cientistas em cento e vinte anos.

Deixei escapar um sorriso: Tinha a certeza de que Fernanda era de física.

Porém, Fernanda ignorou aquela procura de benevolência: E o que eu disse não foi de todo uma provocação, profe. Apenas uma precisão.

Mais tarde, na cantina, contei a Marina a forma como Fernanda me fizera sentir desajustado, como se me tivesse enganado a pensar todas as coisas, desde sempre. Ela manteve-se neutral, abstendo-se porventura de também avaliar essa possibilidade. Depois, confessou-me que tivera um momento de tensão semelhante no início do seu curso: fizera referência à autobiografia de Richard Feynman, tinha-a presente, certo? Mas é claro que a tinha presente, era uma leitura obrigatória na universidade para qualquer aspirante a físico: e então?

E então Feynman era um sexista e um molestador.

Tinha uma vaga ideia disso.

Também eu tinha uma vaga ideia disso, disse Marina. Mas não tínhamos ideia disso o suficiente. A questão é essa. Não levávamos a coisa a sério. E, para esta miudagem, isso é inaceitável. Fui reler algumas partes e a Fernanda tem razão: Feynman chama putas a raparigas que não querem ir para a cama com ele, até lhes chama nojentas e fá-lo em vários momentos. Além do facto de que considerava as mulheres incapazes de estudar matérias científicas.

Nunca apreciei muito. O Feynman, digo.

Mas é provável que não apreciasses pelos motivos errados.

Era isto: não apreciava porque ele era um gabarola, porque fazia com que parecesse fácil a física que para mim não era de todo fácil, e porque

tocava bongos. Mal me apercebera do seu sexismo, na universidade.

Acompanhei-a até lá fora para fumar. Voltando ao Feynman, disse, se fosse a ti não me culparia demasiado.

Por não ter percebido nada?

Também é preciso contextualizar a sensibilidade. Quando nós andávamos na universidade, tudo era diferente.

Marina expeliu o fumo: Parece-me uma posição um tanto confortável.

É capaz. Ainda assim, é tudo um bocadinho exagerado.

Quando voltámos para dentro, em vez de seguir com ela para o elevador, desviei para a biblioteca. À noite, pedi uma tosta para o quarto e alterei o programa do curso. Acrescentei um conto de Alice Munro sobre a matemática russa Sofia Kovalevskaya, embora o achasse aborrecido, e depois li de ponta a ponta a autobiografia de Marie Curie. «A minha família é polaca e o meu nome é Maria Skłodowska.» Na manhã seguinte, falei do assunto na aula, como se conhecesse o livro desde sempre, embora tivesse evitado cuidadosamente partilhar esse passo.

No regresso a Roma, contei a Lorenza as discussões com Fernanda e Marina, a minha sensação de mal-estar. Passada a hora do jantar, ainda estávamos na sala, ela na poltrona, eu deitado no sofá. Desde que Eugenio partira para os States, reconquistáramos essa parte do dia para nós e era frequente ficarmos ali, a ler ou de roda dos *smartphones*, acabando por comer muito tarde ou por nem nos sentarmos à mesa. Eram momentos de grande intimidade, embora também um pouco preocupantes pelo facto de serem tão vazios.

Lorenza absorveu o relato sem comentar, quase com relutância. Depois, bruscamente, perguntou-me: Na tua opinião, sou muito pouco feminista?

Fiquei indeciso sobre se se trataria de uma pergunta ingénua ou de uma ratoeira, pelo que respondi com outra pergunta: Porque é que te lembraste disso?

Sei lá. Por aquilo que está a acontecer, diria. Faz-me duvidar de mim.

Aquilo que estava a acontecer, em redor: a onda anómala levantada pelo caso Harvey Weinstein, a redefinição – quiçá para sempre – da relação entre géneros, o nervosismo difuso que se respirava em qualquer ambiente laboral, e mais genericamente um novo espírito do tempo (o que quer que isso significasse) que se apresentava ao mundo, fazendo com que todos se sentissem secretamente culpados.

Eu disse: És feminista à tua maneira.

Lorenza levantou-se e foi à cozinha, ouvi-a a descascar uma maçã e a mastigar as fatias, depois voltou e pusemo-nos a falar de outra coisa. Se houvesse nela uma falta de feminismo, e, portanto, no nosso casamento, era melhor não fazer com que viesse à tona. Aquele era o tipo de conversa do qual

até mesmo os casais mais harmoniosos saíam maltratados e ultimamente nós andávamos muito calmos, é verdade, mas a nossa calma não tinha muito de harmonioso.

Eu devaneava muitas vezes com ir-me embora. A minha vida interior consumia-se quase toda nisso, na imagem de mim mesmo a abandonar Lorenza, Eugenio, o nosso apartamento. Num ápice, virava costas a tudo e encaminhava-me com uma bagagem ligeira para uma existência imprevisível. O que encontraria lá fora? Será que havia algo diferente à minha espera, uma alternativa mais excitante do que o autocontrole? Após anos de vida conjugal, parecia-me que não sabia grande coisa do exterior. Imaginava-o frenético e competitivo, com práticas brutais de *matching* no Tinder e sexo rápido e ocasional. Sabe-se lá se os encontros íntimos também não contemplavam um *rating*, como os restaurantes, e sabe-se lá se ainda existia, em absoluto, a intimidade. De qualquer forma, ser-me-ia impossível acertar o passo.

Dizia então a mim mesmo que não passavam de desculpas para me manter a salvo, que pelo contrário deveria atirar-me: se todos conseguiam, também eu conseguiria. Isto partindo do princípio de que era verdadeira essa hipótese de que todos conseguiam. Olhando para Giulio, por exemplo, não tinha tanta certeza disso: ainda teria uma vida sexual ou transmudara-se numa espécie de asceta contemporâneo?

Havia uma escolha de campo a fazer e era preciso fazê-la depressa, se possível antes dos quarenta anos e da manifestação de patologias graves: aceitar que aquilo que eu e Lorenza alcançáramos, com as nossas meias-palavras sobre o feminismo, as fatias de maçã engolidas em vez do jantar, e a esterilidade, seria o resto da vida, ou dizer a mim mesmo que na vida nada deveria ficar por tentar.

A questão também deveria ser abordada de um ponto de vista profissional: quanto tempo mais aguentaria como escritor a contar apenas ambições e experiências falhadas? Para poder escrever, não seria preciso antes de mais, insensatamente, viver? Mas era sempre nesse ponto que eu ficava. Arranjava maneira de que outros pensamentos viessem inquinhar o raciocínio, distraíndo-me o mais possível da resposta.



A crónica de Novelli, *O Homem das Nuvens*, durou ao todo seis meses, mais precisamente entre novembro de 2017 e abril de 2018, quando foi subitamente interrompida devido às destemperanças do autor. Durante esse período, garantiu-lhe uma certa visibilidade. Era agora convidado regularmente para certos *talk shows* da tarde, onde se apresentava «diretamente de Paris».

Para me lançar à parte seguinte do relato (aquela em que tudo se precipita), reli os artigos da crónica publicados a partir de janeiro, procurando sinais de uma mudança de humor, uma qualquer campanha de alarme, mas foi inútil. Novelli falava dos temas do costume – o *climate change*, o desregramento do consumo, a crise da razão –, embora o seu sentimento profundo se mostre indecifrável, como se ao escrever se esforçasse ao máximo por disfarçá-lo, ou como se desde logo ele próprio não tivesse consciência disso.

Perdera-lhe o rasto. Ou então tinha sido ele a desaparecer, já não sei. As amizades adultas têm muitas vezes essas oscilações, que na maior parte dos casos não significam nada.

Eu sabia que ele estivera em Génova no início do ano por causa do concurso para professor efetivo que lhe permitiria finalmente mudar-se para Itália. A entrevista era para ter sido uma formalidade, de tal forma que antes da partida ele me descrevera o propósito através de uma imagem curiosa: Serve só para verificar o olho do peixe. Como assim? Que não se tenha estragado.

Em Génova, dera um seminário sobre as suas últimas investigações perante colegas que conhecia havia vinte anos, especialistas em física ambiental e climatologistas, muitos dos quais tinham sido seus doutorandos. Recebera o seu aplauso e no espaço de perguntas falara sobretudo dos fundos europeus que obtivera para a academia. Só a jurada externa tinha uma atitude estranha, uma professora de Cagliari que se mantivera em silêncio o tempo todo, exceto ter-se saído no final – ainda segundo a versão de Novelli – com uma observação sobre algo que ele dissera numa entrevista televisiva, algo relacionado com as amostragens na Antártida que não a convencia de todo.

Novelli nem sequer se lembrava dessa entrevista em concreto, mas a jurada insistira no ponto com uma obstinação completamente despropositada, até que ele perdesse a paciência e usasse um tom (segundo o próprio admitiu) «um pouco altivo de mais».

Os restantes elementos do júri estavam calados, pareciam embaraçados com o comportamento da colega. Lá tinham ultrapassado o impasse e tudo terminara como estava programado. Novelli evitara ir jantar com eles justamente para salvar as aparências. Regressara a Paris e, passados uns dias, saíram os resultados do concurso: o seu nome vinha em segundo.

Hoje sei que subvalorizei o impacto desse fracasso. Por outro lado, nas mensagens com as quais me resumira o episódio, Novelli tinha sido lapidar («destruíram-me») e esse laconismo podia facilmente ser tomado como uma forma desportiva de leviandade.

Porém, quando nos encontrámos em Roma, dois meses depois, em pleno março, ainda estava viva nele a desilusão, de tal forma que se pôs a falar do concurso sem sequer passar pelos cumprimentos, como se o seu pensamento viajasse havia semanas nesse único carril. Aquela tipa que nomearam em vez de mim, disse, mas depois parou de repente. Esquece. Sabes qual é o meu H-index?

Na realidade, eu mal sabia o que era um H-index, apenas que tinha a ver com a avaliação da atividade de investigação, e que o cálculo se prendia com o número de citações por artigo.

Noventa e oito. No-ven-tei-oi-to.

Fingi que aquele número me impressionava, mas não tinha referências.

A nomeada tem um H-index de trinta e quatro. O que, entendamo-nos, não é indecoroso. Exceto quando, começando a desembrulhar as citações dos *papers*, se percebe de imediato que há lá por trás um sistema cruzado de favores. Ela e um grupinho de outras pessoas, sempre as mesmas, citam-se entre si como doidos de maneira a aumentar o H. Porém, fora do seu círculo, praticamente ninguém repara neles. Ainda assim: eu noventa e oito, ela trinta e quatro.

E qual foi a explicação que encontraste?

Novelli passou o guardanapo pela barba, pousando-o então com cuidado na mesa. Tinham de nomear uma mulher. Por causa do *gender balance*, percebes? *Gender balance*, disse pausadamente. Foi ao que chegámos.

Vais apresentar recurso?

Descartou a hipótese com um gesto sumário da mão.

Parecia cansadíssimo. Estava vestido de forma impecável, como de costume, embora apresentasse um ar desleixado, como se tivesse andado demasiadas horas de um lado para o outro. Fiquei com a ideia de que teria transpirado por baixo das camadas de tecido. Mas é possível que também

tivesse a ver com a minha disposição anímica. Novelli avisara-me à última hora da sua passagem pela cidade, como se não tivesse a certeza de o desejar, e essa reticência irritara-me.

Pareces bastante desalentado, disse eu, fazendo um esforço.

Ele encolheu-se nos ombros. Continuava a rodar o pousa-copos entre os dedos. Vamos então lá comer?, e começou a gesticular ao empregado sem esperar pela resposta.

Pedimos os primeiros pratos, ficando então demoradamente em silêncio, a dar goles de água. Vieram os pratos e terminámo-los os dois de má vontade. Quando o sol se obscureceu por um segundo, apontei para o alto: Como se chama esta, Homem das Nuvens?

Disse aquilo para restituir a conversa a um terreno afetivo, mas Novelli nem sequer mexeu os olhos. Limitou-se a sacudir os ombros, recusando aquela oferta de cumplicidade. Tê-la-á achado insincera.

Falámos alguns minutos de política, instigando-nos mutuamente sobre o resultado das eleições. Novelli perguntou-me se lera o programa do Movimento 5 Estrelas e tive de admitir que não, que nem sequer me passara pela cabeça. O facto de nos demorarmos em assuntos exteriores a nós deixou-me ainda mais triste. Assim, quando finalmente me perguntou por Lorenza, preferi atalhar: Tudo bem com a Lorenza.

Queríamos ir embora o mais depressa possível, pelo que concordámos em tomar café noutro sítio. Após uma paragem numa pastelaria, dirigimo-nos para a ponte e virámos então para a marginal do Tibre. As raízes dos plátanos estalavam o asfalto e obrigavam-nos a andar em fila. Atrás de mim, Novelli recomeçou a desabafar: Carolina decidira regressar na mesma a Génova, com ou sem cargo na universidade. Já tinham feito a denúncia do arrendamento, posto a outra casa em ordem, inscrito os miúdos na escola. Portanto, ele iria arranjar um apartamento mais pequeno em Paris, um estúdio, e faria um vaivém ao fim de semana. Ou se calhar iriam divorciar-se e ele tornar-se-ia um desses pais intermitentes. Como o Giulio, acrescentou.

Pediu-me que parássemos por um bocado. Apoiou-se no parapeito de pedra, estava um pouco arquejante. Tudo bem?, perguntei-lhe.

Sim, deve ser do pólen. Há pólen em todo o lado. As florações começam sempre primeiro.

Olhámos para a água castanha que corria vários metros mais abaixo. Até que Novelli disse: Sabes, participei em dezenas de concursos na minha vida. Fiz de candidato e ainda mais de jurado. Passei nalguns e noutros não, como é normal. Sempre pensei que estivesse bem assim, que fizesse parte da vida de todos os cientistas. Mas talvez exista uma idade-limite até à qual se consegue aceitar a rejeição e eu a tenha ultrapassado. Esta história de se ser avaliado, sem parar. Nunca mais tem fim. E desta vez... não sei. Assentou-me de uma

maneira diferente.

Era o momento certo para lhe oferecer um sinal de proximidade. Bastaria pôr-lhe um braço sobre os ombros ou tocar-lhe apenas ao de leve na manga do casacão e talvez isso mudasse as coisas, não só nesse dia, no futuro. Ou se calhar não, iria só pôr-me a salvo dos sentimentos de culpa. Mas, desde que nos encontráramos, Novelli só falara de si. Disse-lhe que tinha de regressar, que me desse notícias sobre Génova e me procurasse se voltasse para Roma, porventura com algum pré-aviso. Atravessámos a rua e afastámo-nos em sentidos opostos.



Eu criara um Google Alert sobre Novelli. Envergonha-me um pouco dizê-lo, até porque ele não estava a par, mas nessa época eu justificava-me com a ideia de que se tratava de mais uma atenção para com ele: quase nunca me indicava as suas aparições televisivas, também se esquecia muitas vezes de as anunciar no Twitter, e eu não gostava de as perder. Sem o Alert, não teria sabido da conferência. Ao invés, numa manhã de sábado no final de março, um par de semanas após o nosso encontro em Roma, recebi uma notificação: Novelli participaria num congresso com o título *Women's Empowerment and Climate Change*.

Escrevi-lhe, distraidamente, como se tivesse tropeçado no anúncio por acaso. Sim, é uma espécie de TEDx, confirmou-me, vai ser em *streaming* se te apetecer ligares-te. O tom da resposta era neutro, difícil de interpretar, não fosse ele ter acrescentado segundos mais tarde: Vai valer a pena.

Tinha sido um dia improdutivo, um de muitos. Não fizera outra coisa senão perder tempo na Internet, guinando de um *link* para o outro à procura de estímulos. O livro sobre a bomba encalhara: tornava-se cada vez maior a suspeita de que não haveria de facto nada de novo a dizer, que não haveria nada de novo que *eu* pudesse dizer. *The Making of the Atomic Bomb*, o livro de Richard Rhodes que por essa altura eu lera por inteiro um par de vezes e sublinhara furiosamente, já continha tudo do pré-explosão e vencera o Pulitzer. *Hiroshima* de John Hersey continha tudo do pós, e era considerado um clássico. Que espaço restaria, portanto, para mim?

Todavia, não desistia. Há projetos que trazem consigo uma sensação de inevitabilidade, que nos mantêm cativados para lá de toda a razoabilidade, e por motivos que não compreendemos. Muitas vezes são miragens, sabemos-lo, mas não nos resta senão aproximarmo-nos até ao momento em que se desvanecerão diante dos nossos olhos. A bomba era assim. Eu ia escrevendo cada vez mais devagar e com uma espécie de lúcido desespero, aguardando pelo momento em que me visse de mãos vazias.

Mais por tédio do que por outra coisa, liguei-me à conferência. Perdi alguns minutos no processo de registo, para depois descobrir que tinha credenciais válidas ainda da COP de Paris. À distância de anos, continuava

efetivamente a receber *e-mails* que tinham no assunto palavras como *resilience* e *adaption*, *e-mails* que deitava fora pontualmente, sem sequer os abrir.

No palco estava uma mulher que ia lançando anátemas raivosos contra os banqueiros, por aquilo que a sua ganância sem limites fizera à sua terra e ao mundo em geral. Demorei algum tempo a perceber que pertencia a uma tribo de nativos da América do Norte, uma tribo da qual eu nunca ouvira falar. As suas argumentações eram vagas, embora as exprimisse com um ímpeto tal que as tornava fascinantes.

A intervenção durou ao todo uma dezena de minutos, após o que foi a vez de uma investigadora camaronesa. Apresentou dados sobre a correlação entre o aumento do emprego feminino e a redução dos incêndios na sua zona, mas tinha um inglês macarrónico e começou a usar expressões *new age* como «a nossa mãe natureza» e «a harmonia do planeta». Tirei o áudio e pus-me a passar os olhos pelo programa ao lado da caixa do direto.

Como era óbvio, dado o tema, as intervenções no alinhamento eram quase todas de mulheres, cientistas, mas sobretudo ativistas, representantes das comunidades mais díspares: Terena, Kanawa, Houma, Mapuche. Cada uma trazia um problema associado às alterações climáticas e relacionado com a participação feminina na sociedade. Estavam previstos um foco sobre agricultoras não binárias e a intervenção do coletivo Mujeres Que Luchan. Quem encerraria o dia de trabalhos seria nada mais nada menos do que a *superstar* do ambientalismo, Naomi Klein. Jacopo Novelli era o único italiano entre os oradores e um dos pouquíssimos homens.

Escrevi-lhe um outro WhatsApp: É um bocadinho assembleia de estudantes, parece-me.

Ele visualizou, mas não respondeu. Estava quase na sua vez.

A presidente apresentou-o com várias honras, como um dos principais especialistas mundiais em crise ambiental, além de um pioneiro nos estudos sobre *cloud brightening*. Disse: Vamos dar as boas-vindas ao Uomo delle Nuvole, mantendo a expressão em italiano, e Novelli subiu finalmente ao palco.

A *talk* integral ficaria durante alguns meses disponível *online*, acompanhada de uma série de comentários, mas foi retirada a dada altura. Não sei por quem, se pelo próprio Novelli ou pelos organizadores, tal como não sei por que motivo não a eliminaram imediatamente. Talvez tivessem esperado que as águas acalmassem para que o apagamento não desse azo a mais alarido ainda. Seja como for, já não existe. Tenho por isso de a reconstituir de cor, com algumas imprecisões inevitáveis, embora também com a certeza de me manter fiel ao sentido de fundo, tal é a impressão que me deixou.

Novelli principiou com a mesma frase que eu introduzira como

cabedalho da sua entrevista, pormenor que viria a fazer-me sentir remotamente cúmplice do seu plano: Os dados não mentem. As pessoas, por vezes, sim. Mas os dados não. Nos dados não está nada mais do que a verdade sobre o mundo. E é deles que partiremos aqui. Aquilo que pretendo propor-vos é uma análise *data driven* das supostas desigualdades de género na investigação científica. Digo supostas porque, tal como veremos em conjunto, predominam nesta área os preconceitos e os boatos. E nada é realmente como parece.

Como orador, era um fora de série. Tinha uma forma muito italiana de mexer as mãos, plasmando os conceitos na transparência do ar à sua frente, mas uma postura anglo-saxónica a expô-los, rigorosa e claríssima. Sabia intercalar tiradas espirituosas, e aqui e ali, nos diapositivos sobre os quais fazia jorrar o círculo vermelho do ponteiro a laser, até introduzira bandas desenhadas cómicas.

Novelli expôs as principais críticas à condição feminina no âmbito científico, sob a forma de declarações retiradas dos meios de comunicação e apresentadas entre aspas. Segundo essas declarações, ou como Novelli precisou, «fiando-nos nas narrativas prevalecentes», os homens dominavam em todas as partes. Ocupavam os lugares cimeiros nas universidades e nos grupos de investigação, e os fundos mais substanciais estavam-lhes sempre reservados. A par disso, as cientistas denunciavam moléstias de gravidade variável, a ponto de definirem uma verdadeira cultura de abuso, um sistema organizado. E existia uma multiplicidade de outras práticas discriminatórias e lesivas, todas batizadas com nomes ingleses: *mansplaining*, *mobbing*, *gaslighting* (ei-lo que regressava).

Levei estas observações muito a sério, disse Novelli. Muito, muito a sério. Foi por isso que decidi medi-las. Porque sou um cientista, e é assim que a ciência avança rumo à verdade: não com *slogans*, mas medindo. E perdoar-me-ão se vos apresentar agora alguns gráficos.

Os dados tinham sido elaborados por ele mesmo juntamente com um colaborador, um tal M. Ambrosini, do qual nunca me falara. Segundo as curvas, tornava-se evidente que existia de facto uma diferença de poder entre homens e mulheres na investigação científica: se não em termos de retribuição, certamente em termos de representação. Por exemplo, a percentagem de homens entre os oradores de destaque em congressos internacionais era muito mais elevada. Com a exceção deste, obviamente, acrescentou Novelli, suscitando uma gargalhada de desanuviamento entre o público.

Mas entrámos finalmente na era da consciência! As minorias estavam a chegar-se à frente em toda a parte, reivindicando a sua centralidade, incluindo as cientistas. Bem, disse ele, muito bem. É uma esplêndida notícia. Para haver progressos na consciência, precisamos de energias frescas, de imaginação e de vontade.

A realização raramente enquadrava o auditório, mas fê-lo nesse

momento e foi o suficiente para que eu reparasse no envolvimento do público. Finalmente um homem, aliás, um professor renomado, a dar a cara sobre aquelas problemáticas, a assumir uma posição clara. A câmara voltou a ele.

Porém, disse Novelli, após ter medido um fenómeno torna-se natural que um cientista faça a si mesmo a pergunta seguinte: porquê? Porquê estas diferenças? Onde está a sua origem? São puras construções sociais ou há outras causas por trás? Trata-se de uma questão bem posta, quer-me parecer. E todas as questões bem postas, para a ciência, são também legítimas. Aliás, obrigatórias. Permitam-me, então, que passe à segunda parte da análise.

Demorou algum tempo a explicar os critérios de pesquisa que alinhavara com M. Ambrosini para quantificar os desempenhos dos investigadores e das investigadoras. Forneceu as definições matemáticas dos indicadores, com uma abundância excessiva para aquele contexto. As curvas cruzavam de diversas formas o número de artigos publicados, as notas de licenciatura, as funções desempenhadas na academia e os H-index. Em todos os gráficos, comparavam-se as tendências masculinas e as femininas com cores diferentes. Um diapositivo a seguir ao outro, a sua visão começou assim a delinear-se.

Segundo aqueles dados, as mulheres entravam para o mundo científico com as mesmíssimas oportunidades dos homens, mas rapidamente ficavam para trás. Se no que dizia respeito a passar nos exames universitários se tinham demonstrado tão dotadas quanto os colegas masculinos, mais até, os seus desempenhos na investigação rapidamente se degradavam. A partir de um certo ponto, as curvas divergiam e a qualidade média das publicações das mulheres ia-se tornando cada vez mais inferior à dos homens. Na idade em que tipicamente se enfrentava os concursos, ou seja, entre os trinta e os quarenta, as cientistas «performavam» já significativamente pior do que os seus colegas masculinos.

Em suma, segundo a análise de Novelli e Ambrosini, embora existisse a disparidade de poder, ela não derivava de todo de uma injustiça social. Tinha um fundamento lógico, intrínseco: as cientistas tinham menos sucesso no âmbito científico porque eram, em média, menos capazes.

Eu estava um pouco transtornado. Tinha a impressão de que me equivocara em relação às últimas palavras de Novelli, de que teria havido um problema na minha compreensão do seu inglês. Teria ele de facto dito que as cientistas eram «em média menos capazes do que os seus colegas masculinos»? Ou teria sido eu a deixar escapar alguma subtilidade?

Ainda assim, ele ainda não terminara. Na compilação de gráficos seguinte levou a cabo uma espécie de prestidigitação. A tese que viria a demonstrar, em poucos minutos, era o completo contrário daquela de que partira: existia e de que maneira uma discriminação de género na ciência, mas em detrimento dos homens! Pois o espírito do tempo – foi ele quem usou a

expressão – desfavorecia-os. As tentativas em curso de impor à força uma paridade de género na academia eram para todos os efeitos «golpes de Estado» para subverter a meritocracia.

Se tivesse terminado com aquelas palavras, talvez as coisas pudessem ter-se composto. Chover-lhe-iam em cima críticas, obviamente, mas a questão teria ficado confinada ao mundo académico. Uma posição provocatória a do professor Novelli, antipática, mas ao fim e ao cabo um impulso útil para o debate: assim se teria dito. Ele arranjaria alguém disposto a defendê-lo dentro do mundo universitário e a polémica extinguir-se-ia de imediato. Mas não era isso que Novelli desejava, ou de certa forma não lhe bastava.

Após uma pausa brevíssima para recuperar o fôlego, baixou a voz: Gostaria de exemplificar tudo isto com um pequeno relato pessoal, disse. Uma evidência circunstancial, considerem-na assim. Participei recentemente no concurso para uma vaga de professor efetivo na minha cidade, Génova. Sabem como é, estou a ficar velho e o chamamento de casa já se faz sentir.

Procurou a aprovação da sala, mas desta feita, pelo menos através da ligação, não se percebeu nada, a não ser uma forte tensão.

Houve um exame, prosseguiu Novelli, e no final, por decisão inapelável do júri, o cargo foi atribuído a uma colega. Abriu os braços: Acontece. Nos concursos, vence-se e perde-se. Mas antes de me ir embora gostaria de vos mostrar mais um diapositivo. O último, prometo. É a comparação bibliométrica entre a minha atividade de investigação e a da colega beneficiária da vaga, a doutora Gaia Sensi.

Aquele nome, Gaia Sensi, ressoou na sala como uma bofetada, até porque toda a *talk* se desenrolara no território anónimo da estatística. Como se não bastasse, no ecrã atrás de Novelli, surgiu a fotografia da professora, um pouco esbugalhada, aumentada de forma excessiva a partir de um formato de baixa resolução. Do lado oposto estava a do próprio Novelli, muito mais nítida, com um sorriso resplandecente. Ao centro, o gráfico. Já nos familiarizáramos com as variáveis nos eixos e com o seu significado, Novelli tinha sido hábil a instruir-nos, pelo que a desproporção entre as curvas de prestação, pelo menos tal como ele as concebera, pareceu esmagadora.

Não tenho muito mais a acrescentar, disse. Os dados, senhoras e senhores. Os dados nunca mentem. Ouvi hoje imensas intervenções plenas de inspiração, e vários convites à equidade. A equidade é um conceito maravilhoso, concordo. Desde que valha para todos. Agradeço-vos muito a atenção.

Saiu do palco. A sala aplaudiu. Frouxamente e como que hesitante, mas aplaudiu. Os hábitos são mais fortes do que tudo e aplaudir um professor no fim da sua intervenção, para aquele auditório tão educado e civilizado, era um reflexo condicionado.

Nem mesmo a presidente, que tomou a palavra logo a seguir, teve a destreza de comentar. Endereçou o agradecimento da praxe a Novelli, apenas como se lhe custasse imenso. Depois, apresentou a *speaker* seguinte, uma

estudiosa inglesa dos ecossistemas.

A cientista descerrou os lábios para iniciar o discurso, mas a voz não lhe saiu. Percorreu com o olhar o anfiteatro, para um lado e para o oposto, muito lentamente. Por fim, disse: Também ouviram aquilo que eu ouvi? Ou terei sonhado simplesmente? Porque parece-me que acabei de acordar de um sonho péssimo.

Nessa altura, rebentou um aplauso diferente: fragoroso, libertador. O aplauso com o qual Novelli era enterrado vivo.



Lembro-me de um intervalo de desnorte, a seguir, ainda que não saiba dizer quanto tempo terá durado. Levantei-me sem dúvida da secretária, fui à cozinha e pus-me a vaguear, talvez tenha comido qualquer coisa. Lorenza não estava em casa e tive pena de não poder falar com ela.

Quando voltei para o computador, a conferência retomara o seu curso normal. O iPhone estava pousado ali ao lado, mas eu não ousava pegar nele, como se sentisse algo a ferver no seu interior. Fiquei assim quieto, até que apareceu uma mensagem de Giulio: o *link* para um *tweet*, acompanhado de um ponto de interrogação.

O *tweet* era de uma socióloga americana, Fiona McMulligan, que definia a proeza de Novelli como «medieval e grotesca». Esperava que o cientista italiano fosse prontamente expulso das universidades às quais estava vinculado (todas rigorosamente identificadas) bem como de quaisquer organizações de que fosse membro.

Abri o seu perfil: McMulligan estava inscrita no Twitter desde 2011, tinha a marca de verificação e uma coisa como novecentos mil seguidores. Obviamente, também identificava Novelli. Instintivamente, cliquei no *tag* e, passando ao seu perfil, vi a conta dos seguidores a crescer em tempo real, de centena em centena.

No meu *feed*, toda a gente falava dele. Eu sabia que se tratava de uma ilusão digital, que era uma característica do algoritmo evidenciar o que nos interessaria, mas não deixava de ser assombroso. Já tinham sido cunhados três ou quatro *hashtags* diferentes, mas o que predominava era o mais simples de todos: #Novelli.

Enquanto isso, o vídeo da intervenção tinha sido esmiuçado e disseminado pela rede em fragmentos incendiários. Extrapoladas do contexto, as afirmações eram ainda mais graves. Giulio ter-se-ia posto rapidamente ao corrente, pois escreveu-me: O nosso amigo agitou o dia a todos aqui na universidade. Perguntei-lhe o que achava que iria acontecer agora, e ele enviou-me o *emoji* de uma caveira.

Uma chamada de B.S. interrompeu a nossa troca. De uma forma inconsciente, estava à espera dela. Por norma, era com B.S. que combinava as

peças para o *Corriere*. Pus seriamente a hipótese de não atender de todo, mas só serviria para adiar o problema. Já viste o Novelli?, perguntou-me.

Estava agora mesmo a ver.

Foste tu que fizeste aquela entrevista para nós, não foste? Propuseste-a tu.

Fiquei em silêncio, não convinha confirmar nada.

B.S. disse: Seria interessante se pudesses falar com ele para lhe sacar uma ou outra frase. Parece-me que está a haver uma certa... reação por parte da comunidade científica. E não só.

No jornal, B.S. coordenava tudo o que dizia respeito à condição feminina na sociedade contemporânea, criara um blogue sobre o tema, um festival. Eu escrevera algumas vezes no blogue e tinha sido convidado do festival, onde proferira frases cautelosas e razoáveis sobre paridade de género.

Não falo com ele há imenso tempo, menti. Na realidade, acho que já nem tenho o número.

Poderias escrever um comentário se não conseguires entrar em contacto com ele. Vai sair uma notícia, mas poderíamos pô-lo lado a lado.

Não posso, disse eu.

Olha que a meu ver não é preciso muita coisa. Bastam trinta linhas. Só para enquadrar aquela espécie de análise delirante que ele apresentou.

Não posso, repeti.

Desculpa, podes explicar-me porquê?

Porque o Novelli é meu amigo.

Após o telefonema (e após ter absorvido o que B.S. deixara implícito nos três ou quatro segundos de silêncio finais), voltei ao Twitter. Recuperei os comentários que entretanto perdera, um pouco febrilmente. Eram já centenas, em várias línguas, e de certeza que eu só era capaz de ver uma parte. Novelli estava a ser acusado, denegrido, insultado, ou então gozado com bocas e memes.

O algoritmo destacou um *thread* de Marina, argumentado e pesaroso, em que respondia diretamente a Novelli, de cientista para cientista, de física para físico, debruçando-se sobre o mérito da sua análise e contestando tanto os seus fundamentos como a sua interpretação. Ao mostrar como as curvas dos desempenhos de homens e mulheres divergiam após a licenciatura (admitindo que fosse verdade), Novelli não tivera realmente em consideração os elementos-chave de qualquer estudo sensato sobre paridade: o machismo intrínseco na academia, as tarefas familiares, os condicionamentos sociais. Interrogara-se, o professor, por que razão as jovens cientistas tinham tanta dificuldade em publicar por volta dos trinta anos, depois de terem sido alunas excelentes?

No fim do *thread*, de forma inesperada, Marina confessava algo a seu respeito. Quando trabalhava sobre a estrutura da matéria, tinha-lhe sido oferecida uma bolsa de investigação no ETH de Zurique. Estivera à frente de uma equipa. Mas já tinha as gémeas, que na altura eram pequenas. O seu

marido declarara-se de acordo em princípio, mas era entre esse em-princípio e uma disponibilidade autêntica que se jogava boa parte da condição feminina. Marina abdicara do lugar, que tinha sido atribuído a um colega masculino. Em pouco tempo, aquele grupo reunira resultados importantes, seguiram-se publicações, o H-index do colega aumentara, ao passo que o seu permanecera invariável. No fim, Marina abandonara a investigação. Onde se encontrava tudo isto nas curvas do professor?

Pus instintivamente um coração no fim do *thread*, depois passou-me pela cabeça a imagem do ecrã de Novelli, no qual aparecia «P.G. gosta». Tirei-o, embora não tivesse a certeza da reversibilidade dessas operações.

Alguns alunos da escola juntaram-se ao fundo do *thread* de Marina, incluindo Fernanda Rucco, que debitou um a seguir ao outro uma série de gráficos eloquentes.

Fiz mais um *refresh* e apareceu, mesmo em cima, um *tweet* de Curzia, a imagem de um homem a despenhar-se no vazio, como se de um avião, com um manto de nuvens debaixo de si. Curzia escrevia: O Machista das Nuvens #Novelli.

Tivemos uma troca exaltada de mensagens. Quase parece que estás a achar graça, escrevi-lhe. Por causa do trocadilho? Pareceu-me divertido. Já tu pareces arrasado... Mas tu conhece-lo, Curzia, são amigos! Respondeu-me que estivera uma vez em sua casa (sem dúvida que eu recordava quando) e que, se raciocinasse nesses termos, deveria incluir também na lista dos «amigos» gente do calibre de al-Baghdadi. Se estava tão aflito com Novelli, porque é que não fazia um *tweet* a defendê-lo?

Mas eu nada fiz. Não defendi, não acusei. O meu perfil do Twitter permaneceu perfeitamente neutral, como se não me tivesse apercebido de nada.



Quando regressou, Lorenza encontrou-me no sofá a olhar para o infinito. Perguntou-me porque é que estava tão pálido e eu fiz-lhe um resumo do sucedido, mostrando-lhe alguns passos do TEDx de Novelli. Que nojo, comentou ela, com uma capacidade de síntese que me pareceu fenomenal. Portanto, não vais escrever sobre o assunto?

Mas como é que faço?

Como fazes sempre. Escreves sobre o assunto. Tomas uma posição.

Se tomar uma posição, tenho de a tomar contra ele. Explicitamente.

Daí que prefiras simplesmente evitar.

Mas como é que faço?, repeti.

Nesse preciso momento, o telefone começou outra vez a tocar. O nome de Curzia apareceu no *display*. Foi aí que o meu olhar se encontrou com a da minha mulher. Os toques interromperam-se, para logo depois terem recomeçado.

Atende, disse Lorenza.

Prefiro não atender.

Começaram a aparecer mensagens numa sequência rapidíssima, todas de Curzia. Tinha o hábito discutível de partir as frases individuais em vários envios.

Quem é?, perguntou-me Lorenza, com muita calma, como se a sua curiosidade fosse genuína.

Ninguém. Isto é, uma *freelancer*. Se calhar quer entrevistar-me sobre esta trapalhada, sei lá.

Então, se calhar é caso para lhe responderes. Parece-me bastante insistente.

Também somos um bocadinho amigos, disse eu.

Também são um bocadinho amigos?

Só vai querer comentar o que aconteceu, mas não me apetece muito agora.

Estranho, nunca me falaste dela.

De certeza que te falei dela.

Lorenza abanou a cabeça, como se estivesse a tentar reconstituir.

Depois, reforçou: Não, nunca me falaste dela.

Entretanto, continuavam a chegar mensagens de Curzia, eu não sabia o que lhe dera. Se virasse o telefone para baixo, como o instinto me sugeria, ou se o atirasse para outro sítio qualquer, teria sido pior, pelo que deixei que as notificações se fossem multiplicando sob o olhar cada vez mais frio da minha mulher.

Preferes que vá para outro lado?, disse ela a dada altura. Assim podes responder-lhe tranquilamente.

Não digas parvoíces.

Vou para outro lado, é melhor.

Desapareceu para o quarto. Ouvi-a a livrar-se da carteira, dos sapatos, a mexer noutros objetos. Aproveitei para colocar no modo avião e interromper a hemorragia do WhatsApp.

Achas mesmo que deveria expor-me em relação ao Novelli?, disse em voz alta. Mas Lorenza não respondeu. Repeti mais alto: Achas que deveria expor-me em relação ao Novelli, ou não?

Ela atravessou de novo a sala, mas como se não fizesse tensões de ficar nem de perder mais tempo com aquela história, ou comigo.

Pergunta à Curzia.

Após o que teve início uma noite interminável, uma dessas noites que talvez aconteçam em todos os casamentos, não sei, acredito que sim, mas que sem dúvida nos aconteceu.

Durante horas, eu e Lorenza evitámo-nos e perseguimo-nos por vários pontos da casa, embora acabássemos sempre por regressar ao sofá, como que irresistivelmente atraídos, pois o sofá era o centro de gravidade do apartamento e, logo, da nossa vida, um sofá que nos entusiasmava quando o compráramos, mas que já não nos convencia: demasiado colorido, demasiado caprichoso, deixara de nos representar.

E nesse sofá – o mesmo em que, certa noite, Eugenio entornara gelado deixando um halo inapagável – eu disse que não conseguia imaginar mais nada de nós. Não sei como fomos aí dar partindo de Novelli e das notificações de Curzia, não sei que percurso de esgotamento me terá feito ir buscar essa frase entre a infinitude de frases possíveis, mas as palavras foram exatamente: Não consigo imaginar mais nada de nós.

Disse a Lorenza que tentava pensar em nós os dois dali a cinco anos, dali a dez, e não via nada. Não sabia quem seríamos. Não sabia sequer *onde* estaríamos. O nosso futuro tornara-se branco, como a cegueira.

Tudo se desenrolara muito lentamente e muito rapidamente ao mesmo tempo, e até esse momento ela mostrara-se hostil, mas após essa admissão mudou de repente. Eu ainda estava no sofá, como que colado ao encosto, e ela aproximou-se por trás. Pegou-me na cabeça entre as mãos e acariciou-a com

movimentos circulares, como se pudesse pôr-me os pensamentos no sítio manipulando apenas os músculos, desencadear mecanicamente da testa, das maçãs do rosto, do maxilar, aquela imaginação a nosso respeito que me faltava.

Faláramos já longamente, mas sem conseguirmos tocar um no outro, pelo que aquele contacto tinha algo de absolutamente novo. Lorenza deu meia-volta ao redor do sofá para se sentar ao meu lado e aninhou-se em mim como fazia por vezes, com os pés recolhidos e as pontas esticadas. Tirara as meias, sem que eu soubesse quando.

Mas sabes o que é que me vem à cabeça? Vem-me à cabeça aquele sítio de Lanzarote, aquela terriola aonde fomos dar ao almoço.

O dos alemães nus?

Esse mesmo.

Porque é que achas que acabamos sempre entre gente nua, eu e tu?, perguntei, ainda que estivesse a custar-me um pouco exprimir-me.

Não sei, mas não estou a pensar nisso por causa do nudismo. Estou a pensar nisso porque eram todos velhos, lembras-te? Casais de naturistas que tinham ido ali parar depois de sabe-se lá que vida e que desilusões. Digo então a mim mesma que talvez nós possamos ser também assim, daqui a uns quantos anos, não ainda, eu sei, mas daqui a uns quantos anos. Sem vergonha, sem os olhares de ninguém em cima de nós. E não me parece assim tão terrível como futuro.

Entre os alemães com as nádegas tostadas.

É uma estupidez, bem sei.

A ouvir antigos sucessos de Plastic Bertrand.

Nesse momento, ela nada retorquira, já não disse que era uma estupidez, pelo que fui eu a dizê-lo: não, não me parecia uma estupidez.

Mas até lá?, acrescentei após alguns segundos.

Lorenza ergueu a cabeça, como que a querer dar um impulso físico ao que estava prestes a propor-me, mas sem afrouxar a mão com que segurava o meu braço: até lá podíamos mudar de casa. Era algo em que ela já pensava havia algum tempo. Dali a nada, Eugenio entraria para a universidade e nós arranjaríamos um apartamento mais pequeno, porventura com um espaço exterior, e eu teria finalmente um escritório.

Enfim, resolvemos a coisa assim, disse eu, através do imobiliário.

Essa agressividade apanhou-a desprevenida e, num certo sentido, também a mim me apanhou desprevenido.

Resolvemos o quê?

O terraço em vez de um filho, tudo resolvido, genial. Está bem, compremos uma casa nova.

Estávamos muito próximos até um segundo antes, mas depois daquela frase ela desprendeuse do enleio que formávamos. Porém, não teve coragem para se levantar, não ainda.

Sabes, disse ela, é verdade que se sente por vezes a diferença de idades

entre nós, também eu a sinto claramente. Mas não pelos motivos que imaginas, não pelo corpo, que é uma obsessão tão grande para ti. Sinto-a porque tu ainda tratas os teus desejos como um miúdo. Só estás concentrado naquilo que te falta, constantemente.

E isso é um erro?

Não sei se é um erro. Mas é pena.

Lembro-me de estar a olhar em frente, para a prateleira onde guardávamos as recordações das nossas viagens, tantas que não saberia atribuir algumas aos seus locais de origem. Dedicáramos a cada um daqueles objetos um momento de atenção, discutindo-os entre nós, negociando o preço. Via-os agora sem achar neles nada de especial. De olhos fixos nas recordações, disse: Fui procurá-la da última vez que estive em Paris. A Curzia. Fui a casa dela.

Lorenza não se mexeu, ou pelo menos eu não reparei em nenhum movimento na margem do campo visual. Ficou um pouco à espera, processando aquela informação incompleta e analisando provavelmente a estranheza do verbo «procurar» naquele contexto. Depois perguntou: Quantos anos tem?

Eu não estava a sentir grande coisa, a não ser um ardor no rosto, como se algo estivesse realmente a aflorar a partir dos músculos. A minha idade, disse, mais ou menos.

Não me vou meter nisso, fica sabendo.

Como assim, não te vais meter nisso?

Parto com demasiada desvantagem. Não me vou meter nisso.

Foi então que se levantou. E, quando já estava de pé, virada para as recordações das nossas viagens que também ela veria com certeza agora como um amontoado pronto para ir parar a um caixote, disse dessa posição: Devias experimentar-te.

Experimentar-me em quê?

Mas era um pedido excessivo, Lorenza não estava disposta a dar-me essa indicação também, só me dizia respeito a mim. Arrancou para a cozinha, onde havia coisas para fazer, porque havia forçosamente coisas para fazer na cozinha, todos os dias, sempre.

Mais tarde, voltámos a falar, e depois – já seriam agora duas ou três da manhã – também houve o sexo, como acontece em certas noites intermináveis dos casamentos: sexo para pôr travão a toda aquela conversa, porque era preciso simplesmente parar a conversa e não havia outra maneira.

Realizámos os rituais que se seguem sempre ao sexo com um pouco mais de tristeza do que o normal: nós os dois à vez na casa de banho, a esponja húmida passada pela capa do colchão, a intenção declarada de o trocar na manhã seguinte.

Tomei um Halcion, mas apesar disso dormi pouquíssimo. Em compensação, sonhei bastante e num dos sonhos eu e Lorenza íamos de carro com ela a guiar, estranhamente, pois desde que morávamos em Roma nunca

se arriscava a conduzir. O GPS parecia destrambelhado, levava-nos por uma estrada de montanha. Continuávamos a subir e a subir. O Sol estava a pôr-se e o panorama lá de cima era incrível, de tal forma que Lorenza dizia é o sítio mais bonito que já vi. Mas ao mesmo tempo estávamos assustados, pois sabíamos que já não conseguiríamos descer, assustados à distância, como acontece nos sonhos. Pus-me eu ao volante e, para lá de uma curva, a estrada desapareceu, perdemos aderência e demos por nós a cair ao longo de centenas de metros, perpendicularmente e sem nos virarmos, em direção ao mar lá em baixo.

Apontei o sonho numa nota do telefone, matraqueando às escuras, embora Lorenza pudesse pensar que estaria a escrever a alguém em plena noite. Era só mais um hábito ao qual eu não sabia renunciar.



Ao acordarmos, voltámos a encontrar-nos à mercê da lucidez. Era Domingo de Ramos e eu prometera a Karol que iríamos à missa, ele tinha sido particularmente insistente e eu cedera. De maneira que nos arranjámos, em silêncio, trocando informações práticas.

Lá fora, Roma estava em pé de guerra: guardas com coletes à prova de bala, polícia de carro, polícia a pé, polícia a cavalo, soldados com metralhadoras ao ombro, forças especiais, blindados, helicópteros no céu. Uma carta anónima, entregue na embaixada da Tunísia, comunicara que um tal Atef M. estava a preparar um atentado na cidade, justamente durante a afluência extraordinária da Semana Santa. Tinham sido difundidas as suas fotografias policiais de frente e de perfil, e efetivamente, vendo-as, não havia dúvida de que se trataria de um sujeito perigoso: contorno do couro cabeludo a direito, camisola de felpa com capuz ousadamente aberta em V, olhar intenso, feroz.

Dias mais tarde, o programa televisivo *Quem o viu?* localizara Atef M. em Mádia, na costa a sul de Tunes, onde morava: a carta tinha sido a represália de um colega, quiçá por uma questão de dinheiro por resolver. Mas, entretanto, Roma ficara sob escolta. Eu e Lorenza deparámo-nos com a rua impedida por uma barricada. O percurso para a contornar, tendo em conta as restantes ruas encerradas e os engarrafamentos, exigia só por si uns quarenta minutos, sem garantia de êxito. O guarda encolheu os ombros perante os nossos protestos. Deixa lá, disse-me Lorenza, voltemos para casa.

Vamos lá experimentar na mesma.

Mesmo que corra bem, vamos chegar no fim da missa!

Mas eu prometi ao Karol.

Continuávamos especados diante das camionetas atravessadas dos guardas e o homem fardado ia-nos fazendo sinal para que saíssemos da frente. Lorenza ficou alguns instantes a estudar-me. Depois disse: Esta fidelidade em relação aos teus amigos deixa-me perplexa. A sério.

Havia uma infinidade de subtextos naquela frase, tantos que não saberia enumerá-los, e talvez nem mesmo ela. Dormíramos pouco e mal, disséramos um ao outro todas aquelas coisas.

É uma fidelidade muito irônica, no fundo. Vai lá ter com o Karol. Eu fico aqui.

Pôs-se a remexer a carteira, à procura de qualquer coisa, assegurando-se de que tinha as chaves de casa ou algo assim, concedendo-me na verdade tempo para reconsiderar, para mudar de ideias e secundá-la. Poderia ter interrompido aqueles gestos dizendo vamos lá à praia, sim, que se lixe a missa, que se lixe o Karol, está um dia esplêndido, estamos juntos e isso é que conta! Mas não o fiz.

Propus-lhe acompanhá-la até à porta de casa, mas desta vez foi ela a recusar. Saiu do carro e eu fiz a inversão. O guarda seguiu a cena através do para-brisas, sabe-se lá com que ideia terá ficado de nós. O seu olhar não sugeria nada para lá da indiferença.

Quando entrei na igreja, Karol estava a ler o Evangelho. Havia ainda alguns lugares livres nos bancos, mas fiquei de pé para que ele me visse. Fazia tenções de o levar a ponderar, mais tarde, o esforço que me custara respeitar o compromisso.

Na homilia, falou de uma forma um pouco críptica de escolhas, da oportunidade que se aninhava em todas as descontinuidades. Pois, o que era a Ressurreição de Cristo senão a descontinuidade mais profunda da história humana? Parecia estar a referir-se a mim, mas o truque das homilias era justamente esse, pensei, da religião em geral, aliás: dar sempre a impressão de que está a referir-se a nós. De qualquer forma, perdi o fio à meada antes que ele concluísse o raciocínio. Tinha na cabeça a breve troca de tiradas com Lorenza no carro. Tinha vontade de sair e telefonar-lhe para pôr tudo em ordem o mais depressa possível. Tinha sempre vontade de pôr tudo em ordem o mais depressa possível. A minha relação com as descontinuidades não podia ser definida como sendo das melhores.

Quando terminou a liturgia, do fundo da escada de acesso, digitei a mensagem que compusera e editara cuidadosamente na minha mente, uma combinação de desenvoltura e contrição, ficando então à espera da resposta.

Uma voz feminina fez-me erguer os olhos: És tu?

Diante de mim estava uma rapariga com pouco mais de vinte anos, de cabelo castanho puxado atrás com uma banda. Não precisei sequer de um segundo para perceber que se tratava *daquela* rapariga.

És o amigo dele, certo?

Julgo que sim. Olá, Elisa.

Estendi-lhe a mão e por algum motivo, ao apertar a sua, senti o impulso de a arrastar para longe dos olhares. Mas Elisa estava tranquila. Olhava-me de muito perto e com uma intensidade um pouco sôfrega, como se quisesse estudar cada pormenor de uma pessoa que passara muito tempo a imaginar.

Poderias vir comigo a um sítio?, disse. Para falarmos.

Instintivamente, virei-me para a entrada da igreja, onde Karol estava a despedir-se dos fiéis um a um.

Ele vem ter connosco depois, já combinámos.

Fui atrás dela, sem ter grande alternativa. Chegados ao parque de estacionamento, perguntou-me se poderíamos levar o meu carro, ela viera de transportes públicos. Entrámos. Enquanto me dava indicações, vi por um instante a cena através do olhar de Lorenza, como se estivesse sentada em silêncio ao centro do banco de trás.

Durante o trajeto inteiro, não dissemos mais nada. Elisa apontou para o letreiro de uma pizaria: Ali.

Sentámo-nos a uma mesa posta para quatro, reservada em nome dela.

A tua mulher não veio?

À última hora não consegui.

Que pena, gostaria de a conhecer. Mas talvez seja melhor assim. Podemos falar com mais calma.

Trouxeram-nos água e gressinos em embalagens individuais, abrimos uma por cabeça e começámos a mordiscá-los.

É aqui que se encontram?, escapou-me a pergunta. Ela era de facto novíssima, causava-me um certo embaraço estarmos ali a sós, daí que deixasse vogar o olhar para outro lado, para os *trompe-l'oeil* nas paredes, para a toalha já constelada de migalhas.

Não é o máximo, eu sei, mas afeiçoámo-nos a ele. Além de que a piza é boa, fazem-na superfina.

Sei que estás a estudar biologia.

Mas já não estou assim tão convicta. Deveria ter escolhido algo mais humanístico, apaixonou-me mais, mas já é tarde.

Tarde? Duvido. Tens tempo para te experimentares naquilo que te apetecer.

Tinha sido mais agressivo do que pretendia e, pelo estranho contágio que se dá por vezes entre as palavras, tinha ido buscar justamente aquele termo, «experimentar», o mesmo que Lorenza usara em plena noite contra mim. Sentia-me um pouco aldrabado: por Karol, pela forma como me envolvera naquilo que evidentemente era um plano, e pela própria Elisa, pois não via razão para estar ali, ao almoço, a ouvir os seus queixumes acerca da universidade, à mesma hora em que o meu casamento estava a desfazer-se.

Disse ela: Sei que foste tu que ofereceste o iPhone ao Karol. Portanto, num certo sentido, também é mérito teu. Sem o iPhone não teríamos ficado assim em contacto.

Era verdade, oferecera-lhe um iPhone, um par de anos antes, um 5S que eu substituíra por impaciência à terceira vez que os vidros se partiram.

É por isso que me pareces a pessoa mais indicada à qual recorrer. Enfim, na realidade és a única também!

Riu-se com o nervosismo. Por instantes, a sua compostura esboroou-se e ela revelou-se jovem como era.

Eu e o Karol apaixonámo-nos, julgo que ele já te terá dito isso.

Não sabia bem como reagir de outra forma, pelo que fiquei impassível.

Aconteceu-me num momento particular. Tinha saído de uma história com alguém da minha idade. Alguém que se tinha portado um bocadinho como um estupor. Isto é, um grande estupor. Chupou as faces, como que para as morder por dentro, enquanto torcia o papel lustroso dos gressinos. Eu moro praticamente na outra ponta de Roma. Estás a ver onde fica o Raccordo? É aí que eu moro. E nós agora estamos aqui.

Diametralmente opostos.

Diametralmente opostos, exato. Foi assim que escolhi a paróquia. Queria um sítio onde me refugiar, gente nova que não me conhecesse, e disse a mim mesma que tinha de ser no ponto mais distante possível. Foi assim que encontrei o Karol. Mas talvez ele já te tenha contado tudo isto.

Na verdade, não.

Ah, pronto.

Elisa acusou aquela pequena desilusão, ponderando-a durante alguns segundos. Seja como for, concluiu, esta é a história abreviadíssima. E, quando penso nela outra vez, vem-me uma ou outra dúvida.

Sobre o quê em particular?

Parece um pouco demasiado casual. Isto é, escolhi esta zona ao acaso e esta paróquia ao acaso. Se tivesse ido parar a outra, mesmo pouco distante, teria sido o mesmo? Teria encontrado outra pessoa? Um outro padre talvez? Não quero parecer-te superficial, não sei se me estás a entender. Mas não será que naquele momento eu estava tão decidida a apaixonar-me por alguém que o Karol foi apanhado pelo meio?

O empregado aproximou-se para perguntar se estávamos prontos para pedir. Disse-lhe que estávamos à espera de uma pessoa e ele avisou-me que o sítio não demoraria a ficar cheio e que os tempos de espera se prolongariam.

Quando ele se foi embora, Elisa expirou o ar sustido nos pulmões. Vou licenciar-me em julho, disse. Depois, queria inscrever-me no mestrado, em Pádua. O Karol convenceu-se de que quer vir comigo.

Para Pádua? Ou seja, queria pedir uma transferência?

Parece-me que a situação nos fugiu um bocadinho das mãos!

De repente, vieram-lhe as lágrimas. Lágrimas infantis, não propriamente de tristeza, mas de tensão. Queria que o chamasses à razão.

Karol entrou nesse momento, de calças de ganga e camisa. Fez um sinal na nossa direção ao empregado que foi ao seu encontro. Veio ter connosco radiante, enquanto eu anuí a Elisa, como que a dizer-lhe que percebera, que claro que a ajudaria, faria todos os possíveis por ela. No seu rosto já não havia laivo de comoção.

O almoço foi penoso. Pedimos três pizzas diferentes e partilhámo-las em

partes iguais para as provarmos todas. Karol e Elisa tinham uma série interminável de brincadeiras entre si às quais pretendiam que eu assistisse, partindo do princípio de que me divertiriam a mim também, mas era impossível. Mostraram-me repetidas vezes qual era a mesa em que se sentavam sozinhos. Mas para variar não estavam sozinhos, para variar havia alguém que estava a vê-los, alguém que podia testemunhar a união entre os dois.

Na altura do café, Karol pousou a mão sobre a de Elisa, com uma coragem que teria estado o tempo todo a procurar dentro de si. Manteve-a lá, mexendo apenas o polegar numa carícia rítmica na palma, durante um bom quarto de hora, como que a dizer-me já viste?, já viste que é real?, tudo o que eu te dizia é real, *ela* é real!

Elisa não se furtou àquele contacto, mas um segundo antes de nos levantarmos dirigiu-me um outro olhar intenso, semelhante ao inicial, como que a renovar o seu pedido de ajuda. Lorenza ainda não respondera à mensagem.



Na imagem seguinte que guardo desse fim de semana, estou sentado na beira de uma cama, no quarto de um hotel com paredes castanho-claras. Ao meu lado está uma mala de tiracolo, uma bagagem que poderia dar para poucos dias ou para a eternidade. Quanto ao hotel, era uma daquelas estruturas de convenções empresariais que se encontram em fila, umas a seguir às outras, na Villa Aurelia. Eu passara por lá várias vezes, de carro, mas nunca sonhara ficar lá uma noite.

Houvera mais uma discussão em casa, muito mais curta e em vários tons, sobretudo da parte de Lorenza, mas essa discussão, embora tivesse acabado de suceder, também já parecia longínqua.

A hora do jantar passara e não tinha muita fome. Desci na mesma ao piso térreo. A sala do restaurante era uma praça de armas. Para lá das vidraças, uma fonte ia gerando jogos de água sincronizados com as mudanças de iluminação. Escolhi um lugar virado para o ecrã da televisão, só para pousar os olhos em algo. Afinal, na cidade, não acontecera nenhum atentado.

Enquanto deixava o jantar no prato, recebi a mensagem de um número que não tinha na agenda: Sou a Elisa. Por acaso já falaste com o Karol?

Respondi-lhe que não tivera tempo para tal.

Ainda bem!!! Porque já não tenho tanta certeza. Preciso de pensar no assunto mais um bocadinho.

Logo a seguir: Na tua opinião, o que deveria fazer?

Garanti-lhe que era a pessoa menos adequada a quem perguntar, especialmente naquela noite, mas não entrei em pormenores e ela não apanhou a alusão. Pedira a Karol o meu número com a desculpa de me submeter alguns dos seus poemas. Aliás, a talho de foice, gostaria mesmo de ter a minha opinião, se não fosse uma maçada para mim. Eram versos escritos para si mesma, nada de pretensioso.

Se os escrevera para si mesma, porque é que queria que eu os lesse?, provoqueei-a. Acrescentei então que não percebia nada de poesia, mas, claro, podia enviar-mos se quisesse.

Estivemos um bocadinho assim a trocar mensagens, até que Elisa me mandou um documento Word e eu me pus de facto a ler os seus poemas, ali

na sala do restaurante, sem saber o que pensar, sem sequer me interrogar.

Fiquei cinco noites no hotel da Aurelia. Numa delas, na mesma sala do restaurante, dei por mim de novo a ver Novelli na televisão. Era convidado de um programa da Mediaset. O bloco, inteiramente dedicado a ele, tinha como título: UM NOBEL DEBAIXO DE ATAQUE. Pedi ao empregado o favor de aumentar o volume.

Nas horas anteriores, tivera lugar uma sucessão de acontecimentos nos quais eu participara remotamente apenas, como se para lá de um vidro insonorizado. Na segunda-feira de manhã, o conselho científico da faculdade de Paris reunira-se com a máxima urgência e deliberara a suspensão de Novelli de toda e qualquer função didática, por tempo indeterminado. Num comunicado de imprensa, a universidade francesa demarcava-se publicamente das posições gravíssimas do professor, que não só não espelhavam de todo as da comunidade académica como se revelavam lesivas para todas as cientistas, e em particular para a colega Gaia Sensi, à qual se endereçava a máxima solidariedade.

Como qualquer professor da sua categoria, Novelli estava ligado a um vasto número de instituições: na Europa, nos Estados Unidos, na China, na Austrália. A carta da universidade francesa dera o pontapé de saída. Em menos de vinte e quatro horas, tinha sido dispensado de todo o lado. Eu acompanhava no Twitter as atualizações sobre a sua queda. Dentre todos, só o Emerging World Climate Forum tivera o cuidado de acrescentar à sua nota que, ao afastar Novelli do cargo de conselheiro, lhe agradecia a atividade preciosa que desenvolvera ao longo dos anos.

Na quarta-feira eu recebera um *e-mail* seu, em inglês. Novelli dirigia-se a nós, colegas, amigos e conhecidos, para que o defendêssemos naquela que não era uma batalha pessoal, mas uma luta para reafirmar o direito à verdade. Recapitulava o episódio do TEDx do seu ponto de vista (reforçando, uma vez mais, que se limitara a expor os dados) e o linchamento sofrido como consequência. Estamos a caminhar para uma ciência que tem medo daquilo que descobre, daquilo que diz, escrevia ele. Será esse o progresso que desejamos? Se, tal como ele, tivéssemos a ideia de um futuro diferente, se prezássemos a independência da investigação, então era importante que subscrevêssemos a carta em sua defesa, escrita espontaneamente pelo colega Robert T. Friedman, e que até à noite seguinte seria encaminhada para diversos diários em vários países. A carta vinha anexa.

Lembro-me de que estava meio deitado e tinha o portátil em cima da barriga. Lera o anexo uma vez, e depois outra. Googlara Robert Thomas Friedman e descobrira que estava envolvido num suposto escândalo num *campus* universitário do Missouri. Não parecia publicar trabalhos científicos de relevo havia algum tempo. Depois, analisara mais atentamente o *e-mail*.

Novelli não o enviara especificamente para mim. Estava endereçado a si mesmo, com um número indefinido de pessoas em cópia escondida. Decidira tergiversar até ao dia seguinte.

De manhã recebera uma segunda mensagem, que tinha como assunto REMINDER, não a abrira e deixara passar mais umas horas. Por fim, Novelli procurara-me diretamente. Estava a lavar os dentes e vira o iPhone a vibrar como um inseto na secretária. Já viste a carta?, escrevera-me alguns instantes depois. Vais assiná-la? Era impossível recusar-me a responder naquela altura. Lamento, escrevera. Não concordo com aquilo que disseste. E a carta parece-me mais um passo em falso.

Voltara para a casa de banho e sentara-me lá à espera da mensagem seguinte. Percebo, escrevera Novelli. Eu contava que ele acrescentasse algo, mas não, pelo que tinha sido eu de novo a escrever: Sei que foi um período negro, J.

Usara a inicial do seu nome de propósito, para lhe mostrar uma réstia de calor, apesar de tudo. Mas ele não queria o meu calor: queria a minha assinatura. Tens tempo até às sete se reconsiderares, escrevera. Soava como um ultimato e era-o para todos os efeitos, mas não dizia respeito apenas à carta, era muito mais amplo do que isso: impunha um prazo à minha lealdade para com ele, à nossa amizade, a nós os dois.

E agora lá estava ele, o professor Novelli, no ecrã montado demasiado alto na minha nova sala de jantar na Aurelia, sentado na cadeira central do estúdio televisivo, um pouco desalinhado.

Não estava com um aspeto muito acanhado nem muito desalentado, parecia acima de tudo enfadado, como se o circo mediático que se desencadeara à sua volta fosse uma imane perda de tempo, que o distraía de questões bem mais graves, como o derretimento acelerado dos glaciares árticos.

A discussão já deveria estar no ar havia algum tempo, mas o Google Alert falhara e eu perdera o início. De qualquer forma, o tom geral do debate era bastante claro. Tratava-se de uma daquelas tertúlias que preferiam adotar qualquer posição minoritária, certa ou errada, desde que estivesse em contraste com a dos meios de comunicação tradicionais: naquele momento, defender Novelli era exatamente uma posição desse tipo.

O apresentador dirigia-se a ele tratando-o sempre por professor, ao passo que ao falar da sua rival ausente, Gaia Sensi, dizia simplesmente Gaia Sensi, embora essa disparidade de tratamento não suscitasse os protestos de ninguém. Após uma ronda de opiniões, que giravam confusamente em torno do conceito de liberdade de expressão, o microfone regressou a Novelli. Com um trocadilho dos seus, disse que preferia não se exprimir sobre a liberdade de expressão. Esses eram assuntos para jornalistas e intelectuais. Ele era um

cientista, e na ciência a liberdade de expressão era um problema que nem sequer se punha. Na ciência havia as hipóteses, os dados, as confirmações experimentais e a validação por parte da comunidade. Fim.

O apresentador apertou com ele: era verdade que a revista para a qual enviara o artigo sobre paridade de género não o sujeitaria a análise para a publicação? Parece que sim, respondeu ele. O apresentador virou-se então diretamente para a câmara: Mas será que temos noção? Temos noção de que, em nome do politicamente correto, chegámos ao ponto de censurar um trabalho científico de um professor? Não de o criticar: nem sequer o levar em consideração! Não será uma nova forma de regime? O professor Novelli, não nos esqueçamos, venceu o Prémio Nobel!

A atribuição do Nobel, assim enunciada, era exagerada, ainda que indubitavelmente eficaz sobre o público. Novelli não se deu ao incómodo de a corrigir.

Seguiu-se mais uma rápida ronda de auscultações, durante as quais ele, o Homem das Nuvens, mal anuíu. Parecia cada vez mais alheado. Por fim, o apresentador voltou a interpelá-lo com uma voz diferente, mais paternal: Como se sente agora, professor?

Talvez Novelli não estivesse preparado para aquela viragem repentina. Mudou de posição na poltrona, descruzando as pernas e cruzando-as ao contrário. Aclarou a garganta. Depois, falou de um modo um pouco confuso, murmurando que já estávamos desabitoados do conceito de verdade, vivíamos num mundo onde os factos tinham sido liquidados, substituídos em todos os casos por interpretações convenientes. Dedicava-se à emergência climática havia mais de vinte anos, ninguém podia sabê-lo melhor do que ele.

Sim, mas como é que se sente *por dentro*?

Novelli fez então um esgar que eu conhecia, consistia em comprimir muito os lábios e fixar um ponto em baixo. Um pouco desiludido, disse. Embora não com as universidades ou com as redações dos jornais, essas são só... entidades. São abstratas.

Então com quê, professor?

Com as pessoas. Sinto-me desiludido com as pessoas.

A sala do restaurante esvaziara-se, mas lá fora a fonte continuava a repetir o seu ciclo de variações aquáticas. Quando o programa terminou, escrevi uma mensagem a Novelli, uma piada para desdramatizar, não me lembro dela, mas lembro-me de que não tinha graça nenhuma. Surgiu-me a confirmação de leitura e, durante uns vinte minutos, fiquei estupidamente à espera da resposta. Assinei a conta, acrescentando-a à do quarto, e encaminhei-me para os elevadores.



Alguns dias mais tarde, fui para Turim. Parecia uma escolha lógica: recuar, voltar ao antes. Além de que estava de má vontade com Roma, parecendo-me que teria a ver com o que estava a acontecer-me. A sujidade, a desordem, o escuro das ruas depois do pôr do Sol, as chusmas de turistas apatetados, as ruas fechadas de repente, as barricadas: custara-me viver ali. Talvez fosse por isso, porque o perceberam antes de mim, que os meus pais me enviavam postais de Turim desde que eu ali morava. Um par deles ao ano, como se eu estivesse a viver na Austrália.

Antes de subir para casa deles, explorei o jardim do condomínio. Estava inalterado em relação à minha infância, embora a vegetação se tivesse adensado, sobretudo nalguns pontos: se calhar já ninguém lá ia.

Não causava espanto que eu me apresentasse sem Lorenza. Ia quase sempre visitá-los sozinho, como um fantasma isento de vínculos e de presente. A minha mãe demorou alguns segundos a perscrutar-me na soleira da porta. Disse que estava com olheiras, convinha que tivesse algum cuidado comigo mesmo. Os cumprimentos foram curtíssimos, sentámo-nos logo à mesa.

Ao longo dos anos, as breves conferências com que o meu pai acompanhava o jantar tinham mudado muitas vezes, embora alguns assuntos regressassem ciclicamente: a crise do petróleo, a fusão a frio, a inflação, a teoria segundo a qual bastaria tirar um zero ao saldo da população mundial para resolver de uma penada todos os problemas. O tema energético era predominante, como se ele incubasse o terror de acordar de repente num mundo sem forças.

Mas nessa noite ele estava preocupado com a água. Um assunto invulgar e, todavia, não tão novo assim (tinha a vaga recordação de ouvir em pequeno as explicações sobre o fim iminente dos recursos hídricos). Será que eu sabia, agora, que tinham sido encontrados níveis altíssimos de hormonas sexuais, em particular de estrogénio, em águas destinadas ao consumo humano?

Eu não sabia, como era óbvio. Quase nunca sabia as coisas que o meu pai sabia. Aliás, era assombroso que ele ainda as descobrisse permanentemente. Tinha a desconfiança de que ele prepararia temas

específicos antes da minha chegada, com o intuito de me impressionar.

Na prática, todos os dias bebemos sumos de hormonas femininas. Será que em Roma usávamos a água da torneira?

Expliquei-lhe que tínhamos um purificador doméstico, desde logo por razões ecológicas.

A água de Roma é terrível.

Para ti, tudo é terrível em Roma, disse eu, só para aligeirar a conversa, mas sem sucesso.

Os interferentes endócrinos, prosseguiu ele, que toda a gente ingeria quotidianamente, toda a gente *incluindo eu*, tinham efeitos desastrosos sobretudo na reprodução sexual. E sobretudo nos homens. É óbvio, certo? A evolução não previra que nos empanturrássemos de estradiol. Os dados relativos à desmasculinização eram muitos claros nos peixes, mas não havia razões para julgar que as coisas fossem diferentes nos seres humanos. E, efetivamente, o comprimento do membro masculino diminuía em média dois centímetros só nos últimos sessenta anos.

A minha mãe disse: Está a tremer-te um bocadinho a pálpebra, a esquerda.

Encostei lá o indicador, enquanto o meu pai acrescentava algo a propósito do número de espermatozoides.

Interroguei-me se o assunto daquela noite teria sido escolhido com uma intenção precisa. Eu nunca fizera referência às minhas tentativas falhadas com Lorenza, embora não deixasse de ser verdade que a nossa reprodução malograda já seria um facto comprovado.

Está bom o cozido, disse eu.

Não trouxe a cabeça, respondeu a minha mãe. O homem do talho desaconselhou-ma.

Antes assim, murmurei. A cabeça sempre me fez impressão.

Aquele desvio culinário impôs um compasso de espera ao monólogo do meu pai. Estava a perscrutar-me, como que a tentar adivinhar o momento certo para retomar. Terá acabado por desistir, pois disse: E aquele Novelli? Um tipo bizarro.

Vimo-lo na televisão, confirmou a minha mãe. É aquele com o qual foste de férias.

Parece-me um bocadinho confuso, disse ele.

Estiveram juntos na Sardenha, especificou a minha mãe.

Eram só afirmações, pelo que podia evitar manifestar-me. Ambos pareciam, no entanto, ter a situação bastante clara: havia um cientista do qual eu tinha sido convidado no verão, e esse cientista era chamado para *talk shows* como expoente máximo de um sexismo de outros tempos.

Tens a certeza de que existe o termo desmasculinização?, perguntei ao meu pai.

Claro que existe!

Soa um bocadinho esquisito. Desmasculinização. Quase nem consigo

pronunciá-lo.

A seguir ao jantar, passámos para os sofás e, durante algum tempo, estivemos a ver diapositivos antigos que o meu pai digitalizara. Era algo a que se dedicava bastante ultimamente. No fim, haveria de ficar com um verdadeiro arquivo. Prefiro imprimir alguns deles, disse. A ideia de que a nossa vida inteira esteja dentro de uma *pen* é um pouco frustrante.

Havia uma do Pó, tirada da varanda de casa, no dia em que os diques rebentaram. As caves tinham ficado alagadas e todos os números de *As Ciências*, que o meu pai lá guardava por ordem desde o primeiro, tinham ficado compactados em blocos de lama. Deitáramo-los fora revezando-nos com um carrinho de mão, ele muito calado, provavelmente desolado com aquela perda.

Lembras-te da cheia?, disse ele ao reparar que eu me concentrara em particular naquela.

Claro que me lembro.

Pensei em perguntar-lhe também se se lembraria de todos os números perdidos de *As Ciências*, mas evitei fazê-lo. Eis uma das coisas que eu nunca percebera no meu pai: se a minha opção de estudar física na universidade o teria deixado satisfeito ou não, e se ele saberia que essa opção tinha tido a ver com o seu *imprinting* catastrofista e a coleção inundada de *As Ciências*. Depois de eu me ter licenciado, ele citava com gozo uma máxima de Einstein, quiçá apócrifa: «Um investigador que não tenha dado o seu contributo significativo para a ciência antes dos trinta anos, provavelmente nunca o dará.» Quando abandonei a investigação sem deixar para trás nenhum contributo significativo, ele não protestara. Na verdade, não dissera nada, a não ser uma vez, do sofá, com os braços cruzados: E a física? E a física nada, respondi eu. Ah, a física nada.

Talvez tivesse interpretado aquela deserção da ciência como uma traição pessoal. Estava a abandonar a física para me dedicar exatamente a quê? Em que âmbito, como escritor, haveria de ser um especialista dali em diante? Nunca me dirigira estas perguntas, mas se o tivesse feito eu ter-lhe-ia respondido que, depois de todos os anos de estudo, a incompetência era justamente aquilo que eu procurava: tornar-me finalmente um especialista em nada.

Estava a contar ficar para dormir, mas não lhes adiantara a novidade e a mala ainda estava no carro. Abracei-os, saí e passei meia hora a conduzir pelas ruas do bairro, à procura de algo que nem para mim era muito claro: um pouco de comoção, uma sensação de pertença. Depois, encostei para reservar um quarto num hotel. Passei em revista os *last minute* disponíveis e acabei por

escolher o Boston. Sempre me suscitara curiosidade, por causa da fachada de estilo eclético, e sabia que os quartos eram diferentes uns dos outros. Perguntei na recepção se podia ficar com o do crocodilo pendurado no teto, vira a fotografia no TripAdvisor, mas estava ocupado.

O meu quarto tinha cortinados pesados e um soalho escuro que rangia e convidava a andar de pés descalços, pelo que tirei os sapatos. Não existia uma única pessoa no mundo que soubesse onde me encontrava naquele momento, tirando a rececionista, obviamente, para a qual eu não significava nada, todavia.

Despi-me, pus música no iPad e, durante algum tempo, fui dançando de cuecas no espaço entre a cama e a janela. Eu dançava muito em miúdo, fazia-o de orelhas arrebitadas para a porta, para que ninguém pudesse surpreender-me ao entrar. Essas coisas que fazemos quando ninguém está a ver-nos: não seriam suficientes para seguir em frente? Dançar, não se sentir responsável por nada, viver pela euforia momentânea.

Debrucei-me para o pátio interior: apesar de estar situado em plena Turim, era luxuriante. Tinha até um pequeno lago escuro, retangular, onde iam nadando a esmo umas carpas vermelhas e luzidias. O céu por cima dos telhados era o típico da cidade, estratos-cúmulos de baixa altitude, sem forma nem contornos. Deixavam entrever um pouco, mais atrás, a mancha difusa da Lua.



Nos meses seguintes, vivi em órbita. Não que nunca voltasse a casa, voltava sempre, aliás, mas ficava o mínimo indispensável. Depois apanhava mais um comboio, mais um voo, ou o carro se o destino o permitisse, e instalava-me em mais um hotel, durante uma semana ou menos do que isso. Partia, regressava, tornava a partir, sem descanso.

A versão oficial é que se tratava de investigações para o livro. Escrever tem a comodidade indubitável de justificar (quase) todas as extravagâncias. À exceção de Lorenza e Karol, ninguém conhecia as razões autênticas do meu frenesim. Por outro lado, eu e Lorenza não considerávamos que devêssemos a quem quer que fosse a verdade sobre aquilo que estava a acontecer-nos, pelo menos não ainda, até porque nem mesmo nós, se tivesse de ser, saberíamos nomeá-lo.

Nunca visitava as cidades. Nada me interessava nas cidades, eram todas iguais ou então eram aquilo que esperávamos que fossem. Só me interessavam os quartos de hotel, e ficava mais satisfeito se dessem para um parque de estacionamento interior.

Após o *check-in*, fazia as mesmas coisas na mesma sequência: masturbar-me, demorar-me no duche sob o jorro de água abrasadora, abrir o minibar, pedir uma tosta para o quarto, telefonar a Lorenza antes de ficar demasiado bêbedo para manter a conversa, tornar a beber, tornar a masturbar-me, se tivesse forças para tal. Não sei quantificar o tempo que perdi à noite a combater com os interruptores das luzes, mas sei que a instalação elétrica dos hotéis me entretinha mais do que aquilo que se poderia razoavelmente imaginar. Por volta das nove da noite, atingia uma espécie de catarse, uma condição fugaz de pura ausência, depois adormecia.

Quanto ao livro sobre a bomba, estava a definhar havia já algum tempo. Arrastava para todo o lado o mesmo volume sobre a dissuasão nuclear, como se a sua simples presença garantisse o meu empenho. Nesses meses, não terei produzido mais de umas trinta páginas, a par de um ou outro artigo para o jornal: o mínimo indispensável para que lá fora não me julgassem morto. Contrariamente àquilo que pensava, a instabilidade emocional não proporcionava nenhum estímulo à criação, ou pelo menos comigo não

funcionava. Precariedade e ansiedade seriam porventura condições românticas, mas também eram ótimas razões para não se escrever.

Passar aquele tempo todo num hotel, embora não em estruturas de primeira ordem, não deixava de ser dispendioso. Namorei a ideia de uma residência para artistas, cheguei a informar-me, mas pareciam todas destinadas a estrangeiros, de preferência americanos. Para além de que uma residência artística implicaria a adesão a um projeto, momentos de confronto, aulas e socialização forçada, ao passo que eu desejava apenas espaços anónimos e silêncio, quartos na penumbra com toalhas dobradas, que me aliviassem de qualquer responsabilidade.

Decidi enfrentar a situação de forma sistemática. Fui buscar aos *e-mails* de anos anteriores os convites que declinara, em Itália e no estrangeiro: festivais, salões do livro, *workshops*, seminários. Escrevi umas cinquenta mensagens praticamente idênticas, em que me propunha «recuperar». A autocandidatura seria sem dúvida invulgar, embaraçosa até, muitos organizadores não me responderam inclusivamente, mas um ou outro sim. Estabelecido o contacto, eu fazia notar que por exigências de escrita seria conveniente para mim ficar para lá do estritamente necessário.

Utrecht, Cosenza, Bratislava, Hanôver, Gorizia, Frankfurt: o Google Maps manteve um rasto fiel das minhas deslocações nesse período, sendo o mapa resultante um emaranhado de linhas.

Abu Dhabi, Lviv, Jerusalém, Lima, Cartagena das Índias: eu privilegiava os destinos mais distantes, embora também fossem os mais difíceis de lá chegar. Nos voos intercontinentais, passava os olhos pelo programa de entretenimento à procura dos filmes do *Senhor dos Anéis* e via-os de enfiada, empanturrando-me de amendoins e espumante. Se não houvesse filmes, dormitava contra a escuridão da vigia. Certa noite, a senhora que ia sentada ao meu lado pediu-me gentilmente que me desviasse para fotografar a aurora boreal, mas eu não me mexi. Disse-lhe que não era nada de especial, apenas partículas carregadas que caíam na perpendicular no campo magnético terrestre.

O facto de continuar a falar com Lorenza, várias vezes ao dia até, poderia parecer uma contradição e talvez o fosse. Na verdade, a incoerência ia muito mais além: enquanto passava a maior parte do meu tempo no hotel, pusemo-nos à procura de uma casa nova. Trocávamos *links* imobiliários, e chegámos a visitar um ou outro apartamento, discutindo como disporíamos os móveis, deixando-nos espantar por pormenores falhados, uma marquise sem salvação, um pavimento original que precisava de ser retirado, como principiantes. Ponderávamos a hipótese de termos chegado ao fim como casal e ao mesmo tempo íamos planeando o nosso futuro em conjunto.

Portanto, afirmar que entre 2018 e 2019 eu vivia maioritariamente em hotéis é verdadeiro, embora só capte uma parte da verdade. Nesses meses de distância, continuava a existir a multiplicidade de coisas que eu e Lorenza administrávamos em conjunto: uma fuga na casa de banho que nos obrigou

durante um par de semanas a tomar duche usando um balde, o exame do décimo segundo ano de Eugenio e o dia em que ele, quando estávamos os dois a estudar, me pousara uma mão no antebraço, como se quisesse manter-me ali. Até mesmo o sexo existia ainda, raro e desconfiado, mas existia. Nunca o fazíamos na própria noite do meu regresso a Roma, primeiro era necessário esbater a desconfiança acumulada, mas a dada altura acontecia. Passados tantos anos, eu e Lorenza não éramos só uma história de amor em crise, éramos também uma infinidade de outros aspetos inextricáveis: um sistema de hábitos consolidados, uma rede de relações sociais, um aparelho burocrático. Tínhamos de continuar a funcionar. E continuar a funcionar custava-nos pouquíssimo.

As viagens pagas implicavam alguns compromissos sociais: apresentações, painéis, eventos. Acabava por fazer tudo para evitar os jantares e os beberetes, mas nem sempre conseguia. Nessas noites, era possível que outra pessoa subisse comigo ao quarto, mas era raro acontecer e nunca ficava até ao pequeno-almoço. Não me sentia culpado por esses imprevistos, pelo contrário: não era esse precisamente o motivo pelo qual estava a ter aquela nova existência nómada, não era justamente assim que obedecia ao mandamento de Lorenza, devias experimentar-te? De acordo com a minha interpretação, experimentar-se significava antes de mais ver-me no elevador com alguém, quem quer que fosse, desde que não ela.

Numa dessas ocasiões, o meu iPhone desapareceu, juntamente com o dinheiro vivo na carteira. Estava em Barcelona e era ainda noite plena, por volta das quatro. Já começava a ter episódios momentâneos de dissociação: durante alguns segundos, depois de ter acordado, não tinha a certeza do local onde me encontrava. Lembro-me de que o quarto de Barcelona tinha um papel de parede com riscas verticais alternadas, de duas tonalidades diferentes de azul. Saí da cama e apanhei as calças do chão. Revirei os bolsos e procurei na mochila, mas o telefone também não estava lá. A carteira, por sua vez, estava na mesinha de cabeceira, ainda que não me lembrasse de a ter lá deixado. Quando a abri, espantei-me ao descobri-la vazia. Para dizer a verdade, ainda lá estavam os cartões e os documentos, só faltava o dinheiro.

Fui à casa de banho e olhei-me longamente ao espelho. Tinha uma marca arroxeadada no ombro esquerdo, a auréola de uma dentada. Toquei-lhe ao de leve com uma sensação de mistério. Sentia a cabeça a andar um pouco à roda e estava a precisar de beber água, tomar um duche, mas voltei para o quarto e ajeitei a cama, deitando-me então naquele que em casa era o meu lado, com as costas bem direitas e assentes nas almofadas.

Não consegui voltar a adormecer, nem sequer tentei. Vi a aurora a infiltrar-se pela camada mais fina de cortinado, mas só por volta das oito é que liguei do fixo a Lorenza. Perguntou-me alarmada a razão de ser daquele

número e expliquei-lhe que perdera o telemóvel. Ficou alguns instantes calada, absorvendo o que estava implícito naquela informação, e depois disse-me que estava a preparar-se para sair, que aliás já estava atrasada, que nos veríamos em casa. Talvez, antes que ela desligasse, eu tenha murmurado desculpa a tempo.

Eram episódios que ficariam suspensos entre nós, impalpáveis como nuvens, tal como ficara suspenso o que acontecera em Calais no outono anterior, essa alusão feita no decurso de uma noite e nunca mais retomada. Mas, pelo menos a respeito de Calais, posso arriscar-me a contar aqui o que se passou, hoje, 16 de março de 2022, porque aconteceram entretanto muitas coisas inimagináveis no mundo, todos nós nos assemelhamos cada vez mais a sobreviventes, e da perspetiva dos sobreviventes é quicá possível contar tudo.

No aeroporto de Orly, depois de ter deixado descolar o avião, alugara um carro da Thrifty, um modelo económico que tinha apesar de tudo uma tomada USB, pelo que liguei o telefone e ouvi *Skeleton Tree* no trajeto de autoestrada. Nick Cave lançara esse disco de capa preta após a morte do filho Arthur, que caíra a pique de uma falésia branca como gesso para o canal da Mancha. O álbum tinha sido composto em boa medida antes do acidente, mas cada verso, cada harmonia transmitia perda. Nesse período, eu ouvia *Skeleton Tree* sem parar, e pensava muito em Arthur.

Tratava-se de uma espécie de cura. Se na geração de um filho estava implícita a possibilidade de uma separação tão traumática, então a paternidade não era de todo para mim. Não tinha sido privado de uma oportunidade: tinha sido *poupado*. Audição atrás de audição, o lamento de Nick Cave pela morte prematura e inadmissível de Arthur expurgar-me-ia finalmente do desejo de ter um filho.

À mensagem que eu lhe escrevera – vou ter contigo a Calais se me disseses onde estás –, Curzia respondeu-me sem denunciar nenhuma reação emotiva, apenas com o *link* de um hotel. Reservei um quarto de um estacionamento na autoestrada, tinha a certeza de que só me serviria para pousar a bagagem, quicá para um duche, mas parecia-me mais elegante assim.

O hotel estava ao nível dos Ibis. O quarto tinha uma grande janela na qual incidia diretamente o sol. Sentei-me na única poltrona e fiquei parado durante algum tempo, com a cabeça estranhamente vazia. Escrevera a Lorenza que perdera o voo por causa de um atraso do autocarro, um acidente na estrada a caminho do aeroporto. Iria procurar um quarto onde passar a noite adicional, não me apetecia voltar a casa de Novelli, nem sequer o avisara, aliás. Já que ali estava, aproveitaria para ir visitar no dia seguinte o Museu Curie, podia ser-me útil para o livro.

Ao fim e ao cabo, a verdade em que me encontrava não era afinal tão diferente assim: perdera de facto o voo, estava num quarto de hotel, não

avisara Novelli e havia a possibilidade concreta de voltar para Paris a tempo de ir ao museu. Ainda nada acontecera para lá disto. Jamais imaginaria, antes, que pudesse sentir-me tão calmo e determinado à beira de uma traição. A excitação era só uma sensação em segundo plano, como um fio de arame percorrido por uma fraca corrente elétrica.

Abri o minibar, tirei uma embalagem de nachos e escrevi mais uma mensagem a Lorenza: Quarto horrível! Ainda bem que é só por uma noite. O meu instinto, completamente incoerente, era ligar-lhe, mas resisti. Desenfiei os sapatos e mantive-me à espera.

Quando Curzia regressou, era quase de noite. Escreveu-me para ir ter com ela ao átrio. Eu já estava pronto, de banho tomado e vestido, mas deixei passar mais um quarto de hora para não parecer precipitado. Fui dar com ela numa zona de sofazinhos, num espaço para quatro ao fundo da sala. Na mesa estavam espalhados apetrechos fotográficos e uma das cadeiras estava coberta com roupas pesadas. Estava um rapaz com ela. Sem se levantar, Curzia disse: Ah, estás aí! Inclinei-me para ela e dei-lhe um beijo na face. Depois, apresentei-me ao seu colega, um tal Sasha. Estavam ambos com botas impermeáveis encrostadas de lama e polares da Decathlon, tinham as faces avermelhadas do frio. Disse que se notava um pouco que vinham de um campo de refugiados e fiz algumas perguntas educadas sobre o que tinham visto. Sasha mostrou-me alguns dos seus retratos no ecrã da Reflex, perguntando-me então o que fazia eu, ali. Pesquisas para um livro. Tem a ver com a Segunda Guerra Mundial? Não sei. Ele fez uma cara estranha, lançando uma olhadela a Curzia. Isto é, num certo sentido tem a ver.

Já eram quase oito horas, a minha esperança era que ele se piscasse de pressa, mas Curzia disse: Estou com fome, vamos jantar?, e ficou evidente pela forma como olhou para nós que o convite valia para ambos. Entrámos no carro alugado deles, Sasha ao volante, eu no banco de trás. Curzia pôs a música mais alta, começou a menear-se ao som de uma canção árabe. Perguntei-lhe se gostava mesmo daquela música e ela disse-me que a adorava. Mas percebes as palavras? Não, só *habibi*. E isso quer dizer o quê? Sasha olhou de novo para mim daquela forma atarantada, pelo retrovisor. Oh, *habibi*, quer dizer meu querido, meu amor, toda a gente sabe.

Curzia ia mexendo as mãos no ar, sinuosamente. Eu disse: Não te chegaram os atentados? Ainda te apetece música árabe? Não sabia bem como me saíra aquele comentário. Parando de chofre, ela respondeu: Mas o que raio tem uma coisa a ver com a outra?

Entrámos num café onde eles já tinham estado na noite anterior. Jamais teria escolhido um sítio assim se estivesse com Lorenza, nem sequer teria entrado na lista de candidatos. Eu continuava a ver tudo através dos seus olhos também, talvez as relações tão longas sejam de facto uma doença. Uma outra forma de catarata juvenil que eu desenvolvera ao longo dos anos.

Curzia e Sasha insistiram para que provasse o *welsh*, era o prato típico da região, e não, não devia olhar para os ingredientes primeiro, devia

simplesmente pedi-lo. Está bem.

Uma frigideira de *cheddar* fundido em que se afogavam fatias de um pão de forma gorduroso, com um ovo frito por cima, a boiar nesse lago de gordura: eis o que era o *welsh*. Muito bem, muito bem, ia comer tudo, queriam apostar?

Curzia e Sasha recomeçaram a falar da sua peça. Definiram em conjunto alguns pormenores relativos à entrega, enquanto eu começava já a acusar a refeição.

Voltámos ao hotel. No estacionamento, Sasha enrolou dois cigarros e distribuiu-os por nós, dizendo então que iria para o quarto para fazer alguma pós-produção das fotografias. Eu e Curzia ficámos de pé naquele espaço desolador, como que a avaliar o que fazer, até que ela disse acho que também vou subir, estou desfeita. Estava de facto, passara o dia inteiro ao relento, a entrevistar rapazes desalojados, a absorver frio e sofrimento humano. Claro, disse eu. Já nem sinto os pés. Claro, repeti, mas terá soado mais recriminatório, pois seguiu-se um novo silêncio, mais longo, e Curzia disse então: Ouve, não sei bem a ideia com que ficaste, mas não é assim que funciona.

Aproximara-se e abraçara-me no meio daquela espécie de estacionamento. Com a cabeça apoiada no meu peito, confiara-se a alguns segundos de descanso. Depois, deu-me um beijo na face e entrou no átrio.

De manhã, desci cedinho para o pequeno-almoço, para não a encontrar. Mas estava lá Sasha, cumprimentámo-nos com um aceno, e eu sentei-me numa mesa separada. Deixei o quarto e meti-me outra vez no carro.

Depois do acidente do filho, Nick Cave passara meses sem dar concertos. Como se podia voltar a cantar, a atuar, após um luto absoluto como aquele? No entanto, em tempos recentes, recomeçara. Ao cumprimentar pela primeira vez o público, dissera: Estivemos num lugar estranho. Agora estou a sair de lá e pisco os olhos diante da luz. E vi... tasmânicos.

Para a sua primeira atuação, escolhera uma sala de concertos em Hobart, na Tasmânia. A mesma ilha onde, segundo Novelli, existia uma hipótese de salvação para todos.

Enquanto fazia a viagem de regresso, afastando-me da costa norte de França e das falésias das quais Arthur caíra, enquanto fugia da minha primeira infidelidade conjugal falhada, prometi a mim mesmo que levaria Eugénio a um concerto de Nick Cave. Fá-lo-ia à primeira oportunidade, assim que ele voltasse dos Estados Unidos. E, se ele quisesse, talvez levasse também a sua amiga taciturna que preferia música *trap*. Até lhe escrevi uma mensagem, à qual ele respondeu com o GIF de um bebezinho a dançar de alegria. Quase nunca percebia os seus GIF, mas percebi aquele em particular.



Após o furto do telefone em Barcelona, preferi andar longe de casa por uns tempos. Na primavera de 2019, dei por mim a viver em casa de Curzia por um período. Não que tivesse arrumado a roupa no seu armário ou algo assim: aterrei simplesmente em sua casa, com o *trolley* aberto na sala. Os factos de Calais, ou mais precisamente os não factos, tinham desembaraçado o espaço de uma fantasia em relação a nós que se mantivera em potência meses a fio sem querer propriamente concretizar-se, e que provavelmente era mais minha do que sua. Tinham passado ao nosso anedotário privado com a legenda «o Grande Mal-Entendido Francês», ou GMF, ultrapassado o qual podíamos inaugurar uma amizade livre, assente no pilar sólido do sarcasmo.

Monte Sacro era um bairro que eu não conhecia, pelo que era bastante fácil fingir que me encontrava numa outra cidade e não a poucas estações de metro da vida que continuava a manter em suspenso. De manhã, dava longos passeios à beira-rio, serviam-me para pensar, mas sobretudo para desamparar a loja durante umas horas. Curzia trabalhava em casa, tal como eu, mas não possuíamos a quota mínima de confiança necessária para ficarmos esse tempo todo na mesma divisão.

Um dia, fui dar ao interior de um mercado de bairro e deixei-me levar pelas compras. Quando ela me viu a pousar os sacos na bancada da cozinha, desviou por instantes os olhos do computador: Ai, meu Deus! Não estás com a ideia de começar a preparar jantarinhos para nós, pois não?

A casa estava sempre desarrumada, havia pessoas que surgiam repentinamente à porta e ficavam a mandriar até altas horas da noite, podia-se fumar lá dentro e só se levava o lixo quando era estritamente necessário. Diria que o próprio facto de reparar em certos aspetos da forma de viver de Curzia fazia de mim o burguês que ela me acusava de ser. Mas eu nunca vivera assim, nem mesmo como estudante universitário, nos tempos da casa partilhada com Giulio. Éramos ambos muito minuciosos e estávamos sempre a estudar, cada um entrincheirado no seu quarto, os turnos de limpeza eram estipulados no início do mês e não nos passaria sequer pela cabeça lixarmos para ela.

Depois do passo em falso das compras, desisti por completo da ideia de

cozinhar. Recorriámos de forma desmesurada a ir buscar comida ou às entregas, embora eu sempre me mostrasse contrário por causa da imagem recorrente do entregador atropelado por um carro enquanto me trazia o *sushi*. Mas, nas palavras de Curzia, certas posições assumidas do alto do meu privilégio eram pura hipocrisia, além do facto de que era muito mais cómodo jantar em casa.

Para lá das provocações permanentes, ela ficou contente de eu ali estar. Não atravessava um bom período. A sorte dos jornalistas é oscilante e o fim dos atentados na Europa representara para ela um compasso de espera laboral. A agência para a qual escrevia identificara-a com o terrorismo islâmico durante tanto tempo que não sabia bem, agora, como recolocá-la. O resto da realidade estava repartido pelos seus colegas: os migrantes para um, as eleições europeias para outro, os duelos parlamentares para outro ainda. Cada um defendia agressivamente o seu território. Curzia invetivava, embora soubesse que no lugar deles se comportaria de forma idêntica. De manhã, via-a a passar a Internet a pente fino à procura de um ponto de partida, para depois se agarrar ao telefone nem que fosse para conseguir um segundo de consideração por parte do diretor. Se o dia corresse bem, punha-se a escrever à tarde, mas à última hora pediam-lhe para eliminar dez linhas, depois mais dez, depois mais dez. À noite, acabava quase sempre numa crise de nervos: Só me deixaram a porra de um parágrafo!

Queixava-se muito, quase obsessivamente, aliás. Será que tinha noção de que os jornais estavam a pagar a quarenta euros as peças dos colaboradores? Quarenta! Ganharia mais a fazer limpezas.

É pena que não tenhas muito jeito.

Sarcasmo, uma vez mais, o único código admitido entre nós. Porque, se me tivesse atrevido a analisar a situação mais a sério, Curzia ter-me-ia acusado de não saber o que dizia, porque tinha as costas quentes, eu.

Pela minha parte, falava-lhe muito de Lorenza, pela qual ela tinha um fraquinho, embora nunca a tivesse visto: tinha um fraquinho pela forma como eu a descrevia. Torturava-me por causa da expressão que eu usara uma vez, «tirar tempo para mim»: estou a tirar tempo para mim, dissera eu. Quase todas as noites, Curzia perguntava-me o que teria feito de extraordinário nesse dia com o tempo que tirara para mim, e eu tinha quase sempre de admitir que não fizera nada.

Também falávamos de Novelli, vendo-nos muitas vezes a manifestar opiniões contraditórias no espaço de poucos minutos. Curzia, por exemplo, estava tão indignada com o facto de que eu não tivesse tomado publicamente uma posição contra ele como que lhe tivesse recusado um apoio, explícito e moral. Mas então onde é que está a saída?, dizia-lhe eu. O que terias feito tu?

Eu?, respondia ela. Eu seleciono as minhas companhias *antes*.

Nos últimos meses, a emergência climática tornara-se uma moda. Para a primeira mobilização dos jovens em Roma, a agência de Curzia já incumbira outra pessoa, mas após horas de nervosismo agudo ela anunciou-me que iria na mesma. Ofereci-me para a acompanhar: Posso tirar fotografias, serei o teu Sasha.

Só que as fotos que tu tiras são uma porcaria. O Sasha é um génio.

Percorremos a Nomentana a uma velocidade preocupante, eu agarrado a ela na motoreta, e um segundo depois estávamos no meio de um rio de adolescentes. Sentia-me um pouco deslocado, como uma espécie de turista. No liceu, participara em pouquíssimas manifestações, eram os anos dos movimentos contra a globalização, e eu fazia passar a minha indiferença por superioridade intelectual. Interroguei-me o que faria se tivesse dezassete anos naquele dia, se iria normalmente à escola, juntamente com outros três e a professora que se esforçava por arranjar algo para fazer, enquanto com toda a probabilidade nos desprezava.

Perdi o rasto a Curzia e por instantes avancei simplesmente ao ritmo do cortejo. Um globo de papelão, levíssimo, ia sendo lançado de um lado para o outro. Foi ao seguir a sua trajetória que reparei em Eugenio no passeio. Era óbvio que estaria ali, como não haveria de estar? O globo surpreendeu-o pelas costas, embatendo nele com a sua delicadeza. Eugenio, ainda assim, virou-se de repente. Estava sempre alerta, os nervos em franja mesmo quando era criança, eu nunca percebera porquê, nem como seria possível ensiná-lo a evitar aquele estado.

Deu um toque ao de leve no globo, para tornar a lançá-lo ao ar. Estava com um grupinho de raparigas, entre as quais Sara. Pelos gestos, percebi que estavam a insistir para que ele deixasse que lhe escrevessem algo no braço. Lá acabou por ceder. Com uma certa teatralidade, arregaçou a manga do blusão e aguardou com paciência que Sara lhe escrevesse algo com o marcador, ou que talvez concluísse um desenho.

A versão oficial – ou seja, que eu viajava bastante por causa de pesquisas para o livro – também valia para ele. Na realidade, tinha a desconfiança de que ele e Lorenza falassem um com o outro, contavam sempre muito mais coisas um ao outro do que as que eu sabia e nos últimos meses tinham tido vários jantares a dois. Se assim fosse, Eugenio não o demonstrava. Quando estava fora, pensar nele provocava-me um sentimento de culpa um pouco mais intenso do que o normal, pelo que era algo que fazia o menos possível. Nunca me permitira sentir a sua falta.

Mantive-me também à distância na manifestação. Enquanto ele ali estava a permitir que o decorassem, deixou vogar o olhar por um instante, até na minha direção. Receei que me tivesse visto, mas os seus olhos foram além de mim. Quando recomeçou a andar com as colegas, segui-os durante um bocado, até que guinei para uma rua lateral.

Em Piazza Venezia, reencontrei Curzia. Já devo ter o suficiente, disse ela. Vamos lá voltar para casa.

Quando lá chegámos, ela fechou-se no quarto para se concentrar, deixando-me sozinho na sala. Sentei-me no sofá e escrevi a Eugenio: Foste à manifestação?

Óbvio. Tu onde é que andas?

Passei por lá, mas só para dar uma olhadela.

Foi pena não nos termos cruzado. Era para um artigo?

Como eu não respondia, foi ele de novo a escrever: Vens para casa esta noite?

Tenho de partir outra vez.

Enviou-me uma cara triste.

Liguei para B.S. do *Corriere*. Expliquei-lhe que tinha ido parar ao meio da greve pelo clima de Roma, um pouco por acaso. Já deveriam ter as páginas cheias de Greta Thunberg, mas tendo em conta que anos antes eu escrevera sobre a COP21, sei lá, talvez pudesse existir umnexo razoável entre as duas coisas. Atribuiu-me setenta linhas.

Quando Curzia voltou à sala, eu ainda estava a alinhar o artigo. Pôs-se no sofá e assim ficou alguns segundos.

Aceitaram-no, disse. Vamos sair? Apetece-me uma piza.

Dá-me só meia hora.

Vi-a a lançar uma espreitadela de esguelha ao ecrã do portátil. Estás a escrever o quê?

Uma coisa para o jornal.

Sobre?

A manifestação.

Pediram-te?

Já que lá estava.

Endireitou-se contra o encosto. Após uma pausa, disse: És mesmo incrível, não haja dúvidas.

Eu afastara os auscultadores só de um lado, mas nesse momento retirei-os por completo.

Quiseste fazer-me companhia e agora ficas com a peça.

É só um comentário, atenção.

Claro, um dos teus comentários. Vai sair na primeira?

Não escrevemos para o mesmo jornal, qual é a diferença para ti?

Vai sair na primeira, ou não vai?

Sei lá eu!

Levantou-se de repente, recolheu as suas coisas. Olha, eu vou comer que estou com fome. Quando acabares, liga-me, ou faz o que quiseres. Um segundo depois, já saíra de casa.

Enviei o artigo, que não estava nada de especial, ou pelo menos já não me parecia nada de especial. Depois de ter feito tábua rasa dos adjetivos, ainda soava palavroso, afetado. Talvez me tivesse influenciado o facto de ter

visto Eugenio no desfile.

Tomei um duche, dedicando-me então um pouco ao Twitter. Às dez, Curzia não enviara nenhum sinal. Embora parecesse demasiado sentimental como gesto, tirei um *post-it* da sua secretária e escrevi-lhe uma mensagem. Não considerava que devesse pedir desculpa, não propriamente, pelo que não o fiz, mas disse que lamentava a incompreensão recíproca, o que era verdade. Estávamos ambos a passar por um período demasiado confuso para nos ajudarmos um ao outro. Tinha sido um prazer ainda assim torturar Alexa e ela durante todos aqueles dias.

Apanhei um táxi. A bordo, com o destino em suspenso, escrevi a Lorenza se a chateava se eu voltasse para casa àquela hora, sem aviso prévio. Respondeu-me que não. Parecia-lhe muito estranho, em compensação, que eu pedisse licença para regressar a minha casa.



Algum tempo depois, Giulio veio a Roma. Tinha de levantar o passaporte com um visto de trabalho para a África do Sul, encontrámo-nos à porta da embaixada. Assim que a universidade lho permitiu, decidi tirar uma meia sabática. O regulamento contemplava a realização de atividades úteis à formação académica noutro local, pelo que, pelo menos oficialmente, iria dar um ciclo de seminários na Universidade de Economia da Cidade do Cabo.

Mas na realidade?

Mas na realidade inscrevi-me num curso para ser guarda-florestal. No Parque Kruger.

No Parque Kruger, repeti. Haverá por lá leões, suponho.

Bastantes. Bem como hienas, hipopótamos e búfalos.

Serpentes?

As que quiseres.

Giulio sabia da minha fobia incontrolável em relação a serpentes desde uma caminhada em conjunto na montanha, nos tempos da universidade.

Presumindo que o assunto seria do meu interesse, desatou a falar-me da *spitting cobra*. De acordo com alguns etólogos, as *spitting cobras* tinham adquirido a capacidade de cuspir veneno especificamente contra os humanos. Os nossos antepassados caçavam-nas com lanças, logo, à distância, e elas tinham arranjado uma forma de se defender. O canal no interior das presas dobrara-se em ângulo reto para que o veneno, ao passar por lá, fosse acelerado.

Na prática, a natureza selecionou-as para nos matarem, sintetizou Giulio. Levaram a cabo alguns testes, em que os investigadores faziam de alvo. A três metros, eram atingidos na cara dez vezes em dez. Queres ver um vídeo?

Preferia não ver.

Contudo, na maior parte dos casos, as *spitting cobras* só conseguem cegar. Já as *black mambas* são mesmo perigosas. Velocíssimas e muito agressivas. Vamos fazer um curso para aprender a lidar com elas.

Lidar com elas, repeti para com os meus botões, já percebi.

Estava eufórico, eu via-o a enfiar de vez em quando a mão no bolso do blusão para tocar no passaporte, como que a assegurar-se de que ainda lá

estava. Deixara crescer o cabelo. Interroguei-me se seria o início de uma transformação *ad hoc* para o seu futuro em terras selvagens. Estaria vários meses fora. E o Adriano?, perguntei-lhe com uma ponta involuntária de admoestação.

Giulio devolveu o telemóvel ao bolso. Acho que não lhe custará estarmos afastados por uns tempos. Passado um segundo, acrescentou: Não sei em que ponto ficaste.

No ponto em que tu e a Cobalt tinham chegado a um acordo escrito.

Sim, esse acordo existe, confirmou-me. Mas digamos que só funciona no papel.

O documento estipulava de forma precisa a repartição das despesas e do tempo, mas numa sexta-feira em que Giulio chegara meia hora atrasado porque o metro estava parado, meia hora e não mais do que isso, Cobalt recusara-se a entregar-lhe Adriano. Fizera-o perder todo o fim de semana. Se o menino tivesse uma ameaça de constipação que fosse, era logo uma desculpa suficiente para não lho dar. E, sempre que havia reuniões na escola, Cobalt evitava avisá-lo, para depois o acusar de incumprimento. Situações desse género, disse Giulio, a toda a hora. É um bocadinho enervante.

No Natal, organizara uma viagem à Noruega, mas duas horas antes da partida o passaporte de Adriano desapareceu misteriosamente. Muito misteriosamente, vinçou. Mostrou-me uma série de *screenshots* que relatavam a cruenta troca de mensagens com Cobalt.

Guardas todas as vossas conversas?

Só as piores. Ao início, era algo que fazia por indicação da advogada. Depois, nunca mais parei.

Perdi um bocadinho as estribeiras com aquela história do passaporte, confessou após uma pausa, embora sem especificar como.

Durante alguns fins de semana, encontrara-se com Adriano na presença de uma assistente social, que permanecia com eles em silêncio, para os monitorizar. Na sala reservada para os encontros, havia brinquedos de plástico com um aspeto cancerígeno, que Adriano se recusava sequer a tocar, de maneira que muitas vezes ficavam calados, pai e filho, a enervar-se um contra o outro. Conhecendo o seu pudor extremo, imaginá-lo nesses momentos com Adriano, sob a vigilância de uma desconhecida, pareceu-me uma forma moderna de tortura. A partir de dado momento, Adriano recusara-se a ir aos encontros e, logo, a vê-lo.

Tive de lhe deixar a prenda de anos no elevador, disse Giulio. Nessa altura, Cobalt ter-se-á apercebido de que a situação degenerara. Pediu-me que nos encontrássemos só os dois, ao fim de não sei quantos anos. Foi bastante estranho. Éramos para falar do Adriano e demos por nós a discutir a nossa vida, certos episódios que tinham acontecido mil anos antes, quando o Adriano ainda não existia. As pessoas empreendem em pensamentos incríveis. Parecia estar a correr tudo bem, estávamos a ser quase... civilizados. Mas a Cobalt deve ter-se sentido culpada. Talvez toda aquela conversa sobre nós

dois a tivesse apanhado de surpresa, começou a trazer à baila o Luc, o seu companheiro. De repente era só o Luc. O Luc diz que, o Luc acha que. Nas palavras dela, o Luc tinha as ideias claríssimas a respeito do que quer que fosse, do Big Bang em diante. Eu brinquei um bocadinho com ela porque o Luc não era de todo chamado para a conversa, garanto-te. E saltou-lhe a tampa. Não te atrevas a julgá-lo!, frases assim. Tudo bem, tudo bem, pronto. Embora, pela forma como desatou a chorar, não me pareça que o Luc a faça assim tão feliz.

E tu? Tens saído com alguém?, perguntei-lhe à queima-roupa.

Não propriamente.

Após um instante de silêncio, Giulio disse: E tu?

Não. Não propriamente.

Terá sido evidente a minha surpresa perante aquela pergunta, pois ele acrescentou: Talvez não estejas a par, mas de vez em quando a Lorenza e a Cobalt escrevem uma à outra. Mantiveram essa ligação ao longo do tempo. Ou retomaram-na recentemente, não faço ideia.

Almoçámos juntos num café da Piazza Fiume. Depois, Giulio perguntou-me se ainda teria tempo para o acompanhar até ao centro para comprar uma mochila. A que tinha era demasiado grande. Percorremos a pé a Via Venti Settembre. No caminho, foi quase sempre ele a falar, ainda que não parasse de ressaltar: Se estiver a aborrecer-te, diz.

Cerca de um mês antes, recebera o telefonema de um desconhecido. É o Giulio? Sim, sou eu, quem fala? Queria avisá-lo de que estão documentos seus espalhados pela rua em toda a Rue Keller. Parecem ser documentos bastante pessoais. Até encontrei este número de telefone. Se quiser, mando-lhe fotografias.

O desconhecido não era francês e tinha uma pronúncia péssima, de tal forma que Giulio pensou instintivamente numa qualquer técnica de engodo: documentos seus na rua? Como era possível? Mas a rua mencionada pelo tipo coincidia com a da sua advogada, pelo que a indicação tinha uma estranha credibilidade.

Instantes mais tarde, recebera uma fotografia de uma página da sentença de divórcio. Giulio deixara a meio a conversa com um aluno e precipitara-se para a Rue Keller. Ao chegar lá, encontrara de facto as folhas no chão. Estavam dias ventosos em Paris e uma rajada espalhara o conteúdo do seu dossiê por dezenas de metros, no passeio e na faixa de rodagem.

Estava lá praticamente a minha vida inteira, disse ele. Assim disseminada. Cópias dos documentos, *e-mails* pessoais, fotografias do Adriano, números das contas bancárias. Todo o tipo de informação sensível que te venha à cabeça. Arquivado o caso, o pessoal do escritório achara por bem ver-se livre do dossiê e pô-lo no caixote do lixo da rua. Nem sequer no contentor: no caixote. Era tão absurdo que ao início eu nem queria acreditar. Convenci-me, não sei como, de que o processo teria voado sozinho pela janela. Apanhei tudo e, entretanto, fui percorrendo o que de facto acontecera.

Pelo que, assim que terminei, subi ao escritório da advogada e armei uma cena, primeiro com a secretária e depois com ela, que nem sequer queria receber-me. Perante a fúria com que eu estava, terá pensado que a Cobalt não estaria completamente enganada. No entanto, manteve-se impassível. Disse-me que a prática do escritório era deitar fora os documentos. Que mais deveriam fazer?

Pelo menos fazer a separação do papel, disse eu para aligeirar.

Pelo menos fazer a separação do papel. Nem mais.

Estávamos à porta da loja de material desportivo, mas ainda não decidíamos entrar.

Ao sair do escritório da advogada, estive algum tempo a vaguear, disse Giulio, como que aturdido.

Podias ter-me ligado.

Não me parecias lá muito acessível nos últimos tempos.

Não o disse por despeito, era uma mera constatação, como se acontecesse a toda a gente, por vezes, estar inacessível.

Por fim, decidiu que não podia deixar passar. Foi à esquadra da polícia mais próxima para apresentar queixa. O agente à entrada não percebia bem qual seria o problema, ou fingia não perceber, mas ele estava decidido. Esperara algo como quatro horas para fazer o depoimento. E enquanto estava na sala da esquadra, rodeado de uma humanidade variada, num dos pontos mais baixos da sua vida, quiçá o mais baixo; depois de tudo aquilo que sou, disse ele, ter sido literalmente espezinhado, enfim, nesse momento sentira-se... não sabia bem como o exprimir. Mas bastante bem.

Liberto?

Não sei se liberto será a palavra certa. Mas veio-me à cabeça o Kruger, onde estive há muitos anos. Revi uma paisagem em particular, uma clareira que se abre de repente ao fundo de uma estrada, e disse a mim mesmo: apetecia-me estar lá. Simplesmente. Porque é que não podia estar lá, em vez de estar naquela esquadra a tentar convencer um polícia que atirar para a rua a vida de uma pessoa constitui forçosamente algum tipo de delito? No dia seguinte, inscrevi-me no curso para guarda-florestal e apresentei o requerimento para a sabática.

E agora precisas de uma mochila nova, disse eu.

Entrámos na loja. Após uma primeira consulta, fizemos a comparação entre três modelos. Examinámos a capacidade das bolsas, as costuras, o resguardo dos fechos, os separadores. Giulio estava-se nas tintas para as cores, embora as mais garridas enervassem os animais. Acabou por escolher uma Arc'teryx cinzenta, compacta e com um ar severo. Pô-la logo às costas e foi assim que saímos.

Fomos até à Via del Corso. Com aquela mochila, Giulio parecia de facto prestes a partir, a pé, do centro de Roma para a África do Sul.

Porque é que não vens comigo? Vamos divertir-nos.

Demasiadas serpentes.

Pois é, as serpentes. Já me tinha esquecido.

Não faz mal, disse eu, agora vais ser guarda-florestal. Partindo do princípio de que uma cobra não te cospe em cima antes. E depois? Mudaste-te para África para ser guia de safaris?

Giulio voltou por instantes a cara para o sol. Para já, torno-me guarda-florestal, depois logo se vê. Pelo andar da carruagem no mundo, toda a gente deve ter um plano B a postos, na minha opinião. Eu tenho a África do Sul. Já tu, será que pensaste no teu plano B?



Assim para começar, podia mudar-me para o seu apartamento de Paris. O facto de que eu o ocupasse durante a sua ausência aliviava Giulio do fardo moral de o deixar vazio meses a fio. Podes cobrir as despesas, disse-me, mas de renda nem se fala. Tudo bem: eu sacrificar-me-ia para não fazer dele o pior capitalista do mundo.

Deu-me instruções sobre como tratar das plantas e o que fazer ao esquentador quando bloqueava. Renovou por diversas vezes o convite para ir com ele, ao ponto de se ter tornado um jogo: inventar de cada vez uma desculpa mais paradoxal para declinar. Teria ficado de facto feliz se partíssemos juntos, mas eu não estava munido da mesma autonomia interior, nem do desprezo pelo perigo. Sempre admirara essas qualidades em Giulio, sobretudo a ausência de medo, quer se tratasse de animais ferozes, de contas impossíveis da relatividade geral ou de encabeçar as marchas de protesto, embora também me parecesse muito cansativo como forma de vida.

No dia da partida, acompanhei-o até ao Charles de Gaulle. Vi-o a encaminhar-se para os controlos de segurança e apanhei de novo o comboio para a cidade. Estava um céu de planície continental e apercebi-me de que não sentia nada: nada por aquele instante, nada pelas semanas que se escancaravam vazias à minha frente.

A permanência em Paris criava nos outros menos desconfiança do que as mudanças constantes de cidades, toda a gente a aceitava de bom grado, aliás: conhecidos e amigos, o jornal, os meus pais, Eugenio. Talvez imaginassem que, sozinho numa capital como aquela, eu teria um comportamento exuberante, mas o meu hábito era muito diferente: acordava muito tarde, escrevia ou lia de manhã, dava passeios longuíssimos à tarde, competindo com a *app* Saúde para superar o número de passos da véspera e algumas vezes, à noite, ia ao cinema nos multiplex de Montparnasse. Mas, em geral, ficava em casa. Observava da janela o movimento da Rue de la Gaîté, hipnótico, até altas horas da noite, pessoas a entrar e a sair dos teatros comerciais, a ver jogos nos ecrãs dos bistrôs, até que de repente a rua se esvaziava. Quanto ao mais, não tocava em álcool antes das seis da tarde, comprava carne vermelha só duas vezes por semana e refletia todas as noites

durante pelo menos meia hora se haveria de contactar Novelli, para depois não o fazer.

Certa tarde, ao voltar de um passeio, encontrei Cobalt e Adriano à porta do prédio. Adriano teimara em ter um Lego que deixara em casa do pai. Cobalt sentiu necessidade de se justificar: Já não me deixava em paz.

Convidei-os a subir e foi um pouco estranho fazer os dois pisos de escadas com os três em fila. Quando abri a porta, Adriano entrou a correr, enquanto Cobalt ficou no patamar, hesitante. Entra, disse-lhe. Abanou a cabeça: Não, é melhor não.

Entra lá, insisti, embora me tivesse assaltado a dúvida de que, na realidade, Giulio pudesse ter algo em contrário.

Cobalt olhou em volta com um ar perplexo, como se tivesse imaginado muitas vezes aquela sala e os pormenores agora não corresponderem à previsão. Encostou a mochila do filho à parede e sentou-se na poltrona, sem tirar o casaco. Eu disse que ia pôr café ao lume. Adriano estava a demorar-se na outra divisão, eu ouvia-o a remexer na caixa dos brinquedos.

Para mim, era só uma desculpa, disse ela.

É a casa dele, pode vir quando quiser.

Ela cravou o olhar num ponto e eu segui a trajetória até a uma estatueta primitiva, quiçá de ébano, com uma cabeleira hirsuta. Comprámo-la os dois em Papua, explicou, pronunciando Papua à francesa, com o final acentuado. O Giulio dizia que é falsa. Julgava que ele não a teria guardado.

Ficou absorta durante alguns segundos. Depois, perguntou-me se ainda me dedicava à física, pelo menos nos tempos livres, e eu confessei-lhe que não seria capaz de resolver um banal problema de mecânica sequer. *Pas vrai*, disse ela. Se te aplicares, volta logo.

Contive-me para não acrescentar que talvez a minha ideia de tempos livres fosse um pouco diferente da sua. A vocação de Cobalt para a física não apresentava rachas. O resto do saber despertava a sua curiosidade, mas era evidente que para ela não estava no mesmo plano.

Tu e eu não tivemos oportunidade de falar muito, disse.

Pois não.

Talvez tenhas ficado com uma ideia, sei lá, estranha.

Garanti-lhe que não ficara com ideia nenhuma e Cobalt agarrou os ombros: Divertíamo-nos com a Lorenza quando estávamos os quatro. É pena que as coisas tenham levado o rumo que levaram.

Deixou o café a meio e chamou Adriano. Disse-lhe uma frase que eu não percebi. Quando se exprimia em francês, mudava, perdia qualquer vestígio de insegurança, readquiria a perentoriedade que eu notara logo no primeiro dia da *summer school*. Porém, relativamente a esse período, parecia mais apagada. Pu-la à vontade para trazer Adriano sempre que ele quisesse, mas fiquei com a impressão de que não iria fazê-lo. E assim foi.

Como ainda não visitara o Museu Curie, decidi aproveitar essa altura. O horário de abertura era reduzido, limitado ao início da tarde. O palacete estava inserido numa cidade universitária, numa rua tranquila do quinto. Não que lá dentro houvesse muita coisa. Dei uma espreitadela aos painéis explicativos e aos instrumentos nos estojos, sem entusiasmo. A intenção evidente dos curadores era apresentar a descoberta da radioatividade unicamente em função dos seus resultados positivos: as aplicações médicas, a produção de energia. Nenhuma referência ao potencial cancerígeno das radiações, muito menos à bomba atômica.

No laboratório propriamente dito, não se podia sequer entrar. Uma corda bloqueava a passagem e só permitia que nos abeirássemos. Examinei a mesa de trabalho ladrilhada de branco, as campânulas, os gobelés e os alambiques, o lavatório encostado à parede, as bobinas de cerâmica, dois interruptores com grandes pegas como aquelas para os eletrochoques: embora nenhum dos objetos fosse original (os verdadeiros estavam contaminados e assim permaneceriam durante séculos), o conjunto transmitia uma sensação de sacralidade. Pousado num manequim estava um vestido preto, a bata austera de Maria Skłodowska, como se o seu fantasma ainda estivesse a presidir à sala. Tornei a pensar naquilo que Giulio dissera sobre a sua visita a Karabash, onde o nível de radiações era altíssimo, no facto de que a sensação de perigo a tornara atraente para si. Filmei uma panorâmica lentíssima com o telefone, na esperança de captar aquela perturbação e de a poder utilizar posteriormente.

Antes de me ir embora, comprei um postal já antigo de Marie Curie, encostada ao parapeito que dava para o pátio, e um livro que reunia as cartas trocadas durante toda a vida com as filhas Irène e Ève. Como ainda não tinha vontade de ir para casa, sentei-me num banco do *campus*. Havia um corrúpio de estudantes. Juntavam-se a um canto umas quantas botijas altas e finas, presas com uma corrente: argo, dióxido de carbono. Lembrei-me da primeira vez que utilizei azoto líquido na universidade para refrigerar um circuito, a sensação de responsabilidade que senti ao vertê-lo fumegante do frasco de Dewar, vigiado pelo técnico de laboratório. Era um período em que eu e Giulio ainda cultivávamos a ilusão de poder governar as forças da natureza, de poder governar o universo inteiro, bastando para tal que conhecêssemos as suas fórmulas exatas.

Nos dias seguintes, li as cartas de Maria Skłodowska e as respostas das filhas. Nunca me interessara por epistolários, achava-os aborrecidos e ultrapassados, mas adaptavam-se àquela nova rotina por isso mesmo. O meu francês impreciso fazia com que avançasse vagarosamente e também isso era bom. O prefácio citava uma mensagem que Marie escrevera a uma amiga de infância, após a morte repentina do marido Pierre: «A minha vida foi devastada.» Imaginei que se poderia traduzir assim, embora o verbo francês fosse ainda mais forte, *saccagée*, vandalizada: «A minha vida foi vandalizada.»

Marie sabia que o amor pelas filhas jamais substituiria o que sentia pelo

marido, tratava-se de uma compensação impossível. Ciente talvez da sua frieza, ou da enormidade da sua dor, decidira dedicar-se pessoalmente a ensinar álgebra e trigonometria a Irène, como se o afeto pudesse passar por aí também. Concluía uma das cartas enviando-lhe uma construção da elipse que talvez não conhecesse. Um impulso de ternura materna, cifrado em fórmulas matemáticas.

Estou a ler as cartas da Curie, escrevi a Curzia, são muito interessantes. São?, respondeu-me ela. Duvido.

À distância, na modalidade sucinta das mensagens, recomeçáramos a funcionar. Ela dizia-me que era capaz de me visualizar precisamente no estado em que me encontrava, dentro da minha nova prática obsessiva, e que a imagem lhe causava repugnância. Ameaçou por várias vezes meter-se no primeiro avião e aparecer, mas ambos sabíamos que era uma ameaça fingida, uma forma de evocar inocuamente o Grande Mal-Entendido Francês e reavivar um resquício mínimo de atração mútua.

Quando a sua amiga correspondente organizou um *cocktail* em casa, arranjou maneira de que eu fosse convidado. Um *cocktail*?, respondi-lhe. Estás a brincar.

Vai lá e pronto. E veste-te como deve ser.

Inexplicavelmente, à medida que a noite se aproximava, eu ia ficando cada vez mais nervoso. No dia do *cocktail*, apoderou-se de mim inclusivamente uma agitação incontrollável, que se traduziu num excesso de zelo estético: fui ao Franck Provost cortar o cabelo e comprei um par de calças novas, pois todas as que tinha me pareciam demasiado desportivas. Lorenza ia-me orientando à distância com os seus lacónicos sim/não.

Tal como previsto, eu não conhecia ninguém no *cocktail*. A primeira pessoa com quem calhei a falar era um rapaz da minha idade, que, depois de me ter perguntado educadamente pela minha profissão, disse que se dedicava a investimentos. Perguntei-lhe para que banco em particular, parecia-me uma pergunta óbvia, e ele respondeu-me com um sorriso: banco nenhum, talvez se tivesse explicado mal. Era o proprietário de um fundo de investimento. Mostrou-me as fotografias do aeroporto que estava a financiar numa zona rural da Índia, um pouco como se faria com as fotografias de uma casa em remodelação.

Demorei-me um bocadinho junto da mesa da comida, até que ganhei de novo coragem e empreendi uma segunda volta de reconhecimento. Num dos grupinhos, a conversa estava a ser monopolizada por uma senhora mais velha, Luisa T., cujo nome eu já ouvira algures. Claro, trabalhara como correspondente cultural em Paris ao longo de quase trinta anos, conhecera *aqueles* escritores, participara *naqueles* círculos, as habituais coisas do século xx que faziam com que o presente parecesse frouxo e superficial. Senti que ela

mal se teria apercebido da minha presença e estava já prestes a afastar-me, quando ela me atirou de repente: E o senhor porque é que está a revirar os olhos assim?

Acha que me atrevia a revirar os olhos? Tenho um problema de catarata e por vezes dá-me para os mexer.

Catarata na sua idade?

Aproximou-se como se quisesse verificar a minha afirmação examinando-me as pupilas. Os outros aproveitaram para desaparecer, pelo que ficámos a sós. Quem é o senhor?, disse Luisa. Depois, segurando-me na mão um instante para lá do necessário: E o que faz exatamente em Paris?

Respondi que não sabia bem e ela anuiu, como se fosse visível.

Lá consegui desembaraçar-me dela, mas tornei a encontrá-la mais tarde no patamar. Fez-me um gesto imperioso para que a ajudasse com o casaco. Procurei-o no Google, entretanto, disse-me ela. Vai ter de me perdoar, sabe, é que já não leio os contemporâneos. A prosa em geral aborrece-me. Aliás, perturba-me. Mas sei que o meu filho o aprecia. Estamos de saída?

Lá fora, perguntei-lhe se precisaria de um táxi, mas ela morava em Solférino, chegava-se lá a pé: E pare lá de ser tão cerimonioso!

Aliás, acrescentou passado um bocado, tocando eloquentemente no anular da mão esquerda, onde está a sua mulher? Em Roma. Estão divorciados? Não, não. Separados? Também não. Nossa Senhora, como gosta de enrolar!

Após aquela troca de palavras, fomos andando numa tensão diferente, eu pelo menos, até que Luisa parou diante de um prédio e introduziu o código de acesso. Venha daí, ofereço-lhe um chá. Não me peça bebidas alcoólicas porque não tenho nada disso.

Morava no rés do chão de um prédio histórico, no apartamento que antes era do porteiro. Acedia-se atravessando um pátio e abrindo então a porta de um vão de escada. Parece a entrada de um *speakeasy*, disse eu.

Sim, mas não se entusiasme muito. Toda a gente fica impressionada ao início, mas a maravilha acaba aqui.

De facto, o apartamento era composto por uma única divisão com uma casa de banho sem janelas e uma *kitchenette* sacrificada, no mínimo. Mas tinha duas amplas vidraças que davam para o jardim. O resto do prédio era propriedade de um empresário suíço que nunca lá estava, as luzes encontravam-se de facto apagadas. Posso fingir que é tudo meu, disse Luisa.

Sentei-me enquanto ela preparava o chá. O teto da sala era altíssimo, reparei para dizer alguma coisa. Ela olhou para cima, depois disse que para desmontar os cortinados era preciso chamar os bombeiros, pelo que desistira. Estavam carregados de pó e assim ficariam.

Fez-me um resumo da sua vida sentimental: dois ex-maridos, quatro filhos e oito netos, numa perfeita progressão geométrica. Por sorte, viviam todos noutro sítio. Como era inevitável nesse momento, perguntou-me se também eu teria filhos e eu ofereci a resposta da praxe, ou seja, que a minha

mulher tinha um de uma relação anterior. Ela é mais velha do que eu, especifiquei.

Percebo. É algo que o faz sentir-se um bocadinho heroico?

Não sei. É possível que sim, admiti.

Dediquei-me ao chá, enquanto pensava em como devolver a conversa aos cortinados, mas Luisa antecipou-se: Não tenho saudades dos meus dois maridos, nem de um nem de outro. Mas às vezes tenho saudades das coisas que sabia acerca deles. Pois sabia tudo acerca deles. Anos e anos de esforço a reunir essas informações. E depois... nada. Um grande desperdício. Conte-me lá em que está a trabalhar.

Falei-lhe do livro sobre a bomba, de como estava a tentar conciliar o material de arquivo e os testemunhos diretos, da dificuldade de acesso à documentação em primeira mão por causa do japonês. Luisa ouvia-me com um ar impassível.

Quando parei de falar, levantou-se e tirou-me a chávena das mãos, como se o nosso encontro improvisado tivesse chegado ao fim.

Não que eu faça tenções de ter um conhecimento aprofundado a seu respeito, disse ela, acabei de o procurar no Google há pouco, como sabe. Mas, do pouco que intuí, vejo-o a atravessar uma espécie de... crise. Podemos chamar-lhe assim? Entretanto, vai trabalhando num livro sobre factos que ocorreram no Japão há setenta anos e que já não interessam a ninguém. Estou curiosa: com que critério escolhe o assunto sobre o qual vai escrever?



Tendo superado bem ou mal aquele teste de mundanidade, voltei ao meu biorritmo solitário. Assim idênticos uns aos outros, os dias em Paris pareciam mais curtos. Poderia viver desta forma até ao infinito, dizia a mim mesmo, mantendo tudo quieto, evitando qualquer interferência.

Mas os outros continuavam a existir. Um dia, recebi um telefonema de Marina. Não era típico dela procurar-me, fizera até questão de perguntar se me apanhara num mau momento. Respondi-lhe com a máxima sinceridade que não me apanhava em momento nenhum.

Gostaria de me dar uma notícia pessoalmente: aquele aluno do qual eu tinha sido examinador, Christian... Christian, isso. Enfim, lá conseguiu desta vez.

Havia um banquinho em forma de cubo em casa de Giulio. Adriano escarranchava-se lá sempre. Foi aí que me sentei naquele momento.

Perguntei a Marina em que sentido Christian conseguira – apetecia-me continuar com aquele eufemismo – e ela respondeu: O mais clássico, com uma corda na garagem. Desta vez tinha sido uma ação premeditada e lúcida, ou pelo menos assim lhe referira a irmã.

Então tu e ele mantinham o contacto, disse eu. Era um comentário neutro, mas pareceu uma repreensão, de tal forma que ela retorquiu: Sei que é estranho, mas eu afeiçoara-me a ele por algum motivo.

Marina era uma das pessoas mais controladas que eu conhecia, mas nessa altura deixou-se levar por um pranto abafado. Durou poucos instantes, depois aclarou a voz e acrescentou: Vamos mandar uma coroa de flores como corpo docente. Somos todos ateus e obviamente não gostamos de coroas de flores, mas não nos veio mais nada à cabeça. O Nico propôs escrever na fita o lema da escola, aquele sobre a virtude e o conhecimento. Eu acho de uma frieza terrível, mas não interessa. Se te apetecer participar, são vinte e cinco euros. Podes dar-mos quando vieres para o curso.

O tempo vazio fazia-me pensar em Christian muito mais do que faria em

Roma, em circunstâncias normais. Com base nas poucas informações de Marina (uma corda, na garagem), construí uma representação pormenorizada dos seus últimos minutos. Talvez o objetivo do suicídio, se é que existia um objetivo, fosse justamente esse: tornar-se um pensamento fixo para quem ficasse.

Sentia também um remorso específico. No dia seguinte ao seu internamento, na aula, eu não falara do sucedido, provavelmente nem sequer pronunciara o seu nome, como se o que acontecera pudesse ser ignorado. Mas o mais estranho é que os seus colegas não pareciam estar a contar com isso, partiam do princípio de que aquela era uma situação maior do que eu, ou talvez não considerassem que poderiam receber algum ensinamento sobre o sofrimento da parte de um professor. Só que, a dada altura, uma das alunas da última fila levantou-se de repente e, interrompendo-me, pediu licença para ir à casa de banho. Eu realcei-lhe que não precisava da minha licença, ao que ela repetiu: Posso então ir?, com uma agressividade que aludia a outra coisa.

Se não o fizera naquele dia, havia agora menos motivos ainda para me interessar por Christian. Afinal, mal o conhecera: algumas horas de aulas, uma noite a andar por Trieste e uma ligação por Skype, meses depois, em que o ouvira a expor o seu fraco trabalho de tese. Marina, com a concordância do corpo docente, decidira diplomá-lo na mesma, embora ele tivesse interrompido o curso antes de metade do ano. Christian preparara um relatório sobre o trabalho que estava a realizar no planetário de Módena, que consistia em guiar turmas falando-lhes através de frases ultrassimplificadas daquilo que passara anos a estudar ao pormenor: o nascimento do cosmos, a nucleossíntese estelar, os aglomerados de galáxias, os buracos negros. Para a tese de licenciatura, era preciso um examinador e Marina pedira-me à última hora. (Sê sincera, precisas que substitua alguém. Na verdade, foi ele que pediu.)

Eu dera-lhe a nota máxima. No *e-mail* de agradecimento, Christian convidava-me a ir visitá-lo, ficaria feliz de me organizar uma visita privada ao planetário. Nem sequer equacionara essa hipótese. Ao reabrir o *e-mail* à distância de meses, apercebi-me de que nem sequer lhe respondera.

A dada altura, a visão do meu olho esquerdo piorou. Entrei no duche a ver como sempre e, quando saí, estava tudo ofuscado. Ainda hoje sou cético quanto à atribuição de uma consequência entre os dois acontecimentos, mas a ordem foi essa: Marina telefonou-me a anunciar o suicídio de Christian e dias depois eu estava a ver o mundo embaciado, como se me tivessem dado um murro.

O meu oftalmologista, que acompanhara o arranque misterioso da doença vinte anos antes e depois o seu decurso subliminar, arranjou o endereço de uma especialista em Paris que eu deveria consultar com urgência.

A médica confirmou que eu caíra para duas dioptrias, perguntou-me se em criança eu tivera rubéola e se o período mais recente teria sido de atividade física particularmente intensa, ou de *stress*.

A visão poderia de um momento para o outro deteriorar-se mais ainda, pois as agudizações eram típicas daquela patologia. Nesse caso, a intervenção resolutiva, que em si era trivial, seria muito mais difícil. Falei com Lorenza sobre o assunto, ela disse-me volta já para cá, e embora tivesse pronunciado aquelas palavras friamente, como uma ordem sanitária, assaltou-me uma ternura inesperada. Comprei um bilhete da easyJet para o dia seguinte. Depois, quase sem refletir, escrevi um WhatsApp a Novelli: Estou de passagem por Paris, mas parto amanhã. Se estiveres pela cidade e te apetecer, podíamos encontrar-nos para um copo.

Marcou comigo no Select depois do jantar, mas quarenta minutos após a hora combinada ainda não comparecera. O empregado já estava a dar sinais de impaciência, pusera na mesinha uma base para copos como um convite inequívoco, mas eu ia resistindo, repetindo a cada passagem sua que estava à espera de uma pessoa.

Estava um ar limpíssimo. Eu fitava as luzes dos letreiros do lado oposto, a sumptuosidade daquele troço de *boulevard*, uma sumptuosidade que os anos de terrorismo tinham deixado intacta. Piscava os olhos à vez: o mundo límpido do olho direito, o mundo aborrecido e velado do esquerdo, como que prestes a desaparecer.

Um táxi encostou ao passeio e ali ficou uma mão-cheia de segundos. Novelli abriu a porta do lado da rua e a sua cabeça despontou para lá do tejadilho. Contornou a berlina luzidia, até confirmar por fim a minha presença com um movimento das sobranceiras.

Trazia um casaco preto aberto sobre a camisa. Quiçá pelo corte, o seu peito parecia dilatado. As calças, pretas também, tinham um vinco frontal a direito ao passo que nos pés tinha umas sapatilhas brancas, tão limpas que seduziam o olhar. Trazia na mão uma gabardina castanho-clara, sem forro, que depôs sem cuidado no encosto da cadeira.

Estive à tua espera para pedir, disse eu.

Levantara-me, um pouco como um idiota, como se fôssemos abraçar-nos, mas não o fizemos. Apenas tocámos ao de leve as mãos uma na outra. O empregado voltou a aparecer de imediato, sorriu a Novelli como se se conhecessem e ele pediu-lhe um Sancerre. Também queres? Dois, então.

Sentou-se de maneira a ficar de frente para a rua. Enfim, murmurou, sem me dar indícios sobre que sentido atribuir àquela palavra.

Mudaste um bocadinho de estilo, disse eu.

Como assim?

Apontei com um gesto para o seu vestuário e depois para o interior

resplandecente do bistrô: Em tempos, contentávamo-nos com padrões mais populares.

O Select, dizes? É um clássico.

O empregado pousou os copos de vinho a par de duas taças metálicas, uma com azeitonas temperadas e outra com amendoins. Novelli ignorou a das azeitonas, mas puxou para si a outra, começando a tirar pequenas mãos-cheias frenéticas. O telefone vibrou-lhe no bolso interior e ele comunicou a alguém onde se encontrava, em italiano. O outro terá feito uma piada, pois Novelli desatou a rir. Definitivamente, disse, definitivamente!

Depois de ter desligado, enquanto se apagava no seu rosto o resíduo da diversão, disse: o Ambrosini vem cá ter. Já o conheces?

Não. Acho que não.

É um pós-doutorando meu. Um tipo formidável. Estava na Caltech, tive de lutar para o arrancar de lá. Mas valeu a pena.

Portanto, ainda dás aulas na universidade.

Novelli mostrou-se perplexo: Claro que dou aulas na universidade. Porquê?

Bateu as mãos uma na outra para as livrar do sal, tornando então a pegar no telefone: Repara nesta fotografia extraordinária. Dirias que é um autodidata?

Mostrou-me uma paisagem noturna: uma linha de edifícios quadrados para lá dos quais se recortava um céu azul sarapintado de linhas mais claras.

Equador. Nota que foi tirada em plena noite. Teve de usar uma exposição longuíssima, embora não tivesse consigo o *tripod*, como é que se diz em italiano? Seja como for, manteve-se imóvel, praticamente em apneia. Quase não há desfocagem, estás a ver? Olhamos para esta fotografia e pensamos: é um filtro, ou então é uma montagem. Mas não.

Aumentou a imagem. Estas aqui em cima são nuvens noctilúcias, que é o que escolhemos para título do livro, porque é extremamente poético. Em inglês seria *noctilucient*, que para mim é melhor até, mas o editor não quer usá-lo, diz que as pessoas não conseguem pronunciá-lo e estropiam o título de todos os feitos.

Noctilúcias, repeti, porque tinha de facto um som melodioso.

Novelli pousou o telefone. São nuvens que se formam em cotas invulgares, disse. Estamos a falar de oitenta quilómetros de altitude. Na prática, a partir do momento em que estamos muito perto do equador, o sol fica tão baixo que os raios chegam vindos de debaixo da linha do horizonte. Com esse ângulo, atingem a baixa estratosfera e não resta outra coisa à luz senão a componente azul. O efeito é o de uma nuvem que emite luz própria. Extraordinário. Na realidade – e apontou então um dos indicadores para o alto, como que a alertar-me para não tirar conclusões –, o facto de que nos últimos anos sejam observadas com maior frequência é um dado inquietante. Péssimo, aliás. Pois nessa cota quase não há vapor de água. Estás a perceber, certo? As nuvens altas só se formam graças à concentração de outras

porcarias, sobretudo metano. Enfim, o aumento das nuvens noctilúcias, embora magnífico, é uma medida directa do aquecimento global.

Apoiou-se no encosto, abalado pela sua própria explicação. Voltou a pôr os dedos na taça dos amendoins e, ao descobri-la vazia, arredou-a para se atirar às azeitonas.

É essa a intuição de que partimos, eu e o Ambrosini. Mais eu, na realidade. Ele ainda é demasiado novo para conseguir abstrair.

Portanto, estão a escrever um livro, disse eu.

Foi o editor quem nos contactou.

Soltou um suspiro e, de repente, pareceu descontrair.

A questão do livro deixara-me um pouco encurralado. Tentei safar-me perguntando-lhe por Carolina.

A Carolina anda muito atarefada. Muito, muito atarefada.

Está cá em Paris?

Novelli abanou a cabeça: Génova. Desde que a ponte veio abaixo que se deixou apoderar por uma mania justicialista. Recolhe assinaturas, contrata perícias, fala nas televisões locais. Lembras-te de que ela fez estudos jurídicos, como se costuma dizer, na juventude.

Continuava a tragar as azeitonas, a uma velocidade tal que se engasgou com uma e ficou alguns segundos a tossir.

Descobri que estava casado com uma apaixonada. Quem diria? Está convencida de que vai fazer com que a verdade prevaleça. É pena que não se aperceba de que vive numa época em que ninguém quer saber da verdade.

Após uma pausa, acrescentou: Claro que, se entretanto se dedicasse um pouco mais aos miúdos, seria melhor para todos.

Os filhos tinham acabado por ficar em Paris com ele, pelo que a sua mãe se fixara lá para o ajudar. Através de certos relatos do passado, eu ficara com a ideia de que a relação entre eles era problemática, mas não me julguei no direito de lhe perguntar o que quer que fosse.

Voltámos a falar do seu projeto editorial, foi ele, aliás, quem regressou ao assunto. Tinham programado uma viagem com seis paragens, incluindo uma na Patagónia, onde esperavam apanhar alguma formação atmosférica particularmente rara. Eu estava a sentir um ciúme completamente incoerente e Novelli ter-se-á apercebido, pois moveu os olhos de baixo para cima pela primeira vez, procurando deliberadamente os meus e sustendo esse olhar durante um tempo significativo.

E tu?, perguntou-me. O que fizeste em Paris este tempo todo?

Não estive cá muito.

Sei que estavas na festa da Claudia. O tipo com quem falaste, o da barba arruivada, é meu amigo.

Aquele que tem um fundo de investimento?

É ele que está a financiar as pesquisas para o livro. Fá-lo, por assim dizer, indiretamente.

Indiretamente como?

Quer que lhe encontremos um sítio onde construir uma espécie de... refúgio. Enquanto o procuramos, vamos fazendo as nossas indagações.

É um sobrevivencialista?

Digamos que há dois ou três aspetos do presente que o inquietam. Como não lhe dar razão? Tendo bastante dinheiro, prefere ser apanhado preparado.

E pediu-te que tratasses do assunto.

Surpreende-te assim tanto? Não deixo de ter quatro artigos publicados na *Nature*.

Observei-o com um laivo de agressividade, retraindo-me instintivamente: Não, não me surpreende. Mas achava que serias avesso a essas coisas.

Nesse momento, aproximou-se de nós um rapaz de trotineta. Vestido de forma elegante, no mesmo estilo de Novelli. Ei-lo!, exclamou ele levantando-se.

Nem sequer era preciso que mo apresentasse, mas fê-lo na mesma: Matteo Ambrosini, o meu *partner in crime*.

O pós-doutorando puxou uma cadeira da mesinha do lado e instalou-se entre mim e Novelli. Ele pousou-lhe uma mão no ombro e manteve-a lá. O seu humor mudara repentinamente. Começaram a cochichar entre si durante algum tempo sobre um trabalho que tinham deixado suspenso à tarde. Quando o empregado se aproximou para a ronda seguinte de pedidos, Ambrosini interrogou-nos a ambos com o olhar: Querem ficar por aqui ainda ou vamos?

Novelli olhou para o relógio e respondeu que preferia ir. Vens connosco?

Aonde?

Ao Castel. Para dançar.

Julgava que já não existia, disse eu. Mas era sobretudo uma forma de exprimir incredulidade quanto ao facto de que Novelli, à meia-noite, estivesse prestes a rumar a uma discoteca juntamente com o seu pós-doutorando.

Existe e de que maneira.

No sábado estivemos lá até às quatro, acrescentou Ambrosini. Ele não queria parar.

Dizem-me que tenho um estilo um pouco retro. Mexo muito os pés. Ao que parece, já não se deve mexer os pés.

Hoje dança-se mais parado, confirmou Ambrosini. Mas no Castel não há problema.

Novelli sacudiu-lhe de novo os ombros. Estava esfuziante de alegria. A tua mulher deixa-te sozinho com os filhos e tu redescobres o gozo que te dá dançar, disse ele. Então, vens ou não?



No dia seguinte, eu estava num avião e, semanas depois, numa sala de operações do Umberto I. O cirurgião não se dera ao trabalho de me descrever a intervenção, só lhe interessava saber se preferia focar os objetos distantes ou os próximos e eu, como se isso revelasse algo profundo a meu respeito, dissera que preferia ver os distantes.

No entanto, eu estudara por minha conta a cirurgia através dos vídeos disponíveis na Internet, pelo que sabia onde é que ele iria efetuar as incisões, com que bisturi, como retiraria o meu cristalino e introduziria o artificial, dobrando-o ao meio para o fazer passar por uma fissura mais apertada do que o seu diâmetro. Todavia, ao assistir à intervenção debaixo da venda azulada, não fui capaz de reconstituir os passos. Estava acordado, embora atordoado por algo que me tinham injetado na mão, e tinha a estranhíssima impressão de que estariam a operar outra pessoa, deitada em cima de mim. A dada altura começou uma canção de Julio Iglesias que o médico pediu por favor que mudassem. Deu-me vontade de rir, mas ele ordenou-me que ficasse quieto.

Depois, achei-me num quarto com outros quatro pacientes, todos homens, todos sob observação. Três deles, como seria de prever, eram velhos, mas o quarto era novíssimo, nem teria vinte anos. Estávamos ambos vendados, com as costas apoiadas em duas paredes perpendiculares, e foi assim que falámos um com outro durante uns segundos, com frases arrancadas a custo, empasteladas pelo anestésico.

Subitamente, naquela espera perdida em sonhos, uma mão pousou na metade intacta do meu rosto. Reconheci o toque de Lorenza. Perguntou-me a sussurrar se eu estava bem, respondi-lhe que sim, estava só muito cansado, ao que ela disse: Descansa, eu estou lá fora à tua espera, dando-me então um beijo delicadíssimo na testa e desaparecendo de novo.

Em casa, não podia ler nem escrever, até a música era demasiado invasiva, pelo que não me apetecia fazer mais nada senão ficar sentado no quarto escurecido. A dor vinha em vagas e depois dispersava. Lorenza também vinha ao quarto de forma intermitente, mas à tardinha deitou-se ao meu lado, fazendo uma pausa no seu dia. Digitava rapidamente no telefone, enquanto eu ia enrolando as suas madeixas com o indicador. Seria a ocasião

certa para abordar a nossa situação, mas demos por nós a falar de outros.

Contei-lhe a noite em que me encontrara com Novelli, como não disséramos nada de significativo um ao outro, e como ele conseguira arrastar-me então para o Castel. Ainda existe?, perguntou-me Lorenza. Foi o que eu disse também.

Novelli e Ambrosini tinham engatado umas raparigas, só naquela. Às três e tal, Ambrosini queria ir-se embora e eu também, já Novelli não, pelo que déramos por nós a andar sozinhos, o pós-doutorando e eu, pelas ruas de Paris deserta como nos tempos dos atentados. Mijáramos na fonte de Saint-Sulpice porque, dada a urgência, pareceu a coisa mais respeitosa a fazer, e nessa altura eu ganhara coragem para lhe perguntar que raio dera aos dois para fazerem aquele estudo sobre a paridade de género e o apresentarem numa conferência. Ambrosini jurara que tinha sido Novelli a metê-lo ao barulho, era para ter sido uma brincadeira ao início. Mas que brincadeira?, disse eu. No entanto, ele não contava que Novelli revelasse de facto os resultados. Além de o arrancar: tinha sido praticamente expulso da Caltech, claro que ficara zangado, quem não ficaria?, mas já lhe passara. Novelli não deixava de ser uma sumidade, um génio, e era sobretudo seu amigo.

Íamos ambos cambaleantes, bordejando a grade longuíssima do parque à nossa esquerda, eu dissera que ser amigo não basta em certas situações e Ambrosini aproveitara para espetar: Ele sofreu quando o abandonaste.

No resto do trajeto noturno, eu descobrira também que o concurso de Génova não estava verdadeiramente destinado a Novelli. Se o quisessem assim tanto, teriam feito uma chamada direta, não achas?, realçara-me Ambrosino, como se fosse óbvio. Tinham aberto um concurso ordinário porque o nomeado não era ele, ponto final. Só que ele impusera-se, com o peso dos seus títulos, porque queria voltar a todo o custo para Génova. Por causa da Carolina, murmurara ele. Sim, por causa da Carolina, repetira, e foi esse o momento em que nos confrontámos implicitamente sobre qual dos dois teria o privilégio de conhecer melhor o professor. Eu repetira mas como caralho vos passou pela cabeça realizar aquele estudo?, até que ele se foi embora para um lado e eu para o outro.

Não me espanta, disse Lorenza após um instante de silêncio.

O quê, em concreto?

Que o Novelli tenha arranjado um novo público.

Achas que é isso? Que eu fui um público para ele?

Eu estivera muito tempo a falar e, embora o tivesse feito com lentidão, sentia-me de rastos.

Lembras-te na Sardenha, quando me levou a dar uma volta de canoa?

O que tem?, disse eu com uma ponta de terror.

Não te ponhas com ideias ridículas. Mas, num certo sentido, é pior do que isso. Quando chegámos atrás dos rochedos, começou a perguntar-me coisas sobre o teu trabalho. Eu ia-me mostrando evasiva, não era evidente aonde é que ele queria chegar, até que me fez a pergunta direta: Mas quanto é

que ele ganha?

Lorenza curvou a cabeça para trás para me fitar no olho desimpedido: Às vezes tu percebes mal as pessoas.

Eu continuava a lacrimejar de forma abundante sob a venda e, embora a reação pós-operatória nada tivesse a ver com um choro propriamente dito, mantinha-me havia horas num estado de comoção latente. De repente, a fraqueza transformou-se numa coisa diferente, como que uma sensação de vulnerabilidade extrema. Lorenza apercebeu-se disso. O que foi?

Nada, ou melhor, não sei.

Levantou-se para me monitorizar a uma certa distância, dizendo então: É da anestesia.

Mas foi local!

Respira com calma. Queres que abra a janela?

Não, entra demasiada luz.

É da anestesia, repetiu Lorenza, embora estivesse um pouco assustada.

Ajoelhou-se no colchão e pegou-me na cabeça com a delicadeza especial que usava nesses momentos e eu disse-lhe que lamentava, que lamentava imenso, e que estava envergonhado.

Mas de quê?

Do curso pré-matrimonial, disse eu.

Como assim, do curso pré-matrimonial?

Ela já nem se lembrava, mas eu sim, porque não parava de pensar nisso: no curso, o Karol propôs-nos aquele exercício em que tínhamos de abdicar de quatro dos cinco sentidos e eu também abdiquei da visão.

E então?

E então enganei-me. Não era verdade o que eu respondera, pois sentia falta de a ver, sentira imensa falta de a poder ver completa e continuamente.

Tens de manter a venda durante vinte e quatro horas, não ficaste cego!

Só que não era disso que eu estava a falar, disse-lhe, estava a falar mais em geral, do último ano e de antes também. Estava envergonhado do tempo que perdera sozinho, de perceber mal as outras pessoas, é verdade, mas a mim mesmo também, percebia-me sobretudo mal a mim mesmo e aos meus desejos, não percebia nada dos meus desejos, não era normal aos quarenta anos, pois não?

É só da anestesia, repetiu Lorenza, mas não, a anestesia não tinha nada que ver com aquilo, ela tinha de me ouvir: envergonhava-me do telefone que me tinham roubado, daquela noite em Barcelona e de outras noites, e envergonhava-me de Guadalupe, sobretudo de Guadalupe, ainda que nunca tivéssemos falado do assunto.

Nessa altura, ela levantou-se e ficou durante alguns segundos de costas viradas. As janelas tinham uma caixilharia já velha, embora estivessem fechadas a luz infiltrava-se pelas frinchas. Eu achava que Lorenza se iria embora, que aquele seria o fim.

Ao invés, contornou a cama para se sentar do meu lado e ficar à minha

altura. Debruçou-se sobre mim. Tinha agora os lábios quase em contacto com a minha orelha e foi a sussurrar que disse o que então disse, embora só estivéssemos os dois em casa: Mas fui eu que te levei até lá, não percebes? Fui eu.

Tentei focá-la com o olho destapado, por entre o véu de secreções salinas, sem conseguir. Mas porquê?

Porque era necessário. Só que tínhamos de estar longe, muito longe, entre pessoas que não soubessem nada a nosso respeito. Estávamos juntos e eu dei-te a mão durante o tempo todo, lembras-te disso?

Sim, mas *porquê*?

Para te mostrar que comigo ao teu lado podias deixar-te ir. E que a seguir ainda estarias vivo, aliás, estaríamos os dois vivos. Na verdade, estamos vivos ainda e estamos aqui, juntos. Já percebes agora?

Sentia a cabeça a andar um pouco à roda e a gaze molhada, receava que se descolasse. Não sei, disse, talvez seja mesmo da anestesia.

Lorenza falou outra vez comigo de muito perto: Nunca debes envergonhar-te comigo. Nunca. Porque nada, absolutamente nada daquilo que tu és suscita a minha reprovação.



O médico avisara-me que com a nova lente veria uma festa de cores. A expressão – uma festa de cores – parecera-me exagerada, mas não: retirada a venda, a casa revelou-se-me mais resplandecente do que nunca. Em particular, o móvel da sala, que nos tinha sido vendido como sendo muito antigo ainda que talvez se tratasse de um embuste, estava de um vermelho-púrpura extraordinariamente vivo. Interroguei-me se seria assim que Lorenza e Eugenio e quem quer que fosse o teriam sempre visto ou se o mérito seria de facto da lente artificial. Fosse como fosse, tinha a esperança de que o efeito de novidade durasse muito tempo.

Ao terceiro dia de convalescença, Karol veio visitar-me. Fui ter com ele à porta de casa e, antes de nos abraçarmos, reservei alguns segundos para o observar: Ou me puseram uma lente deformatória, disse por fim, ou estás muito maior.

Tenho andado um bocado entretido com os pesos, admitiu.

O que é que acharam lá na paróquia?

Ele tocou ao de leve, distraidamente, no abdómen: Toda a gente aprecia um padre em forma.

Começámos a percorrer o bairro, eu com uma cautela de facto excessiva, que ele ainda assim tolerou. Perguntou-me como estava a ver e eu respondi-lhe: Um pouco aquoso, uma ou outra cintilação. Bem.

A última vez em que nos encontráramos pessoalmente tinha sido no Domingo de Ramos do ano anterior, mas mantivéramos o contacto telefónico e, pelo menos até dada altura, eu acompanhara os desenvolvimentos da sua aventura sentimental.

Em outubro, Karol aparecera sem aviso prévio em Pádua, em casa de Elisa, com a intenção seríssima de se instalar com ela. Elisa conhecia mal as novas colegas de casa uma vez que as aulas do mestrado tinham acabado de começar e a chegada do padre – Karol não achara por bem omitir esse pormenor – criara uma certa agitação no apartamento. Ele ligara-me a pedir um conselho em relação à receção fria, a seu ver, que Elisa lhe dispensara e eu dissera-lhe para se ir embora de imediato, arranjar um Airbnb ou o que lhe apetecesse, mas ir-se embora. Ele não me dera ouvidos.

Ficara em casa de Elisa três dias e três noites, no que deve ter sido um crescendo de exasperação, e que foi certamente um crescendo de telefonemas para mim: primeiro, Elisa pedira-lhe que se fosse embora, depois queria interromper a relação entre os dois, depois ordenara-lhe que não voltasse a procurá-la, chegara até a dizer que a sua presença ali a embaraçava.

Karol regressara a Roma, mas não deixara de a atormentar a ela e a mim. A sua obstinação começara a irritar-me. Além de que eu andava sabe-se lá onde, num quarto de um hotel qualquer, onde o eco do seu sofrimento me chegava atenuado. Os meus comentários foram-se impregnando cada vez mais de um racionalismo sem coração, até que deixara de atender e ele de me ligar.

Desculpei-me agora, com um atraso de meses, e Karol perdoou-me ali mesmo com um gesto mínimo dos ombros. Estive à beira de uma espécie de esgotamento, disse ele, mas só te conto se te interessar, não quero cansar-te.

Claro que me interessa.

Quando voltei de Pádua, não estava bem em mim.

Disso lembro-me.

Sentia-me a sufocar. A sufocar literalmente, digo, ainda que respirasse. Dizia a mim mesmo vais ver que amanhã será melhor, depois acordava de manhã e estava ainda pior. Não parecia ter fim. A Paixão de Cristo foi horrenda, mas pelo menos durou três dias. A minha prolongou-se por meses.

Avançou aquela comparação sem grande ironia, como se a considerasse legítima, e eu não disse nada: no fim de contas, aquele era o seu campo.

Fui a algumas consultas, mas não parecia haver nada, o médico definiu-a como sendo uma banal falta de ar. Falta de ar: faz com que pareça uma coisa ridícula. Queria que eu tomasse calmantes, mas sabes como sou em relação aos medicamentos. Até que um dia vi uma fotografia da Elisa nas redes sociais, estava com um rapaz, nada de comprometedor na verdade, mas desencadeou algo em mim. Tinha compromissos, mas não quis saber: voltei a apanhar o comboio para Pádua. Cheguei à porta de casa dela quando já era de noite, não a tinha avisado, mas antes de tocar à campainha olhei por um instante para o seu andar. Havia luzes acesas e uma das suas colegas de casa passou pela janela. Soltou um grito, não de susto, um grito alegre do género uh-uuh. Parecia que lá dentro estaria a desenrolar-se uma cena bastante descontraída. Percebi logo que aquilo era uma advertência para mim. Não podia aterrar ali no meio daquela descontração e dar cabo dela. Tinha de me conter.

Chegámos diante de Santa Maria Maggiore e Karol hesitou entre que direção seguir. Não fazia diferença, estávamos a andar só por andar.

Passei a noite inteira às voltas por Pádua, prosseguiu, porque já não havia comboio. Na praça à frente da estação conheci um rapaz colombiano, Winston. Pusemo-nos à conversa. No verão, trabalhava nas praias, punha de lado o máximo de dinheiro que conseguisse e durante o resto do ano vivia na rua. Fazia desenhos a tinta da China, um pouco ingénuos, mas muito bonitos, figuras femininas, conseguia vender um ou outro. Comprei-lhe um deles.

A escolha dele era cem por cento livre. E aquele encontro fez-me pensar em mim, no início da minha vocação. Convenci-me de que deveria reaver o espírito missionário, recomeçar pela peregrinação e pelo voto de pobreza. Quando cheguei a Roma, reli o São Francisco inteiro e, posso jurar-te, estive prestes a contactar o Winston e de me pôr a vagabundear com ele. Estives prestes.

E então?

Karol fez um gesto de dispersão com as mãos: Nada. Sabes como são estas coisas.

Ainda falas com ela?

Com a Elisa? Não tanto quanto gostaria. Mas escrevemos um ao outro quase todos os dias. Ela mudou. Os estudos de biologia tornaram-na muito – fez uma pausa para procurar a expressão correta –, muito racional. É uma tendência contra a qual eu combato. Estou a convencê-la a dedicar-se mais à poesia e mando-lhe canções para a inspirar. Olha lá.

Mostrou-me o ecrã do telefone e foi passando com o indicador uma *playlist* quilométrica. Embora assim ao perto não conseguisse ler os títulos, reconheci as capas dos álbuns. Ouvira vários deles durante as minhas travessias extenuantes de Paris. Não era uma coincidência: quando oferecera o iPhone a Karol, deixara a subscrição do Spotify ativa, pelo que a sua biblioteca estava sincronizada com a minha.

Aliás, se tiveres sugestões, disse ele. As últimas coisas que acrescentaste são horrendas. Sobretudo isto.

Aphex?

Tentei uma e outra vez, mas não percebo mesmo. Parece-me só barulho. Deixaste-me um bocado preocupado contigo.

Ignorei deliberadamente aquela referência à preocupação. Disse: Seja como for, fico feliz que te tenhas curado.

Karol parou. Coçou o queixo com o canto do iPhone, absorto. Eu não falaria de cura. Porque não houve nenhuma doença. Tirando a falta de ar.

Talvez me tenha exprimido mal.

Seria uma grande ingratidão para com a Elisa.

Só queria dizer que fico feliz que a tenhas superado. Não era uma história lá muito bem amanhada.

Nesse momento, ele agarrou-me o antebraço e obrigou-me a fitá-los nos olhos: Eu e a Elisa estamos apaixonados.

Tinha uma expressão diferente, como se tivesse reconhecido de repente qual teria sido o equívoco entre nós. Desembaracei-me cuidadosamente do seu punho, enquanto procurava as palavras ajustadas: Pareceu-me ter percebido que ela estaria com alguém. Que tivesse voltado para aquele seu ex. Foi o que tu me disseste ao telefone.

Karol ficou calado alguns segundos a fixar o fundo da rua, de mãos novamente enfiadas nos bolsos, até que falou numa voz muito calma: Ele não conta para nada. A nossa união pertence a uma outra ordem. É inevitável. Mas

sei que não é fácil de perceber.

Subitamente, eu não sabia ao certo se ele estaria fragilíssimo ou, pelo contrário, sólido como nunca.

A Elisa precisa de ser uma rapariga da sua idade, de experimentar o que isso significa, ele faz parte dessa passagem. Mas nós os dois transcendemos o tempo, pelo que a espera não tem importância nenhuma. O desfecho do percurso está garantido.

E são vocês os dois juntos.

Karol lançou-me um olhar de vago pasmo: Com certeza.

Após mais um instante de vazio, propôs ligar-lhe. Agora? Pelo menos podes cumprimentá-la, ela vai gostar. Arrancou o FaceTime e ficámos os dois a olhar para o *display*.

Elisa não atendeu. Se calhar está nas aulas, minimizou Karol. Seja como for, deve vir cá no próximo mês. Podíamos voltar àquele restaurante onde já estivemos, os quatro, com a Lorenza também.

A falta de resposta deixara uma sensação de incumprimento que arrastámos connosco nos minutos seguintes, enquanto percorríamos a Via Cavour. Estudando-lhe as costas, disse: Andas a fazer mesmo muitos pesos.

Levanto cento e trinta no banco.

Parece-me uma enormidade.

Faz-se.

Acompanhei-o até à estação do metro. Andava havia algum tempo com uma pergunta às voltas na cabeça, pedi-lhe permissão para lha fazer, mas depois recuei: Talvez seja demasiado pessoal.

Karol convidou-me a prosseguir com um sinal. Perguntei-lhe então se após a sua Paixão pessoal – usei essa palavra sem sarcasmo, só porque tinha sido ele o primeiro a fazê-lo –, se depois de tudo o que passara com Elisa ainda acreditava em Deus.

Não teve hesitações ao responder: Deus não tem para mim nenhuma relevância. Mas Jesus, sim. Aliás, foi só quando deixei de me preocupar com Deus que comecei a acreditar realmente em Cristo. A compreender Cristo. O corpo e o sangue. São palavras que repeti ao longo de anos sem ter o menor direito. Mas agora sei exatamente o que significam.



Os indicadores climáticos confirmavam que 2019 tinha sido, em média, o segundo ano mais quente dos últimos dois mil. Não dos últimos vinte ou duzentos: dos últimos dois mil. No verão, oitenta e quatro estações meteorológicas espalhadas pela Europa tinham registado um recorde absoluto de temperatura, a época do degelo na Gronelândia começara um mês antes do normal e as marés altas em Veneza tinham sido as maiores do último meio século. O relatório do IPCC apresentava com o habitual tom ponderado uma situação problemática para toda a criosfera terrestre, logo não apenas as calotes polares, mas também os glaciares e o permafrost. A este ritmo, era de prever uma elevação dos oceanos de cinquenta centímetros pelo menos até 2100, que haveria de continuar ao longo de séculos.

Obviamente, não existia apenas o aquecimento global: uma baleia tinha sido encontrada morta numa praia do golfo de Davao, nas Filipinas, com quarenta quilos de plástico na barriga, a fila para tirar uma fotografia no cimo do Everest causara a morte a dois alpinistas e o Iémen tinha sido varrido por uma invasão de gafanhotos sem precedentes. O mecanismo na base da praga era emblemático: as chuvas excepcionais (provavelmente atribuíveis por seu turno às alterações climáticas) tinham gerado uma proliferação de ovos em zonas anteriormente desérticas, os novos gafanhotos tinham desenvolvido características anómalas – eram maiores, mais fortes e capazes de fazer longas distâncias a voar – e ao mesmo tempo que se congregavam em enxames monstruosos tinham depositado mais ovos, desencadeando um crescimento exponencial.

Para muitos, já não havia como escapar. Daí que Elon Musk tivesse proposto detonar ogivas nucleares nos polos de Marte, originando um efeito em cadeia que dotaria (porventura) o planeta de uma atmosfera virgem. Nalguns meios de comunicação, sobretudo no Twitter, o assunto tinha sido discutido com seriedade. Mas as imagens de Marte que chegavam do *rover Curiosity* eram desencorajadoras: não se via outra coisa senão uma superfície monótona e poeirenta, rigorosamente inóspita. Portanto, ainda ficaríamos onde estávamos por muito tempo, e continuaríamos como sempre. Afinal, as notícias dos cataclismos que não paravam de se acumular não incidiam muito

na nossa forma de viver, ou pelo menos não incidiam na minha e na das pessoas que eu conhecia. Esperava-se, aliás, que o ano seguinte fosse pior, o a seguir também, e assim sucessivamente. Se voltar a pensar hoje no fim de 2019, vem-me à cabeça uma sensação de inevitabilidade cansada, como se a desilusão já tivesse impregnado a fundo os tecidos cerebrais de toda a gente.

Durante todo o mês de dezembro, as máximas em Roma mantiveram-se bem acima dos dez graus. No último dia do ano a temperatura também estava amena, anomalia da qual ninguém se atrevia a queixar-se, eu incluído. Lorenza e eu andávamos à procura de gente nova com a qual conviver, gente sem passados, leve. Convidámos para jantar os inquilinos do andar de cima, um casal que se mudara para lá pouco antes.

Depois de termos mostrado a casa e de nos termos demorado a comparar as planimetrias (quase idênticas), sentámo-nos na sala, sem mais nada para dizer. A sério ou a fingir, o vizinho, que era engenheiro, interessou-se pelo gira-discos: era um amante de vinis? Na verdade, não. Mas usava-o? Também não. Comprara-o num momento de fraqueza, mas fazia um sussurro, pelo que permanecera ali como decoração. Ele insistiu para que eu o pusesse a ouvir que tipo de sussurro e, para não parecer mal-educado, enfiêi-me debaixo da prateleira para ligar os cabos. Devíamos desmontá-lo, anunciou ele. Agora? Porque não?

Boa parte da noite foi passada assim, com o vizinho de pernas cruzadas no chão a consultar tutoriais no YouTube. Ao início, Lorenza opusera-se à ideia de transferir o jantar para a sala de estar, com os pratos equilibrados nos joelhos, mas lá acabou por ceder. O vizinho limpou todos os componentes, lubrificou o mecanismo e por fim tornou a montar tudo na perfeição. Embora ninguém estivesse propriamente interessado, quando voltou a pôr a agulha no prato pairava agora no ar uma certa expectativa. A canção arrancou, mas o sussurro ainda lá estava, tal como antes.

A meia-noite chegou como um alívio para todos. Era provável que, a partir do dia seguinte, fosse embaraçoso encontrar os vizinhos nas escadas, mas por ora era algo que não nos importava assim tanto.

Quando se foram embora, Lorenza e eu brindámos de novo ao 2020 que acabara de começar, desta vez com mais intimidade. Depois, separámo-nos por um bocadinho, cada um no seu telefone, a escrever mensagens de felicidades. Apoderara-se de mim uma estranha melancolia, já durante o jantar, ao pensar em Giulio, em Karol, em Novelli até. Sentia-me como se tivesse um assunto pendente com cada um deles, embora fosse difícil apurar qual. Todos me responderam, retribuindo os votos de felicidades.

Por volta das seis, um telefonema de Eugenio acordou-nos. Estava a regressar a casa e sabia que horas eram, mas eu tinha de ir ter imediatamente com ele, não, não lhe acontecera nada de grave. Estou à tua espera no início

da Via Nazionale.

Enfie um fato de treino e o casacão e saí.

Tinhas mesmo de ver, disse-me ele assim que nos encontrámos. Apontou para a rua. Espalhavam-se a toda a extensão cadáveres de pombos. Eu já reparara num ou noutro esporádico a caminho de lá, mas na Via Nazionale eram às centenas, quicá aos milhares.

O que é que lhes aconteceu?

Foi o fogo de artifício. Acho eu, pelo menos.

Mas porquê?, instou-me Eugenio.

Porque é Ano Novo.

Então deveria ser proibido!

Tinha lágrimas nos olhos. Tentei desdramatizar: Entre tantas espécies em vias de extinção, não me preocuparia muito com os pombos. Pelo contrário.

Eugenio fitou-me com toda a indignação infantil de que ainda era capaz.

Tudo bem. Desculpa lá.

Pusemo-nos a caminho, a descer. Estávamos sozinhos no meio daquela pequena hecatombe de aves e era preciso ter cuidado onde se pisava. Poderia ter interpretado aquele momento como o presságio de algo, mas julgo que não o terei feito, é provável que não, e descrevê-lo dessa maneira não teria nenhum préstimo.

Pelo menos a festa foi boa?

Mais ou menos.

Bebeste muito?

O normal.

Quisesse ou não, já se habituara à visão dos pombos mortos, ainda que não o admitisse. Daí a um par de horas, a limpeza urbana apagaria os vestígios e ele não voltaria a pensar no assunto.

Tenho noção de que é indelicado, disse eu, mas a esta hora já poderíamos tomar o pequeno-almoço.

Ele ficou a avaliar aquela que de facto deveria parecer-lhe uma falta de tato, perguntando então: Onde?

O noctívago és tu.

Olhou em volta. Para ali, apontou. Mas temos de ir até San Lorenzo. Sentes-te capaz?

Segui-o naquela meia-volta rumo à estação, contando-lhe como o nosso serão doméstico tinha sido pouco entusiasmante. Ele levava o blusão aberto sobre uma camisola de manga curta e contive-me para não lhe dizer que corresse o fecho. Não sei bem quem pareceríamos naquele momento, se dois irmãos com diferença de idades, dois amigos estranhos ou um pai e um filho. Mas, ao que tudo indicava, estávamos a regressar da mesma noite.

Queres mesmo passar pelo túnel?

É mais rápido. Porquê, dá-te medo?

Achas?

Mas na verdade, sim, assustava-me um bocadinho. Disse: Ainda assim, prefiro que não o atravesse quando estiveres sozinho, e ele não ligou àquela recomendação extemporânea.

Quando ele era pequeno, eu desejava que Eugenio se apaixonasse pelo campismo e pelo xadrez, teria sido assim mais fácil partilhar tempo com ele, mas nenhuma dessas atividades fazia parte das suas inclinações. Depois, tive a esperança de que gostasse de matemática, mas não tinha queda. Durante muito tempo, considerei essas diferenças o obstáculo principal à nossa ligação, além da ausência de um vínculo genético. Anos antes, ao telefone no comboio, eu interrogara-o sobre produtos notáveis, pois na manhã seguinte ele teria um exame. Com a cabeça encostada ao vidro, ouvia-o a declamar: A mais B ao quadrado igual a A ao quadrado mais B ao quadrado mais dois AB, A mais B ao cubo igual... Quando falhava, eu corrigia-o, a sussurrar, para não perturbar os outros passageiros, enquanto me deixava dominar pelo desânimo, sabe-se lá porquê.

Lembras-te da fórmula do quadrado de um binómio?, perguntei-lhe.

Ele virou-se ligeiramente: Óbvio. Mas porque é que isso te veio à cabeça agora?

Sei lá. Veio-me à cabeça, tão simples quanto isso.

És doido.

Em San Lorenzo, apontou para uma pizaria à fatia. Pedimos uma para cada um, depois uma segunda rodada, enquanto brincávamos às resoluções de Ano Novo. Eugenio levou o jogo mais a sério do que eu estava a contar. Para lhe agradecer, tentei elaborar umas quantas também. Quando ele se apercebeu de que eu estava distraído e me perguntou em que estava a pensar, eu disse: Em nada, estou a ouvir-te.

Se para variar, hipoteticamente apenas, tivesse sido sincero e franco com ele, ter-lhe-ia respondido que ainda estava a pensar nos produtos notáveis. Estava a pensar naquela vez do comboio e não só: também em todos os pratos de massa que cozinhou para ele e nas esperas no carro à porta das festas e nos formulários preenchidos e nas recomendações supérfluas e no vaporizador iridescente que ele tinha em criança no canto do quarto e que eu já não sabia aonde tinha ido parar. E estava a pensar que todas essas coisas, a par da piza imprevista que estávamos a comer ao pequeno-almoço do dia 1 de Janeiro de 2020, todas essas coisas em conjunto – não tinha a certeza disso, estava agora a considerá-lo pela primeira vez – tinham sido porventura uma paternidade.



Giulio ia-me mandando fotografias do Kruger. Só tinha acesso à Internet do acampamento base, pelo que trocávamos mensagens sempre à mesma hora, depois do jantar. As imagens que me enviava eram tão perfeitas na luminosidade e nos temas que pareciam copiadas e coladas a partir do sítio da *National Geographic*. Girafas, hipopótamos a vir à tona, um casal de chacais de volta da carcaça de uma zebra, antílopes a correr, poentes majestosos.

Tratava-se por vezes de filmagens noturnas captadas pela armadilha de infravermelhos: um leopardo atravessava o enquadramento, solitário e hipnótico, e os seus olhos brancos acendiam-se por um instante quando inconscientemente os dirigia para a objetiva.

Há aqui algo diferente, escrevia-me ele, como que uma pertença profunda. Os animais reconhecem-nos e nós reconhecemo-los. Coabitámos ao longo de milénios, comemo-nos uns aos outros. Agora, só nos deixamos comer por advogados e psicólogos.

Podia ter passado as horas anteriores a seguir um *honey guide*, a ave que conduzia os seres humanos aos favos de mel. Chama-nos até si, contava-me ele refreando a custo o entusiasmo e juntando uma mensagem de voz com o estranho gorjeio da ave. Quando nos aproximamos, o *honey guide* desloca-se para outra árvore e atrai-nos até lá. De boleia em boleia, leva-nos até ao mel. Assinámos um contrato ancestral, escrevia-me Giulio, só que nós, humanos, perdemos essa memória.

O mel estava lá mesmo no fim?

Obviamente que estava.

Mas o Kruger, explicava-me logo a seguir, era uma ilusão também: a ilusão de que o homem ainda fazia parte do ecossistema a par das outras espécies, que a natureza ali era natureza no seu estado primordial. Não era de todo assim. Os parques eram sistemas cuidadosamente regulados, geridos de forma invisível pelo homem para o homem: periodicamente, eram ateados incêndios para baixar a vegetação e garantir a visão dos animais aos turistas pagantes, a população de leões era mantida sob controlo através da introdução de novos exemplares masculinos (que faziam tábua rasa das crias alheias) e nalgumas reservas eram impostas formas de contraceção aos elefantes.

Em suma, não havia salvação da antropização. Era esse o termo que Giulio usava, «antropização», embora me parecesse que estava a aludir a algo muito mais vasto do que o parque: não havia salvação dos seres humanos, não havia salvação do presente.

Falava-me da formação. Estava a aprender a seguir rastros e a calibrar a sua reação em caso de ameaça. Na savana, quase tudo o que o instinto sugeria revelava-se errado. Por exemplo, perante um leão, o instinto dizia para fugir o mais depressa possível, mas não havia escapatória ao fugirmos, pois demonstrar fraqueza induziria o leão a atacar. E então?, perguntava-lhe eu. Então é preciso negociar. E se a negociação não correr como previsto? Então temos de gritar o mais alto possível.

Funciona mais ou menos assim: o leão investe, uma investida falsa, demonstrativa, nós temos de ter sangue-frio para ficarmos onde estamos e igualarmos a sua agressividade, berrando contra ele ou batendo na espingarda. Se formos suficientemente convincentes, o leão para e recua. Então, também nós podemos dar um passo para trás. Depois, tudo recomeça do início: mais uma investida falsa, nós gritamos, o leão bate em retirada, nós ganhamos mais um metro. Pode prolongar-se por horas.

Parece-me bastante metafórico, escrevi-lhe.

Metafórico de quê?

Porém, recusei-me a aprofundar aquele pensamento. Talvez não fizesse de facto sentido procurar metáforas em toda a parte.

Num excesso de imaginação, vi Giulio com os seus novos colegas aspirantes a guardas-florestais a ensaiarem gritos. Vislumbrei-os nos limites do acampamento, de pé, a rugir com todo o fôlego que tinham para o nada do *veld*. Seria precisamente o tipo de libertação que ele tinha ido lá procurar, ou pelo menos eu desejava por ele que assim fosse.

Terceira parte

AS RADIAÇÕES



Estamos sentados na beira de uma piscina de pedra, eu e Giulio, nus porque assim dita a regra, e vamos espiando a cidade. O fundo da inscrição ASAHI vai-se formando e dissolvendo ritmicamente no cimo de um arranha-céus, criando o único movimento da paisagem, a par do trânsito dos automóveis, muito mais abaixo. Quanto ao resto: prédios na escala dos cinzentos e dos castanhos, as colinas, o céu nublado. Em linha reta, o hipocentro de *Little Boy* situa-se a cerca de um quilómetro, pelo que estamos no interior do raio de destruição total. A 6 de agosto de setenta e sete anos antes, a parte de Hiroxima que daqui contemplamos viu-se transformada de forma instantânea numa pira arrasada de escombros. E de tudo o que vemos agora, à exceção das colinas, nada existia.

Só descobrimos à chegada que o hotel tinha banhos comuns no décimo quarto piso. A rapariga da receção assegurou-se timidamente de que não teríamos tatuagens para exibir, apontando para os braços, as pernas e por fim os genitais de uma figura masculina numa ilustração: não?, então a piscina estava à nossa disposição. Além dos postos de lavagem, a área termal inclui duas piscinas de água quente, uma sauna muito intensa e uma poça gélida na qual se pode obter um salutar choque térmico. Em tempos normais, estará cheia de turistas, incluindo europeus, mas neste ano não: connosco só está um japonês cego, que se desloca com insuspeita graça entre as piscinas e o balneário, orientando-se com a bengala. Devido ao risco sanitário, o Japão continua fechado aos visitantes, a não ser por motivos urgentes de trabalho, tal como são os nossos. Desde que possam ser consideradas «urgentes» a vaga curiosidade de assistir às comemorações históricas e a necessidade, mais incompreensível ainda, de encerrar um círculo de sentido inaugurado anos antes e que desde então permanece incompleto. Ao passageiro alemão que conhecemos no voo, e que se dedica a vender máquinas para o abate de frangos aos japoneses, Giulio respondeu sem o menor temor: Já nós estamos cá por causa das bombas.

Foi penoso chegar cá. Não só pela deslocação em si – o espaço aéreo russo está fechado ou a Air France decidiu evitá-lo: lançam de lá mísseis, nunca se sabe; contornámo-lo por sul, sobrevoando a Geórgia, o Cazaquistão

e o deserto de Gobi –, mas também por todos os meses de preparação para a partida: a obtenção do visto, as cartas de convite suplicadas, os não categóricos e repetidos aos meus pedidos para participar nas cerimónias de Hiroxima e Nagasáqui. E tudo isto após ter adiado a viagem uma primeira vez no verão de 2020, e novamente em 2021. Seja como for, cá estamos nós, eu e Giulio, a ver Hiroxima e a gotejar. Não nos víamos há bastante tempo, o tufo de pelos ao centro do seu peito tornou-se branco, mudança que não me perturba porque também me aconteceu a mim. Permanecemos em silêncio até que eu lhe pergunto: Estás pronto? Vamos lá?

Cerca de uma hora mais tarde, desembocamos de uma passagem subterrânea para nos vermos na presença do Genbaku Dome, a única estrutura que ficou de pé no *ground zero* após a explosão da bomba A. A onda de choque colidiu perpendicularmente com ele, poupando-lhe pelo menos em parte as paredes e a cúpula de ferro. Tanto Giulio como eu vimos o Dome inúmeras vezes, em livros e na televisão, o que não retira nada à sua solenidade. Damos algumas voltas em torno das ruínas, estudando-o. Há alguém a fazer *jogging* à beira-rio, tão habituado àquele monumento que não se digna dispensar-lhe um olhar. As árvores do parque estão cheias de cigarras que ziziam a uma frequência mais elevada do que as nossas, ou pelo menos assim me parece (Giulio tem a mesma impressão). Pelas fotografias, sempre fiquei com uma ideia diferente do Dome, de austeridade e desolação, mas está inserido num contexto de tranquilidade, em pleno centro citadino. Levanto os olhos: o céu está agora limpo à exceção de uma ou outra nuvem baixa, da cor do limão para os lados do Sol que se põe. Não sou capaz de calcular o que serão seiscentos metros de altura, mas aposto que num dia assim tão límpido poderia distinguir a forma alongada de *Little Boy* a cair, um instante antes do *flash*. Giulio adivinha-me os pensamentos e, com uma simplicidade completamente invulgar nele, diz: Enfim, o que fizeram foi uma verdadeira loucura.

Tiramos algumas fotografias, ou melhor dizendo, tira-as ele. Conseguimos obter um pouco sub-repticiamente o seu convite para vir ao Japão na qualidade de repórter fotográfico: Giulio considera-se um amador e tem vergonha do material que possui, mas lá no fundo assumiu a função a sério. Porém, com o escuro, não pode prosseguir, pelo que nos dedicamos a procurar um sítio para jantar. Insisto num indicado pelo guia, mas ele está aterrorizado com a ideia de ir parar aos circuitos turísticos, de se comportar como um viajante qualquer, como se isso pudesse entregá-lo a uma danação moral eterna. Mas não vês que só estamos cá nós?, atiro. Somos os únicos estrangeiros no Japão inteiro!

Aquiesce de imediato. No fim, considera satisfatórias as espetadas de corações e as de pele de galinha, o ambiente bastante autêntico. Enquanto comemos, falamos de um artigo que ele me indicou dias antes de partirmos, em que se afirma que seria necessário eliminar de uma vez por todas o tabu da extinção humana, ter a coragem de o discutir abertamente, pois trata-se de um

cenário plausível da evolução climática. Pôr a hipótese da extinção, para esses cientistas (e para Giulio), teria o efeito positivo de sacudir as pessoas impelindo-as a agir, como sucedeu com os discursos sobre o inverno nuclear nos anos oitenta, que abriram caminho ao desarmamento.

E acreditas mesmo nisso?, pergunto-lhe.

Giulio parece ter sido apanhado em contrapé: Porquê, tu não?

Ou seja, acreditas mesmo que perante a possibilidade de nos extinguirmos nos comportaríamos de uma forma assim tão diferente?

Fica assombrado durante alguns instantes, como se eu o tivesse levado a reconhecer uma ingenuidade. Depois, recupera a coragem e lança-se numa peroração sobre como cada um de nós deveria pôr-se imediatamente em campo em vez de ceder ao derrotismo. Fala-me de certos estudos sobre ilhas vulcânicas que emergem do mar, a forma como essas ilhas vão sendo povoadas aos poucos pelas plantas, primeiro as pioneiras, que não precisam de grande coisa, depois as que se alimentam do seu substrato. Fala-me, em suma, de renascimento, de um modo científico, o único com o qual se dá ao luxo de falar, mas ainda assim de renascimento. Ouço-o até ao fim. Depois, faço-lhe notar que possui uma estrutura de esperança mais sólida do que a minha, pois ele estuda, debate-se, age, ao passo que eu só me deixo ir, e que sempre foi assim, desde a universidade. Não sei porque é que escolho essa expressão, «estrutura de esperança», nem sequer me parece assim tão precisa, mas Giulio percebe-a à primeira. Tenho um filho, responde-me outra vez desarmado, o que mais poderia fazer?

Voltámos aos banhos comuns do décimo quarto piso para ver a cidade iluminada. Depois, no nosso quarto, pomos os pijamas do hotel, que nos fazem parecer gémeos. Giulio mantém-se acordado muito mais tempo do que eu. Os telefonemas com Adriano foram definidos por sentença do juiz para momentos precisos da semana; embora o fuso horário os faça cair em plena noite, não estão previstas derrogações, e ele não pretende faltar a um sequer.

A 6 de agosto, acordamos cedíssimo. A admissão na cerimónia está prevista até às sete e o início só depois, de maneira a intercetar o horário da explosão, às 8:15. Somos encaminhados para zonas separadas, eu entre o público internacional (reduzido ao mínimo), Giulio com os fotógrafos. Na abertura, é pedido ao público que não cante a *Hiroshima Peace Song*, para limitar a difusão do vírus. Fora isso, pelo menos a avaliar pela forma como tudo se desenrola, suponho que a sequência se repita de forma idêntica todos os anos: é oferecida água às vítimas da bomba uma vez que os queimados a imploravam no dia do *pikadon*; são oferecidas flores e cantados hinos com palavras dilacerantes; falam o primeiro-ministro japonês, o governador da prefeitura de Hiroxima, o secretário-geral das Nações Unidas, e pomo-nos de pé para a oração e ouvimos o repique de um sino; as pombas são libertadas. Mas, de uma forma geral, a cerimónia não me aquece. É tudo demasiado estudado, demasiado arrumado, ou talvez seja da tradução para inglês pelos auriculares, que me mantém afastado em vez de me envolver. À saída,

encontro Giulio. Não me deixaram tirar uma fotografia sequer, queixa-se. Mas porquê? Sei lá, responde carrancudo, não faço a mínima ideia.

São só nove horas e o tempo a preencher escancara-se à nossa frente com um quê de ameaça. À noite, também aqui no *ground zero*, haverá a cerimónia das lanternas, que promete ser mais emotiva do que a que acabou de terminar, mas já fizemos o *check-out* do hotel, pelo que estamos condenados a vaguear horas a fio pela cidade sobreaquecida, sem refúgio. Decidimos ir visitar Miyajima, uma ilha do mar interior, embora, essa sim, tenha todo o ar de ser um destino convencional. Já reparaste?, diz-me Giulio durante a travessia de *ferry*. Na cerimónia, não mencionaram os americanos. Nunca. Tratam a bomba como se ela tivesse chovido do nada, como uma catástrofe atmosférica.

Ou um castigo divino.

Ou um castigo divino, exato.

Em Miyajima, comemos enguia e uns doces moles de chá verde. Desembarcámos com uma horda de turistas japoneses, mas depois do almoço levanta-se um temporal repentino que esvazia a ilha, pelo que ficamos com o templo xintoísta só para nós, debaixo do aguaceiro. Quando a chuva para, o céu mantém um aspeto deveras dramático. Existe um tipo particular de nuvem, um cúmulo-nimbo enorme que aqui se chama *nyūdōgumo*, de *nyūdō*, gigante, e *kumo*, nuvem: forma-se nesta estação, tanto que é usado em certos haikus como sinónimo de «verão». Interrogo-me se será aquilo que vejo encastelar-se agora em terra firme. Seria preciso estar cá Novelli.

Voltamos para Hiroxima, o Sol está quase a pôr-se e o público já encheu as margens do rio, as pontes. As raparigas valem-se de ventoinhas portáteis que seguram com elegância diante do rosto ou do pescoço. Eu e Giulio sentamo-nos com os pés suspensos na margem de pedra, a mesma margem que se repete nos relatos dos sobreviventes. À medida que a luz diminui, soltam-se na água as primeiras lanternas de papel, de barcos ancorados e da escadaria. Têm uma vela no meio e boiam sobre um X de madeira. Se o papel por algum motivo se descolar, ou amolecer, os X continuam a avançar despidos, como alvos em movimento. As lanternas são mensagens de paz, são as almas dos mortos a caminho do além ou tão-só uma coreografia eficaz, não sei, mas transmitem algo pungente só pelo facto de estarem a deslocar-se sobre este troço de rio, hoje. Giulio dispara como se não houvesse amanhã, queixando-se da objetiva que apanhou areia no Kruger, e de si mesmo, que não chegou a mandar limpá-la. Na verdade, toda a gente dispara, com os telefones erguidos no ar para ter melhor perspetiva. Mando as minhas imagens mais decentes para o grupo que tenho com Lorenza e Eugenio. Entretanto, a polícia rodeou um homem que vai berrando a plenos pulmões e está desesperado, ajoelhado no asfalto.

Chegamos a Fukuoka no último comboio. É tardíssimo e tenho a impressão de que estive a suar ininterruptamente, ao ponto de me parecer uma forma de purificação, mas Giulio quer a todo o custo experimentar a *street-*

food da cidade. Portanto, após termos largado as bagagens, arrastamo-nos até ao rio, um outro rio de uma outra prefeitura. Passa das duas quando finalmente nos deitamos, resmungando as boas-noites, pois ambos usamos aparelho para não rangermos os dentes. Quando Giulio desata a ressonar, enfio os auscultadores com anulação de ruído e a *playlist* de emergência: sons da natureza bons para adormecer, cascatas, o bater da chuva, temporais. Nesses tapetes de ruído branco, revejo as lanternas acesas a afastarem-se e já não tenho dúvidas de que são almas, as almas dos mortos transportadas pela corrente lentíssima, para o mar.

Lembro-me de que, em agosto de 2020, houve uma polémica sobre o facto de o então primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, ter reciclado, na cerimónia pelas vítimas da bomba de Nagasáqui, o discurso que fizera dias antes em Hiroxima. Segundo uma *app* para descobrir plágios, as suas intervenções eram coincidentes em noventa e três por cento. Há um mês, Shinzo Abe foi assassinado no decurso de um comício eleitoral, em Nara. O homem que o atingiu de perto com dois tiros, Tetsuya Yamagami, fabricara artesanalmente uma pistola de canos serrados, com borracha e fita isoladora: sabia o que estava a fazer e, ainda assim, passou um ano e meio a treinar. Um pouco estupidamente, talvez, eu esperava encontrar o Japão em choque antes de chegar, um luto difuso e níveis de alerta aumentados, mas não. De Shinzo Abe nem sinal, ou sou eu que não os vejo. Na comemoração de Hiroxima, falou-se da Ucrânia e de alterações climáticas até, mas nem sequer uma menção ao antigo primeiro-ministro. A única pessoa à qual me atreverei a fazer a pergunta direta, uma mulher de cinquenta e tal anos, dir-me-á: *Very sad, I cried*, e mais nada.

Em Fukuoka, Giulio e eu falhamos o horário do pequeno-almoço, pelo que vamos a um café onde a ementa não tem figuras. Por sorte, ele instalou uma *app* no telefone que traduz para inglês os caracteres se os enquadrarmos com a câmara. Usamo-la para pedir, depois para decifrar os papelinhos da sorte que trouxemos ontem do templo de Miyajima. A tradução do meu é tosca, mas compreensível. Diz: *Correct your mind and happiness will come soon*. Diz: *Marriage is difficult, but if we work together, later good*. Diz: *Now flowers didn't bring fruit, but flowers are still ready*. As flores ainda estão prontas. Prontas para quê?, interrogo-me. Do papelinho de Giulio, em compensação, não se percebe nada, a não ser a dada altura o termo «amargura».

Na estação de Hakata, alugamos um Toyota. Ligando o telefone de Giulio ao computador de bordo, descubro que ele tem na biblioteca uma única canção, *The Lion Sleeps Tonight*. Tens uma única canção, comento um pouco incrédulo. Ah, pois, é verdade. E porquê? Porque é bonita.

Passamos dois dias a guiar quase ininterruptamente, ou melhor, vai ele a

guiar, enquanto eu lhe vou dando indicações. O interior da ilha de Kyushu é verdejante, florestas de coníferas cobrem as encostas, com as copas todas à mesma altura. Passamos longos intervalos de contemplação silenciosa, embora as horas ali no carro e a distância para a Europa também nos empurrem para breves confissões mútuas. Giulio pergunta-me como foram os primeiros tempos com Eugenio, embora aquilo que queria mesmo perguntar era porque é que eu escolhera, quando éramos ambos tão novos, uma situação tão complicada. Falamos durante algum tempo dos vínculos de sangue e da sua relevância apesar de tudo. Os comandos no volante estão invertidos em relação às posições europeias, os piscas no lugar dos limpa-para-brisas, pelo que Giulio não para de os ativar por engano.

Em Yufuin, embarcamos num passeio até a um lago que se revela mais parecido com um charco lodoso, encontramos pelo trilho libélulas de asas pretas e corpo iridescente. Giulio afirma que os reflexos se deverão às camadas de quitina, embora não tenha a certeza. Quando chamo a sua atenção para as cores das folhas dos bordos, ele fornece-me uma explicação química a esse respeito também. Giulio tem resposta para tudo, como se não suportasse ficar à mercê dos fenómenos sem os compreender. Sempre que lhe faltam as respostas, preenche o vazio com perguntas: quer saber que significado têm os losangos desenhados na faixa de rodagem, quer saber de que é feito o molho *ponzu*, quer saber a que espécie pertencem as aves que ouvimos cantar hoje de manhã e, se fossem de facto andorinhas, para onde migram do Japão no inverno. Quer saber tudo de tudo, ao passo que eu não quero saber nada de nada. Não és curioso, acusa-me ele, de um modo não completamente afável. E, com a mesma falta de simpatia, replico-lhe: Não, não muito, já não. A verdade é que não estamos habituados a passar tanto tempo com outra pessoa, no meu caso outra pessoa que não seja Lorenza, no caso de Giulio outra pessoa em geral. Com uma frequência cada vez maior, e à vez, apoderam-se de nós manifestações repentinas de impaciência, embora nos esforcemos ao máximo para as reprimir. Ainda por cima, eu ando em pulgas. Estou à espera de algo destes dias, embora não saiba ao certo do que se tratará. E se não o encontrar?

Na noite do dia 8, chegamos a Nagasáqui mais tarde do que o previsto. O hotel fica ao alto, numa vertente do monte Konpira, e o quarto proporciona uma vista maravilhosa sobre o porto e o bairro de Hamamachi. É possível que a rua que acabámos de percorrer seja a que Tanaka-san fez a pé com a mãe três dias após a explosão, entre cadáveres e ruínas, aliás, é provável que seja. Por um instante, dá-me a mágoa de não ter combinado um encontro com ele. Troquei alguns *e-mails* com a associação a que ele preside, mas parece que Tanaka-san estava muito atarefado por causa do aniversário, e as comunicações em inglês eram custosas e repletas de equívocos. No aeroporto, comprei na mesma uma vela perfumada para lhe oferecer, enquanto Giulio se certificava de que as velas não teriam subtextos azarados ou até fúnebres no Japão. Agora, ao ver-me absorto, insiste pela enésima vez. Escreve-lhe!

Não sei, talvez amanhã.

Mas qual amanhã e amanhã.

Desaparece na casa de banho a resmungar consigo mesmo. Não percebe as razões da minha reserva, e nem eu as percebo, para dizer a verdade.

Tendo a bomba de Nagasáqui explodido mais tarde do que a de Hiroxima, o início da comemoração também está previsto para depois. O que nos dá tempo, de manhã, para atravessar o Parque da Paz, onde um monólito preto assinala o hipocentro da explosão, e para visitar o museu ali ao lado. Nas salas penumbrosas, dentro de estojos, observamos a exposição de materiais transformados pela potência da bomba atômica: as telhas pontuadas a pequenas bolhas depois de a onda de calor ter literalmente fritado a pedra, as sombras de um homem e de uma escada tatuadas numa parede, um rolo de arame farpado que se fundiu formando uma rosca, os ferros encarquilhados, a roupa esfarrapada – e obviamente os corpos, material orgânico entre o resto, as caras alisadas pelas queimaduras, os olhos lacrados, as bocas derretidas. Perto da saída, há uma reprodução em tamanho natural de *Fat Man*. É amarela, de um amarelo bem garrido, com as juntas pintadas de vermelho ao centro. Não fazia ideia. Sempre imaginara a bomba cinzenta: poderá uma bomba não ser cinzenta? Junto da reprodução vai sendo projetada uma filmagem em jeito de confirmação: um grupo de soldados americanos, todos novíssimos e de peito nu, transportam *Fat Man* para fora de um hangar, já pintada com aquele amarelo jocoso. Tratam-na com gentileza e deferência, embora sem nenhuma noção de mistério, como se a bomba fosse um grande brinquedo precioso.

Depois de Hiroxima, não estou à espera de grande coisa da comemoração, tendo até em conta que o programa é quase idêntico: uma vez mais a oferta de água e flores, uma vez mais os apelos à paz e ao desarmamento, uma vez mais a oração silenciosa e a libertação das pombas. Estou mais concentrado no calor, que hoje está insuportável, e na desadequação das minhas sapatilhas. Aqui nas primeiras filas, onde me reservaram um lugar (enquanto para Giulio não houve forma de conseguir um bilhete), os homens estão todos de gravata preta, impecáveis. A mulher ao meu lado, uma jornalista de Chicago que vive há anos no Japão, também está elegante, a condizer com o ambiente. Curiosa, pergunta-me o que faço eu ali, explico-lhe sem me revelar convincente e ela informa-me que em anos normais estariam dez vezes as pessoas ali presentes nesta manhã. Interceto o rapaz que está a distribuir os toalhetes gelados e peço-lhe mais dois, ainda que talvez não devesse. Despacho uma garrafa de meio litro de água numa única golada porque é importante manter-se hidratado. Depois, quase para fazer tempo, quase sem refletir, escrevo à associação de Tanaka-san a comunicar o número do lugar onde me encontro. Mas é tarde, bem sei, com as máscaras e uma conversa de muito tempo antes não há esperanças de o reconhecer, pelo que já desisti da ideia. O *e-mail* é só uma forma de, posteriormente, não poder censurar-me a mim mesmo por ter deixado algo por tentar.

Já está quase toda a gente sentada. O intérprete de língua gestual vai ensaiando pela última vez um texto, esboçando gestos no ar. É então que o vejo, precisamente um segundo antes de que ele me veja a mim. Está com um fato preto, camisa branca e gravata, como os restantes, embora tenha na cabeça um chapéu claro de pescador que lhe confere um ar mais afável. Estão a dizer-lhe algo ao telefone e percebo que está à minha procura. Quando, contando as filas, Terumi Tanaka chega ao meu lugar, já eu estou de pé.

Paolo-san?, diz-me.

Sim, sou eu.

Não sei porquê, comovo-me imenso ao apertar-lhe a mão. Tento a custo conter as lágrimas. Não temos forma de comunicar, deveria pedir ajuda à americana que está atrás de mim a espiar a cena, mas seria uma invasão deste momento, pelo que não faço outra coisa senão repetir a Tanaka-san: *Thank you, thank you*. Ele inclina a cabeça e sorri, emanando uma gentileza extrema. Agarro então na mochila que estava no chão, remexo lá dentro e extraio a prenda que lhe trouxe e que subitamente parece insuficiente, com a inscrição «*duty-free*» impressa no saco. Estendo-lha na mesma, com as duas mãos, como aprendi que a cortesia impõe aqui. Queria pelo menos uma fotografia dos dois, mas a cerimónia está prestes a começar, uma rapariga do *staff* convida Tanaka-san a dirigir-se para o seu lugar.

É por via deste encontro, julgo, que cada passo da cerimónia de Nagasáqui se reveste de um significado mais profundo, embora não haja tradução sequer. A coreografia graciosa, com as suas vénias simultâneas e as geometrias simétricas, a oferta de água e flores, os coros e as pombas libertadas, que hoje me parecem mais, muitas mais. De vez em quando, espio Tanaka-san umas filas mais à frente. Interrogo-me o que verá ele, se apenas uma sequência que conhece de cor e da qual já se distrai, ou se diante de si estão ainda, à transparência, os minutos anteriores à explosão, a criança que foi no quarto do primeiro piso, a andar indolentemente entre a cama e a janela. São 10:58, faltam quatro minutos e tenho um nó na garganta que não se desfaz. Formulo um pensamento que aponto no telefone tal qual me vem e cito agora aqui: Pode-se chorar na história de uma só criança os destinos de toda a humanidade, e a mim aconteceu-me com ele.

Um minuto antes do *pikadon*, levantamo-nos para a oração. Ouvem-se agora unicamente os sinos e os cliques dos fotógrafos que estão a enquadrar os *hibakusha*: daqui a poucos anos já não estará cá nenhum deles, e tudo mudará. O rosto de Tanaka-san é imperscrutável sob o chapéu de pescador. É assim que as 11:02 chegam até nós.

Giulio ficou no Parque da Paz. Está com os primeiros sintomas de uma insolação. Desculpa teres tido de esperar, digo-lhe.

Até que foi interessante. Houve aqui uma espécie de contracerimónia.

Monges, grupos de pacifistas radicais, antinuclearistas. Fez lembrar um bocadinho os anos do Social Forum.

Coisas para ti, no fundo.

Sem dúvida.

Temos encontro marcado com Tsukie Tagami, uma sobrevivente de segunda geração. Obtive o seu contacto através do meu tradutor japonês, Ryosuke, e entrevistei-a pelo Zoom há uns meses. Tsukie trabalha como consultora financeira em Nagasáqui e ambos os seus pais são *hibakusha*. Embora ainda estejam vivos, o pai já teve três tumores: no estômago, no intestino grosso e no cólon. Em criança, Tsukie era muito franzina, frequentou a escola com longos períodos de ausência. Na primária, duas das suas professoras eram sobreviventes, uma mexia a cabeça de uma forma estranha, balouçando-a sem parar, como se o pescoço não aguentasse o peso. Um dia, no primeiro ano, Tsukie e outras crianças estavam a limpar o corredor e a outra professora começou a vomitar sangue, desmaiando então. Foi assim que Tsukie a viu morrer.

Ela distingue-nos entre a multidão (não é difícil) e faz sinal freneticamente para a seguirmos até ao carro. Moon, apresenta-se. *Call me Moon*. Eu e Giulio sentamo-nos no banco de trás, ela põe-se ao volante. Calça umas luvas pretas, a condizer com o vestido para a cerimónia, que lhe cobrem os braços até aos cotovelos. Ao seu lado está um rapaz, talvez Tsukie o tenha trazido para a ajudar com o inglês, ou então são só amigos; de qualquer forma, é muito tímido. Rumamos a outra parte da cidade, onde fica o museu das ciências. Também sei a respeito de Tsukie que casou com um filho de sobreviventes e que durante muito tempo tentaram ter filhos, mas uma das gravidezes revelou-se extrauterina e no termo da outra o feto nasceu morto. Como lhe disse o marido certa vez: A bomba lá arranjou maneira de nos atingir. Como me disse ela a mim: O que fica, no fim de contas, são as radiações.

Comemos tofu em diversas confeções, comemos pickles, comemos algas, enquanto a conversa decorre ultrassimplificada por causa da língua. Vemo-nos obrigados a escolher as perguntas e a reformulá-las várias vezes, se necessário. Porquê Moon?, pergunto-lhe. Julgava que era Tsukie. Ela aperta entre os dedos o pingente com um quarto crescente que traz ao pescoço e diz: *Tsukie, Moon: same*. Depois procura algo na carteira, encontra um folheto amarelo e desenha no verso um *kanji*:

月

Tsukie, repete. Moon. O pai escolheu aquele nome porque ela nasceu no dia da alunagem.

O almoço prolonga-se, e mais tarde é ela quem escolhe uma pergunta para me fazer. Superando o receio de parecer intrometida, pergunta-me porque é que quero escrever sobre a bomba de Nagasáqui. Digo-lhe que é complicado exprimi-lo em inglês, que é uma ideia minha com muito tempo, olho para Giulio sentindo-me sabe-se lá porquê culpado, calo-me por fim. Tsukie sorri-me, compreensiva.

Ao acompanhar-nos até ao hotel, põe a tocar um disco de bossa nova. Giulio conhece-o e cantarolam juntos as palavras em português, enquanto cruzamos a cidade deserta. Eu e Giulio temos vontade de descansar um pouco, mas os *futon* só são estendidos para a noite, pelo que nos deitamos diretamente sobre os tatamis. Ele adormece quase de imediato, como sempre, eu continuo dominado pela comoção da manhã. Penso de novo no encontro com Tanaka-san e na frase que Moon nos disse, que aquilo que fica são as radiações. E parece-me verdade, porque os próprios mortos são radiações. O corpo humano é formado por milhões e milhões de átomos, maioritariamente hidrogénio, oxigénio e carbono, embora se encontre de tudo em concentrações menores: potássio, lítio, cézio, até urânio. Uma vez pulverizados os corpos, os átomos continuam a existir e os que são instáveis vão emitindo radiações: raios alfa, beta e gama, neutrinos que atravessam imperturbáveis a matéria, rumo ao espaço aberto, ao longo de milhares e milhares de anos. É por isso que os mortos são radiações, sim, e neste preciso instante, apoiando as mãos no tatami, parece-me que quase consigo senti-la, essa pulsação suave que vem da terra, o calor exalado pelos mortos.

Mas, se isso for verdade, digo a mim mesmo, será possível que a radiação conserve uma memória daquilo que foi? Um espectro de emissões que, analisado com os instrumentos certos, nos devolvesse uma forma coerente da pessoa, porventura os seus pensamentos? Seria aquilo que noutros contextos se chama «alma»? E será possível, então, que sob a forma de radiação existam ainda todos os mortos, todos os do passado e todos os do presente, a tia Koto e a tia Rui, Makoto e Christian, e que neste preciso momento estejam a atravessar estas camadas de pavimento, e o meu corpo?

Assim deitado, imagino o lançamento para órbita de um telescópio capaz de revelar ao longe a radiação dos mortos. A imagem que nos forneceria da Terra seria diferente da que conhecemos: já não um planeta apagado, mas uma espécie de estrela, a exalar uma luz própria em todas as direções, a luz dos átomos de quem já não está cá. Durante um longo instante, tento imaginar-me ali ao lado, transformado eu também em radiação transparente, enquanto sigo disparado a par dos defuntos para lá das margens do sistema solar, entre os pedaços de cometas em formação. Fico tão exaltado com esse devaneio que estou prestes a acordar Giulio para lho contar: os mortos são radiações, já tinhas pensado, já tinhas *percebido*? Mas decido que é melhor deixar estar. Guardarei para mim a sugestão, até porque ele teria certamente

algo a objetar quanto ao seu fundamento científico.

Depois vem a noite e bebemos saquê frio num bar de Hamamachi, onde um homem ao qual faltam vários dedos quer propor-nos raparigas, ainda que não o entendamos, até que a *app* de Giulio nos traduz a frase que ele repete até ao infinito: *Massage new wife*.

Depois estamos os dois ainda, Giulio e eu, no carro, na estrada para Fukuoka, e depois apanhamos o comboio para Osaka. Ao chegarmos, Giulio quer a todo o custo provar o *sashimi* de peixe-balão, ao passo que eu não, tenho demasiado medo. Ilustro-lhe o mecanismo do envenenamento com tetrodotoxina, a forma como os órgãos internos ficam paralisados, os tempos e as estatísticas relativas aos óbitos, e quando termino ele anuncia: Pode ser.

Depois estamos no avião, num voo interminável, e depois ainda no aeroporto, onde nos separamos sem combinar nada para mais tarde. É nalgum ponto do percurso de volta à Europa, nessa etapa final da nossa viagem em conjunto, que me vem à cabeça a resposta – simples, tão simples – à pergunta de Moon, a resposta que não consegui dar-lhe no restaurante poucas horas antes: Escrevo sobre tudo o que me fez chorar.

AGRADECIMENTOS

Foram várias as pessoas e organizações que contribuíram com os seus conselhos (e por vezes inconscientemente) para a concretização deste livro. Desejo agradecer aqui a pelo menos uma parte delas:

Corriere della Sera, Barbara Stefanelli, Antonio Troiano, Venanzio Postiglione, Stefano Montefiori, Marco Castelnuevo;

Escola Internacional Superior de Estudos Avançados (SISSA), Mestrado em Comunicação da Ciência «Franco Prattico», Nico Pitrelli, Andrea Gambassi, Roberto Trotta, Filippo Giorgi, Davide Crepaldi, Paolo Gambino;

Nihon Hidankyo (Japan Confederation of A-and H-Bomb Sufferers Organizations), Hayakawa Publishing Corporation, Município de Hiroxima, Município de Nagasáqui, *Asahi Shimbun*, Terumi Tanaka, Tsukie Tagami, Keiko Ogura, todos os *hibakusha* cujos testemunhos se encontram disponíveis na Internet, Ryosuke Iida;

Einaudi (*too many to mention*), MalaTesta Literary Agency;

Ludwig Monti, Giovanni Ricco, Francesca Pierantozzi e Eva Giannotti, Lorenzo Ceccotti, Laura Testaverde, Andrea Mosconi, Maurizio Blatto.

P.G.

O verso em epígrafe foi retirado de *Clairaudients (Kill or Be Killed)*, letra e música de Conor M. Oberst © 2007 Bedrooms Bedrooms and Spiders / Sony ATV Songs LLC. Gerido em Itália por Sony Music Publishing (Italy) Srl. Todos os direitos reservados para todos os países. Reprodução autorizada por Hal Leonard Europe BV (Italy).

A citação da p. 162 foi retirada de Marie Curie, *Autobiografia*, tradução de Massimo De Pascale, Castelvechi, Roma 2017.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Primeira parte EM CASO DE APOCALIPSE](#)
3. [Segunda parte AS NUVENS](#)
4. [Terceira parte AS RADIAÇÕES](#)
5. [AGRADECIMENTOS](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)